

TÂNIA REGINA OLIVEIRA RAMOS (ORG.)



A Mala de Jorge Amado
1941-1942



Tânia Regina Oliveira Ramos
(org.)

A Mala de Jorge Amado
1941-1942

1ª edição

Florianópolis
UFSC
2021

A Mala de Jorge Amado: 1941-1942
Tânia Regina Oliveira Ramos (org.)

Editor responsável: Jair Zandoná

Preparação dos originais: Marina Siqueira Drey e Roberta de Fátima Martins

Capa: Ricardo Henrique Wiggers a partir de envelope e carta encontrados na *Mala* (envelope 849A e 849B, frente e verso, respectivamente, e carta 753)

Conselho Editorial

Alckmar Luiz dos Santos (UFSC)

Constância Lima Duarte (UFMG)

Ivia Alves (UFBA)

Maximiliano Torres (UERJ)

Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS)

Regina Dalcastagnè (UnB)

Vera Teixeira Aguiar (PUC-RS)

Realização do projeto

Programa de Pós-Graduação em Literatura

Universidade Federal de Santa Catarina

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

M236 *A mala de Jorge Amado [recurso eletrônico] : 1941-1942 / Tânia Regina Oliveira Ramos (org.). - Florianópolis : UFSC, 2021. 186 p. : il.*

E-book (PDF)

ISBN 978-65-87206-85-1 (impresso). - ISBN 978-65-87206-86-8 (e-book)

1. Amado, Jorge, 1912-2001 - Arquivos pessoais. 2. Amado, Jorge, 1912-2001 - Crítica e interpretação. 3. Amado, Jorge, 1912-2001 - Manuscritos. 4. Prestes, Luís Carlos, 1898-1990. 5. Literatura brasileira. I. Ramos, Tânia Regina Oliveira, org.

CDU: 869.0(81).09

Elaborada pelo bibliotecário Fabrício Silva Assumpção - CRB-14/1673



À Rosa,
À Leonor Scliar Cabral,
a quem devemos a Mala e a chave da Mala.

AGRADECIMENTOS

À CAPES e ao CNPq pelas bolsas PIBIC, Mestrado e Doutorado e pelo Edital Universal.

Ao Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFSC/CCE pelo espaço do nuLIME.

À linha de pesquisa Subjetividade, Memória e História do Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC.

Ao professor Dr. Antonio Dimas, pelas necessárias e indispensáveis iluminações.

À professora Dra. Maria Eunice Moreira, pelas mutas leituras.

A todas e todos que participaram, participam e participarão do projeto.

À Claudia Renata Duarte, Marina Siqueira Drey, Ricardo Henrique Wiggers e Roberta de Fátima Martins pelo diálogo e companhia na organização do livro. Ao Jair Zandoná por nos ajudar a pensar a capa e se tornar mais do que um editor, um leitor atento.

A todos os prenomes, pseudônimos e codinomes, que aparecem e desaparecem nos 1.543 documentos, pessoas e personagens, mas especialmente aos jovens nomes próprios de agora, Marina, Roberta, Claudia, Rosane, Nicola, Thalita, Ailê, Cristiano, Jóe, Aline e Matheus que, neste livro, estão dando visibilidade aos invisíveis.

A Jorge Amado pelos anos 1941 e 1942 sintetizados em um dos seus poemas esquecido na Mala:

Chove chuva, chuverando
Sobre as misérias do mundo.

SUMÁRIO

PREFÁCIO: DE COMO UMA MALA BATEU À NOSSA PORTA

Tânia Regina Oliveira Ramos

JORGE AMADO ÀS MARGENS DO RIO DA PRATA

Marina Siqueira Drey

AMIZADES COMPARTILHADAS ENTRE SELOS E ENVELOPES

Roberta de Fátima Martins

CARTAS, PORCOS E A MALA DE JORGE

Claudia Renata Duarte

CAVALEIRO BIOGRAFADO

Nicola Gonzaga

DOS DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS: JORGE AMADO E OS ESTADOS UNIDOS

Rosane Hart

SAIR DA MALA E SAIR DO ARMÁRIO

Thalita Saldanha Coelho

O ACERVO REVELADO NAS IMAGENS

Ailê V. Gonçalves

NO CALOR DA HORA: UM DATILOSCRITO ESQUECIDO

Cristiano Mello de Oliveira

Jóe José Dias

O PROTAGONISMO DE IVAN PEDRO DE MARTINS

Aline Rullian Germann Woloski

JORGE AMADO E A MILITÂNCIA DISCIPLINADA

Matheus de Mesquita e Pontes

O ACERVO EM NÚMEROS

Marina Siqueira Drey

Roberta de Fátima Martins

Tânia Regina Oliveira Ramos

SOBRE AS/OS AUTORAS/ES

PREFÁCIO: DE COMO UMA MALA BATEU À NOSSA PORTA

Tânia Regina Oliveira Ramos

A UFSC sempre se mostrou para nós como o lugar onde se vive plenamente a contradição, a crítica e a ação. Ao mesmo tempo em que estamos integradas a um Departamento de Ensino, ao ensino presencial de graduação e a distância (EAD), o Programa de Pós-Graduação em Literatura nos integra ao Instituto de Estudos de Gênero (IEG) e à EAD, em que extensão e pesquisa nos levam para a experiência dentro e fora da Universidade, nossa produção acadêmica se fez a partir de projetos integrados em linhas de pesquisa, uma interação de jovens pesquisadoras e pesquisadores, orientandas e orientandos de IC, TCC, Mestrado e Doutorado e, especialmente, com a materialidade da literatura. Tradição e modernidade para pensar subjetividades, memória e história. Papeis e virtualidades. Pesquisamos e encaixotamos para (o) presente, digitalizamos e democratizamos a história e a literatura.

A luta pela criação e a consolidação do nuLIME - núcleo Literatura e Memória no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, em 1998, a garantia de um espaço físico pelo Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, onde literatura e memória pudessem ser um espaço de aprendizagem e troca entre bolsistas de graduação, mestrandos e doutorandos, proporcionou a possibilidade de pesquisa com artefatos materiais. A imersão no nuLIME, o contato direto com acervos e arquivos pessoais¹ de intelectuais e escritores, o Portal Catarina e o Acervo de Jorge Amado permitem-nos estar dentro da UFSC e escutar o lá fora. Aprender a entender o passado e o futuro numa nova linguagem. Do que fazer ao quefazer de Paulo Freire: a prática que pensa a prática.

O nuLIME se integrou em muitos momentos ao NUPILL, coordenado pelo professor Dr. Alckmar Luiz dos Santos, na democratização do acesso às obras e aos acervos de escritores e intelectuais brasileiros - mais diretamente nesta integração com os catarinenses - seja no ambiente de pesquisa e de leitura, seja no ensino-aprendizagem de literatura, com bancos de dados e bibliotecas digitais². A digitalização e a disponibilização na internet, de obras e informações sobre autores, além de seus acervos pessoais, não apenas

¹ Uso como suporte a publicação da Fundação Getúlio Vargas. TRAVANCAS, 2013.

² Fomos contemplados duas vezes (uma delas, renovação) pelo Edital PRONEX, Programa Núcleos de Excelência FAPESC CNPq. Em 1997, havíamos nos integrado a PUC RS para o mesmo edital, mas não fomos selecionados. O objetivo do projeto com a PUC era a construção de um banco de textos raros.

permitiram o acesso, mas democratizaram a utilização dessas informações. Muito dessa literatura se encontrava inacessível, armazenada em condições precárias de conservação na Academia Catarinense de Letras, caixas familiares, armários assistemáticos. Além disso, as informações sobre os autores e as obras catarinenses não estavam sistematizadas nem reunidas em uma única fonte. Em síntese, o objetivo da participação do nuLIME no Programa Núcleos de Excelência, PRONEX FAPESC e CNPq, de nosso projeto ter sido contemplado em concorrido edital público, foi acima de tudo integrar-se a um portal de literatura catarinense, chamado de Portal Catarina, além do apoio à preservação de acervos de autores do Estado, a maioria sob a guarda da Academia Catarinense de Letras.

Destacamos que todos os acervos, antes da digitalização, passaram por ações de restauração e conservação e, em seguida, foram catalogados, digitalizados e cadastrados no banco de dados (tais acervos são majoritariamente em papel e sofrem todo tipo de ameaça a sua integridade). Parece-nos relevante o que já conseguimos para futuras pesquisas como, por exemplo, o acesso online ao acervo do poeta Cruz e Sousa agora disponível a todos o que antes só era disponibilizado no Rio de Janeiro, de forma presencial na Casa de Rui Barbosa. No segundo momento do PRONEX, o nuLIME finalizou o trabalho anterior com os acervos dos poetas Cruz e Souza e Ernani Rosas e da cronista, poetisa e professora Delminda Silveira. Recuperou o acervo de Maura de Senna Pereira - hoje já conservado, acondicionado, digitalizado e cadastrado no Banco de Dados do Portal Catarina, www.portalcatarina.ufsc.br, em um total de mais de 6000 páginas de documentos. Registro que não houve interesse da Academia Catarinense de Letras de receber de volta esse material organizado. Provisoriamente ele se mantém na Sala 507 CCE UFSC. Tive, sob a minha coordenação, durante esses últimos anos, não simultâneos, bolsistas PRONEX, bolsas estágio, bolsistas PIBIC e alunos voluntários. O terceiro momento foi dedicado à parte do Acervo do escritor e crítico de arte catarinense Harry Laus, cuja materialidade foi doada pela Profa. Dra. Zahidé Muzart ao nuLIME e ali se encontra. As obras desses autores foram integradas à biblioteca digital do NUPILL, www.literaturabrasileira.ufsc.br e as ferramentas de ensino e aprendizagem lá disponíveis são utilizadas por quaisquer interessados, em leituras individuais ou em projetos de pesquisa, de ensino e aprendizagem na rede privada e pública de ensino do Estado.

Essa é a síntese do trabalho integrado de dois núcleos de pesquisa da UFSC, o NUPILL, núcleo de Pesquisa em Literatura e Informática e o nuLIME, núcleo de Literatura e Memória. Sem o desejado lugar curricular, porque não

há a obrigatoriedade compartimentada e disciplinar das literaturas locais, o PRONEX preparou um legado para pesquisas futuras ou o estabelecimento de uma trégua entre a UFSC e os acervos literários amontoados, embrulhados, depositados, desprezados, espólios, na maioria dos casos, pelas famílias³, em um espaço multifuncional e, ao mesmo tempo, disfuncional, PPR circunstâncias políticas da Academia Catarinense de Letras⁴.

A literatura de Santa Catarina, em um trabalho de pesquisa como o nosso, apoiado com bolsas para jovens estudantes⁵, pelo projeto PRONEX CNPq e FAPESC, encontrou um ponto de fuga, uma possibilidade de se desterritorializar? Voltamos a falar de um lugar determinado, não só de um núcleo de pesquisa, mas do Curso de Letras da UFSC, como um todo, marcado não só pela especificidade geográfica de Florianópolis, onde ele se situa (ilha significa lugar e ninguém entra numa ilha por acaso), mas pela diversidade teórica, metodológica e pedagógica de seu corpo docente e pela autonomia de nossas atuações. O discurso literário, nesses trinta anos, mais precisamente a partir dos anos 90, desvinculou-se de um caráter fechado e autossuficiente pela ampliação do conceito de texto, pela revalorização das manifestações culturais das margens e pelas diferenças. Em outras palavras, os programas se abriram a uma abordagem interdisciplinar, a um entrecruzamento de sistemas semiológicos como a literatura, o cinema, o teatro, o jornalismo, haja vista disciplinas, que hoje temos, intituladas Estudos Literários que não se fixam na Literatura Portuguesa ou na Literatura Brasileira, mas se unem em eixos temáticos. Busco esse novo caráter interdisciplinar também na diversidade de dissertações e teses que temos orientado e de cujas bancas participamos. Até que ponto as revisões têm nos levado a reestruturar ementas, conteúdos programáticos e a reelaborar planos de ensino para a leitura e inclusão da pesquisa? Até que ponto a preservação de autores e obras tem o foco deslocado

³ Em 1994, recebi de um espólio familiar, um livro de memórias datiloscrito de um jornalista e historiador catarinense, nascido em 1890 em São Francisco do Sul. Iniciado em 1911, interrompido por 31 anos, é retomado em 1942. Texto datiloscrito sem rasuras, o que levantou a hipótese de uma vida passada a limpo vai sendo concluído com marcas de mudanças de máquinas de datilografia e mudanças ortográficas. O autor morre em 1967. Dediquei-me ao estabelecimento do texto, fiz a Introdução e notas. Em 1996 foi publicado pela Editora da UFSC e pela FCC Edições. Pela primeira vez tomei ciência da importância dos arquivos pessoais.

⁴ Registro que o projeto exigia a presença de, pelo menos, dois professores titulares da UFSC. Um deles foi o Prof. Dr. Lauro Junkes, aposentado, falecido em 2010, professor titular e orientador no Programa de Pós-Graduação em Literatura e presidente da Academia Catarinense de Letras, o que facilitou o início do Portal Catarina que, depois de pronto, foi dedicado a ele.

⁵ Esclareço que nós, coordenadores do NUPILL e nuLIME, não recebemos nenhum tipo de bolsa ou aporte financeiro. No primeiro momento os alunos recebiam como prestadores de serviço e no segundo momento, a partir de 2013, todos as alunas e alunos envolvidos foram considerados bolsistas.

de outras instâncias de leitura e novos mecanismos de interpretação para interesses que presidem uma nova ordem de canonização? Até que ponto fazemos o que esperam de uma universidade pública, gratuita e de qualidade

Nos anos 80 os estudos historiográficos lançaram mão de um *corpus* literário e tiveram como alavanca o próprio conceito de cultura. A crítica literária apreende em tais leituras possibilidades para abordagens históricas. Nos anos 90 há uma necessidade de se retirar da História da Literatura a grande crítica que se fazia a ela: ser chamada de anacrônica. Trabalhos ligados à História da Leitura recolocaram a questão, porém fornecendo aberturas suficientes para que os esforços advindos de outros campos pudessem ser incorporados às suas propostas. Nesse movimento, no século XXI, sabemos, porque houve uma revitalização, antes exercida por algumas universidades como a PUCRS, USP IEB, UFMG, Casa de Rui Barbosa, de arquivos, exames de obras raras ou de edições esgotadas, a contribuição de periódicos do século XIX. Aconteceram eventos e publicações que teorizaram questões em torno da memória, da organização e preservação de acervos de escritores são da História da Literatura, evidentemente a partir da recuperação de fontes historiográficas, cujo estado é precário, textos fundamentais necessitaram urgentemente de novas edições e documentos possibilitaram um novo entendimento da mesma história tantas vezes lida.

O núcleo Literatura e Memória da UFSC, nuLIME, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, não imaginava que mais de 1500 páginas de correspondências, textos, rascunhos, manuscritos, poemas, de um período da história política brasileira (1941-1942), da história literária e da vida do escritor baiano, Jorge Amado, chegariam a mim como herança familiar deixada por uma militante comunista exilada em Montevideu⁶ e se transformariam em projeto de pesquisa, contemplado pelo Edital Universal do CNPq em 2012 e iniciado em 2013. Recebi essas 1400 páginas pessoalmente de sua filha com a frase: “- Tânia, eu vou te dar a mala de Jorge Amado. Ofereci para dois professores que não a quiseram”. Dizemos quando nos lembramos desse momento: “- Como não amá-la?”

A militante comunista foi guardiã desses documentos, quando da saída do escritor de seu exílio sul-americano, em 1942, sem que nunca mais tivesse ele manifestado interesse em receber esse material, mesmo depois de sua volta definitiva ao Brasil. Em plena ditadura de Getúlio Vargas, Jorge Amado havia

⁶ RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “Jorge Amado: a mesma história tantas vezes lida”. Trabalho apresentado no XXVIII Encontro Nacional da ANPOLL. UFF, 10-13 de julho de 2012 e “Do trabalho inacabado e das histórias a escrever: acervo Jorge Amado” no XXIX Encontro Nacional da ANPOLL. UFSC, 09, 10 e 11 de junho de 2014, ambos no GT História da Literatura.

se exilado na Argentina e no Uruguai, nos anos de 1941 e 1942, para escrever a biografia do líder comunista Luis Carlos Prestes. Esse histórico justifica a intensa e discreta leitura que fizemos no ano do centenário do escritor, como também justifica a não divulgação detalhada do material e a garantia de que todos os documentos fossem formalmente vinculados a uma pesquisa institucional e a um trabalho extremamente necessário de recuperação, restauração, digitalização e catalogação, com informação e autorização da Fundação Casa de Jorge Amado.

Antes mesmo de qualquer texto ou evento que começasse a apresentar o material a pesquisadores foi necessário conhecer o seu conteúdo, possibilitado pelas leituras teóricas a partir da linha de pesquisa Subjetividade, História e Memória do Programa de Pós-Graduação em Literatura e ao trabalho que já se desenvolvia no nuLIME, o que nos proporcionaria o entendimento teórico e crítico das possibilidades das fontes e de acervos como esse, a partir da interlocução e de uma bibliografia disciplinar esclarecedora sobre memória, esquecimento, história da literatura, história literária, histórias de vida, arquivos.

Sabíamos também da dimensão da pesquisa e da possibilidade de integrar estudantes de graduação, de Mestrado e de Doutorado na leitura, organização e catalogação destes documentos, que não só permitiriam uma releitura da literatura engajada de Jorge Amado, como permitiriam o conhecimento da comunidade de destinos dos exilados políticos do período, através das correspondências, que fazem parte desse material. Era um corpus rico e amplo. Melhor seria considerar que, organizado, e disponibilizado para pesquisa, se tornaria um trabalho de aprofundamento gradativo, por meio de novos projetos, sejam eles de discentes ou de docentes, resultando daí ensaios, publicações, TCCs, dissertações e teses. Os professores Dr. Antônio Dimas, da USP, e a Profa. Dra. Maria Eunice Moreira, da PUC RS, foram os primeiros professores fora da UFSC a conhecer o Acervo. Mas nele estiveram dois grandes nomes referências nos estudos literários brasileiros: Dr. Eduardo Assis Duarte e Dra. Telê Ancona Lopez. É a esse contexto de pesquisa que datilocritos, manuscritos, impressos de uma comunidade de destinos no exílio político, entre 1941 e 1942, em Buenos Aires e Montevideú, passou a ser integrado. Dentre tantos documentos da vida literária e militante desse período, chamou-me atenção especialmente os fragmentos de parte dos originais da biografia de Luis Carlos Prestes, textos jornalísticos, pesquisas históricas, tratativas editoriais, correspondência com tradutores, palestras, recortes de jornal, rascunhos,

notícias⁷. Há capítulos originais de um dos romances até então inédito de Jorge Amado, *Terras do Sem Fim*. Vale esclarecer que as páginas avulsas encontradas à frente dos originais contêm o nome de São Jorge dos Ilhéus. Há um romance inédito inacabado, *Agonias da Noite*, que não tem a ver com o romance que posteriormente foi publicado pelo autor e recebeu esse nome. Há também correspondências em torno da escrita do livro, há tratativas editoriais, correspondências familiares. Damos destaque a uma carta, endereçada ao companheiro, camarada, Tourinho. Nela, Jorge Amado, consciente do que seria escrever uma biografia por encomenda motivada por uma explícita admiração e por um ideário político, afirma: “Como você sabe estou escrevendo uma biografia de Prestes. Parece que não vae (sic) ser ruim. Estou gostando mais ou menos do que já está escrito”⁸. Interessante mesmo é entender por esse material os caminhos da construção heroica de Luis Carlos Prestes, a motivação que levou a publicação da biografia em espanhol e como a obra entrava clandestinamente no Brasil até a sua publicação em português com o título *O Cavaleiro da Esperança*.

O desejo inicial de Jorge Amado, como se constata na projeção de sua obra futura, seria chamar o livro de *O ABC do Cavaleiro da Esperança* (não *Cavaleiro da Esperança* como posteriormente o foi), o que se constata numa nominata feita por ele mesmo, em uma das páginas datilografadas. Entre a biografia oficial, a fala do autor, uma entrevista de Jorge Amado ao semanário espanhol *Brecha*, em 23 de abril de 1993, a leitura de *Navegação de Cabotagem* que fizemos e os documentos que tenho em mãos, algumas dessas questões podem ser reavaliadas e/ou comprovadas: toda a documentação do acervo prova que o livro *A Vida de Luis Carlos Prestes* foi escrito por incumbência do Partido Comunista e a ida para o exílio está intimamente relacionada com essa missão. A documentação comprova também que Jorge Amado morou em 1941 em Buenos Aires e entre fevereiro e dezembro de 1942 em Montevideu. A fotografia de seu passaporte publicada em *Navegação da Cabotagem* com a saída de Buenos Aires em fevereiro de 1942 igualmente prova que o ano de 1941 dedicado à escrita de *A Vida de Luis Carlos Prestes* foi passado em Buenos Aires, o que lhe permitiu constituir laços, relações sólidas como demonstram as cartas mandadas pelo seu tradutor Pompeu Borges.

O Acervo contém além das páginas de contribuições para a pesquisa sobre o líder da Coluna, tratativas de publicação e de tradução, pedidos clandestinos

⁷ RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “A Mala de Jorge Amado e outros achados”. Participação em Mesa Redonda no *XI Congresso Internacional de Crítica Genética*. UFSC, 18/06 a 21/06/2013.

⁸ Há um artigo no livro sobre a biografia de Luiz Carlos Prestes, escrita por Jorge Amado, e explica esta autocrítica do escritor.

do envio do livro para o Brasil, correspondência da família de Prestes, entre tantos outros documentos que dizem respeito mais diretamente a Jorge Amado, contendo páginas de ficção, poemas, esboços, palestras, crônicas em jornal, recortes, folhetos, correspondência particular, panfletos, manifestos de e entre militantes comunistas no exílio. Para ilustrar, por exemplo, a inserção de Jorge Amado no mercado editorial argentino e a sua percepção da América Latina no período, há uma carta de Jorge Amado, datada de 06 de maio de 1942 (Montevideú), em que ele escreve para uma pessoa chamada Miguel, falando da importância da Editorial Claridad, de Buenos Aires, que publicou o seu livro *La Vida de Luis Carlos Prestes* em espanhol, com o seguinte comentário: “é a editora da inteligência jovem da América Latina”.

Na exposição de Jorge Amado no Museu de Língua Portuguesa em São Paulo, tivemos oportunidade de constatar⁹, na construção da linha do tempo da vida do autor, que, no que se referia ao período entre 1941 e 1942, há apenas breves registros: “Viaja à Argentina e ao Uruguai. Colabora com os periódicos portenhos *La crítica* e *La Sud*.” (referente a 1941) e “Publica em Buenos Aires *A Vida de Luís Carlos Prestes* (1942). Diz ainda um dos cartazes da exposição: “Embora editado em espanhol o livro é vendido clandestinamente no Brasil” (em referência a 1942 antes e seu retorno ao Brasil). O próprio autor pouco falava desses dois anos, silenciara sobre essa fase de sua vida. Esse vazio, essa lacuna se justifica pela história contida nessa “Mala”, imagem que melhor representa a pesquisa, por que no ato da doação assim foi a expressão usada. O silêncio de Jorge Amado sobre o período se deu depois de seu segundo exílio, já casado com Zelia Gattai, talvez pelo seu desencanto com o Partido Comunista, mas muito mais pelo fim da polarização entre direita e esquerda nos anos 50, depois do fim da Segunda Guerra Mundial. E inegavelmente por questões de foro íntimo. Em 1947, o PCB foi declarado ilegal e seus membros foram perseguidos e presos. Jorge Amado se exilou então na França com a família, onde ficou até 1950, quando foi expulso. De volta ao Brasil, em 1955, afastou-se da militância política, sem deixar os quadros do Partido Comunista. Dedicou-se, a partir de então, inteiramente à literatura. Foi eleito, em 6 de abril de 1961, para a cadeira de número 23, da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono José de Alencar e por primeiro ocupante Machado de Assis. O escritor baiano morreu em Salvador, no dia 6 de agosto de 2001. Foi cremado

⁹ Além de reportagens televisivas arquivadas no *YouTube*, a bolsista-estagiária, Thalita Saldanha Coelho, pesquisadora do Acervo, hoje doutora, fez várias fotos comprovadoras e importantes para a pesquisa. Registramos uma das mostras visuais da exposição <https://www.youtube.com/watch?v=fWHNp9uizjU> Acesso em: 10 ago. 2012.

conforme seu desejo, e suas cinzas foram enterradas no jardim de sua residência na Rua Alagoinhas, no dia em que completaria 89 anos.

A leitura atenta desse material pode dialogar com a importante biografia escrita sobre ele¹⁰ e dar a possibilidade de avaliar o contexto político, cultural, histórico dos comunistas nos dois países vizinhos, Argentina e Uruguai, bem como a solidariedade e afetividade repercutiam nessa produção do exílio, como a censura agia, como o medo levava ao anonimato, ao silêncio e às estratégias de trocas produzidas pela linguagem escrita. Entre a biografia oficial, fruto de exaustiva pesquisa, a fala do autor, nessa entrevista ao semanário espanhol Brecha, em 23 de abril de 1993, a leitura de *Navegação de Cabotagem*, com raríssimas passagens referentes a 1941-1942, quase síntese do que ele chamaria de “apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei” e os documentos que o acervo contém, algumas questões podem ser reavaliadas e/ou comprovadas pela Mala (RAMOS, 2012, p. 156-162).

Alfredo Bosi, em “O Tempo e os Tempos” ensaio da coletânea *Tempo e História*, comparava datas com pontas de *icebergs*. A história do Partido Comunista do Brasil está sempre sendo revista. A obra de Jorge Amado está publicada em várias reedições. No centenário de nascimento, seu nome teve o merecido destaque na mídia e na academia. O nome próprio apareceu nas capas e cartazes, um nome cartorialmente registrado. Os recortes de jornais, a memorabilia, a correspondência, as anotações, os apontamentos editoriais, os segredos, os inéditos, os rascunhos, os datiloscritos por sua vez, guardados, funcionam como palimpsestos, possibilidades de origem, como monumento, como documento.

Estão aqui reunidas fabulações e narrativas biográficas construídas a partir de fragmentos materiais das 1.543 páginas de documentos¹¹. São artigos feitos para o livro ou para periódicos, são projetos publicados e pesquisas em andamento, capítulos de dissertações e teses, datados como requer uma boa pesquisa. *Work in progress* diríamos, um texto dialogando com o outro e essa é a riqueza do que aqui trazemos.

Mariana Siqueira Drey em “Jorge Amado às margens do Rio do Prata” inicia sua reflexão pensando na condição constitutiva de um acervo literário, nas perturbações do mal de arquivo tão bem explicado por Jacques Derrida,

¹⁰ Destacamos a recente e completa biografia escrita por Josélia Aguiar (2018).

¹¹ Durante todo o processo de organização e catalogação oscilamos no quantitativo de documentos. No início de 2020 chegamos ao total de 1.543 documentos catalogados. Esta oscilação quantitativa repercute nos artigos e ensaios, conforme o período em que a pesquisa foi efetuada no nuLIME entre 2012 e 2019. No final do livro apresentamos o quadro atualizado da documentação do Acervo.

para o arranjo que busca dar na construção de narrativas de três personagens fundamentais no espaço das invisibilidades de uma história ainda não contada: Maria, Matilde e Pompeu Borges. Com Roberta de Fatima Martins em seu artigo: “Amizades compartilhadas entre selos e envelopes”, encontra na catalogação, agora atualizada, de 1.543 documentos as cartas trocadas pelos comunistas nos anos 1941-1942 enquanto tradução dos indivíduos no exílio, com seus projetos ideológicos coletivos, potência transformadora e abrigo para os que dividem entre si o espectro ideológico político.

Em “Cartas, porcos e a Mala de Jorge”, Claudia Renata Duarte realiza, por meio de cartas assinadas por pseudônimos, uma busca para identificar um personagem importante do Partido Comunista Brasileiro na clandestinidade. Seu texto, além de discutir o trabalho num arquivo, traz também uma reflexão sobre os métodos e a postura do pesquisador diante dos documentos que lhe servem de fontes. Nicola Gonzaga, em “O cavaleiro biografado”, traz rastros e restos de Luis Carlos Prestes nos inúmeros documentos guardados no acervo, ressaltando neles o período que antecede e prossegue a escrita da biografia, dando destaque à recepção do livro, publicado na Argentina, pelos companheiros de partido, ratificando pela leitura a construção de herói a fim de disseminar os ideais comunistas na América Latina.

Rosane Hart, em seu artigo “Dos diálogos (im)possíveis: Jorge Amado e os Estados Unidos”, alarga a pesquisa dos documentos que para mostrar de que forma a literatura brasileira seria apresentada aos leitores de língua inglesa, mais especificamente no mercado editorial norte americano, dando destaque à correspondência entre Jorge Amado e o editor L. C. Kaplan. Entre o desejo e o não desejo das publicações, Thalita Saldanha Coelho ao estudar e acompanhar a digitação de uma das versões do romance inédito e inacabado deixado por Jorge Amado escreve um ensaio na perspectiva de gênero, intitulado “Sair da Mala e sair do armário” mostrando que nesta narrativa há não só engajamento político, mas uma possibilidade de se ler na revolução frustrada narrada pelo escritor como a homofobia se fazia presente entre os comunistas

Numa leitura das imagens visuais inéditas misturadas aos inúmeros documentos textuais, Ailê V. Gonçalves escreve “A Acervo revelando nas imagens”. Nele reúne imagens e fotografias, descrevendo nas suas formas, técnicas, texturas, enquadramentos, narrativas possíveis como um modo de transformar o acervo em possibilidades de descobertas e reconhecimentos de espaço, tempo, pessoas e personagens. Cristiano Mello de Oliveira e Jói José Dias republicam “No calor da hora: um datiloscrito esquecido”. Neles, passo a passo estabelecem um diálogo possível para buscar entender rasuras e

significações no enunciado de “Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig”, publicado em 1942 no jornal La Razón em Buenos Aires e os cuidados do escritor para falar do suicídio de Stefan Zweig que acabara de acontecer.

Numa publicação de projetos para o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Aline Germann reapresenta “O protagonismo de Ivan Pedro De Martins”, onde destaca a figura do escritor da literatura de fronteira, o militante da ANL - Aliança Nacional Libertadora, através da correspondência trocada com Jorge Amado. As cartas permitem ler as opiniões literárias, os desabaços sobre a situação do Brasil sob o Estado Novo, numa troca de situações pessoais e partilhas de vida. Encerrando o livro, Matheus de Mesquita e Pontes escreve “Jorge Amado e a militância disciplinada” aprofunda a relação ética, literária e política de Jorge Amado com o Partido já desenvolvida em sua tese e destaca como os documentos do Acervo comprovam a vivência do escritor na Argentina e no Uruguai nos dois anos (1941-1942), anos que podem ser lidos como marcos transitórios para sua militância comunista e importantes para mostrar como se deu a partir daí a passagem da literatura engajada difusa para uma literatura ainda mais militante.

REFERÊNCIAS

TRAVANCAS, Isabel et alii. **Arquivos Pessoais**. Reflexões Multidisciplinares, e Experiências de Pesquisa. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

AGUIAR, Josélia. **Jorge Amado**. Uma biografia. São Paulo: Editora Todavia, 2018.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. “Fragmentos de uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista”, 1941-1942. **Navegações**, Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa, PUC RS e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 156-162, jul.-dez. 2012.

JORGE AMADO ÀS MARGENS DO RIO DA PRATA¹

Marina Siqueira Drey

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Já há alguns anos padeço da perturbação a que Jacques Derrida (2001), em livro homônimo, denominou *mal de arquivo*: este desassossego de “[...] interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde.” (DERRIDA, 2001, p. 118), um

[...] desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. (DERRIDA, 2001, p. 118).

Partilham da “procura”, “desejo” e “compulsão” aqueles que se enrolam e se enrolam com a trama arquivística, com o exercício de cisão, classificação e orientação em prol de uma funcionalidade, de um propósito específico de escolha. Afinal, toda seleção é um recorte, todo (re)arranjo um cesura e, em vista disso, um ato político que implica a efetivação de uma instância de autoridade, pois se subordina àquele que o arquiva, *o arconte*.

Minha condição de arconte diz respeito ao envolvimento com o Acervo Mala de Jorge Amado, acervo literário de 1543 páginas que contextualiza e descreve a produção intelectual - política e literária - de Jorge Amado nos anos de 1941 e 1942. Originalmente reunidos em uma mala, os documentos se referem ao período em que o escritor esteve exilado em Buenos Aires e em Montevideu tanto a fim de desertar do Estado Novo de Getúlio Vargas quanto a fim de elaborar a biografia de Luiz Carlos Prestes, um dos maiores ícones do comunismo no Brasil.

Esse material chegou ao Núcleo de Literatura e Memória (nuLIME) em 2011, como espólio doado pela filha de Rosa - codinome em homenagem à Rosa de Luxemburgo -, militante que guardou o que o escritor deixou para trás quando regressou ao Brasil. Dessa forma, devido ao abandono de Amado, e de seu posterior desinteresse em recuperar o que ficou no Uruguai, não houve, por conseguinte, compartilhamento desses papéis.

¹ Este texto é uma compilação de excertos, com pequenos ajustes, da minha Dissertação de Mestrado, intitulada “NÃO FIZ ANOTAÇÕES, MORREM COMIGO”: o arquivo e a lacuna biográfica de Jorge Amado.

Além disso, anos mais tarde, no seu livro memorialístico “Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei” (1992), Jorge Amado afirmou que nunca socializou, e sequer viria a socializar, os acontecimentos referentes ao intervalo de tempo em que manteve relação direta com o então Partido Comunista do Brasil (PCB)²: “Sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo” (AMADO, 2006, p. 14).

É verdade que não houve registro posterior de sua parte, mas, como dito, os documentos do exílio vieram à tona quase 70 anos depois e viraram objeto de pesquisa. Assim, motivada por seu ineditismo e sua consequente potencialidade biográfica, minha proposta com esse material foi a de elaborar uma narrativa biográfica de Jorge Amado em 1941-1942. Refiro-me a “uma narrativa” devido à própria condição constitutiva de um acervo literário: fragmentário por excelência, pois abriga um número sem fim de combinações.

Dessa forma, o mapeamento documental ao qual me candidatei em minha dissertação de mestrado, muito longe de pretender-se solução, procurou se realizar como *uma*, e não *a*, construção do recorte biográfico em questão. Primeiro, devido à natureza aberta e dinâmica do objeto, a julgar seu inacabamento e permissividade de acolhimento de outros e novos materiais. Segundo, em razão da lucidez de que a reconstituição absoluta do vivido não é exequível, pois, como postulou Leonor Arfuch (2010), referência contemporânea para se pensar as materializações do *espaço biográfico*, a potencialidade de se tomar uma vida existirá tão somente em uma criação na qual se organizam acontecimentos e emoções por meio de uma elaboração temporal particular da estrutura narrativa: construção entre fato e ficção, acontecimento e suposição, prova e hipótese. “Espaço biográfico”, no caso, como terminologia emprestada de Philippe Lejeune para conceituar a zona interdiscursiva na qual convivem outras valorações culturais, como o caderno de notas, a entrevista, o *blog* etc. que falam ao (auto)biográfico, além dos gêneros historicamente canônicos.

Ainda segundo Leonor Arfuch (2009, p. 373), a composição do texto biográfico, que se sustenta “num tempo ido” e “prefigurado”, pois irre recuperável, aproxima-se do arquivo porque ambos constituem-se por meio do eixo espaço-tempo “[...] já que a simples lembrança ou vivência - como o texto, a fotografia, o objeto - trazem consigo o tempo e o lugar.” No entanto, a autora ressalva que o “ordenamento” de um arquivo

² O escritor rompeu oficialmente com o PCB na década de 1950 (1955). Logo, a declaração estende-se a todo o período em que se manteve ligado ao Partido.

[...] depende exclusivamente da trama, desse tecido caprichoso que tanto a memória como a escrita, ou a busca de indícios que aproxima o arquivista do detetive, possam requerer. O relato não repõe uma ordem prévia da vida, a qual concebe como inexistente, já que se trata de uma ordem construída performaticamente, no próprio trabalho da narração, o que comprova o trabalho narrativo do arquivo. Recorrendo a Derrida, “o arquivamento, além de registrar, produz o acontecimento”. (ARFUCH, 2009, p. 373).

E é justamente a possibilidade de se produzir outros registros e acontecimentos que faz da investigação em arquivos uma oportunidade para se romper discursos hegemônicos e, nessa conjuntura específica, o discurso de maior destaque em relação à vida de Amado no período, que continuamente reverberou, *grosso modo*, as mesmas informações: em 1941-1942 publicou “ABC de Castro Alves” e se exilou na Argentina e no Uruguai para produzir, e posteriormente publicar, uma biografia de Luiz Carlos Prestes.

Assim, partindo dos documentos do Acervo, propus-me a construir outra versão desses anos; uma via alternativa mais larga de informações sobre o período. Aqui, especificamente, dividi a narrativa em dois momentos: i) em “Com quem falou? Por onde andou?” optei por apresentar um mapeamento das correspondências enviadas ao escritor no período; e ii) em “Matilde, Maria e Pompeu: reescrita(s) de vida(s)” privilegiei três personagens que foram excluídos e/ou diminuídos nas obras biográficas sobre Amado.

2. COM QUEM FALOU? POR ONDE ANDOU?

Figura 1 - Mapa: correspondências



Fonte: elaborado pela autora (2017).

O mapa ilustra e sintetiza o fluxo de correspondências³ que Jorge Amado recebeu⁴ enquanto morou em Buenos Aires e em Montevideú durante o período de exílio. Nota-se que com exceção de dois remetentes, um do México e outro dos Estados Unidos, todos os envios foram feitos de países da América do Sul: i) Argentina (15); ii) Uruguai (13); iii) Brasil (7); e iv) Chile (1).

Inicialmente, chamo atenção para os dois ícones no centro da imagem, um com o fundo azul claro e o outro com o fundo azul escuro, pois ambos representam Jorge Amado⁵: o ícone mais escuro indica as correspondências que recebeu em Buenos Aires, enquanto o ícone mais claro indica as que foram enviadas a ele em Montevideú.

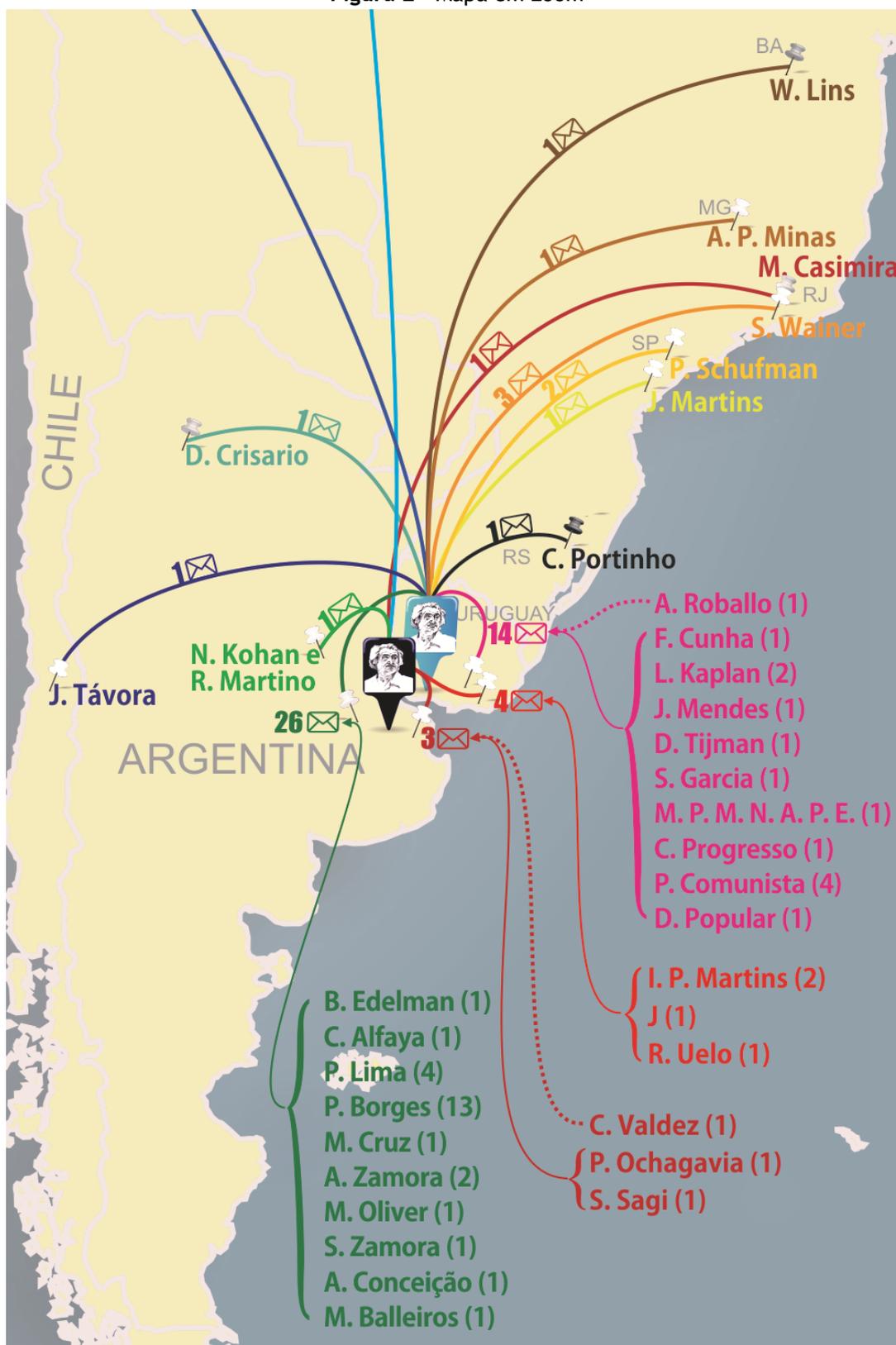
Reproduzirei a seguir uma versão recortada da imagem para melhor apresentar a composição:

³ Reitero que as informações apresentadas são oriundas da minha Dissertação de Mestrado. Na Tese de Doutorado, em andamento, atualizo e aprofundo os dados.

⁴ Os remetentes são: Alba Roballo (La Negra Roballo), Antonio Morgado da Conceição, Antônio Zamora, Ateneo Popular de Minas, Bernardo Edelman, Carmen Alfaya (Ghioldi), Carmen Valdez, Círculo El Progreso, Clovis N. Portinho, D. Tijman (Centro Social Israelita), Dante M. Crisario, Diário Popular, Dyómedes de Pereyra, Flores da Cunha, Ivan Pedro de Martins, Joaquim E. D'Oliveira Mendes, Joaquim/Juan, José de Barros Martins (Livreria Martins), Juarez Távora, L. C. Kaplan, Lygia Prestes, Manuel Balleiros, Maria Casimira, Maria Cruz, Maria Rosa Oliver, Mesa Provisória del Movimiento Nacional de Ayuda al pueblo español, Noemí Kohan, Partido Comunista/Comité Departamental del Partido Comunista, Pedro Mota Lima, Phyllis Jones de Ochagavía, Pola. Z. De Schufman (Comitê Feminino do Diário Popular), Ramon Uelo, Rosalia Cafañas Martino, Samuel Wainier, Selmo Zamora, Serafín J. Garcia, Sergio Sagi, Tomás Pompeu de Acioli Borges, Wilson Lins.

⁵ O mapa trata da correspondência passiva, não há envios por parte do escritor para terceiros. Todavia, o Acervo conta com sete cópias de cartas que Jorge Amado enviou a amigos.

Figura 2 - Mapa em zoom



Fonte: elaborado pela autora (2017).

Determinei uma ordenação desses recebimentos a partir da leitura e cotejamento do conteúdo das correspondências, pois a grande maioria dos remetentes, naturalmente, registrava apenas o local de onde partia e não de onde chegaria a correspondência. Nesse caso, falo da materialidade das cartas (das mensagens) não dos envelopes, que não fizeram parte do cotejamento para o mapa. Assim, recolhi informações no conteúdo das correspondências que me ajudassem a determinar com a maior precisão a partida de Amado para o Uruguai, pois, de imediato, adianto que é inquestionável sua ida primeiro à Buenos Aires (1941) e só depois ao Uruguai (1942).

Digo “inquestionável” devido a diversas referências que se tem em relação ao estabelecimento do escritor em Buenos Aires durante o ano de 1941: as correspondências trocadas com amigos de outros lugares, as referências a eventos nas cartas, data em fotografia, as tratativas editoriais da biografia de Prestes, a participação do escritor em periódicos etc. A partir disso, restava saber quando Jorge Amado foi para o Uruguai. Nesse caso, determinei que a ida ocorreu em fevereiro, pois data do final desse mês uma carta (de Buenos Aires) de Pedro Mota Lima para o escritor, e como Pedro fazia parte do círculo mais íntimo de militantes e amigos que mantinham contato com Amado considerei essa referência consistente.

Os envios a Buenos Aires ou a Montevideú foram organizados por meio dessa lógica de que até janeiro o escritor esteve na Argentina e, posteriormente, no Uruguai. Quanto à precisão da marcação dos locais em que partiam as correspondências, observo que todos são baseados em dados empíricos das mensagens, seja porque o remetente mencionou no cabeçalho, seja a partir de informações que colhi indiretamente. Como, por exemplo, no caso de Carmen Alfaya Ghioldi, cuja carta não tinha data nem local, porém, abaixo da sua assinatura havia o endereço: “*Altolaquirre, 1961, D^oE.*”. Pesquisei e encontrei várias ruas na capital Argentina com esse nome, ou seja, não consigo precisar o endereço, mas sei que veio de Buenos Aires.

Assim, todas as indicações de envio (representadas pelas linhas coloridas) do mapa dizem respeito aos dados exatos de remissão. Por isso, quando algum envio estiver em linha pontilhada indica se tratar de uma suposição. Como, por exemplo, no caso de Alba Roballo, política e poeta uruguaia, que enviou uma mensagem para Jorge Amado sem data nem local, marcando um encontro no Círculo O Progresso. Nesse caso, entendi essa carta como um bilhete, uma mensagem de “nos vemos depois em x lugar” e, em vista disso, supus que ela estivesse em Montevideú. Por isso, seu registro, assim como o da correspondência de Carmem Valdez, está pontilhado.

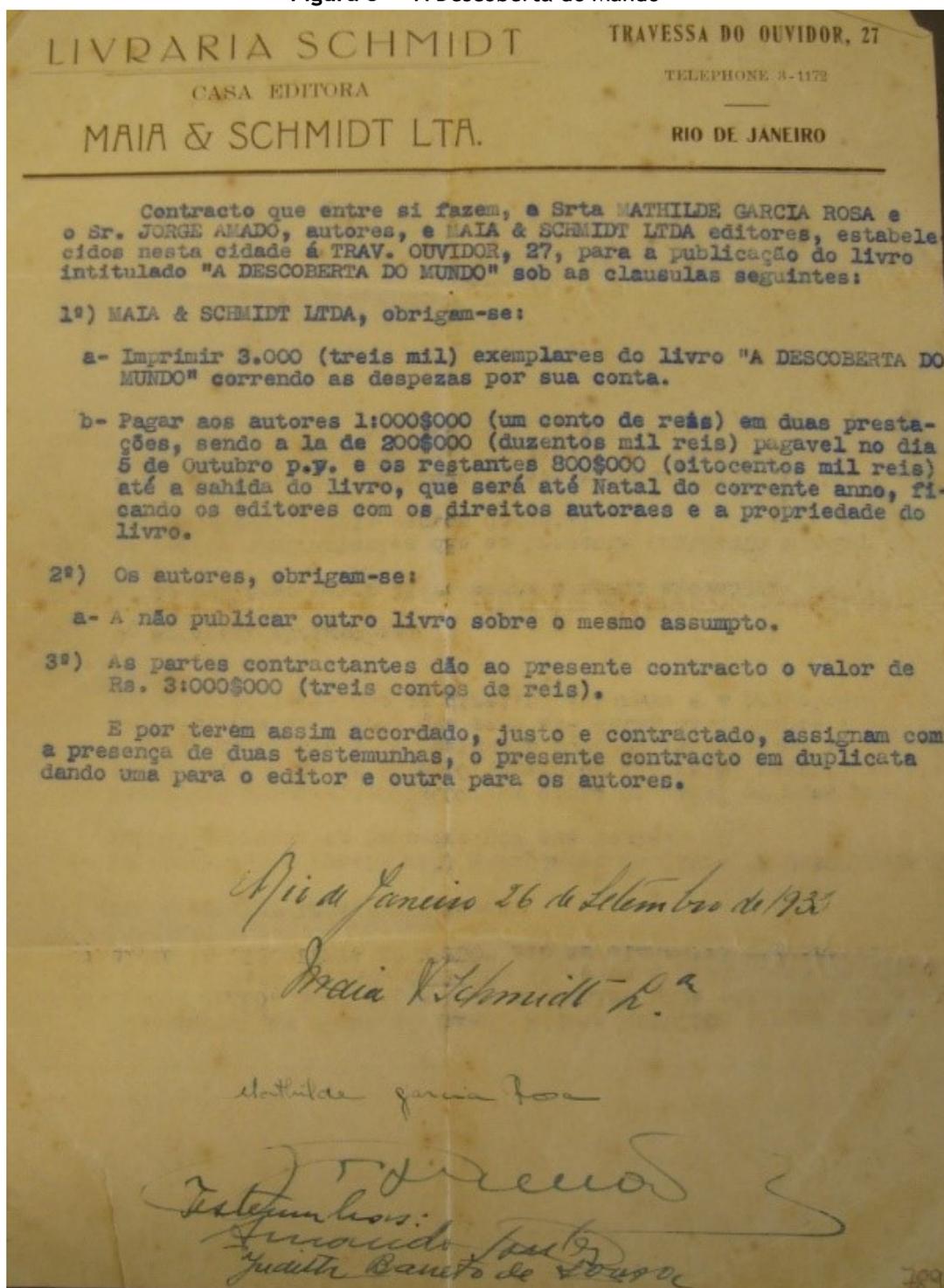
Para a boa compreensão dessa proposta visual, também menciono que as correspondências que saem da mesma cidade para o mesmo destino são destacadas com a mesma cor. É por esse motivo que há os blocos verde-escuro e rosa, por exemplo, já que advém desses locais o maior número de correspondências e por isso há maior incidência dessas cores no mapa. Assim, i) os remetentes em verde-escuro emitem carta da Argentina para Montevidéu; ii) os remetentes em vermelho-escuro emitem cartas da Argentina para a Argentina; iii) os remetentes em vermelho-claro emitem cartas do Uruguai para a Argentina; iv) os remetentes em rosa emitem carta do Uruguai para o Uruguai.

Além disso, chamo atenção para os envelopes que acompanham as linhas, pois eles indicam a quantidade de cartas daquele remetente a Jorge Amado. Por fim, registro a síntese de informações trazidas na legenda da imagem, ao lado esquerdo do mapa, pois nela estão listados, por relação de cada país, os remetentes, os locais, as datas e a quantidade de envios. A partir disso, é possível ter-se uma boa noção panorâmica das relações epistolares de Jorge Amado no decorrer de 1941 e 1942.

3. MATILDE, MARIA E POMPEU: REESCRITAS(S) DE VIDA(S)

Matilde Mendonça Garcia Rosa, primeira esposa de Jorge Amado, foi citada três vezes nas mais de 500 páginas do livro memorialístico do escritor, sendo que somente em uma passagem se fala diretamente sobre ela, pois as outras duas usam-na como referência, como em “Quase de manhã chego à casa dos pais de Matilde [...]” (AMADO, 2006, p. 47). Assim, raros, são os resquícios dessa personagem nas narrativas de vida sobre Amado; pouco, ou nada, se registra sobre Matilde, pouco dela se tem nos depoimentos desse que foi seu companheiro por cerca de uma década. Dessa forma, é com uma exceção ao recorte do espaço-temporal em foco que inicio a narrativa da presença de Matilde. Refiro-me a um documento datado de 1933, o contrato de edição de “A Descoberta do Mundo”, livro infantil que ela e Jorge Amado escreveram em parceria e publicaram pela Editora Schmidt, do Rio de Janeiro. O contrato prevê a impressão de 3.000 mil exemplares e o pagamento de 1.000\$000 (um conto de réis) aos autores que se casaram no mesmo ano.

Figura 3 - "A Descoberta do Mundo"



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

Esse que, à primeira vista, pode parecer detalhe pontual, muito interessa à materialização dessa presença, a considerar o apagamento de Matilde na história de vida de Jorge Amado. Com esse primeiro passo, marco essa existência registrando-a em uma realidade factível e contextualizada. Além do

registro de sua assinatura, outros vestígios colaboram para a narrativa de Matilde no Acervo Mala de Jorge Amado, a começar pelos envelopes que comprovam sua presença no Uruguai em 1942. Todos são endereçados à “*calle José Martí, 3138*” e têm como destinatária “*Matilde Amado*”, com as variações do sobrenome (Matilde Amado ou Matilde Garcia Rosa Amado):

Figura 4 - Envelopes para Matilde



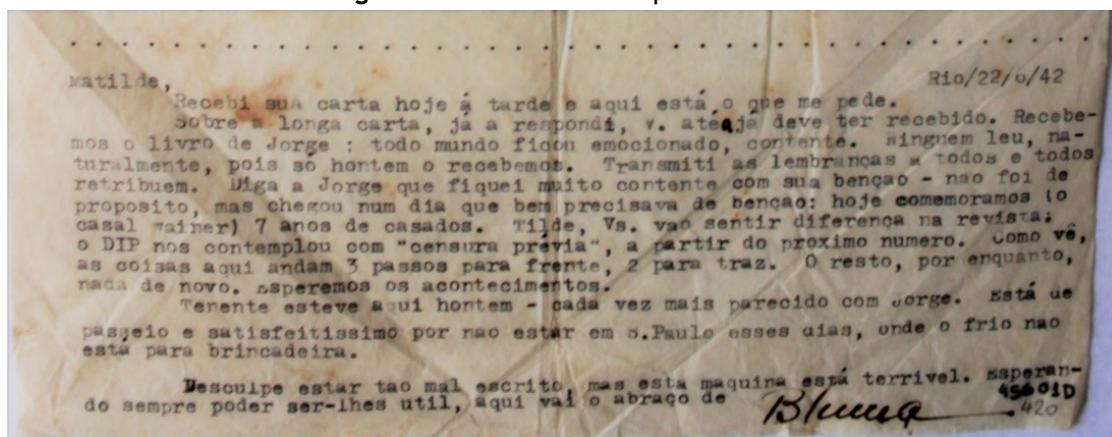
Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

Dos três envelopes, atento para o que sinaliza a passagem pela revista da censura postal da Bahia, por si já pertinente de se observar ao ilustrar a conjuntura política em que se estabeleceu a reunião documental aqui investigada, o Estado Novo. Além disso, o interesse também recai na data dos carimbos, 23/08/42, e faz sugerir que a demora na liberação pela censura postal impediu que Matilde tivesse tido a oportunidade de ler a correspondência ali depositada.

Chego a tal conclusão a partir de uma carta de Samuel Wainer para Jorge Amado, que data do Rio de Janeiro, em 23/08/1942. Nela, ele é avisado sobre o retorno da esposa ao Brasil: “*Matilde chegou bem*”. A partir disso, fica a certeza de que ela partiu do Uruguai antes do dia 20, levando-se em conta o tempo da viagem, a escrita da carta, a postagem e o envio da correspondência. Com isso, estimo que tenha ficado em terras estrangeiras por volta de quatro meses, a considerar a data da primeira carta recebida por em Montevideú.

Destinada à Matilde, especialmente, há a correspondência enviada pela então esposa de Samuel, Bluma Wainer, em 22/06/42:

Figura 5 - Carta de Bluma para Matilde



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

“Tilde, vocês vão sentir diferença na revista: o DIP nos contemplou com ‘censura prévia’, a partir do próximo número”. A revista a que se faz referência é *Diretrizes*, na época, um veículo de oposição⁶ aos governos totalitários, de maneira ampla e, por extensão, ao regime de Getúlio Vargas. Na ocasião da carta de Bluma, Samuel era dono e editor da *Diretrizes*, sendo que o próprio Jorge Amado chegou a colaborar com o periódico entre o último ano da década de 1930 e o início da década de 1940, tanto que se vê no Acervo a presença de distintas páginas com o cabeçalho da revista. Foi a semelhança do Estado Novo com os modelos europeus criticados pela *Diretrizes* que fizeram com que a revista não escapasse do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que não somente censurava os órgãos de imprensa se não estivessem alinhados à proposta do Estado como também intervinha nos seus conteúdos.

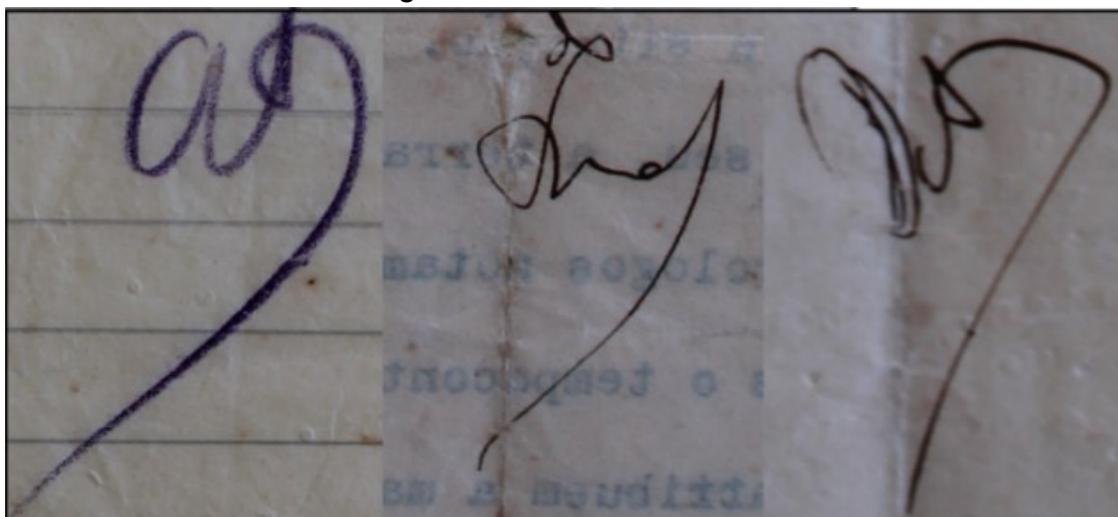
Além da menção à censura, destaco a forma com que Bluma introduz a informação à Matilde, “Tilde”, indicando uma proximidade entre as duas. Isso é pertinente quando se vê que nos textos biográficos sobre o autor Matilde é referenciada somente em relação a ele. Isto é, “a esposa de Jorge Amado”, “a ex-esposa de Jorge Amado”, “a mulher com que Jorge Amado teve sua primeira filha”. Matilde não teve direito a ser sujeito em nenhuma dessas histórias. Aqui, ao contrário, é possível traçar essa existência para além de Amado, a começar pelo fato de que é ela a destinatária da carta, é ela quem vai socializar as informações trazidas do Brasil pela amiga, é ela quem participa de uma

⁶ A revista surge (1938) originalmente com o objetivo de apoiar o Estado Novo. Seu fundador, Azevedo Amaral, foi um conhecido jornalista defensor do regime. Somente após Wainer assumir a direção do periódico que a *Diretrizes* ganhou um viés de esquerda.

interlocução real, enfim, “ela” também se mostra inserida em uma prática social.

Não somente na carta de Bluma se vê essa realidade, pois, além dessa, há outras seis correspondências enviadas à Matilde. A primeira data de 03/04/42 e, portanto, nos dá pistas de sua chegada com Lila - filha do casal - à Montevideú. É possível afirmar que ambas estiveram presentes por, pelo menos, quase cinco meses no Uruguai, de início de abril (vide carta de 03/04/42) a final de agosto (vide carta de 23/08/42). Desses escritos, destaco as seguintes informações: i) com exceção de uma que não indica local, todas as cartas vêm do Rio de Janeiro em algum mês de 1942; ii) por mais que nem todas sejam assinadas, em análise de conteúdo, detectei o número máximo de três remetentes: Zonc, Zeriba e um homem não identificado pela assinatura (talvez “Norberto”); iii) as correspondências de 03/04, 12/05, 27/05 e 01/08 são de Zeriba, indicando uma troca recorrente entre ele e Matilde. Isto é, há uma sequência de conversa travada entre os dois, o que me permitiu a identificação desse sujeito, já que nos três primeiros envios há somente a assinatura, sem registro do nome:

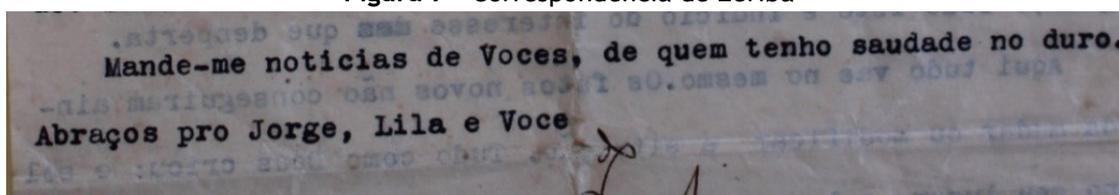
Figura 6 - Assinaturas de Zeriba



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

No geral, nas mensagens de Zeriba, além da informação de que Matilde enviava livros para o Brasil, há questionamentos sobre a biografia de Prestes, “*E a biografia heroica?*”, informes sobre o Rio, “*Aqui tudo vai no mesmo*”, e os abraços que incluem Lila.

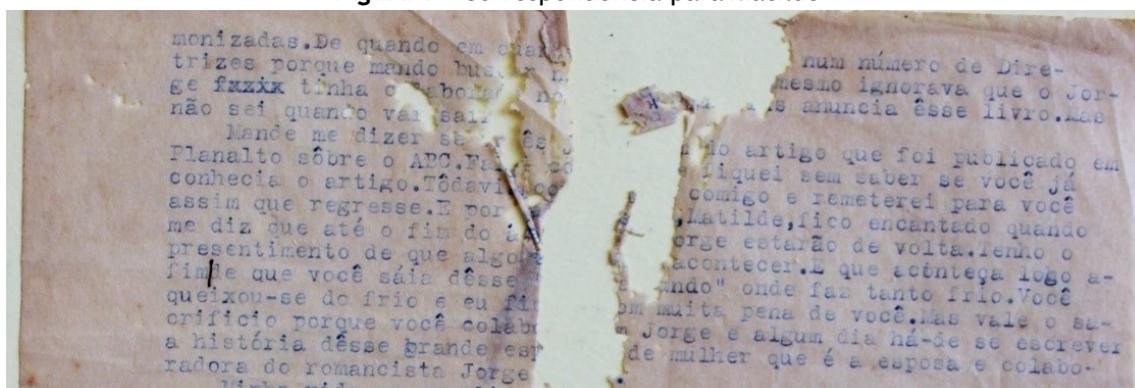
Figura 7 - Correspondência de Zeriba



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

Da correspondência do sujeito não identificado, um dado interessante surge. A princípio, Matilde e Jorge voltariam ao Brasil até o final do ano, juntos. Ao menos, é o que se pode inferir nesta passagem:

Figura 8 - Correspondência para Matilde



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

Diz o datiloscrito carcomido pelo tempo: “*Matilde, fico encantado quando me diz que até o fim do ano [você] e Jorge estarão de volta*”. O que significa supor que o apoio do governo brasileiro aos Aliados, em agosto, somente antecipou o retorno de Jorge Amado, que já pretendia voltar ao país no mesmo ano. Além disso, fica a dúvida de o porquê Lila e Matilde terem vindo separadas do escritor.

Ainda sobre a Figura 8, destaco a consideração que vem a seguir da informação da viagem de retorno ao Brasil quando, em consolação a uma provável reclamação de Matilde às baixas temperaturas uruguaias, o sujeito dispara:

Você queixou-se do frio e eu fi[quei c]om muita pena de você. Mas vale o sacrifício porque você colab[ora com] Jorge e algum dia há de se escrever a história dessa grande es [...] de mulher que é a esposa e colaboradora do romancista Jorge [Amado].

“Grande” porque “esposa e colaboradora” do distinto Jorge Amado? Eis a ideia geratriz de seu apagamento no discurso biográfico recorrente sobre o autor.

Seguindo com a próxima personagem dessa narrativa biográfica, antes de anunciar um relacionamento extraconjugal de Jorge Amado no exílio 1941-1942 - já que isso o próprio autor fez sozinho, 20 anos antes, ao publicar seu livro de memórias - o Acervo trouxe uma identidade, um contexto, um nome próprio à miscelânea de casos amorosos que Amado deixou à deriva na sua “Navegação”. Digo isso porque no livro memorialístico ele destituiu as personagens de seus nomes próprios, informou ao leitor que chamaria todas de “Maria”: “Maria cada uma, todas elas” registrou o escritor; Maria todas elas, nenhuma, digo eu.

Quero dizer, com essa escolha, a meu juízo, Amado opera uma forma de apagamento das identidades dessas mulheres, dada a inviabilidade da diferença, pois, ao usar o nome único “Maria”, a possibilidade de tocar o “ser mulher” aparenta estar posta, pois recupera a máxima da “essência da mulher”. Isso posto, proponho-me a contextualizar a materialização daquela que, para mim, inspirou-o a elaborar a personagem “Maria a Chinesa”, que por ironia do destino tinha como nome próprio também “Maria”, Maria Cruz.

Maria Cruz assinava “Amado”, denominava-se esposa, questionava a “*estúpida trindade*” e, definitivamente, estava muito além de seu tempo. Na única carta enviada a Jorge Amado, vê-se uma mulher insubordinada, decidida e corajosa; irônica, questionou o *status quo* “*divinatório dos romancistas e poetas*” e deu o seu recado, não precisou de porta-voz. Assim a leio e a defino, assim reescrevo minha personagem em paralelo à de Jorge Amado, Maria a Chinesa:

Curitiba, 1941. *Paixão*

Maria a Chinesa desembarca com armas e bagagens na cama do hotel de Curitiba, aproveitamos cada minuto da noite de esposais, agora e sempre, ai cu ladrão!

Buenos Aires, 1942. *Separação*

Maria a Chinesa arrecada armas e bagagens, amanhã irá embora, aproveitamos cada minuto da noite da despedida, agora e nunca mais, ai cu ladrão! (AMADO, 2006, p. 67).

Se Maria a Chinesa encontrou Jorge Amado em Curitiba, com armas e bagagens, pronta para a luta, Maria Cruz, paranaense e militante comunista, já na luta, se correspondeu com Luiz Carlos Prestes e ficou muito popular entres os companheiros exilados. Se Maria a Chinesa, feliz e apaixonada na noite em que se juntou ao futuro esposo, ia para onde ele fosse, Maria Cruz, determinada e apaixonada, foi com o “esposo” para servir à revolução. Se Maria a Chinesa, com armas e bagagens, foi embora após se despedir para nunca mais voltar, Maria Cruz foi embora, com armas e bagagens, porque “*nem por cartas*” se

entendiam mais; separou-se e, tempos depois, “disposta a representar pela segunda vez essa pantomima”, casou-se novamente.

Minhas justificativas da descrição acima iniciam com uma correspondência recebida por Georgiano em 03/01/1942. “Georgiano” é Jorge Amado, não sei se por piada, como uma brincadeira de “pseudo-pseudônimo” devido à semelhança com nome real, ou se por intenção genuína de disfarce. De todo modo, mesmo que a denominação do destinatário possa ter sido oriunda de um momento de divertimento, o conteúdo da carta não vai por esse caminho. O remetente (não identificado) escreve para Jorge Amado a fim de abordar uma gama de assuntos, dentre os quais divergências entre os membros do Partido e a biografia de Prestes. Após os relatos irônicos de desentendimentos entre os companheiros políticos e lições de prioridade para escrita da biografia de Prestes sobra um breve espaço para descontração. Assim, compartilha:

A baiana me respondeu. Ficou satisfeita com a minha carta. Disse que se o destino quiser nos encontraremos. Porém me pediu uma coisa impossível de atender. Quer meu retrato. Ai é que o carro pega. Como posso mandar meu retrato? Vou estragar tudo. Por isso disse-lhe que para mantê-la na ilusão não posso fazer semelhante crime. Quase que mandei o teu que saiu na LH. Depois me lembrei que podia dar encrenca com a ... paranaense... Ah! Se fosse fotogênico. (grifos meus).

Dessa passagem, como visto, retirei a informação de que Maria Cruz era paranaense, já que em janeiro de 1942 ela e Jorge ainda estavam juntos. Julgo que é pouco provável que o remetente esteja referindo-se a outra pessoa, pois, na despedida, deseja felicidades a Georgino e à Maria.

Além disso, destaco a sugestão do forte temperamento da “paranaense”, dado que o envio do retrato de Jorge Amado a uma outra mulher só poderia resultar em “encrenca”. A fotografia a que se faz referência é de uma nota que saiu no *La Hora*, no dia 12/12/41, para divulgar a conferência *La Literatura Moderna en el Brasil*. Além dessa fala de Amado há a informação de que haverá uma noite de autógrafos com escritores brasileiros e argentinos. Eis a nota com a fotografia:

Figura 9 - La Hora 12/12/41



**JORGE
AMADO**

El gran novelista brasileño, hablará mañana, a las 19 hs.
SOBRE
"La Hora" 12/
12/41

**"LA LITERATURA MODERNA
EN EL BRASIL"**

La conferencia se realizará en el salón de la A. I. A. P. E., Avenida de Mayo 1370, segundo piso (Pasaje Barolo), en donde la LIBRERIA PROBLEMAS organizará una

EXPOSICION DE LIBROS

en la que figurarán las novelas de Jorge Amado ya traducidas al español y otras obras de escritores argentinos y brasileños:

MAX DICKMAN	MONTEIRO LOBATO
HECTOR P. AGOSTI	ARGUAR BASTOS
SERGIO BAGU	RAUL LARRA
RAUL G. TUNON	RODOLFO PUIGGROS
EMILIO TROISE	CORDOVA ITURBURE
JOSE PORTOGALO	EDUARDO ASTESANO
HORACIO KLAPENBACH	JUAN L. ORTIZ
ALVARO G. MUÑOZ	PEDRO MOTTA LIMA
GERARDO PIZARELO	

**LOS AUTORES PRESENTES FIRMARAN
SU AUTOGRAFO**

EDITORIAL PROBLEMAS

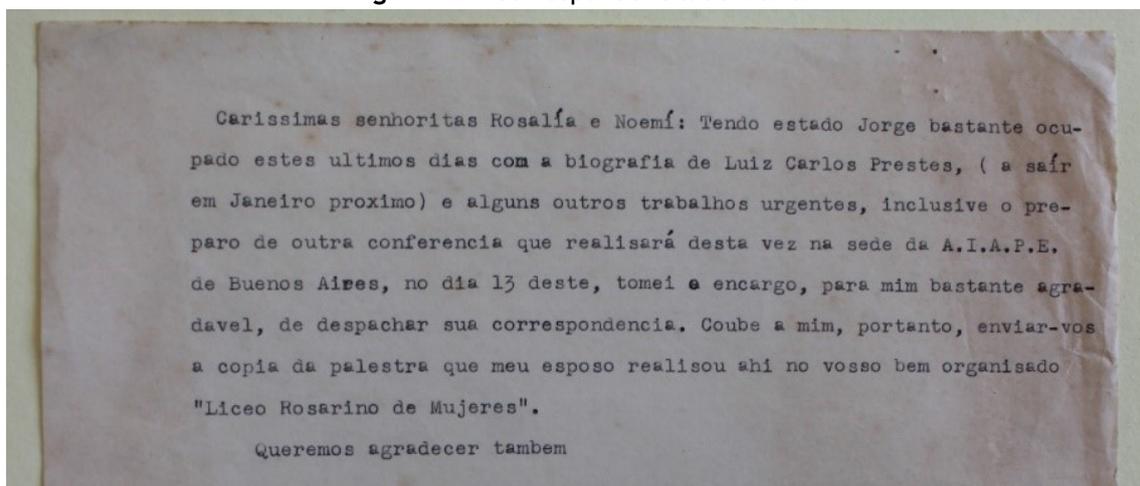
Bartolomé Mitre 745	U. T. 34-0227
Luis Sáenz Peña 40	U. T. 38-3621

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

Essa fotografia também é pauta de conversa na correspondência de Joaquim para Jorge Amado, em 15/12/41: “Vi teu retrato publicado na La Hora. Já disse que você saiu demasiado bonito. Quem deve estar orgulhosa é a Maria”.

Com a carta remetida a Georgino e a outra escrita por Joaquim parece-me claro que o relacionamento de Maria e Jorge Amado não era segredo, ou pelo menos não era para o seu círculo de amizades, relacionamentos e contatos profissionais no exílio, já que a própria Maria sentia-se à vontade para redigir correspondências oficiais para o esposo, como é possível notar nesse rascunho:

Figura 10 - Correspondência de Maria



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

Chamo atenção para a marcação, no plural, da frase não finalizada “*Queremos agradecer*” bem como da descrição das atividades de Jorge, ocupado com a biografia e com o texto para a palestra no final da semana “*desta vez na sede da A.I.A.P.E.⁷ de Buenos Aires*”, indicando conhecimento de que o autor esteve proferindo comunicações em outros locais. Além disso, há o comentário do “*bem organizado*” congresso, o que pode sugerir, além de gentileza, que Maria o acompanhou ao Liceo Rosarino de Mujeres. Levanto essa hipótese também devido à carta que motivou a resposta de Maria. Na missiva destinada a Jorge Amado, e assinada por Noemi Kohan e Rosalia C. Martins, lê-se: “[...] *le enviamos un sincero saludo rogándole los haga extensivos a su señora esposa*”.

Para concluir as observações sobre os envios por Maria Amado reproduzo o envelope com o registro do nome acompanhado pelo endereço em que residiam, Jorge Amado e Maria, até início de 1942: *Bonifacini 1149. Stos Lugares/Provincia de Buenos Aires*.

⁷ Agrupación de Intelectuales, Artistas, Profesionales y Escritores.

Figura 11 - Envelope de Maria Amado



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

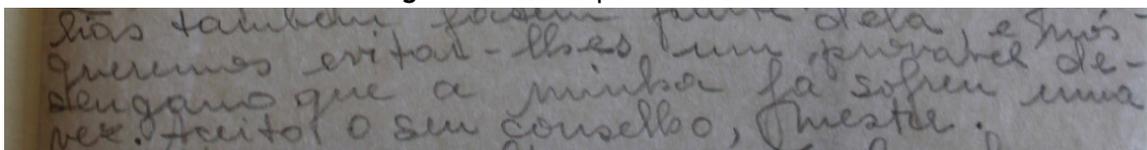
A fim de concluir as considerações sobre essa personagem dialogo com a correspondência do dia 21/05/42, cujo destinatário é “Jorge” e a remetente “Maria”. De imediato, enfatizo a data da carta, pois nessa época Jorge Amado estava em Montevideú com Matilde e Lila há quase dois meses (no mínimo). Todavia, não há menções em relação a isso por parte de Maria, aliás, sequer há por parte alguma. O que se vê, no conjunto Acervo, é que enquanto o casal Amado se constituía por Maria e Jorge mandavam-se abraços e beijos aos dois; da mesma forma, quando Matilde chegou ao Uruguai e o então casal Amado passou a ser Matilde e Jorge, foi Matilde quem passou a receber as mensagens de carinho.

É pertinente observar, entretanto, que os remetentes não se repetem nos dois anos, o que faz bastante sentido, pois os amigos de Montevideú comunicavam-se por cartas quando o escritor estava em Buenos Aires, da mesma forma que fizeram os argentinos quando ele se mudou para a capital uruguaia. E, finalmente, como Maria esteve com ele apenas na Argentina e Matilde apenas no Uruguai não é difícil compreender tal sincronia.

Em relação à carta de Maria, já nas primeiras linhas, é registrada a decepção com que a última correspondência foi recebida. Isso porque o escritor menciona o que denominou de “*velho instinto divinatório dos romancistas e poetas*” para afirmar que o relacionamento de Maria com o amigo do casal, Tomás Pompeu de Acioli Borges, já datava da época em que o baiano e a paranaense ainda formavam um casal. Maria faz uso da ironia para dismantelar a petulância de Jorge Amado e sugere: “*talvez abusando do seu ‘velho instinto divinatório dos romancistas e poetas’ você tivesse tentado uma falsa*

interpretação do caso”. É nessa direção argumentativa, insubordinada e debochada que segue. Aparentemente, Maria responde pontualmente as colocações de Amado e finaliza com comentários como “*Aceito seu conselho, mestre*”:

Figura 12 - Carta por Maria Cruz



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

Jorge Amado aconselha a ex-companheira, sugere que resolva o desquite e se case, “*mas case*”, diz o sujeito que por um largo tempo foi legalmente casado com uma mulher e extraoficialmente com outra. Levando-se em consideração a sugestão de resolução do desquite seguida pelo bom tom de um casamento, aparentemente, Maria teve um registro matrimonial anterior; tanto que estava “*disposta a representar pela segunda vez essa pantomima*” para se juntar matrimonialmente a Pompeu, mesmo que essa fosse uma exigência da “*estúpida trindade*”: a lei, a igreja e a sociedade, segundo ela. Após finalizar suas considerações em relação a esse tema, isto é, quando não mais restaram dúvidas quanto a sua versão da história amorosa com Pompeu e também quanto a seu descontentamento acerca das insinuações de Jorge Amado, na carta, Maria passa a tratar de assuntos de ordem prática.

Madura, aparenta superar a carga de emoção da primeira parte da carta para seguir respondendo às indagações de Jorge. Mais especificamente, sobre um pedido do escritor para que ela enviasse um recado a Prestes, já que mantinha com ele relacionamento epistolar: “[*Sobre*] o recado que você me pede para Prestes, se não houver o inconveniente de interceptarem as cartas, fique certo que darei.”, assegura Maria, mesmo acreditando ser mais prático o pedido ao advogado. Se, no caso, Jorge Amado poderia ter pedido a mediação do advogado por qual motivo se reportou à Maria? Talvez, fica a sugestão de que a dificuldade em romper os laços vinha de sua parte, já que Maria, ao final da carta, avisa que será a última vez que lhe escreve, “*Parece que não nos compreendemos mesmo nem por cartas*”, conclui a agora Maria Cruz Borges, na ocasião, companheira de Tomás Pompeu de Acioli Borges, tradutor da biografia de Prestes e amigo do escritor.

Pompeu, como mais comumente era mencionado, foi o remetente mais assíduo no Acervo Mala de Jorge Amado. Ao total, são 13 cartas manuscritas em tinta preta, das quais 23 páginas são em formato A4 e outras seis páginas são

de escritos frente e verso em três cartões de visita. Sua correspondência inteira é de 1942, o que se torna mais um dado para confirmar que em 1941 Jorge Amado morou em Buenos Aires, já que esse era o local de residência de Pompeu, tradutor simultâneo para o espanhol de “Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza”. Ou seja, no tempo de escrita da biografia os dois moravam na mesma cidade e após Jorge se mudar para o Uruguai Pompeu manteve-se na capital Argentina.

A primeira carta de Pompeu para Amado data de 17/04/42 e a última de 21/08/42. Foi a assiduidade de envios desse remetente que me permitiu notar que a correspondência entre Montevideu e Buenos Aires, da postagem à entrega, poderia chegar em apenas dois dias a seu destino, considerando-se, por exemplo, as cartas de 18/05 e 20/05, que demonstram claramente se tratarem de um diálogo contínuo; quero dizer, a carta de 20/05 não é um adendo e sim uma resposta à correspondência de Jorge Amado, provavelmente enviada no mesmo dia de recebimento das anotações de 18/05.

“Pompeu”, “Pom”, “Campeão”, “P”, “C” são as menções mais recorrentes no arquivo; ele é citado por diversas vezes e por distintos companheiros nas cartas do Acervo. Além de Amado, foi Pompeu quem mais esteve inteirado do conteúdo da biografia laudatória, parte a parte, capítulo a capítulo, já que, como dito, foi o responsável por traduzi-la. Pompeu assinou contrato com a Editora Claridad como tradutor e, inclusive, conversou com Jorge Amado sobre diversas questões de ordem prática dessa obra, como os honorários, edição e comercialização. Ou seja, esteve intimamente ligado a ele nesses anos de 1941 e 1942, mas quando procurei-o no livro memorialístico de Jorge Amado não o encontrei. Tomás Pompeu de Acioli Borges não foi mencionado uma única vez sequer em “Navegação de Cabotagem”. O que nesse caminho se perdeu?

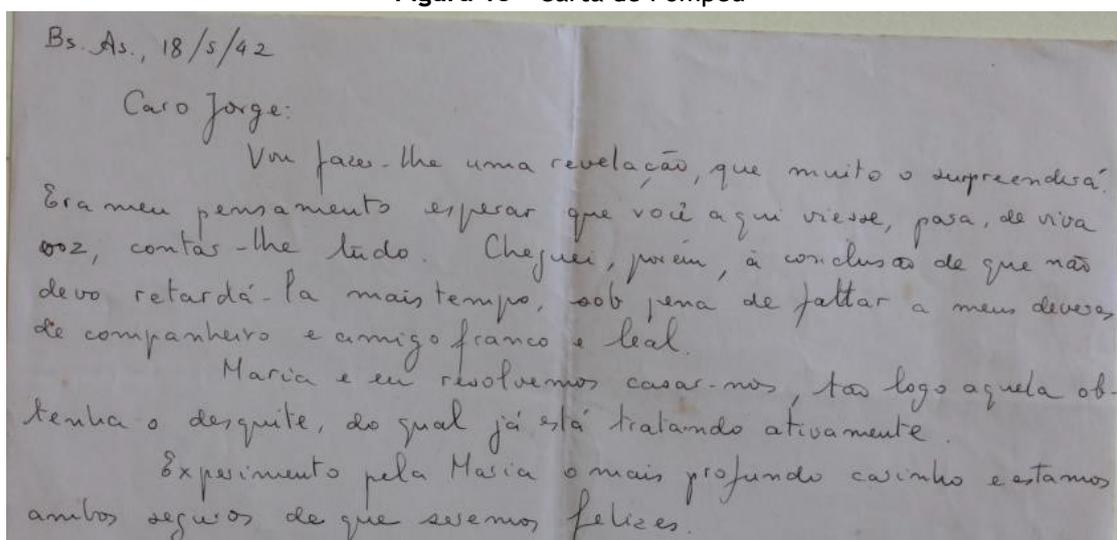
Cogitei “afastamento do período do primeiro exílio” por parte de Jorge Amado, não procedeu, pois Ivan Pedro Martins foi citado três vezes ao longo de “Navegações”, por exemplo. Cogitei “rompimento pós Maria”, não procedeu, pois nove correspondências se sucederam depois que ele informou a Amado sobre o seu relacionamento com ela. Cogitei “morte prematura de Pompeu, que abalou Jorge Amado a ponto de fazê-lo querer se esquecer do amigo”, não procedeu porque Pompeu Borges morreu somente em 1986, no Brasil, ainda marido de Maria Cruz Borges. Até que me dei conta: “foi pr’o cemitério pessoal, coitado!”

Tenho horror a hospitais, os frios corredores, as salas de espera, antessalas da morte, mais ainda a cemitérios onde as flores perdem o viço, não há flor

bonita em campo-santo. *Possuo, no entanto, um cemitério meu, pessoal, eu o construí e inaugurei há alguns anos quando a vida me amadureceu o sentimento. Nele enterro aqueles que matei, ou seja, aqueles que para mim deixaram de existir, morreram: os que um dia tiveram minha estima e a perderam. Quando um tipo vai além de todas as medidas e de fato me ofende, já com ele não me aborreço, não fico enojado ou furioso, não brigo, não corto relações, não lhe nego o cumprimento. Enterro-o na vala comum de meu cemitério - nele não existem jazigos de família, túmulos individuais, os mortos jazem em cova rasa, na promiscuidade da salafrarice, do mau-caráter. Para mim o fulano morreu, foi enterrado, faça o que faça já não pode me magoar. Raros enterros - ainda bem! - de um pérfido, de um perjuro, de um desleal, de alguém que faltou à amizade, traiu o amor, foi por demais interesseiro, falso, hipócrita, arrogante - a impostura e a presunção me ofendem fácil. No pequeno e feio cemitério, sem flores, sem lágrimas, sem um pingo de saudade, apodrecem uns tantos sujeitos, umas poucas mulheres, uns e outras varri da memória, retirei da vida. Encontro na rua um desses fantasmas, paro a conversar, escuto, correspondo às frases, às saudações, aos elogios, aceito o abraço, o beijo fraterno de Judas. Sigo adiante, o tipo pensa que mais uma vez me enganou, mal sabe ele que está morto e enterrado. (AMADO, 2006, p. 15, grifos meus).*

É essa, enfim, a única justificativa que encontro para explicar o motivo da ausência de Pompeu na narrativa de vida de Jorge Amado e, mais do que isso, na narrativa que o próprio escritor empreendeu em “Navegação de Cabotagem”. Não consigo, a partir de sua presença no Acervo, propor outra explicação além do fato de ele ter ido para a vala comum do cemitério de Amado. Essa morte tem início, a meu juízo, pouco tempo antes de 18/05/1942, data em que contou para Jorge sobre o seu casamento com Maria: “*Vou fazer-lhe uma revelação, que muito o surpreenderá*” inicia a correspondência:

Figura 13 - Carta de Pompeu



Bs. As., 18/5/42

Caro Jorge:

Vou fazer-lhe uma revelação, que muito o surpreenderá. Era meu pensamento esperar que você aqui viesse, para, de viva voz, contar-lhe tudo. Cheguei, porém, à conclusão de que não devo retardá-la mais tempo, sob pena de faltar a meus deveres de companheiro e amigo franco e leal.

Maria e eu resolvemos casar-nos, tão logo aquela obtenha o desquite, do qual já está tratando ativamente.

Experimento pela Maria o mais profundo carinho e estamos ambos seguros de que seremos felizes.

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2017).

Esse é o tom de Tomás Pompeu Acioli Borges ao longo de suas cartas, isto é, continuamente, procura reafirmar seu compromisso de amizade, não somente em relação ao envolvimento “honesto” com Maria, mas, de modo geral, com todas as questões que os cercam. Anteriormente, mencionei que sua “morte” teve início pouco antes de 18/05 e digo isso devido a uma carta posterior, que dá a entender que a resposta de Jorge Amado à mensagem da revelação foi a de que ele já soubesse dos fatos poucos dias antes da carta. *“Meu propósito era justamente evitar que você viesse a saber por terceiros, nem sempre muito honestos na interpretação de nossas intenções”*, respondeu Pompeu na correspondência do dia 20/05/42.

Ocorre, ainda, que apenas duas pessoas sabiam desse relacionamento, segundo informa a Jorge Amado: Pedro Mota Lima e Carmem Ghioldi. Em vista disso, ou algum desses amigos contou sobre o envolvimento de Maria e Pompeu ou, em uma situação muito típica da sociedade patriarcal, ao ler a carta do então amigo, Amado começou a fabular a existência desse relacionamento antes mesmo de ocorrer. Assim, ao estilo Bentinho, condenou Capitu, matou Escobar e virou Casmurro. Em resposta, na qual Amado coloca-se favorável à união do casal, Tomás Pompeu lhe escreve: *“[...] amo a Maria muito mais do que ela me pode querer e mesmo do que venha algum dia a querer-me. Me contentaria com que ela gostasse de mim, como gostou de você.”*

Fica evidente a discrepância entre o discurso de Pompeu e o de Maria, visto anteriormente. Se Maria se mostrou uma personagem autêntica, determinada e insubordinada, Tomás Pompeu, por outro lado, incorpora o papel de subserviente, submisso e com baixa autoestima. E, ainda sobre a aprovação de Jorge Amado (2006, p. 15) vale a lembrança:

Quando um tipo vai além de todas as medidas e de fato me ofende, já com ele não me aborreço, não fico enojado ou furioso, não brigo, não corto relações, não lhe nego o cumprimento.

Especulando sobre a sua personalidade, particularmente, chamaram minha atenção os inícios e os términos de suas cartas. Sob essa ótica, leio Pompeu Borges como um personagem fraterno e gentil, que procurava preservar seus relacionamentos. Ilustro: i) 17/04/42: *“Meu caro Jorge [...] um grande abraço do Pompeu”*; ii) 27/04/42: *“Prezado Jorge [...] Um abraço do Pompeu”*; iii) 22/05/42: *“Meu caro Jorge [...] um grande abraço do seu amigo Pompeu”*; iv) 07/07/42: *“Meu caro Jorge [...] receba um grande abraço do amigo Pompeu”*; v) 24/07/42: *“Meu caro Jorge [...] Aceite um afetuoso abraço do amigo velho Pompeu”*.

É nesse contexto de manutenção de laços e relações que interpreto os compartilhamentos desse que foi o tradutor da biografia de Prestes. Assim, leio suas cartas como materializações de uma conversa entre compadres (pelo menos, da parte dele), contando novidades e informações das mais variadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arranjo biográfico recém compartilhado ilustra que um acervo literário faculta o acesso e a exploração de outros caminhos pelos quais biógrafos, pesquisadores e leitores interessados na vida e obra de determinado/a autor ou autora poderão trilhar para a construção de narrativas. Dessa forma, é possível que cada época e lugar leiam seus personagens de acordo com suas emergências e pluralidades. Assim, em vista disso, por exemplo, foi possível construir um percurso da presença de três personagens na biografia de Jorge Amado com o intuito de reescrever suas histórias ora apagadas, ora dissimuladas, ora desconhecidas pela ação do tempo.

REFERÊNCIAS

ACERVO MALA DE JORGE AMADO. Núcleo Literatura e Memória (nuLIME), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2017.

AMADO, Jorge. **Navegação de Cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DREY, Marina Siqueira. **“NÃO FIZ ANOTAÇÕES, MORREM COMIGO”**: o arquivo e a lacuna biográfica de Jorge Amado. 2017. 190 f. Dissertação (Mestrado) - UFSC-CCE-PPGL, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/177774/347082.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 jul. 2020.

AMIZADES COMPARTILHADAS ENTRE SELOS E ENVELOPES¹

Roberta de Fátima Martins

As relações estabelecidas entre comunistas presentes nas correspondências encontradas no Acervo Mala de Jorge Amado são ponto de partida, toda a travessia e linha de chegada, mesmo que provisórias, deste trabalho. Para atingir este intento, escolhi, dentre os 1543 documentos do Acervo, as cartas recebidas ou remetidas por Juan (Picón)² e Joaquim, dois militantes comunistas do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que moraram na Argentina e no Uruguai durante o mesmo período em que essas terras serviram de abrigo para o autoexílio do escritor baiano, ou seja, nos anos de 1941 e 1942³. Entretanto, aparecerão no texto outras personagens; outros interlocutores.

Como não poderia deixar de ser a protagonista deste percurso é a carta. Carta que, segundo a professora Maria Manuela Parreira da Silva (1998, p. 486) é

[...] o resultado de um ato solitário: aquele que escreve sozinho diante do papel dispõe de todo o tempo para compor e elaborar o seu discurso. A ausência física do outro lhe oferece também a possibilidade de o evocar, de o trazer fantasmagoricamente à sua presença e de o imaginar ou de lhe retocar a imagem. A distância dá-lhe, por outro lado, lugar para o fingimento, no sentido pessoano do termo. Isto é, o discurso epistolar surge, com frequência, atravessando pela ficção ou pode ser, pelo menos, gerador de equívocos.

As cartas fazem parte da história da humanidade. Horácio, Ovídio e Cícero escreveram cartas que foram consideradas modelo para a posteridade. As cartas de Horácio (I Livro das Epístolas), por exemplo, são consideradas clássicos. Clássicos que, segundo Calvino (2004, p. 16-17),

[...] exercem uma influência especial, tanto quanto se impõem como inesquecíveis, como quando se ocultam nas pregas da memória mimetizando-se de consciente coletivo ou individual.

¹ Cf. MARTINS, 2015.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² As correspondências são de Juan e Juan Picón, acreditamos se tratar da mesma pessoa.

³ Jorge Amado se exilou para fugir da perseguição política em 1941-42 e para escrever a biografia de Luiz Carlos Prestes.

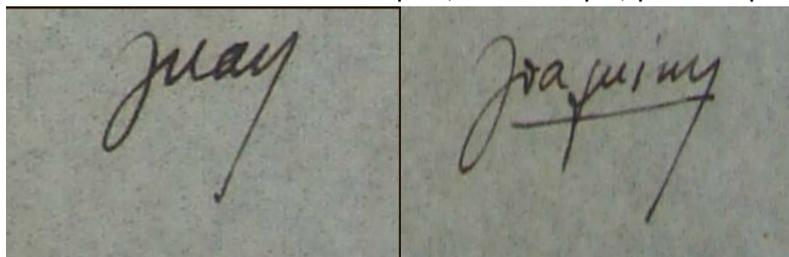
O gênero epistolar é um dos mais antigos registros de escrita. Teresa Souza de Almeida (1998) diz que a carta se estabelece na inconstante fronteira entre o que é e não é literatura. Segundo a autora, talvez não sejamos capazes de formular uma conclusão segura sobre esta fronteira. E essa instabilidade gera outras questões: como ler as cartas de um escritor, por exemplo? As cartas serão anteriores à obra? Concomitantes a ela? Ou cartas devem ser lidas no contexto biográfico?

As cartas ultrapassam as divisas do tempo. E, no caso da parte selecionada do Acervo Jorge Amado, as cartas são também documentos do PCB; tratam também de relações políticas, relações que antecedem as íntimas. Relações que estão para além da amizade possível entre os missivistas e os endereçados - e, talvez, as relações íntimas antecedam a essas amizades políticas: não foi meu objetivo identificar a gênese. Ao penetrar na intimidade das cartas alheias esbarramos permanentemente no inesperado. Marcos Antônio de Moraes (1997) ensina que as cartas, “no constante movimento de afirmação do discurso presente, conseguem esboçar tanto um possível retrato quanto a máscara desejada”. As cartas do Acervo, que foram analisadas durante esta pesquisa, conservam testemunhos de processos históricos, de experiências de vida e revelaram a trama das relações políticas, culturais e literárias. Investigo as referências a outras personalidades, as notícias. Traduzo, na medida do possível, as ações e do que falam remetente e destinatário.

Como disse, as cartas analisadas são destinadas ou remetidas por dois missivistas, Juan e Joaquim. É preciso lembrar que a escolha por essas cartas não foi aleatória e surge da hipótese de que seriam codinomes utilizados por Jorge Amado, apesar de que a possibilidade foi logo descartada. As cartas assinadas por Juan e Joaquim tratam da atuação do PCB no estrangeiro, da relação com os diretórios do Partido no Brasil. Tratam também de problemas políticos, de outros comunistas, de problemas de ordem mais pessoal, divergências entre a forma de atuação, organização do PCB e das células de Buenos Aires e Montevideú. Mas, invariavelmente são cartas atravessadas por questões afetivas, seja por questões familiares, seja pelos momentos difíceis, de amparo, de ânimo, de desabafo sobre a limitação da liberdade, a vida no exílio, os ciúmes, as inquietações, os anseios com a luta e a literatura.

Antes de continuar, no entanto, é preciso abrir um parêntese para uma inquietação: ao analisar a correspondência de Joaquim e Juan, é notável algumas semelhanças que me fazem acreditar que se trata do mesmo militante. A semelhança da assinatura foi a primeira evidência.

Figura 1 - Assinatura de Juan e Joaquim, em destaque, para comparação



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2020).

Outro ponto é que em pesquisas em bancos de dados, encontrei registros de Joaquim Picón, um documento do DOPS. O cidadão era ligado aos movimentos que lutaram contra a ditadura militar (FGV. CPDOC [s.d]). Pouca informação consta, mas aparentemente morou em SP. Uma das cartas de Juan é assinada como Juan Picón. Daí, a possibilidade de que Juan era o codinome para Joaquim ou vice-versa. Essa suposição ficou ainda mais forte ao ler as cartas do Acervo. Isto porque algumas cartas de Juan faziam referência ao conteúdo da carta de Joaquim. Em alguns casos, o argumento era o mesmo. Por exemplo, na carta a Baby, Joaquim⁴ faz a seguinte reclamação sobre a casa onde vive:

“Não sei se sabes que minha instalação é má. Agora mesmo quero escrever-te com calma é quase impossível. O amigo que é dono da casa que vivo está em casa durante o tempo que estou “atamancado” esta ele fala continuamente comigo. Que martírio!”

Ao passo que Juan⁵, quando escreve a Munhoz, faz reclamação semelhante: *“A minha instalação é má. Estou numa casa pequena duma família operaria. Marido, mulher e filho. Como não⁶ há trabalho o companheiro fica muito em casa.”*

Outra coincidência reside no fato de que tanto Juan quanto Joaquim fazem insinuações de que precisam constituir o próprio lar. As cartas circulavam entre os comunistas, como uma rede social, e, portanto, não eram exclusivas dos respectivos destinatário e remetente, o que talvez explique a coincidência dos temas. Outro ponto é que talvez esses relatos fossem recorrentes entre exilados, por isso, essa afirmação de que se trata da mesma pessoa, por ora, permanece na caixinha de suposições que, talvez, um dia consigamos validar ou refutar.

Uma hipótese comprovada, no entanto, é que as cartas do Acervo podem ser usadas para justificar a afirmação de que amizade é alimento para a luta

⁴ Carta 497.

⁵ Carta 514.

⁶ Inserido manual o “não”.

política; o comprometimento e preocupação com outro se desenvolvem ou se fortalecem pela militância. Percebemos que os ecos de intimidade foram fortalecidos através das epístolas, bem como revelados por elas. Estudando o depoimento de quem viveu situações similares àquela vivida pelos interlocutores da Mala, por exemplo, é bem marcante o registro desse tipo de laço afetivo, como sugere a fala de Nilce de Oliveira Cardoso, ex-militante contra a Ditadura Civil-Militar, em entrevista concedida à Susel Oliveira da Rosa: *“eles foram um suporte afetivo, não só um suporte político, nessa colcha de retalhos que virou a minha vida... de me alcançar um docinho, de limpar a cela como fazia o Sobrosa, de cuidados...”*⁷.

Nas cartas do Acervo, essas manifestações de amizade entre remetente e destinatário eram comuns. Algumas, eram permeadas por carinho e manifestação de apreço e cuidado, como podemos perceber nos trechos da carta escrita por Joaquim:

*“Prepare-te meu anjo”*⁸

*“A ti e família um milhão de felicidades e que em breve possamos festejá-los todos como uma só família em torno de uma só mesa...”*⁹

Eles desejam ao outro, cuidavam um do outro. Mesmo quando as cartas tinham uma função específica, um objetivo político ou uma tratativa comercial, a amizade, o cuidado e o afeto eram também mensagens.

Em alguns momentos ficava claro que os missivas não se viam como espelho um do outro, como iguais, como determina a prerrogativa ciceriana de amizade, tal como quando Baby¹⁰ diz a Joaquim:

*“Não pretendo esconder que divergimos em muitas coisas, e lamento profundamente não haver discutido”*¹¹

Mas, adiante, no entanto, Baby ressalta os laços de amizade, mesmo que diante das divergências.

*“E apesar das minhas arrelias com você, receba um abraço [rasura] bem apertado, com todo afeto de irmão e amigo, e um pensamento carinho para sua mãezinha, do Baby”*¹².

⁷ Nilce Cardoso Entrevista concedida à Susel Oliveira da Rosa. Ver: Cardoso (2007).

⁸ Carta 503.

⁹ Carta 497.

¹⁰ Provavelmente trata-se de Baby Bocayuva Cunha.

¹¹ Carta 1029.

¹² Carta1029.

Matildes Demétrio dos Santos (1994, p. 15) afirma que “de todos os gêneros em prosa, a carta é o mais difícil de ser enquadrado, pois sua feição verbal é múltipla e participa da natureza de outros gêneros periféricos como o diário, a autobiografia e o memorialismo”. Por isso, é bastante complexo falar das relações de amizade estabelecidas entre o missivista e o endereçado - ainda mais quando se desconhecem ambos. Por outro lado, analisar correspondências pessoais, geralmente, nos desvenda possibilidades, surpresas e descobrir um discurso que talvez não seja público; permite-nos dividir e compartilhar de uma relação de confiança e de amizade. E nos momentos em que o remetente se desnuda, esses momentos em que conseguimos ir além do posicionamento social, nos tornamos interlocutores ocultos desses diálogos. Trabalhar com estas cartas nos permite selecionar o passado riquíssimo, (re)criá-lo à luz dos acontecimentos presentes. Tal como Walter Benjamin e a alegoria do colecionador, procurei nas memórias dessas pessoas, relíquias, escolhi a minha fortuna, releguei ao ostracismo outras histórias, fiz escolhas, retirei do contexto e da gênese, e as expus neste texto, evocando-as com um novo valor.

Para o presente trabalho, no entanto, apresentarei apenas uma carta de cada um dos comunistas. Os documentos selecionados serão colocados na íntegra e as minhas intervenções serão feitas nas notas de rodapé, tal como o livro *Garranchos* (2013), organizado por Thiago Mia Salla, que se serve deste recurso para contextualizar os mais de 80 textos inéditos de Graciliano Ramos. As intervenções, as notas de rodapé, trarão as análises, apontando, por exemplo, trechos em que os laços afetivos são bastante claros, os cuidados e a preocupação com os colegas militantes evidentes; bem como, as inferências que conseguimos fazer, isto porque, como são cartas comunistas e sujeitas à censura, algumas mensagens são cifradas. Como detetives, pesquisamos possíveis interpretações. Utilizei as notas de rodapé como guia, como texto paralelo, onde dialogo com a pesquisa histórica, teórica, literária; lugar de partida e destino de outros interlocutores.

Figura 2 - Carta 1093¹³

Montevideo, 2/12/41

Caro Joaquim: A minha resposta á sua carta, já prometida através do P. ha varios dias, só hoje é que segue. Tenho andado muito atarefado aqui por causa do meu emprego em "~~La~~ Razón". Deram-me sete notas para fazer sobre coisas típicas do Brasil e depois mais duas, uma local e outra sobre as bases americanas no Brasil (apoio a Roosevelt). Meio destrenado e sem documentação, cortei o doze para escrever tudo num prazo relativamente curto.

Muito obrigado pelos seus elogios a respeito dos artigos "trabalhistas". Também tomei nota de suas observações sobre minhas frequentes "afecitezas". Mas no caso do artigo mandado suspender não foi tanto assim. Não mandei suspender propriamente...

Com referencia á rede jornalística aqui, tenho já contacto mais frequente com o "D.P.". Escrevi um artigo para o nº de 7 de Nov. assinado (Influencia da resistencia sovietica na moral do povo brasileiro). Outro, idem, para 15 de novembro (A Republica foi feita pelo povo e voltará a ser do povo). A 27 de nov. fizemos meia pagina comemorativa. Retrato Prestes, artigo meu sobre a data e notas evocativas de T. e Sá, tudo assinado e com retratos dos autores, menos o de T. por culpa da paginação do jornal. Aqui ha o inconveniente do artigo 9º da lei de imprensa, que proíbe alusões a chefes de Estado. A embaixada do Brasil não dá uma folga, e o "D.P." se resguarda.

"La Razón" será um grande jornal, integrado na corrente democratica conservadora. Creio que o mais importante daqui. Terei colaboração assinada frequente nos suplementos, mas não politica. Geralmente sobre folclore, favoravel ao povo. Mandarei via P. o que sair, a partir de 17.

O jornal está fazendo ensaios geraes para a saída a 17. Além disso arranjei outro trabalho menor num "Boletim Internacional Agro-Pecuário", onde dou expediente 2 horas pela manhã e ~~3x~~ 2 á tarde. Na proxima, por causa ~~do~~ do jornal, só poderei ir á tarde, até as 7. Tenho que fazer toda essa força para endireitar a vida, que andava muito ruizinha...

Por essas ocupações, nestas duas semanas que são as de "largada", creio que minha colaboração no folheto não póde ser muito eficiente. Falei com T., mas ele não tem dados concretos. Eu também não. Mas farei força para dar o que puder. É melhor ir tocando para a frente sem contar muito comigo este mez.

Acho que regularizando a vida minha atividade geral será mais eficiente que antes.

Um grande abraço do amigo

*Ardenador jornal 60 e
Boletim 15 (Ardenador)*

1093

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2020).

¹³ Carta 1093 - Arquivo nuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Joaquim. Remetente: Sem identificação. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

Montevideo, 2/12/41

Caro Joaquim¹⁴: A minha resposta a sua carta, já prometida através do P¹⁵. há vários dias só hoje é que segue. Tenho andado muito atarefado aqui por causa do meu emprego em “La [rasura] Razón¹⁶”. Deram-me 7 notas para fazer coisas típicas do Brasil e depois mais duas, uma local e outra sobre as bases americanas do Brasil (apoio a Roosevelt). Meio destreinado e sem documentação cortei o doze para escrever tudo num prazo relativamente curto.

Muito obrigado pelos seus elogios a respeito dos artigos “trabalhistas”. Também tomei nota de suas observações sobre minhas frequentes “afoitezas”. Mas no caso do artigo mandado suspender não foi tanto assim. Não mandei suspender propriamente...

Com referência à rede jornalística aqui, tenho já contato mais frequente com o “D. P.”¹⁷ escrevi um artigo para o n.º 7 de nov. assinado (influência da resistência soviética na moral do povo brasileiro). Outro, idem, para 15 de novembro (A República foi feita pelo povo e voltará a ser do povo). A 27 de nov.¹⁸ fizemos meia página comemorativa. Retrato Prestes, artigo meu sobre a data e notas evocativas de T. e Sá¹⁹, tudo assinado e com retratos dos autores, menos o do T. por culpa da paginação do jornal. Aqui há o inconveniente do artigo 9º da lei de imprensa, que proíbe alusões a chefes de Estado. A embaixada do Brasil não dá uma folga, e o “D. P” se resguarda.

“La Razón” será um grande jornal, integrado na corrente democrática conservadora. Creio que o mais importante daqui. Terei colaboração assinada frequentemente nos suplementos, mas não política. Geralmente sobre folclore, favorável ao povo. Mandarei via P. o que sair, a partir de 17.

O jornal está fazendo ensaios gerais para a saída a 17. Além disso, arranjei outro trabalho menor num “Boletim Internacional Agropecuário”, onde dou expediente 2 horas pela manhã e [rasura] 2 à tarde. Na próxima, por causa [rasura] do jornal, só poderei ir à tarde, até as 7. Tenho que fazer toda essa força para endireitar a vida, que andava muito ruinzinha...

Por essas ocupações, nestas duas semanas que são as de “largada”, creio que minha colaboração no folheto não pode ser muito eficiente. Falei com T., mas ele não tem dados

¹⁴ Uma hipótese é que Juan e Joaquim sejam a mesma pessoa. Juan escreveu para D. Leocádia, mãe de Luiz Carlos Prestes. No remetente constava Juan Picón. De Juan Picón nada achei, mas de Joaquim Picón, encontrei uma ficha da DEOPS e uma reportagem do periódico “La Publicitat”, jornal em Catalão, publicado em Barcelona a partir do 01 de outubro de 1922 a 23 de janeiro de 1939. A Ficha do DEOPS foi criada em 25-12-1944, portanto próximo ao ano em que as cartas foram trocadas. Já a reportagem fala da prisão do sindicalista Joaquim Blanco Martínez que usava como codinome Joaquim Picón. Na ocasião, Joaquim foi acusado de ataques contra as forças armadas. Uma análise linguística breve e superficial, parece-me que as cartas destes dois comunistas mantêm a mesma estrutura linguística, algumas semelhanças na separação silábica, o vocabulário simples e a inexistência de palavras específicas ou o uso de palavras pouco utilizadas no português brasileiro, levanta a possibilidade que talvez Juan não seja nativo do português ou do espanhol, embora seja um falante bastante proficiente. Além disso, na carta 510, Juan faz referências a ter recebido notícias da parte de J.A., que estamos tratando como Jorge Amado. A carta de 1094 e 1095, de Jorge Amado para Joaquim. Não é possível fazer uma afirmação contundente sobre a questão, uma vez que as cartas circulavam entre os comunistas. Como dissemos, as coincidências apontam para este caminho, mas é preciso avançar na pesquisa para que, de fato, se faça tal afirmação com segurança.

¹⁵ Talvez Pedro Pomar ou Pedro Mota Lima. Acredito, no entanto, que o P. seria Pedro Mota Lima, ora também chamado de secretário.

¹⁶ *La Rázon*. Foi fundada em 1878.

¹⁷ Em algumas andanças, supus que D.P. fosse o *Diário Popular*, jornal mais antigo do Rio Grande do Sul. No entanto a referência a seguir, quando diz que a embaixada brasileira “não dá uma folga” remete a um periódico estrangeiro.

¹⁸ Possível referência ao 27 de novembro de 1935, conhecido como o dia do levante comunista.

¹⁹ Talvez uma referência a José Correia de Sá.

concretos. Eu também não. Mas farei forças para dar o que puder. É melhor ir tocando para frente sem contar muito comigo este mês.

Acho que regularizando a vida minha atividade geral será mais eficiente que antes. Um grande abraço do amigo

Assinatura²⁰

²⁰ Um texto manuscrito segue no rodapé da página. Infelizmente, não consegui entendê-lo para transcrever. Tarefa postergada para a continuidade da pesquisa.

Figura 3 - Carta 510²¹

Estimada amiga D. Leocadia,
Étá o momento que escrevo a senhora nao sei ao certo se tem recebido cartas minhas. De todos os lugares em que tenho estado nunca deixei de corresponder-lhe, como era e deve ser o meu dever, com a senhora. Ultimamente, como todos os nossos amigos e admiradores de nosso grande chefe, temos estado aflitos pelas noticias que Ligia nos deu, relativo ao estado de saude que voltava a ser máo. Logo que recebemos as noticias por intermedio de R., nos puzemos a campo, para dar providencias que o caso requeria. Nessa occasião escrevi a senhora e a Ligia, quaes as medidas que sugeriamos e as providencias que haviamos tomado. Posteriormente soube pelo amigo que se encontra ainda em Santiago que já se tinha obtido a vossa entrada lá. Falei tambem com um deputado de lá e ele me garantiu que já estava todo arranjado.

Quando cheguei aqui, me interessei para que os amigos falassem com gente de certo prestigio, visto que as relações de nossos amigos são boas com o governo para conseguirem tambem uma visação para a senhora entrar aqui. Além disso falei com os patricios para intensificarem a sua actividade em torno da campanha pro Prestes que se encontra algo esquecida. Com motivo de 15 de Novembro e depois do 27 se recordou algo de nossa luta e da situação de Prestes. Disso, creio que a senhora tem noticias, pois se mandou cartas. Agora com a passagem do aniversario de Prestes e das festas do Natal, Ano Bom e outras quizemos aproveitá-las para intensificar a campanha e deixar alguma coisa organizada. Devo dizer-lhe que devido a multiplas tarefas que assoberba a debil organização daqui, as coisas nao marcham como seria ~~de~~ de desejar. Contudo se prepara para mez de Janeiro um acto e antes faremos uma campanha pelos jornaes. Aproveitando tambem que a Igreja Catolica Brasileira se mostra interessada na anistia e na pacificação da familia brasileira, nós queremos abranjer tambem esse enorme setor da opinião pública de nossa terra. Dahi a maneira ~~de~~ como temos abordado o assunto.

Outro dia recebi uma carta do JA, que trabalha ativamente na biografia, animado com a colaboração prestada pela senhora e Ligia, me escreveu dizendo que estão para sahir dahi. Fiquei imensamente satisfeito que já tenham resolvido uma situação angustiosa. Isso veio me alegrar, pois o amigo de Santiago dias antes me havia demonstrado pessimismo a esse respeito. Por isso nao quero alargar-me nesta carta, porque temo não encontrar-lhe mais ahi.

Quero aproveitar a oportunidade para transmitir-lhe o desejo de todos os patricios e amigos que a senhora esteje melhor e que possa passar as festas com alegria e na esperança que a nova situação creada na nossa ~~terra~~ terra e de todo o movimento na America abram as portas da prisão a todos os nossos amigos e no proximo natal possamos todos reunirmos como uma só familia. Aproveito a oportunidade para desejar a Ligia e a Anita Leocadia millhões de felicidades e que junto a senhora estejem fortes para continuar como sempre animadas em nossa luta. Espero que a proxima que escreva a senhora já seja dentro de nossos pagos.

Abraca-lhe com toda a emoção o amigo e admirador

Montevideo 28-12-41 *Juan*

Direcao: Sr. JUAN PICÓN
Bartolomé Mitre 13.26
Montevideo.

Junto segue um artigo sahido no "Diario Popular" no dia de Natal.

510

Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2020).

²¹ Carta 510 - Arquivo nuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Dona Leocádia. Remetente: Juan Picón. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

Estimada²² amiga D. Leocádia²³,

Até o momento que escrevo à senhora não sei ao certo se tem recebido [rasura] cartas minhas. De todos os lugares em que tenho estado nunca deixei de corresponder, como era e deve ser o meu dever, com a senhora. Ultimamente, como todos os nossos amigos e admiradores de nosso grande chefe²⁴, temos estado aflitos pela notícia que Lígia²⁵ nos deu, relativo ao estado de saúde que volta a ser mau. Logo que recebi as notícias por intermédio de R., nos pusemos a campo, para dar providências como requer [rasura]. Nessa ocasião escrevi à senhora e à Lígia²⁶, quais as medidas que sugeríamos e as providências que havíamos tomado. Posteriormente soube pelo amigo que se encontra ainda em Santiago que já se tinha obtido a vossa entrada lá. Falei também com um deputado de lá e ele me garantiu que já estava tudo arranjado.

Quando cheguei aqui, me interessei para que os amigos²⁷ falassem com gente de certo prestígio, visto que as relações de nossos amigos são boas com o governo para conseguirem também uma visação [rasura]²⁸ para a senhora entrar aqui. Além disso, falei com os patrícios para intensificarem a sua atividade em torno da campanha pró Prestes que se encontra algo esquecida. Com motivo de 15 de novembro e depois do 27 se recordou algo de nossa luta e da situação de Prestes. Disso, creio que a senhora tem notícias, pois se mandou cartas. Agora com passagens do aniversário [rasura] de Prestes e das festas do Natal, Ano Bom e outras quisemos aproveitá-las²⁹ para intensificar a campanha [rasura] e deixar alguma coisa organizada. Devo dizer-lhe que devido a multiplas tarefas que asoberba a débil organização daqui, as coisas não marcham como seria de [rasura] desejar. Contudo se prepara para [rasura] o mês de Janeiro um ato e antes faremos uma campanha pelos jornais. Aproveitando também que a Igreja Católica Brasileira se mostra interessada na anistia e pacificação da família brasileira, nós queremos abranger também esse enorme setor da opinião pública de nossa [rasura] terra. Daí a maneira [rasura] como temos abordado o assunto.

Outro dia recebi uma carta do JA³⁰, que trabalha ativamente na biografia³¹, animado com a colaboração prestada pela senhora e Lygia, me escreveu dizendo que estão para sair daí. Fiquei imensamente satisfeito que já tenham resolvido uma situação angustiosa. Isso veio me alegrar, pois o amigo de Santiago dias antes me havia demonstrado pessimismo a esse respeito. Por isso não quero alargar-me nesta carta, porque temo não encontra-lhe mais aí.

Quero aproveitar a oportunidade para transmitir-lhe o desejo de todos os patrícios e amigos que a senhora esteja melhor e que possa passar as festas com alegria e na esperança [rasura] que a nossa situação criada na nossa [rasura] terra e de todo movimento [rasura] na América abram as portas da prisão a todos os nossos amigos e no próximo natal possamos todos nos reunir como uma só família. Aproveito a oportunidade para desejar à Lygia e à Anita Leocádia³² milhões de felicidades e que junto à senhora estejam fortes para continuar como

²² A carta apresenta pequenos ajustes de acentuação de forma manual.

²³ Leocádia Felizardo Prestes, nasceu em 11/05/1874, em Porto Alegre. Em 1936 foi escolhida para encabeçar a luta Pró-Prestes. Acompanhada da filha mais nova Lygia, percorreu diversos países fazendo denúncias das atrocidades que aconteciam em terras brasileiras. Com a Segunda guerra Mundial, viajou para o México, onde morreu em 1943.

²⁴ Referência a Luiz Carlos Prestes.

²⁵ Lygia, irmã caçula de Prestes, acompanhou a mãe durante a campanha em favor da libertação de Prestes.

²⁶ Lygia Prestes, irmã caçula de Luiza Carlos Prestes.

²⁷ Semelhante rasura aparece na carta de Joaquim.

²⁸ Visto.

²⁹ É possível encontrar este tipo de separação silábica em cartas escritas por Joaquim.

³⁰ Joaquim recebeu carta similar de Jorge Amado.

³¹ Cavaleiro da Esperança.

³² Filha de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário.

*sempre animadas em nossa luta. Espero que a próxima que escrevo à senhora já seja dentro de nossos pagos*³³.

Abraça-lhe com toda a emoção o amigo e admirador

*Juan*³⁴

Montevideo : 28-12-41

Direcao: Sñr. Juan Picon

Bartolomé Mitre 13.26

Montevideo.

Junto segue um antigo saído no “Diário Popular” no dia de Natal

Falar dessa amizade entre comunistas e desses fantasmas que habitaram por anos e anos a Mala, plena de ideologias, de entusiasmo, de luta, de fidelidade política, saudades, mágoas, arrependimentos, erros e acertos é falar, dadas as devidas proporções, das redes que tecemos em tempos tão difíceis quanto estes que atravessamos nos últimos meses e anos. E, de certa forma, nessa discussão que propus, abordo a concepção contemporânea de amizade associada à intimidade e à familiaridade. Concepção herdada dos tradicionais discursos sobre amizade, que desde a Grécia Antiga vinculam a semântica de amizade aos ideais de igualdade-fraternidade. Importante ressaltar que o discurso tradicional exclui a amizade entre mulheres e entre homens e mulheres, por exemplo. Fato não ignorado por mim, porém explorado apenas na dissertação (MARTINS, 2015).

A amizade epistolar amplia a relação de proximidade e confiança, permitindo maneiras diferentes de estar junto, de não se sentir tão só ou desamparado, ainda que a situação política seja o único elemento de justaposição - ou qualquer tema que seja comum a duas pessoas. Para tentar entender a noção de experimentação política da amizade (ORTEGA, 2000), precisei também entender a concepção elaborada por Espinosa, que fala da potência dos corpos em afetar e ser afetado. Esse fenômeno pode causar o aumento da capacidade de ação. A força do afeto nessas relações de amizades engendradas pela militância política, epistolares ou não, mostrou não só a experimentação, a empatia, alteridade, mas também o acolhimento e a solidariedade. O fortalecimento deste amigo com o qual se compartilha o sentimento, estando fisicamente junto ou não, é tão importante quanto o próprio bem-estar. O que se percebe em algumas das cartas escritas pelos comunistas é que eles são afetados tanto pelo amparo que concedem quanto pelo sentimento suscitado durante as trocas, os diálogos, os desabafos.

³³ Uruguai.

³⁴ Assinatura em tinta preta.

Anne Vincent-Buffault (1996), em seu livro *Da Amizade*, disserta sobre a troca de correspondência como uma forma de manter contato entre conhecidos, além da comunicação entre as pessoas, geograficamente distantes. A autora diz que a troca de correspondência foi a maneira encontrada para manter as relações de amizade durante os séculos XVIII e XIX. A valorização da amizade por meio de cartas se dá então através dessa escrita do íntimo. A carta fica impregnada de discurso sensível, afetivo. Nas cartas dos comunistas exilados, a força dos afetos entre amigos demonstra a capacidade de expor sentimentos, de transcrevê-los e compartilhá-los.

As relações de amizade das cartas que transcrevi ajudam a entender nossa condição humana de ser tocado pela experiência do outro. A troca que percebi neste pequeno conjunto de cartas propõe, dentre outras coisas, um esforço para considerar o outro em relação a si, em considerar as variáveis que decorrem dessa alteridade. A relevância da atividade discursiva da amizade, na qual os interlocutores, numa relação de igualdade político-ideológica, trocam informações de como se colocam na vida e nesse movimento, traduzindo suas experiências desse universo compartilhado.

Absorvo o que Arendt (1993) e Derrida (1997) falam sobre amizade; parto do ponto de vista dos autores que dizem que a experimentação política da amizade é base para a relação com o outro. É nesta base que os sujeitos se desestabilizam e passam a questionar suas opiniões, a forma como percebem o mundo. A provocação que surge deste tipo de relação movimenta o ponto de vista, gerando, portanto, o deslocamento da perspectiva e criando a condição necessária para uma mudança do pensamento; mudança qualitativa e significativa. Transformações subjetivas que podem potencializar as habilidades e a capacidade do sujeito de agir. Forma-se, cria-se, então, esse vínculo no qual os corpos se modificam por uma relação agonística. É onde o contato com a alteridade possibilita as mudanças e os deslocamentos. Esse fenômeno pode provocar um reposicionamento no mundo. Em alguns trechos das narrativas das cartas, é possível perceber que os laços de amizade são configurados pela intensa relação de trocas afetivas; nestas, os sujeitos são sensivelmente afetados pelas linhas que representa o pensamento do outro. Essas relações de amizade designam momentos de reflexão, de aprimoramento do pensamento, mas também de afeto e acolhimento e podem permitir o aumento da potência de pensar e agir (ESPINOSA, 2008). A filósofa Marilene Chauí (2003) afirma que a relação de amizade pode aumentar a possibilidade da força de existir de um corpo. Ainda segundo a professora, uma potência de existir pode, portanto, ser fraca ou forte. E o sujeito, (constituído por partes,

pela conexão de ideias e pela união de corpos) apresenta partes que se tornam mais fortes ou mais fracas. As partes submetidas ao peso da força das potências externas são consideradas fracas. As partes fortes são, então, aquelas “que podem coexistir com a exterioridade sem ser por ela destruídas e, mais do que isso, cuja força pode aumentar justamente graças à relação com elas” (CHAUÍ, 2003, p. 213). Amizade é elo com outra pessoa. Elo que desperta interesse, que desperta o desejo da troca, que possibilita o crescimento simultâneo. É um bem-querer, é um sentimento singular, próprio, mas que se estende ao outro.

A amizade é condição de resistência e de afirmação da vida. Para os gregos, conforme li em Arendt, uma vida sem amizade nem merecia ser denominado vida. Para os gregos, a felicidade só se dava a partir da partilha com um amigo. Espinosa afirma que se amizade e felicidade são indissociáveis é porque os amigos nos ajudam a perceber o mundo de forma diferente, agem sobre nós ou em defesa da elevação do conatus³⁵.

As cartas desses comunistas traduzem, portanto, o conatus do indivíduo, mas também do coletivo. São a materialidade da potência transformadora que encontra e oferece abrigo entre aqueles que dividem o mesmo espectro ideológico e político.

Cartas-pilar. Cartas-navio. Cartas-porto. Cartas-abrigo. Cartas-abraço. Cartas-compreensão. Cartas-luta. Cartas-resiliência. Cartas-alimento. Cartas-amparo. Cartas-corpo. Cartas-conatus. Cartas-partilha. Cartas-vida.

REFERÊNCIAS

ACERVO MALA DE JORGE AMADO. Núcleo Literatura e Memória (nuLIME), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ALMEIDA, Teresa Souza de. A Ficção Científica em Portugal. A Ficção Científica em Portugal. Revista **O gênero epistolar**. Portugal. V. 1, n. 2, p. 7, out. 1998.

ARENDT, Hannah. **A Dignidade da Política**: ensaios e conferências. 3. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

BRAREN, Ingeborg. Por que Sêneca escreveu epístolas?. **Revista Letras Clássicas**, ano 3, n. 3, p. 39-44, 1999.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³⁵ Conatus, termo do latim que significa esforço. Segundo Espinosa (2008), conatus é o esforço, o impulso de autopreservação; um instinto de viver. Conatus é a potência permanente do existir, do agir e do resistir.

- CHAUÍ, Marilena. **Política em Espinosa**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- COELHO, Thalita da Silva. **Jorge Amado e os anos 1941 - 1942: documentos para uma história ainda não contada**. 2012. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- DA ROSA, Susel Oliveira. A amizade como forma de “cuidado com o mundo” na trajetória de Nilce Cardoso e Delsy Gonçalves de Paula. **Mnemosine**. V. 5, n. 1, p. 95-116, 2009. Disponível em: http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/165/pdf_150. Acesso em: 22 mar. 2014.
- DERRIDA, Jacques. **Políticas da amizade**. Porto: Campo das Letras, 2003.
- ESPINOSA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FGV. CPDOC. O Estado Novo. [S.D]. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/EstadoNovo>. Acesso em: 22 jan. 2015.
- MARTINS, Roberta de F. **Enlaces: memória e subjetividades no Acervo Jorge Amado**. 2015. 251 f. Dissertação (mestrado) - UFSC-CCE-PPGL, Florianópolis, 2015.
- MORAES, Marcos Antônio de. Carta, testemunho e biografia. In: AYALA, Maria Ignez Novais; DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Múltiplo Mário**. Ensaios. João Pessoa: UFPB/Ed Universitária; Natal: UFRN/Ed. Universitária, 1997, p. 187.
- ORTEGA, Francisco. **Para uma Política de Amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumar, 2000.
- RAMOS, Graciliano. **Garranchos**. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- SANTOS, Maria Demétrio dos. A correspondência de Mário e a “felicidade” no credo modernista. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, n. 36, p. 96, 1994.
- VALVERDE, Maria de Fátima. A carta, um gênero ficcional ou funcional?. In: Actas do Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura comparada - Estudos Literários/ Estudos culturais, maio 2001, Universidade de Évora. Disponível em: <http://www.eventos.uevora.pt/>. Acesso em: 6 mar. 2013.
- SILVA, Maria Manuela Parreira da Silva. **Correspondência de Fernando Pessoa**. Vs. I e II. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. **Da Amizade: Uma história do exercício da amizade nos Séculos XVIII e XIX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

CARTAS, PORCOS E A MALA DE JORGE

Claudia Renata Duarte

Não se ressuscitam vidas encalhadas em um arquivo. Isso não é motivo para deixá-las morrer uma segunda vez. O espaço é estreito para elaborar uma narrativa que não as anule nem as dissolva, que as mantenha disponíveis para que um dia, e em outro lugar, um outro relato seja feito de sua enigmática presença (FARGE, 2009, p. 117).

O trabalho no arquivo implica uma "lentidão das mãos e do espírito que pode ser criativa", escreveu a historiadora Arlette Farge (FARGE, 2009, p. 59). Ele é feito de transcrições e do prazer que estes gestos suscitam no pesquisador. Gestos que também implicam em resistir à autossuficiência das fontes, delas tomando uma justa distância para evitar ser absorvido pelos documentos e poder interrogá-los permanentemente.

Com estes princípios em mente e ciente dos sabores e perigos dos arquivos, no final do primeiro semestre de 2013 me encaminhei ao nuLIME para uma pesquisa no Acervo Mala de Jorge Amado. Este ensaio é o relato dessa breve incursão nesse local de guarda de uma parte da narrativa de intelectuais, escritores e militantes do Partido Comunista na clandestinidade.

Ao entrar em contato com este material, sem ideias preconcebidas e movida apenas pelo prazer de ser surpreendida, selecionei duas cartas datadas de 1941, trocadas por membros do Partido, do qual então fazia parte Jorge Amado. Mesmo sabendo da limitação de um estudo realizado no âmbito de uma disciplina de Pós-Graduação e que este escasso material não permitiria um estudo aprofundado, a intenção era realizar uma primeira abordagem dessas cartas, para mapear as possibilidades de pesquisa sobre estes sujeitos, suas ações, suas memórias.

Mas, afinal, como em tão breve tempo, reconstituir histórias das quais pouco ou nada se sabe? Como produzir sentido a partir de fragmentos, que por si só parecem pouco significativos? O que esses traços e vestígios deixados por um movimento interno de militantes que se organizava secretamente por meio de cartas, poderia me fornecer em termos de informação sobre estas pessoas e sobre esta época?

Esta tarefa demandaria o elogio das pequenas percepções. Já no início do século XVIII, o filósofo alemão William Leibniz chamava a atenção para o fato de que o som das ondas resulta da imensa e incontável quantidade de gotículas que a constituem. Seria então necessário imergir na intimidade de

todo um universo de correspondências alheias para construir uma narrativa possível.

Numa pesquisa, qualquer carta ou correspondência tem o poder de intrigar, despertar curiosidade, enredar e atrair pelo que tem de mistério e de implícito. O traço traz a idéia de um significado camuflado a decifrar, uma estética do oculto. Abrir uma correspondência clandestina é participar da idéia ou da ilusão de que o não visível é mais instrutivo do que o aparente.

Geralmente associada a uma escrita de um jato, sem interrupção, nem emenda, a carta também pode ser fruto de um trabalho de composição mais ou menos importante. Ao analisar uma correspondência, leva-se em conta o texto, mas também seu espaço material, no qual as rasuras, as reformulações e as mudanças de tintas, entre outras marcas, podem ser lidas como traços de invenção.

Geralmente uma carta é motivada por uma necessidade precisa. Apesar de oferecer grande liberdade ao redator, é um gênero muitas vezes codificado, permitindo definir tipos de correspondências em função do efeito que visa produzir sobre o destinatário. Ao longo dessa troca, os diferentes participantes, no interior do discurso epistolar, exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas. Um lugar de tensões particulares entre o individual e o social.

As cartas encontradas no Acervo Mala de Jorge Amado eram destinadas a serem lidas e a circular para além de um único correspondente. Daí me ponho a refletir sobre o papel da rede epistolar na constituição do movimento comunista no exílio. Afinal, não se pode esquecer que a espontaneidade das narrativas conservadas neste acervo é indissociável de sua dinâmica política. A leitura dessas fontes não pode portanto ser ingênua, o significado dessas histórias nunca é imediato. Sua decifração depende da possibilidade de restituí-las no interior de um contexto difícil, que só pode ser lido à contrapelo.

Seria impossível compreender as dificuldades de comunicação enfrentadas pelos comunistas, sem levar em conta a ancoragem dessa correspondência na conjuntura particular do Estado Novo (1937-1945). Os meios de comunicação eram limitados e não se assemelham em nada ao aparato tecnológico atual. Além disso, para um regime de cunho ditatorial, dominar a comunicação permite vigiar e controlar.

As cartas funcionavam como suportes de estratégias de luta contra a opressão. Apesar da vigilância, os correios ainda representavam a preservação de um espaço de liberdade. Certamente os missivistas recorriam a diversos

expedientes para contornar regras, dando provas de resistência, fazendo da correspondência uma ponte para superar os obstáculos da distância.

Ao contrário do estado de muitos documentos de outros arquivos nacionais, não há nessas cartas o desgaste provocado pelo tempo que corrói palavras e gera lacunas. Apesar do amarelecimento, as cartas estão bem conservadas e as dificuldades de compreensão de seu conteúdo se dão, entre outras razões, pela dissimulação dos nomes.

Já imaginava que sob atuação clandestina, temendo a vigilância e a fim de prolongar a dissimulação do conteúdo epistolar, as mensagens ali inseridas poderiam estar criptografadas, seja pela má qualidade da grafia, seja pelo uso de uma linguagem codificada ou de pseudônimos. E, efetivamente, percebe-se na leitura que elas são um meio de comunicação cifrado pelo qual os correspondentes mantiveram suas identidades e construíram um edifício imaginário onde habitaram e compensaram minimamente a privação causada pelo exílio.

As cartas dos comunistas do Acervo Mala de Jorge Amado ajudam-nos a compreender a resistência, seu funcionamento e seus objetivos. Elas nos dão pistas que permitem ver que a luta não se limita a ações muitas vezes falsamente divulgadas como as militares, as sabotagens e atentados, atos sempre presentes na memória coletiva. Elas, na verdade, dão a ver as múltiplas facetas de suas práticas, técnicas e modo de organização. Elas permitem perceber como homens e mulheres inventaram seus próprios meios de comunicação num contexto de censura da liberdade de expressão.

Quando essa liberdade é suprimida, quando a censura se coloca em cena, cartas podem ser abertas e depois reenviadas ao destinatário após serem novamente lacradas. No Brasil, a perseguição aos opositores comunistas foi uma das características do Estado Novo, e marcou o quase aniquilamento do PCB. Contudo, a prisão ou exílio de muitos de seus quadros gerou também resistência e uma rearticulação que teve ressonância já a partir de 1938.

Com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939, a imprensa adquiriu um status de colaboradora do poder público. Neste cenário hostil, resistir era se opor a um regime ditatorial. Os resistentes se batiam contra o Estado Novo, o nazismo e o imperialismo norte-americano.

Entrar no Partido era fazer a escolha da desobediência, da recusa, da insubmissão, da ação. Era dizer não, ser contra. Os riscos de prisão e de denúncia eram enormes e o perigo, permanente. A clandestinidade se impôs para sua proteção e a de seus familiares. Muitos resistentes sacrificaram seu conforto pessoal e sua vida cotidiana pela luta.

Era uma aventura incerta. A resistência tomava formas múltiplas e não se limitava ao combate armado. Resistir implicava também em atos como escrever panfletos, artigos, romances, manifestar-se por escrito e verbalmente em reuniões. Os membros do Partido sabiam que a contra-propaganda era uma necessidade para alertar os espíritos e despertar consciências. Eles exploravam suas competências pessoais, suas qualidades, sua imaginação para contornar os obstáculos materiais, financeiros e a repressão. Para prosseguir em acordo com seus ideais.

Intelectuais, jornalistas, poetas e escritores se engajavam no movimento e colocavam sua arte a serviço desse combate. Era o caso de Jorge Amado, influenciado também por Archibald MacLeish, poeta americano que escreveu o ensaio “*Os irresponsáveis*”, encontrado também na Mala. Neste texto é demandado aos intelectuais produzir uma poesia engajada que afaste o risco do nazismo.

Uma guerra de palavras se engajava por meio de suportes detalhados. Escrita e palavra evoluíam em um ambiente de desinformação que lhes é extremamente desfavorável. Para os comunistas, dizer a verdade para a população resignada era essencial para devolver a esperança. Os folhetos e jornais por eles produzidos traziam informações pouco acessíveis à população. O objetivo era incitar a agir ou mesmo a entrar no movimento de resistência. Comunicar era vital para engrossar os efetivos.

Para os escritores clandestinos a dificuldade era antes de tudo material e financeira. O papel e a impressão custavam caro. Os resistentes deviam contar muitas vezes com os próprios recursos e com a generosidade de outras pessoas para publicarem.

Na sua crônica falta de meios, era preciso dirigir-se a um editor profissional para reproduzir um documento. A intervenção de impressores profissionais que aceitavam colocar sua vida e trabalho em perigo, permitiram à resistência multiplicar suas tiragens.

A penúria do papel pode ser notada nas palavras de Jorge Amado referindo-se à publicação da revista *Diretrizes*, fundada por Samuel Wainer:

Oficialmente tratava-se de publicação mensal, de fato saía quando Deus ou o Diabo dava bom tempo - o dinheiro necessário para o papel e a gráfica - e o Departamento de Imprensa e Propaganda, o famigerado DIP, permitia (WAINER, 1988, p. 8).

Além disso, outra dificuldade para os integrantes do partido era se comunicar entre eles sem se fazer notar. Sua atividade na ilegalidade os obrigava a agir escondidos e em lugares pouco ordinários. Pois tudo era

suscetível de chamar a atenção, atrair a curiosidade de um vizinho, da polícia. O objetivo era tornar-se invisível, fundir-se na massa e adotar uma vida que é aquela de todo mundo.

Novo nome, novo endereço, novo ofício, o militante tornava-se um outro, clandestino. Os diferentes agentes só deveriam se comunicar sob seu pseudônimo, ou pelo menos evitar o registro de sua verdadeira identidade.

O pseudônimo podia ser um simples nome ou prenome, mas poderia também ser inspirado na literatura, na mitologia ou na natureza. Nos documentos do Acervo Mala de Jorge Amado, encontram-se alguns bem pitorescos, como “Bichinho”, “Baby”, “Campeão”, entre outros.

Enquanto o partido se encontrava sem direção e muitos militantes estavam presos ou exilados, como se concretizaria a unificação do movimento? Como os resistentes se comunicariam e trabalhariam em conjunto? A transmissão de mensagens, documentos e de informações era primordial. É sobre ela que repousa toda a comunicação entre os resistentes. Para isso se utilizaram dos correios e de agentes de ligações, integrantes do grupo que tinham por função retransmitir informações sigilosas não registradas em papel.

Outros tempos e outros meios de comunicação, mas os princípios e objetivos são sempre os mesmos. Lá, como agora, a contra-propaganda é uma necessidade para alertar os espíritos e conscientizar. Comunicar para resistir é mais do que nunca atual.

1. UMA LEITURA DE CARTAS

Escrever cartas é mostrar-se, fazer-se ver e fazer aparecer a própria face diante do outro. Ao escolher como objeto de consulta as cartas escritas por alguém que assina com o pseudônimo Palma, uma delas endereçada ao “Querido camarada e amigo Joaquim” e a outra, “ao Velho e querido amigo”, logo me perguntei: o que elas guardam enquanto traço residual de um projeto existencial e político desse período?

As cartas datam de 05 e 12 de dezembro de 1941, em plena ditadura, portanto. São correspondências de militantes engajados que utilizam pseudônimos em sua unidade de ação, para manter sua organização dentro dos grupos comunistas espalhados pelo Brasil, Montevidéu e Argentina. Para eles, garantir o cumprimento de seu dever consiste “em saber mobilizar a massa popular para que o governo possa cumprir seu compromisso internacional e prevenir contra qualquer ação dos ‘quintacolonistas’, encarapitados nos

órgãos administrativos, principalmente nas forças armadas e no aparelho de segurança interna.”¹

Palma, Joaquim, Baby, Munhoz, Bichinho, nomes de “guerra” que poderiam se referir a qualquer um. Já, JA, refere-se a Jorge Amado:

sobre o assunto necessito que você e JA mande notas no mesmo tom da do Paraguassú para sahir numa pagina que estamos preparando aqui. Amado pode mandar um pequeno trecho do seu livro. Pequeninho e que venha em castelhano (Carta a Palma, de 26/12/41. Documento nº 1026).

A solicitação para colocar apenas as iniciais do nome e o sobrenome nos envelopes das correspondências² me leva a pensar que os resistentes também se utilizavam dos nomes próprios. Esta, talvez, possa ter sido uma das razões para que o próprio Jorge Amado não mantivesse consigo o material contido no Acervo. Embora ele tivesse cuidado para que fosse preservado, haja vista que a Mala foi guardada e chegou até aqui. Eles estavam escrevendo para a posteridade. Eles sabiam que estavam fazendo história.

Destaco nessa minha leitura das cartas, a troca de artigos e “calhamaços” entre os militantes e a solicitação do envio de textos para publicação em periódicos como “*Cri*”, *Gazeta* e *Diário*, com objetivo de divulgar as ideias do partido.

Na tentativa de saber um pouco mais sobre esse grupo, optei por realizar a leitura de algumas outras cartas, além daquelas escritas por Palma. O que se destaca é que o seu nome é diversas vezes repetido em cartas de Joaquim, Munhoz, Baby e Juan. A maior parte refere-se a Palma como uma pessoa para a qual se enviam textos com uma certa regularidade. Essa referência constante à produção de textos associada a Palma, levou-me a pensar em sua figura como responsável pela difusão das ideias. Alguém com acesso a gráficas ou, quem sabe, seria ele mesmo um editor.

Abaixo, transcrevo os vários trechos extraídos das cartas que apontavam para esta hipótese (grifos meus):

No dia 23 mandei a tua direção uma carta a ti e ao Pompilio com meu novo “calhamaço” de 7 páginas. É disso que se trata? Necessito reposta urgente para saber se o receberam e como o acharam. Quero sabê-lo antes de sair daqui. Será isso a que chamas de roteiro? Responda-me. Peça ao Pompilio,

¹ Carta de Joaquim a Palmarino, 10/12/41, Montevideo, X,XII, 1941. “A ‘Quinta coluna’ seria um agrupamento de imigrantes alemães e brasileiros traidores, dedicados a trabalhos de espionagem e sabotagem” (WAINER, 1988, p. 58).

² Conforme se lê em carta enviada a Palma: “Minha casa é n.1128. Põe no endereço as primeiras iniciais e só o último sobrenome, o da capital do país de nossos avós mais civilizados.” Carta a Palma, de 26/12/41. Documento nº 1026, In: Acervo Mala de Jorge Amado.

Bb, JA e V a sua opinião. Quando me responderes seja concreto e explícito. Junto mando um artigo que pretendo publicar comentando as palavras de FC que julgo boas, dentro do que pode fazer o general. Leram o seu manifesto? Manda-lo-ei em uma outra (Carta a Palma, Montevideú, 30/12/41, Doc. nº 512).

Creo que ya habéis recibido un trabajo mio, que debería merecer de todos vosotros atención maxima. También envié a la dirección de Baby ya a sus cuidados un material sobre el cumpleaños de nuestro gran jefe. **Acompañaba ése un artículo escrito** por Manuel Paraguassú que podría ser transcrito ahí, con algunas modificaciones. [...] Personas como tú y otros que tienen verdadero amor a nuestra causa ya saben bien que quieren y lo que hicieron. [...] Junto sigue las cartas que me enviaste. Sigo vuestras instrucciones (Carta a Palma. Remetente: Juan, Montevideú, 29,12-1941, Doc. nº 513).

Os plumíferos como tu tem facilidade de escrever e encanto nas expressões. Sabem matizar bem os assuntos chatos com frases de espírito. Tal não acontece com os que têm a pena rombuda como eu (Carta de Joaquim a Palmarino, 10/12/41, Montevideú, X, XII, 1941, Doc. nº 503-505).

Penso que se **deve fazer imediatas publicações** dos seguintes artigos: sobre a penetração dos alemães, italianos e japoneses no Brasil. Você se lembra daqueles brilhantes artigos que se publicou na “A Manhã”. Hoje eles têm muita atualidade. Devem ser assinados por você, JA, Baby e P. “CRI e outros jornais devem ser explorados. Ao demais dos nossos desde logo.” Outra coisa: Falei com o responsável do DP. Consegui que você, JA e o Baby escrevam artigos especiais para ele. Devem ser pequenos, tipo do que escreveu Paraguassú no dia 10-12 (Carta de Joaquim a Palmarino, 10/12/41, Montevideú, X,XII, 1941, Doc. nº 503-505).

Quero que me mandes urgentemente o artigo de Vitor sobre o 27 e me diga se foi publicado o meu sobre a anistia e donde (Carta de Joaquim a Palmarino, 10/12/41, Montevideú, X, XII, 1941, Doc. nº 503-505).

Tudo o que aqui escrevemos é para o bem de todo o nosso grupo e de cada um em particular.

Estou ansioso para receber uma outra obra literária tua (Carta de Joaquim a Palmarino, 10/12/41, Montevideú, X, XII, 1941. Doc. 505).

Um escritor e jornalista de teu prestígio sempre tem as 'coisas pensadas'. **(o objetivo central desta é mandar-te um novo trabalho.** Ele está dedicado ao nosso bom amigo P. Você lerá porque o fiz. Antes de entrega-lo, naturalmente vás le-lo. [...] Enfim, a ti confio mais uma vez a sorte de meu novo calhamaço (Carta a Palma, Montivideú, 23/12/41, Doc. nº 498).

Até o domingo, Outro assunto: **Recebeste o meu novo calhamaço?** Estou ansioso para saber a tua valiosa opinião e de todos os amigos (Carta ao Palma, 26/12/1941, DOC 495-496).

De acuerdo contigo en la calificación de “marxistas legales” a tal clase e posiciones. No me habia acordado de calificarlos asi. **Veo que el trato diario de los libros sirven para mucho.** [...] Es un hombre de criterio que nunca emite una opinión ligera (Carta ao Palma, Montevidéo, 20/12/41, Doc. nº 500).

Por estes fragmentos, Palma aparece como escritor atento e criterioso e que também lê a produção de vários camaradas. Nelas percebe-se que por meio dele se forma uma rede de solidariedade e de debate entre os militantes latino-americanos.

Devido a esta sua função aglutinadora, surgiu-me logo a indagação sobre o tipo de obras que ele produziria. Seria ele também um escritor de romances, um cronista? Que tipo de comunicação ele estabelecia pela escrita além das cartas trocadas entre os militantes comunistas?

Iniciei minha busca nas obras de Jorge Amado. Pensei que encontraria em *Navegação de cabotagem*, seu livro de memórias, alguma referência aos tempos de militância e que alguns pseudônimos pudessem ser revelados. Mas Jorge é firme:

Tantos anos depois de ter deixado de ser militante do Partido Comunista, ainda hoje quando a ideologia marxista-leninista que determinava a atividade do Partido se esvazia e fenece, quando o universo do socialismo real chega a seu triste fim, ainda hoje não me sinto desligado do compromisso assumido de não revelar informações a que tive acesso por ser militante comunista. Mesmo que a inconfidência não mais possua qualquer importância e não traga consequência alguma, mesmo assim não me sinto no direito de alardear o que me foi revelado em confiança. Se por vezes ao recordar, sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo (AMADO, 2006, p. 14).

Assim, e ainda com um exíguo tempo de trabalho para pesquisar nessa documentação, não me foi possível evitar um sentimento de frustração. Pois, aparentemente, estava seguindo uma direção equivocada. Digo aparentemente, porque é ali mesmo, nessa obra, que o autor e dono da *Mala* faz referência a alguém chamado Palma (grifos meus):

Fora das sessões plenárias e das comissões era a festa e que festa! Ininterrupta, delirante, as rédeas soltas. Coquetéis – recordo animadíssimo coquetel em casa de **Nelson Palma Travassos**, cronista bem-humorado, dono da Gráfica da Revista dos Tribunais, anfitrião rico e amável, onde reparei em Zélia pela primeira vez –, festinhas, danças improvisadas, bate-coxas animados, comilanças, beberanças e, acima de tudo, a boa fodilhaça: como se fodeu nesse Congresso, inimaginável! (AMADO, 2006, p. 28).

O gosto por festas é de muitos, inclusive dos comunistas. Então juntei: comunistas, festas e Palma, parecia se abrir ali uma pista para desvendar o pseudônimo Palma. Este companheiro vez ou outra se refere a festinhas, conforme destaque em negrito nas cartas. Mas não foi o espírito festivo que me chamou a atenção, e sim o fato de que Nelson Palma Travassos, conhecido cronista e dono de gráfica, talvez fosse alguém do círculo de Jorge Amado. Este aspecto veio ao encontro das suspeitas de que o frequentemente citado “Companheiro Palma”, fosse um homem vinculado à produção e difusão de obras literárias e textos diversos.

De fato, Nelson de Palma Travassos foi personagem importante do meio editorial brasileiro. Paulista de Santa Rita do Passa Quatro, nasceu em 1903, bacharelou-se em direito em 1928, foi auxiliar de contabilidade, viajante comercial, empregado no comércio, repórter, gerente e redator de jornais no Rio de Janeiro, secretário de revistas literárias e científicas em São Paulo, e fundador da Empresa Gráfica Revista dos Tribunais. Administrou a Revista Nova, secretariou e redigiu *O Comentário* (1930-1932), fechado pela polícia. Colaborou com vários jornais e revistas nacionais (MENEZES, 1978, p. 683).

O detalhe “fechado pela polícia” me fez pensar que poderia se referir a um local difusor de ideias consideradas subversivas. Quem sabe não se tratava mesmo de um companheiro ou, quem sabe, de um simpatizante admirador da causa e por isso sua colaboração com o partido? Seria este então o Palma das cartas?

Interessada em saber mais da produção de Palma Travassos, fui em busca de sua bibliografia. Além de seus livros *Nos bastidores da vida literária* (1944) e *Nem tudo que reluz é ouro* (1948), destaque duas obras, cujos títulos, por seu curioso prosaísmo, de imediato me chamaram a atenção: *O porco, esse desconhecido* (1957) e *O boi e sua senhora* (1962). Eles seriam, como indicam os títulos, simplesmente ensaios bem humorados de cunho pecuarista? Ou seriam narrativas críticas aos burgueses?

E havia também outra pista. Na contracapa do livro de ensaios, *Nos bastidores da literatura*, de Nelson Palma Travassos, prefaciado por Monteiro Lobato, há um rápido comentário de Brito Broca, no qual se lê:

Nelson Palma Travassos realizou (com *O porco, esse desconhecido*) aquilo que os franceses chamam “*une gageure*”, com um assunto aparentemente desprovido de qualquer interesse artístico e humano no seu livro que traz a marca da arte e da humanidade (BROCA, 1964).

Na mesma quarta capa, escreve Jorge Amado:

O porco esse desconhecido prova, mais uma vez, que (você) é um dos mais ágeis cronistas brasileiros, com seu lugar ao lado de Ruben Braga, Álvaro Moreyra e Eneida. Mas com um grande lugar!” (AMADO, 1964).

A partir dessas indicações, era preciso, evidentemente, ter acesso a este inusitado material para satisfazer a curiosidade e sanar as dúvidas. Seriam os animais, o boi e o porco, que me levariam a revelar a identidade desse atuante personagem da rede epistolar comunista clandestina? O porco me revelaria o comunista por trás das cartas e, surpresa: por trás do conhecido editor e empresário gráfico Nelson Palma Travassos?

Pois passei a imaginar que o personagem "porco" da obra de Travassos, talvez fosse o avesso daquele criado por George Orwell na sua alegoria ao comunismo, *A revolução dos bichos* (1945).

Lembrei-me também de “Carnaval da Vitória”, personagem de *Quem me dera ser onda* (1982), romance de angolano Manuel Rui. Embora seja um porco que atrapalha a disciplina revolucionária e que no decorrer da trama, é aburguesado. De todo modo, ao seguir o porco, eu encontraria o homem?

Mas, só pelo acesso às obras de Nelson Palma Travassos, teria condições de verificar com segurança se o caminho seguido até ali estava certo, e se associação do editor gráfico ao missivista tinha algum fundamento. Dessa forma, esperava cruzar as cartas selecionadas com outras fontes, tentando me prevenir dos dois riscos básicos do arquivo, indicados por Elizabeth Roudinesco: de um lado, o excesso de arquivo que leva ao factualismo e ao dogmatismo; e de outro, a sua ausência, que produz alucinações (ROUDINESCO, 2006).

Como veremos na sequência, o paulatino levantar desses traços e índices permitiram me aproximar da identidade do sujeito que aparecia nas fontes. E, na falta de outras referências, fiquei no terreno das inferências, me deixando levar pelo jogo de dissimulações das cartas clandestinas.

Mas, ao começar a conhecer as obras de Travassos, passei também a desconfiar dessa rápida identificação dos personagens postos em cena pelas fontes e por mim mesma. E assim, iniciei a, por incrível que pareça, prazerosa, leitura de *O porco, esse desconhecido* e de *O boi e sua senhora*. Tinha uma ideia em mente: se o personagem das cartas da Mala fosse realmente o Palma Travassos, sua construção narrativa teria como princípio a conscientização social e um didatismo político.

Efetivamente, a leitura de *O porco, esse desconhecido*, foi suficiente para me esclarecer. Porém, exatamente do contrário: o Palma Travassos não se encaixava no perfil do militante comunista. A obra, como ele próprio mostra, é um passeio pelas instalações de sua criação de porcos. Trata-se de um relato

que o autor recusa classificar como manual, mas, que instrui e esclarece sobre o ofício de modo eficaz e bem humorado. E em todo o texto, a única menção ao comunismo aparece numa “nota à segunda edição”:

Certa ocasião apareceu em São Paulo um jornalista português que costumava contar uma história que encantava Monteiro Lobato. Dizia ele que fora a uma aldeia tratar de determinado assunto. Procurava o prefeito, o corregedor, o escrivão, os políticos das fações opostas e não encontrara ninguém em casa. Estavam reunidos na residência do abade para almoço domingueiro. Quando ele lá chegara, sentavam-se todos à mesa, que tinha o seu centro ocupado por um imenso leitão assado ao forno. Lobato achava isto delicioso, significativo e afirmava que o que faltava para que a humanidade se entendesse era porco em abundância. O comunismo, dizia ele, promete o porco, mas nega lugares à mesa às personagens de fações opostas. Deste episódio se conclui que são os homens e não os porcos os incapazes de promoverem uma unanimidade. Mas pode-se acreditar que por meio de muito porco se venha a obter a paz entre os homens (TRAVASSOS, 1974, p. IX).³

Talvez a semelhança entre esses porcos, o de Orwell, o de Manuel Rui e o de Travassos se condense na frase que abre o livro deste último: “a alegria do porco é engordar”; ainda que nesta anedota, a alegria incida somente sobre aqueles que o comem ou criam e não sobre o suíno em si. A diferença entre esses três porcos é que o porco de Travassos não é nem a metáfora do espírito oportunista burguês, nem dos sentimentos mesquinhos que ele desperta. Trata-se do animal real, em manejo para a alimentação humana.

A esta altura, ao passar para a leitura de *O boi e sua senhora* já estava confirmada a não identidade entre o Palma das cartas e o Palma Travassos. Mas, resolvi tirar qualquer possível dúvida que pudesse permanecer. E de fato, nesta obra, o autor repete a proeza de *O porco, esse desconhecido*, isto é, escrever para leigos, o que vale dizer para um público mais amplo, sobre um assunto que poderia parecer dirigido a poucos. Mas desta vez, ao invés de um manual destinado a ensinar a suinocultura, redigido ao modo de crônicas, o livro apresenta em forma romanesca, - e como era de se esperar, sem nenhuma menção ao comunismo -, a história da introdução do gado zebu no Brasil e a melhor maneira de criá-los.

Não havia mais dúvida. Percebi que nas pistas de minha pesquisa sobre a identidade do pseudônimo Palma me deixei levar por um vôo cego. No entanto, nessas idas e vindas, finalmente descobri que o porco era mesmo um porco, o

³ A título de lembrança, Nelson Palma Travassos escreveu uma biografia do escritor Monteiro Lobato: *Minhas Memórias dos Monteiros Lobatos*, publicada em São Paulo, em 1964, pela Editora Edart.

boi era mesmo um boi, e o Palma era dois Palmas. O renomado editor e fazendeiro erudito com talento para as letras, não era o comunista que eu, com o perdão do trocadilho, perseguia.

Faltaram-me elementos e tempo para checar todas as cartas e documentos, assim como várias outras fontes deveriam ter sido mobilizadas fora desse arquivo para tentar chegar a uma identificação segura.

Contudo, o que diz a experiência sobre o arquivo aqui relatada é que não se pode abordá-lo como reflexo do real, do qual se espera a produção de uma narrativa totalmente elaborada; ainda menos interpelá-lo como arquivo-prova cuja função é sustentar uma hipótese previamente concebida. O arquivo impõe a construção de um trajeto e de uma linguagem adaptada a ele. Ao mesmo tempo em que fundamenta a busca, mostra seus limites e possibilidades de interpretação.

Nada há a reificar, nada a fechar, guardar o gosto do inacabado, marcar os lugares em que os sentidos se desfazem e produzem inquietações. Essa breve experiência no Acervo Mala de Jorge Amado mostra que não se deve sufocar a ausência e sim manter a desconfiança onde reinavam certezas ilusórias.

Da minha visita até o momento de publicação desse texto, o arquivo vem rendendo teses e dissertações. Estudos que por sua natureza e tempo a eles despendido apontaram para outra possível identificação do militante missivista Palma.

Cruzando dados, pesquisas realizadas no nuLIME visando a catalogação e organização da massa documental da Mala, em 2016, descobriu-se por meio de análise estilística, caligráfica e data natalícia, que o pseudônimo Palma, também identificado em outras cartas como Palmarino, Secretário ou Secr., possivelmente se referia a Pedro Motta Lima, jornalista, escritor e fundador de vários jornais de esquerda⁴ (COELHO, 2016, p. 25).

A partir daí, com a notícia desse novo personagem e ator social tudo mudou para mim. Os nomes e as pessoas pareciam começar a se encaixar. Foi o que aconteceu. E eu pude "encerrar" esta rápida enquete sobre esse personagem da história política brasileira contemporânea. De posse dessas novas informações, uma breve consulta ao acervo da Biblioteca Nacional mostrou-me sua imagem estampada nas páginas dos jornais de esquerda, sempre associado à luta contra o imperialismo norte-americano. O pseudônimo Palma, finalmente, se encarnava em um homem de carne, osso e ação política.

⁴ Em sua trajetória jornalística, Pedro Motta Lima participou da redação do jornal *A Nação* em sua primeira fase, apoiando tanto o tenentismo quanto o comunismo. Fundou *A Esquerda* e posteriormente *A Batalha*, jornais com as mesmas tendências do primeiro. Ver: LACERDA, 2017, p. 47.

Segundo o jornal *A Batalha*, Pedro Motta Lima, o eminente diretor de ‘*A Esquerda*’, era descrito, com um certo entusiasmo, como um

panfletário flamejante e ousado, romancista moderno, de estilo vigoroso, observação agudíssima e largos recursos culturais, o que lhe valeu um nome popularíssimo e profundamente simpatizado entre as grandes massas populares e as elites do Brasil (*A Batalha*, nº 05, Anno I, 25 de dezembro de 1929).

Contudo, nesse passo, uma nova dúvida ameaçou despontar. Neste mesmo periódico, encontra-se, na seção *Anniversários*, os cumprimentos à “Priscilla Viegas da Motta Lima, dedicadíssima esposa” de Pedro Motta Lima. E algo ali me pareceu não se encaixar. Em uma das cartas do Acervo Mala de Jorge Amado, sua esposa é identificada pelas iniciais CL, referindo-se à Cristina Viegas Motta Lima, informação que encontra respaldo no acervo do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC.⁵ Será que esse detalhe revelaria que o recém descoberto Pedro Motta Lima não era o Palma das cartas?

Para tentar a prova final, realizei nova busca. Descubro no acervo virtual da Casa de Oswaldo Cruz, o registro de Luiz Viegas da Motta Lima, filho de Pedro Motta Lima e Priscilla Viegas da Motta Lima, nascido em 1923. E logo veio a questão: Cristina seria uma segunda esposa ou o pseudônimo de Priscilla?⁶

Mas, dei-me por satisfeita com as identidades enfim reveladas. E embora permaneça a curiosidade em descobrir a origem e o sentido desses pseudônimos, este deciframento exigiria novas pesquisas. Aqui arrisco apenas uma rápida ideia sobre Palma, que talvez possa ser uma espécie de acrônimo meio às avessas de Pedro Motta Lima. Mesmo que permaneça obscuro o porquê desses pseudônimos especificamente, eles claramente mostram e politicamente denunciam a necessidade de camuflar o nome, na segunda metade dos anos 1930, início da ditadura do Estado Novo. No caso de Motta Lima essa necessidade fica clara na entrevista realizada com o seu filho pela historiadora Ângela Meirelles de Oliveira. Ela estudou as ideias antifascistas nos intelectuais brasileiros, uruguaios, argentinos e franceses entre 1933 e 1939. Nessa entrevista, ele revela que o pai teria retornado ao Brasil na

⁵ Segundo Thalita Coelho, na carta 1026 do acervo, um dos missivistas faz referência à companheira de Palma, identificada pela abreviatura CL (COELHO, 2016, p. 23). Ver também a ficha de Pedro Motta Lima no acervo CPDOC. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIMA, Pedro Mota.pdf>. Acesso em: 11/05/2020.

⁶ Registro biográfico de Luiz Viegas da Motta Lima. Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/luiz-viegas-da-motta-lima>. Acesso em: 11/05/2020.

clandestinidade e continuado a publicar nos países do Cone Sul, dissimulando sua volta ao Rio de Janeiro.⁷ O que não se sabe é se ele voltou aos países vizinhos entre os anos de 1939 e 1942. Afinal, as cartas do Acervo Mala de Jorge Amado datam de 1941 e 1942. Mas é bem provável que a utilização de um codinome nessa circunstância fosse ainda mais fundamental.

No pouco tempo dessa pesquisa, constatei que a biografia de Pedro Motta Lima, o Palma, é feita de muitos nomes. Pelos amigos, como Graciliano Ramos, era carinhosamente chamado de Doca. Em sua obra "Infância", no capítulo Astrônomos, ele narra sua admiração pela família do militante:

Aos nove anos, eu era quase analfabeto. E achava-me inferior aos Mota Lima, nossos vizinhos, muito inferior, construído de maneira diversa. Esses garotos, felizes, para mim eram perfeitos: andavam limpos, riam alto, freqüentavam escola decente e possuíam máquinas que rodavam na calçada como trens. Eu vestia roupas ordinárias, usava tamancos, enlameava-me no quintal, engenhando bonecos de barro, falava pouco (RAMOS, 1981, p. 199)⁸

Entre o ativismo político e a editoração de jornais, Pedro Motta Lima também publicou romances. E estes, bem ao estilo do realismo social: *Coronel Lousada* (1925), *Bruhaha* (1929), o único romance comunista produzido no Brasil nos anos de 1920,⁹ *Zamor* (1940) e *Fábrica da pedra* (1962).

Conhecido pela polícia como "o editor vermelho", sua vida foi agitada e não lhe faltaram perseguições e prisões. Foi penalizado a 2 anos de prisão em 1951, pela publicação de um texto que causou atrito entre o Brasil e os Estados Unidos. Em 1966, aparece entre os réus no mesmo julgamento que condenou Luís Carlos Prestes a quatorze anos de prisão. Em novembro daquele mesmo ano, ele morreu em um acidente aéreo na Tchecoslováquia (MAYNARD, 2007, p. 102).

No final das contas, ao que tudo parece indicar, o Palma das cartas é o pseudônimo de Pedro Motta Lima. E, encerrando esse relato, destaco deste meu

⁷ Em entrevista com a autora, Luis Viegas da Motta Lima, filho de Pedro, revela: "Para todos os efeitos [ele] estava exilado na Argentina, mas, por volta de 1937, me encontrava com ele todos os sábados [no Rio de Janeiro]. Entrevista concedida a autora, por telefone, em 20/04/2012." Ver: OLIVEIRA, 2015, p. 35.

⁸ Apesar de amigo dos vizinhos Motta Lima, na sua infância em Alagoas, Joaquim, Pedro, Paulo e Rodolfo, a maior proximidade de Graciliano era com Joaquim Pinto, com quem se comunicava constantemente: LEBENSZTAYN, 2017, p. 146.

⁹ Sobre o primeiro romance comunista e os principais personagens em cena nessa trama ambientada na época dos tenentes revolucionários, o representante do imperialismo, o empresário estadunidense, o representante do mundo urbano industrial, os sindicatos e políticos governistas, o representante do mundo rural semi-feudal, o latifundiário nordestino e o representante da pequena burguesia, o jornalista de oposição, ver: LACERDA, 2017, p. 48 e p. 187; MENESES, 1978, p. 369.

breve percurso no arquivo, a função estratégica da relação epistolar que o missivista Palma estabeleceu com os outros membros do partido. No que se refere ao período de exílio, sua ação aglutinadora e promotora da comunicação entre os seus camaradas foi da maior importância para eles e para a história, que tinham consciência de estar fazendo. E ainda, e não menos importante - graças à iniciativa do nuLIME em organizar e colocar à disposição dos pesquisadores essa documentação -, o acesso à essas cartas ajuda a esclarecer vários aspectos relativos ao papel do intelectual militante comunista, da vida literária e da palavra escrita como ação de resistência. Apesar do poder da polícia e da censura, apesar de condenados à ilegalidade e ao exílio, a experiência deles mostra que a repressão tentou silenciá-los, mas não pôde contê-los.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Navegação de cabotagem**. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BENEVIDES, Cezar Augusto Carneiro. Nacionalismo e repressão no Estado Novo. In: **49 Congresso Internacional de Americanistas (ICA)**, Quito, Ecuador, 7-11 julio 1997. Disponível em: https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com/&httpsredir=1&article=1304&context=abya_yala. Acesso em: 21/06/2013.

COELHO, Thalita da Silva. *Entre esparsos e inéditos: a mala de Jorge Amado (1941-1942)*. Dissertação (Mestrado) - UFSC - CCE - PPGL, 2016.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor**. São Paulo: Edusp, 2006.

LACERDA, Felipe Castilho de. **Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do comunismo no Brasil**. Dissertação (Mestrado) - FFLCH, USP, 2017.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhem. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1992, p. 8. Disponível em: <https://marcosfabionuva.files.wordpress.com/2011/08/novos-discursos-sobre-o-entendimento-humano.pdf>. Acesso em: 21/06/2020.

LEBENSZTAYN, Ieda. Cartas de Graciliano na França: letras autodidatas no mundo de óculos quebrados. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 67, p. 142-164, ago. 2017.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O despertar da classe operária no sertão alagoano: considerações sobre o romance *Fábrica de Pedra*. **Revista eletrônica de história, memória & cultura**. Vol. 1, ano 1, 2007. Disponível em:

<https://www.seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3139>. Acesso em: 10/05/2020.

MENESES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

OLIVEIRA, Ângela Meirelles. Exilados brasileiros nos países do Prata: mediações e luta antifascista (1933-1939). **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://revista.anphlac.org.br>. Acessado em 10/05/2020.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942. **Navegações**, v. 5, n. 2, p. 156-161, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/12793/8545>. Acesso em: 15/06/2013.

ROUDINESCO, Élisabeth. **A análise e o arquivo**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**. Tomo III, 3º volume Sociedade e política (1930-1964). 3. ed. São Paulo: Difel, 1986.

SOUZA, Eneida M. de; MIRANDA, Wander. M. (Org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

TRAVASSOS, Nelson Palma. **Nos bastidores da literatura**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1964.

TRAVASSOS, Nelson Palma. **O porco, êsse desconhecido**. 4. ed. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1974.

TRAVASSOS, Nelson Palma. **O boi e sua senhora**. 2. ed. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1974.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. NUNES, Augusto (Org.). 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1988.

CORRESPONDÊNCIAS

Documentos n. 495-496. Carta a Palma. 26/12/1941.

Documento n. 497. Carta de Joaquim ao Estimado amigo e camarada Baby. 25/12/1941.

Documento n. 498. Carta ao Estimado amigo e camarada Pom. Montevideú, 23/12/1941.

Documento n. 500. Carta a Palma. Montevidéo, 20/12/1941.

Documentos n. 501-502. Carta ao Palma. Montevidéo, 18/12/1941.

Documentos n. 503-505. Carta de Joaquim ao estimado amigo e camarada Palmarino. Montevidéo, 10/12/1941.

Documento n. 512. Carta ao querido amigo Palma. Montevidéo, 30/12/1941.

Documento n. 513. Carta de Juan ao querido e camarada Palma. Montevidéo, 29/12/1941.

Documentos n. 1054 a 1056. Carta de Palma a Joaquim. Buenos Aires, 07/12/1941.

Documento n. 1057. Carta de Palma ao Velho e querido amigo. Buenos Aires, 05/12/1941.

Documento n. 1026. Carta de Juan a Munhoz, Montevidéo, 27/12/1941.

Documentos n. 1386 a 1404. **Ensaio de Archibald MacLeish**. Trad. e divulgação. Concha Romero James. Departamento de Cooperação Intelectual da União Panamericana. Washington, D.C., dezembro de 1940, p. 1-17.

CAVALEIRO BIOGRAFADO¹

Nicola Gonzaga

E onde queres bandido, sou herói.
(Caetano Veloso. Velô, 1984. Faixa 7).

*A inscrição é a memória que nunca esquece
que existe esquecimento e nunca cessa
de escrever a insuficiência
da lembrança.*
(João Guimarães Rosa)

Este capítulo foi inspirado no acervo de Jorge Amado, pertencente ao núcleo de Literatura e Memória (nuLIME) da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Com documentos inéditos a respeito da trajetória correspondente aos anos 1941-1942 do escritor, o acervo é a materialidade do autoexílio² cumprido por Jorge Amado a Buenos Aires e posteriormente a Montevidéu, para escrever a biografia do militante e presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora, Luiz Carlos Prestes. O acervo é parte de uma fase literária em que Jorge Amado, na época militante do Partido Comunista, produziu sua Literatura de Partido³.

Ainda muito jovem, o escritor foi comprometido com o ofício da escrita e já havia publicado algumas obras na primeira fase de sua produção. Esta fase foi influenciada pela forte atuação política e traz críticas sociais, como a seca

¹ Parte da dissertação de Mestrado intitulada *O Cavaleiro biografado e outros ecos*, sob orientação da professora Dra. Tânia Ramos e defendida em dezembro de 2016, pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGLIT/UFSC.

² O termo autoexílio ou exílio voluntário é usado na literatura para marcar a diferença entre ser exilado e se exilar.

³ A Literatura de Partido é descrita por Vladimir Lênin (1905), revolucionário e chefe do Estado Russo, como uma maneira de se posicionar contra aos costumes burgueses, à imprensa empresarial e mercantil burguesa, ao carreirismo e ao individualismo literários burgueses e à corrida ao lucro. Segundo ele, “o proletariado socialista deve avançar o princípio da literatura de partido, desenvolver este princípio e aplicá-lo da forma mais completa e integral possível. Em que consiste este princípio da literatura de partido? Não é só no fato de para o proletariado socialista a atividade literária não poder ser um instrumento de lucro de pessoas ou grupos; ela não pode ser de modo nenhum uma atividade individual, não dependente da causa proletária geral. Abaixo os literatos apartidários! Abaixo os literatos super-homens! A atividade literária deve tornar-se uma parte da causa proletária geral, «um rodízio e um parafuso» de um só grande mecanismo social-democrata posto em movimento por toda a vanguarda consciente de toda a classe operária.” In: LENINE, Ilitch Vladimir. *A organização do Partido e a Literatura de Partido*. Publicado a 13 de novembro de 1905 no jornal *Nóvaia Jizn* nº 12. Trad. das Obras Completas de VI Lênine 5. ed. russo t.12, p. 99-105. Disponível em: <http://dorl.pcp.pt/images/classicos/T10T005.pdf>. Acesso em: 15 out. 2014.

do sertão baiano e o sofrimento de trabalhadores nas plantações de cacau. As primeiras seis obras de Jorge Amado podem ser incluídas no que Edmundo Lopes (1961) chamou de Ciclo da Bahia. São elas: *O País do Carnaval* (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936) e *Capitães de Areia* (1937).

Para entender o que levou Jorge Amado ao engajamento com as ideias do Partido Comunista, é necessário revisitar a questão histórica do Brasil.

Em janeiro de 1938 deveriam acontecer as eleições presidenciais, quando foi alegado um suposto plano comunista, denominado Plano Cohen⁴. Getúlio Vargas se aproveitou de uma instabilidade política e promoveu o golpe de Estado no ano de 1937. O ex-presidente contou com o apoio dos militares e de uma parcela da população que temia o comunismo. Neste viés, o Governo Vargas, através do Estado Novo, proibiu uma série de publicações através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Jorge Amado, como opositor ao fascismo e à ditadura Vargas, ainda que muito jovem vivenciou tais acontecimentos e sofreu as consequências impostas pela censura da época por tomar partido.

Da parte de diversos escritores de muitas nacionalidades já existia a “militância literária pela palavra”, ou seja, a literatura como missão social de uma determinada época. Na militância do período ditatorial no Brasil muitos militantes de esquerda se posicionaram contra o fascismo, buscando na literatura (como na música, no teatro e nas artes em geral) recursos que propusessem o pensamento crítico e a veiculação de seus ideais, com o propósito de contribuir para uma possível transformação social.

Escrita em português, a biografia de Luiz Carlos Prestes foi traduzida para o espanhol por Pompeu Borges⁵, intelectual brasileiro e também amigo próximo de Jorge Amado, militante da Aliança Libertadora Nacional que residia na Argentina. A biografia foi publicada primeiramente em espanhol pela Editorial

⁴ Foi um documento divulgado pelo governo brasileiro em setembro de 1937, atribuído à Internacional Comunista, contendo um suposto plano para a tomada do poder pelos comunistas. Anos mais tarde, ficaria comprovado que o documento fora forjado com a intenção de justificar a instauração da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937. (Fundação Getúlio Vargas, 2015).

⁵ Thomas Pompeu Accioly Borges militou na Aliança Nacional Libertadora no Rio de Janeiro. Após a implantação da ditadura estado-novista, em novembro de 1937, passou a viver na clandestinidade. Em janeiro de 1938 foi condenado a três anos e dez meses de prisão pelo Supremo Tribunal Militar. Pediu asilo na Embaixada do Peru, foi a Paris e viajou depois para Buenos Aires, local onde encontrou trabalho e companhia de muitos brasileiros, inclusive dos que haviam fugido do novo regime. Tornou-se conhecido pelos círculos esquerdistas e socialistas, destacando-se no trabalho de ajudar aos republicanos espanhóis. Neste contexto, traduziu a obra de Jorge Amado, “Vida de Luiz Carlos Prestes” para o castelhano. (FALCÃO, 1988).

Claridad na Argentina, com o título *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*, em maio, no ano de 1942 (Anexo 1). No Brasil, foi traduzida posteriormente para o português, por Pompeu Borges, e publicada em 1945, com o título *Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*.

No acervo em que foram pesquisados os materiais encontram-se rastros de Luiz Carlos Prestes em inúmeros documentos, ressaltando e pondo em evidência o período histórico em que se situam estas passagens. Prestes, que naquele período estava preso sob a ditadura de Getúlio Vargas, contava com inúmeros militantes que davam voz ao ideal comunista. Havia claramente a necessidade em romper com o governo ditatorial da época, de falar e de pensar na contramão do que estava posto. O movimento era de libertação do herói e Prestes era o ícone que simbolizava este rompimento. Tal desejo de libertação é visível no acervo através de cartas, bilhetes e poesias trocadas entre Jorge Amado e pessoas do Partido Comunista. Neste sentido, o material encontrado é movido por um ideal político, de cunho militante e revolucionário.

É importante ressaltar que a biografia de Prestes é pautada praticamente em depoimentos de companheiros e memórias de admiradores, todos motivados pela luta antifascista e pela campanha de anistia do líder comunista. A fase abordada pretende ser, então, aquela em que a historiografia e a crítica literária costumam denominar de cunho socialista⁶ de Jorge Amado.

Alguns materiais do acervo são datados antes da publicação da obra, quando Jorge Amado escrevia, e é possível perceber isso também pelos documentos editoriais, cartas recebidas confirmando o compromisso com a Editorial Claridad, por exemplo. Da mesma maneira foram identificadas cartas de companheiros do Partido, assinalando o contentamento após a leitura da biografia de Prestes. Este capítulo trará, portanto, o acervo como mote central da pesquisa através da recepção crítica da biografia pelos companheiros de Partido, ratificando o processo de construção do herói, sempre latente, e a necessidade de disseminar os ideais comunistas na efervescência da pré-guerra.

A fim de constar dados gerais sobre a vida do escritor, é importante lembrar que Jorge Amado fora registrado com o nome de Jorge Leal Amado de Faria, nascido em Itabuna, Bahia, no dia 10 de agosto de 1912. Viveu a maior parte da infância em Ilhéus, lugar que lhe serviu de inspiração para os futuros

⁶ O livro *Jorge Amado, Política e Literatura*, de Alfredo Wagner Berno de Almeida (1979) divide em capítulos as diversas fases literárias de Amado, pontuando as rupturas entre essas fases. Primeiramente, a fase proletária, marcada pela publicação de seus primeiros romances, a questão das terras e da luta do povo frente ao coronelismo. A fase socialista de Jorge Amado corresponde àquela voltada para uma ideologia política, influenciado pelos ideais comunistas.

romances.⁷ Quando jovem, foi para o Rio de Janeiro estudar Direito na Universidade do Rio de Janeiro. A faculdade era um local que proporcionava aos estudantes da época debates a respeito de arte e política. Ao mudar-se para o Rio conheceu diversas pessoas, entre elas, Rachel de Queiroz, por meio de quem se aproximou dos comunistas. A filiação de Jorge Amado na Juventude Comunista no ano de 1932 teve forte influência no seu estilo literário. Em entrevista para Alice Raillard⁸ (1992), Jorge Amado revela que *Cacau* e *Suor*, publicados um em seguida ao outro - 1933 e 1934 -, significaram o seu encontro com a esquerda. Conforme a entrevista:

Fue en ese momento cuando me hice militante de izquierda, y también fue en esa época cuando me encontré con la literatura, con la novela proletaria de los años 20, con la literatura soviética de la primera fase y con los escritores estadounidenses que surgían... (RAILLARD, 1992, p. 57)

Logo após concluir o curso de Direito, em 1935, Jorge Amado se autoexila nas cidades de Buenos Aires e Montevideu para escrever, como militante, a biografia engajada de Luiz Carlos Prestes. Prestes foi eleito, em 1945, membro da Assembleia Nacional Constituinte, na legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Foi o deputado federal mais votado do Estado de São Paulo. Jorge Amado foi o autor da lei que assegura o direito à liberdade de culto religioso.

Os membros do PCB foram perseguidos e presos, e o Partido foi declarado ilegal. Jorge Amado se exilou então na França com a família, onde ficou até 1950, quando foi expulso⁹. De volta ao Brasil, Jorge Amado afastou-se da militância política em 1955, sem deixar os quadros do Partido Comunista. Dedicou-se profundamente à literatura. Conforme consta no site Fundação Casa de Jorge Amado, em 6 de abril de 1961 o escritor foi eleito para a cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono José de Alencar e por primeiro ocupante Machado de Assis. Jorge Amado faleceu em Salvador, no dia 6 de agosto de 2001, foi cremado conforme desejava, e suas cinzas foram enterradas no jardim de sua residência na Rua Alagoinhas, no dia em que completaria 89 anos¹⁰.

⁷ Jorge Amado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/>. Acesso em: 15 jan. 2012.

⁸ Alice Raillard foi uma escritora, editora e jornalista francesa, tradutora da maioria dos livros de Jorge Amado. O livro de conversações com Jorge Amado surgiu de uma entrevista que aconteceu entre novembro e dezembro de 1985, na famosa casa de Jorge Amado no Rio Vermelho, Salvador, Bahia.

⁹ Dados retirados do site da Fundação Casa de Jorge Amado.

¹⁰ Dados retirados do site da Fundação Casa de Jorge Amado.

1. ESCREVER PARA O POVO: DO ROMANCE PROLETÁRIO AO ROMANCE SOCIALISTA

Durante o período da monarquia e da primeira república, a sociedade brasileira que consumia trabalho intelectual era predominantemente a elite letrada (algo que também vemos nos dias atuais). Assim, quem escrevia livros ou outra produção intelectual escrevia para a parcela da população que teria acesso a esses materiais. Os temas, o ambiente, a trama e os personagens eram produzidos de forma que agradassem à elite brasileira ou que a provocassem pela perspectiva crítica, como aconteceu com os escritores do final do século XIX e início do século XX: Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto, por exemplo.

Jorge Amado, nascido no início do século XX, é o escritor que surge no contexto do movimento modernista (Anexo 2). Na opção por uma literatura engajada, via o poder legitimado no Brasil a serviço de uma elite dominante: financeira e principalmente cultural, e, talvez embora não fosse lido por aqueles sobre os quais falava, escrevia para mostrar um Brasil incômodo e exótico. Havia nos marginais, nos trabalhadores e sertanejos uma consciência reivindicatória e de protesto.

Segundo Almeida (1979), o escritor baiano irá da fase inicial da sua carreira, conhecida como Romance Proletário, para a fase descrita como Socialista/Realista. Os primeiros romances de Jorge Amado retratam a realidade do povo da época; ressaltam a secura da terra e as relações entre as pessoas. As descrições das personagens que vivenciam as dificuldades sociais enfrentadas fazem com que sua literatura se aproxime de um cunho popular - ou até populista. Dessa maneira, seus textos ficaram à margem de um processo canonizador academicista, já que transitava pelo universo do povo, em busca de um realismo geográfico, histórico, humanizado e denunciatório; e não apenas criado para possibilitar a leitura de criaturas de papel.

Uma história no romance de 30 aponta que os críticos sinalizam como defeitos persistentes nas obras de Jorge Amado elementos como a falta de complexidade interior das personagens, a linguagem pouco trabalhada e ausência de técnicas nos moldes tradicionais e o discurso poético, tornando a ação emperrada pelo discurso (CAMARGO, 2001). Um dos principais historiadores e críticos literários brasileiros, Alfredo Bosi (1990, p. 457-459), escreve que Jorge Amado utilizava, em seus primeiros romances, uma linguagem precária, diferente de outros escritores contemporâneos da década de 30/40:

[...] um romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros da sua terra [...] Além do uso às vezes imotivado do calão: o que é, na cabeça do intelectual burguês, a imagem do *eros* do povo”.

O crítico ainda acrescenta que a obra do escritor baiano deu de tudo um pouco: “pieguice e volúpia [...], estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, além de descuido formal a pretexto de oralidade”.

Sobre a fase em que se dão os livros *O Cavaleiro da Esperança* e *ABC de Castro Alves*, oriundos de um processo anterior de escrita social, Bosi (1990) dirá que não passa de um grupo de escritos de pregação partidária. Existe uma cobrança pelo fato de Jorge Amado ter transitado por diversos momentos de sua escrita, e, conseqüentemente, ter tido impulsos distintos de criação literária, quando deixa de lado o engajamento social para voltar-se às novelas regionalistas, se distanciando do fervor ideológico da juventude. Jorge Amado escreveu obras que retratam a vida dos marinheiros, dos coronéis e exportadores, desembocando, por fim, em um escritor amadurecido, publicando obras como *Gabriela, Cravo e Canela* e *Dona flor e seus dois maridos*.

Posteriormente, novas leituras em âmbito acadêmico foram feitas sobre a obra do autor e seus romances regionais. Ainda sobre o “escrever para o povo”:

Constitui-se em meta primordial e ponto de partida para adoção de uma linguagem marcada pela oralidade, com o uso do coloquial, configurando-se como grande distintivo da expressão de Jorge Amado. No plano do enredo, essa busca popular leva à absorção dos esquemas de aventura e heroísmo amplamente disseminados no cordel ou no romance de folhetim. (DUARTE, 1996, p. 34)

Jorge Amado produziu um tipo de literatura que trazia à tona os problemas sociais do povo nordestino, almejando a organização dos trabalhadores. Para Raillard (1992) a consciência proletária ainda estava em formação num país que começava a se industrializar e onde não existia, propriamente, uma classe operária. Conforme Fábio Lucas (1970), um dos importantes e tradicionais críticos literários, “o romance de costumes não punha a mão na chaga”, ou seja, não eram todos os escritores que mesmo vendo desigualdades expunham-nas em seus livros. Jorge Amado o fazia, e tornou visíveis histórias sobre personagens nordestinos, fez com que outros leitores conhecessem mais daquela outra realidade brasileira que não a do Sul ou a do Sudeste.

Ainda nos anos 30 o escritor demonstra sua postura político-partidária de maneira mais efervescente, que será refletida nas obras do período socialista, como o próprio *Cavaleiro da Esperança*. Já no alvorecer da década de 40, o jovem Jorge Amado defendia que os produtores literários precisavam afirmar de modo autônomo suas posições sociais enquanto escritores. Tal afirmação pode assim ser exemplificada,

Com relação à ingerência do Estado, ao acompanharmos o percurso literário de Amado no transcorrer da última metade dos anos 30 e da primeira dos anos 40, registramos inúmeras sanções emanadas do campo e do poder se abatendo sobre ele e inúmeros outros produtores intelectuais. Desde sanções relativas às possíveis atividades do escritor, como a proibição velada de ocupar cargos públicos, até restrições várias à circulação de seus trabalhos: queima de livros (*Capitães de Areia*, *Mar Morto*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá*, *O país do Carnaval*) em praça pública, impedindo seus livros (*ABC de Castro Alves*) de serem expostos em vitrinas de livrarias ou mesmo impedimentos de serem editados e colocados no circuito comercial, obrigando inclusive a que pelo menos uma primeira edição (*Vida de Luiz Carlos Prestes*) tenha sido publicada em outro país, sendo só mais tarde aqui reeditada. (ALMEIDA, 1979, p. 148)

Na 3ª edição da biografia *Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, de 1945, no campo *Apêndice* consta um documento do Estado Novo com os dizeres: “Incinerados vários livros considerados propagandistas do credo vermelho”, em que obras de Jorge Amado e José Lins do Rego foram as mais atingidas:

Os livros apreendidos e julgados simpatizantes do credo comunista, a saber: 808 exemplares de *Capitães de Areia*, 223 exemplares de *Mar Morto*, 89 exemplares de *Cacau*, 93 exemplares de *Suor*, 267 exemplares de *Jubiabá*, 214 de *País do Carnaval* [...] (AMADO, 1945, p. 361)

Nota-se que o Estado tinha seus mecanismos de coerção frente àqueles que de alguma maneira tentavam se expressar criticamente. Foi nesse cenário político conturbado que Jorge Amado esteve inserido, em meados da década de 30. É a partir deste panorama, envolvido com seu papel de escritor, que o jovem de 24 anos classifica o romance como “um ser político” e uma “arma para luta”, como constata-se na fala a seguir:

Nos encontramos num momento angustioso. E transformamos a revolução puramente literária dos modernistas num movimento de literatura social. [...] Nós nascemos da guerra e da revolução russa. Somos uma geração de romancistas. (TÁTI, 1961, p. 88-93)

Na época que compreende a segunda metade dos anos 30 e início dos anos 40, tem-se a publicação de *Mar Morto* e *ABC de Castro Alves*. Estas, por sua vez, eram obras que denunciavam a riqueza de uma pequena parcela diante da exploração e do suor de muitos trabalhadores, bem como o sangue derramado naquelas terras em que não era permitido discordar do poderio dos coronéis. É, portanto, neste contexto em que o Estado Novo ditava suas regras de ‘boa conduta cívica’, que Jorge Amado escolhe o exílio como forma de refúgio e para atender a missão pedida pelo Partido Comunista e assim continuar produzindo, uma vez que estava sendo vetado pelo Estado.

O engajamento político e a consequente repressão sofrida por Jorge Amado - seja enquanto autor de obras apreendidas e queimadas, ou enquanto jornalista a serviço do partido - exercem um papel amplificador e de caixa de ressonância que auxilia as narrativas a ganharem rápida notoriedade, a par dos inegáveis méritos de textos voltados para o grande público. (DUARTE, 2012, p. 32)

Desta forma, a fase que corresponde à Literatura de Partido não era bem vista pelas instâncias de poder. Afinal, o que Jorge Amado produziu de biografias (*ABC de Castro Alves* e *O Cavaleiro da Esperança*) tornou visíveis temas como a abolição da escravatura e a luta pela democracia, revelando figuras comprometidas com o povo e com as revoluções, além de delatar posições políticas que o Estado Novo impunha, como foi no caso da biografia de Prestes. Ao mesmo tempo em que estava sendo lido por um novo leitor, incomodava a ditadura, pois poderia insuflar os leitores por essa “literatura de combate”.

É interessante, por isso mesmo, perceber que a fase descrita por Almeida (1979) como “Realismo Socialista” do escritor é marcada por certa invisibilidade. Por exemplo, as biografias a respeito de Jorge Amado não enfatizam suas obras de cunho político (*O Cavaleiro da Esperança*, *Seara Vermelha*, *Homens* e *Coisas do Partido Comunista*), talvez “por serem considerados ‘escritos partidários’ e, por conseguinte não literários, no entender de críticos e editor” (ALMEIDA, 1979, p. 198).

É possível supor que o motivo de esquecimento da fase partidária de Jorge Amado e de outros autores que militam através da literatura se deva à ideia de que textos de cunho político, ainda que sejam produzidos por escritores reconhecidos, não são passíveis de maior crédito pela crítica e pela história da literatura, deixando este “papel” para pessoas ligadas ao estudo do pensamento político (como se não houvesse interligação entre esses momentos históricos). Ou, para ser menos parcial, considerar que o engajamento temático

dá menor elaboração formal ao texto, o que não permite um olhar mais apurado para o seu caráter estético.

2. A CONSTRUÇÃO DO HERÓI

A biografia *O Cavaleiro da Esperança* traz a visão romancada da trajetória de Luiz Carlos Prestes. Um Jorge Amado jovem, totalmente envolto pelos ideais comunistas, com o propósito de alcançar leitores na luta pela democracia e pela “libertação do herói”. A obra é escrita através de memórias relatadas por pessoas próximas a Prestes ou que o admiravam:

Como se vê, este livro é quase um trabalho coletivo. Eu apenas o estudei e escrevi. E na sua realização ele sofre vários defeitos, eu bem o sei. Uns provenientes da minha estada no estrangeiro, me escapando, apesar dos meus esforços, uma parte do material. Outros provenientes da proximidade de temas tratados, alguns deles ligados a mim diretamente, tratados por consequência com paixão. Sei que por vezes me perco em detalhes de literatura deixando talvez detalhes políticos mais importantes. É que sou um escritor e minha vida política decorre da minha honestidade de escritor... [...] Sendo um trabalho de cooperação de tanta gente, uns reunindo materiais, outros enviando dados, outros datilografando originais, esclarecendo dúvidas do autor, quero fazer notar, no entanto, que ele representa a opinião pessoal de um escritor brasileiro sobre um Herói, alguns fatos e alguns homens de sua terra. (AMADO, 1945, p. 29).

O escritor, portanto, constrói em cima dessas memórias o alicerce necessário para sua narrativa.

A vida de Luiz Carlos Prestes, biografia panfletária destinada à campanha pública pela anistia ao líder comunista, é mais tarde recolhida pela polícia argentina e incendiada a mando de Perón. Mais uma vez, a repressão constrói uma aura de heroísmo em torno do livro, cujas páginas, muitas vezes datilografadas ou até fotografadas uma a uma e contrabandeadas pela militância, difundem-se de mão em mão Brasil afora, na calada da noite da ditadura varguista. (DUARTE, 2002, p. 234)

O escritor Jorge Amado se autoexila a fim de produzir a biografia, anunciando um discurso de natureza política, época em que está engajado e comprometido com a ANL¹¹ e o Partido Comunista. Segundo o autor, para dar vida à biografia foi preciso sair do país porque devido ao clima policial do Estado Novo não seria possível a criação do livro e tampouco publicá-lo. Conforme

¹¹ ANL (Aliança Nacional Libertadora) era a Frente Popular desenvolvida no Brasil, tendo no comando o PCB e os ex-membros do Movimento Tenentista - Coluna Prestes. Jorge Amado era membro da ANL em 1935 e com seu fechamento se inseriu nos quadros do PCB. No lançamento de *O Cavaleiro da Esperança* o romancista já estava engajado no Partido.

Duarte (2002, p.6) “Da mesma forma como Neruda no Chile, Jorge Amado se exila não por ser o “romancista do povo”, mas por atuar politicamente como membro de um partido proscrito”.

A censura barra a edição da biografia no Brasil, por suscitar um engajamento político de cunho comunista, que por sua vez contestava a ditadura imposta pelo Estado Novo. Conforme Almeida (1979, p. 198-199), em um pioneiro estudo sobre as relações da literatura e da política em Jorge Amado, o livro sobre a vida de Luiz Carlos Prestes, sai em uma “tiragem de 31 mil exemplares e em meses conhece outra edição, o que atesta a receptividade de seu autor pelo seu público virtual consumidor de bens simbólicos”. O autor adverte também que se trata de um “livro político, escrito para a campanha da anistia”.

A primeira versão da biografia do líder comunista é publicada em espanhol em Buenos Aires, pela Editorial Claridad, com 395 páginas. Foi traduzida por Pompeu Borges, sob o título *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza* no ano de 1942. Posteriormente foi publicada no Brasil pela Livraria Martins Editora, em meados de junho, no ano de 1945, assumindo o título desejado por Jorge Amado, *O Cavaleiro da Esperança*, com 366 páginas. Até a 12ª edição de 1952 permaneceu com a mesma Editora. Em 1948, a Livraria Martins Editora, São Paulo, concedeu autorização à Editorial Vitória, Rio de Janeiro, para promover uma edição especial ilustrada por Renina Katz e outras edições simples. A última da série, a 17ª edição, é de 1963. A Editora Record, Rio de Janeiro, deteve os direitos de publicação, até 2008. Atualmente a Companhia das Letras reeditou *O cavaleiro da Esperança*, contendo o posfácio da historiadora Anita Prestes, filha de Luiz Carlos Prestes¹².

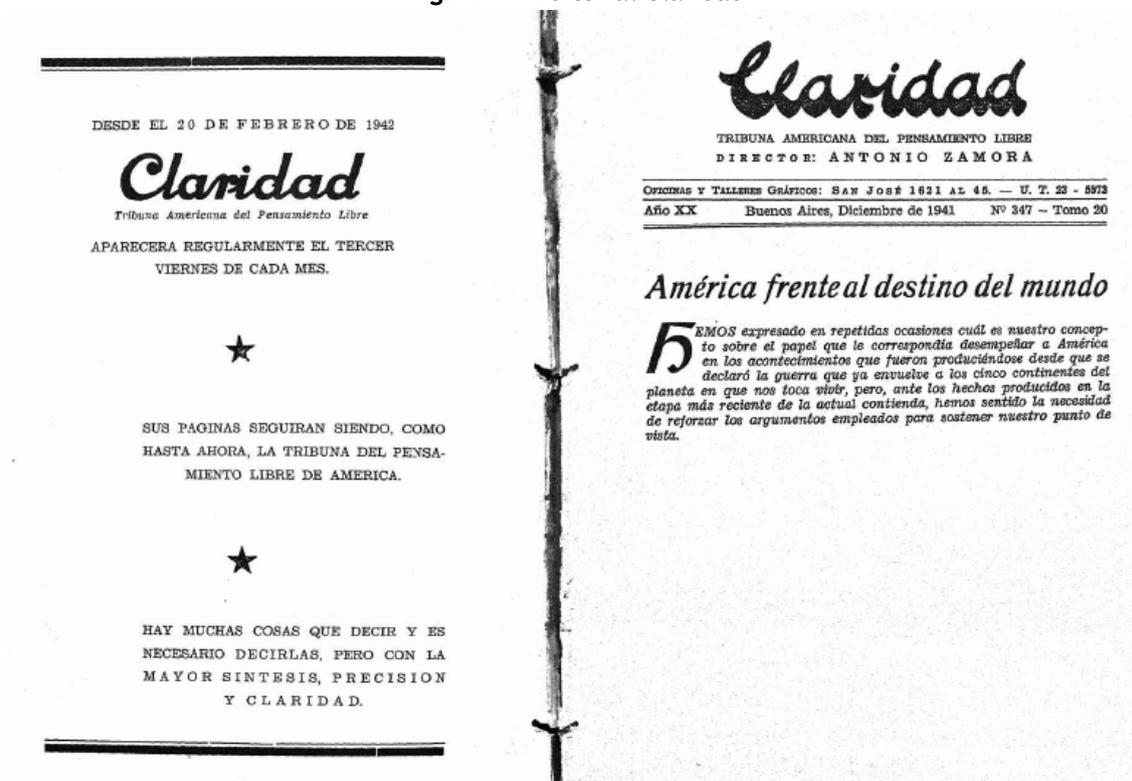
O marco do ano de 1942 como a primeira publicação do livro permite que se possa ressaltar a Argentina, o México e o Chile como países influentes no mercado editorial naquela época. Considerados polos editoriais, a produção massiva de livros supria o público leitor latino-americano.

A Cooperativa Editorial Claridad, por exemplo, era referência nas publicações de obras de cunho socialista na Argentina. Teve início com publicações de cadernos semanais, chamado *Los Pensadores*. Adiante, ganhou fôlego e passou a ser em formato de revista, intitulada *Revista de arte, crítica e letras - tribuna del pensamiento libre*, - possível visualizar a contracapa a seguir - (Figura 1); em que publicavam diversos intelectuais militantes da época. Sobre este contexto, o diretor-gerente, Antonio Zamora, no ano de 1924:

¹² Dados retirados do site da Fundação Casa de Jorge Amado.

De acuerdo con los propósitos anunciados ofrecemos hoy «Los Pensadores» transformada en revista de selección ilustrada: de arte, crítica y literatura. Se inicia así una nueva era para esta vieja publicación con la cual la EDITORIAL CLARIDAD ha realizado la mayor parte de su labor destinada a la divulgación de obras literarias y científicas de autores de todos los tiempos y países. Muy amplios son los propósitos que nos animan a desarrollar en esta nueva forma, guiados por un elevado criterio y con un fin de utilidad social. Nos proponemos hacer de esta revista un gran suplemento que llene la sentida necesidad de una publicación libre de todos los prejuicios que imperan en esta época sensual y proclive. Prometemos hacer de esta revista la más alta tribuna de difusión de las grandes y profundas actividades humanas que propulsa el progreso por las vías de la razón hacia la libertad y la justicia. (Año III, 6 de diciembre de 1924, N° 101)

Figura 1 - Editorial Claridad



Fonte: Revista de arte, crítica e letras.

Fica evidenciado, portanto, que a Editorial Claridad firmou um compromisso sério na arte de divulgar, na contramão dos estados conservadores da América, obras seletas, em edições econômicas, que difundissem os ideais de esquerda e que chegassem ao alcance do povo.

A respeito de *O Cavaleiro da Esperança*, há uma certeza de que durante 1942-1945 foram os países latino-americanos que fizeram uma leitura mais completa e mais livre, já que

[...] o livro transpôs as fronteiras do Brasil de forma clandestina, através dos militantes e simpatizantes do PCB e ex-integrantes da ANL. Somente em junho de 1945, com o enfraquecimento político do Estado Novo, a biografia de Prestes é lançada definitivamente no Brasil em língua portuguesa [...] (TAVARES, 1978, p. 35)

Os comunistas aliados ao PCB esperavam a anistia de Prestes, bem como a de outros militantes comunistas presos sob a ditadura do Estado Novo. Não deixar cair no esquecimento a Coluna Prestes, mesmo sob o signo da censura, era uma preocupação partidária. Ler a biografia escrita por Jorge Amado, mesmo em capítulos isolados, fazia bastante sentido para aqueles que buscavam, no percurso de Prestes, um amanhã menos desigual. Toda a narrativa contida e contada em *O Cavaleiro da Esperança*, com seus enredos épicos, seus personagens corajosos e o ponto de vista comprometido do narrador demonstram este anseio, repleto de expectativas pela anistia do “herói do povo”. A libertação de Prestes significava esperança. Era alguém que, para muitos, afrouxava atitudes e medidas da ditadura do governo Vargas, configurando a luta pela democracia.

Se tal objetivo o livro não conseguiu plenamente, não há como não registrar o sucesso editorial. A partir de 1945, a biografia de Prestes é publicada em Portugal e traduzida para: albanês, alemão, árabe, búlgaro, chinês, espanhol, eslovaco, francês, grego, hebraico, holandês, húngaro, italiano, japonês, mongol, persa, polonês, romeno, russo e tcheco¹³.

O próprio autor, Jorge Amado, no prefácio da primeira edição brasileira da obra, publicada pela Livraria Martins Editora, em 1945, cita:

Traduções para outras línguas foram feitas sobre a tradução espanhola; no Brasil, além dos exemplares daquela edição vendidos clandestinamente, por vezes por preços absurdos, apareceram cópias datilografadas e até em fac-símile fotográfico... Os exemplares aqui vendidos nunca chegaram a ser propriedade individual de alguém, viveram sempre de mão em mão. O povo se referia a este livro com os mais diversos nomes: *Vida de Luís*, *Vida do Rei Luís*, *Travessuras de Luisinho* etc. Depois também sua edição argentina foi proibida e queimada em Buenos Aires, por ordem do governo Perón. Valorizaram-se ainda mais os exemplares que circulavam no Brasil. (AMADO, 1945, p. 7)

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945 e uma revisão ideológica de valores, os ideais comunistas parecem permanecer em um inconsciente

¹³ Dados retirados do site da Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/>. Acesso em: 15 jan. 2012.

coletivo. Isso pode justificar o interesse por décadas pela história de vida de Luiz Carlos Prestes (Ver anexo 3).

Tanto a obra *ABC de Castro Alves (1941)* como *Vida de Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança (1942)* são livros elaborados a partir de relatos e fontes secundárias, e foram recebidas posteriormente pelos intérpretes como “biografias”. Por este motivo, acredita-se que os livros mencionados ficaram fora das *Obras completas de Jorge Amado*, coleção lançada pela Livraria Martins por pertencer ao gênero biográfico e não aos romances, como eram conhecidos outros títulos do autor.

A pluralidade pela qual Jorge Amado transita é notoriamente reconhecida, vinte anos depois, para dar a Jorge Amado a cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras (ALMEIDA, 1979). O escritor é nomeado como romancista, escritor, poeta e biógrafo. Esta pluralidade, portanto, confere ao escritor um reforço para sua consagração literária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner. **Jorge Amado: Política e Literatura**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Círculo do Livro/Record, 1979.

AMADO, Jorge. **Vida de Luis Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

BOSI, Alfredo. Tendências contemporâneas. In: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1990. p. 457-459.

CAMARGO, Luís Gonçalves Bueno de. **Uma história do romance brasileiro de 30**. Campinas: [s.n.], 2001.

DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado, Exílio e Literatura. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 9, p. 226-236, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17938/14728>. Acesso em: 31 ago. 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres arquivadas - história de uma história mal contada. In: **Crítica e Coleção**. UFMG, 2011, p. 240.

FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1988.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/>. Acesso em: 15 jan. 2012.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3037/GolpeEstadoNovo/PlanoCohen>. Acesso em: out. 2015.

LENINE, Ilitch Vladimir. **A organização do Partido e a Literatura de Partido**. Publicado a 13 de novembro de 1905 no jornal *Nóvaia Jizn* nº 12. Disponível em: <http://durl.pcp.pt/images/classicos/T10T005.pdf>. Acesso em: out. 2014.

LUCAS, Fábio. **O Caráter Social da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

MARXISTS INTERNET ARCHIVE. Dicionário Político. Ghioldi, Rodolfo. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/g/ghioldi_rodolfo.htm. Acesso em: out. 2014.

PRESTES, Anita Leocádia. **Uma epopéia brasileira: a Coluna Prestes**. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

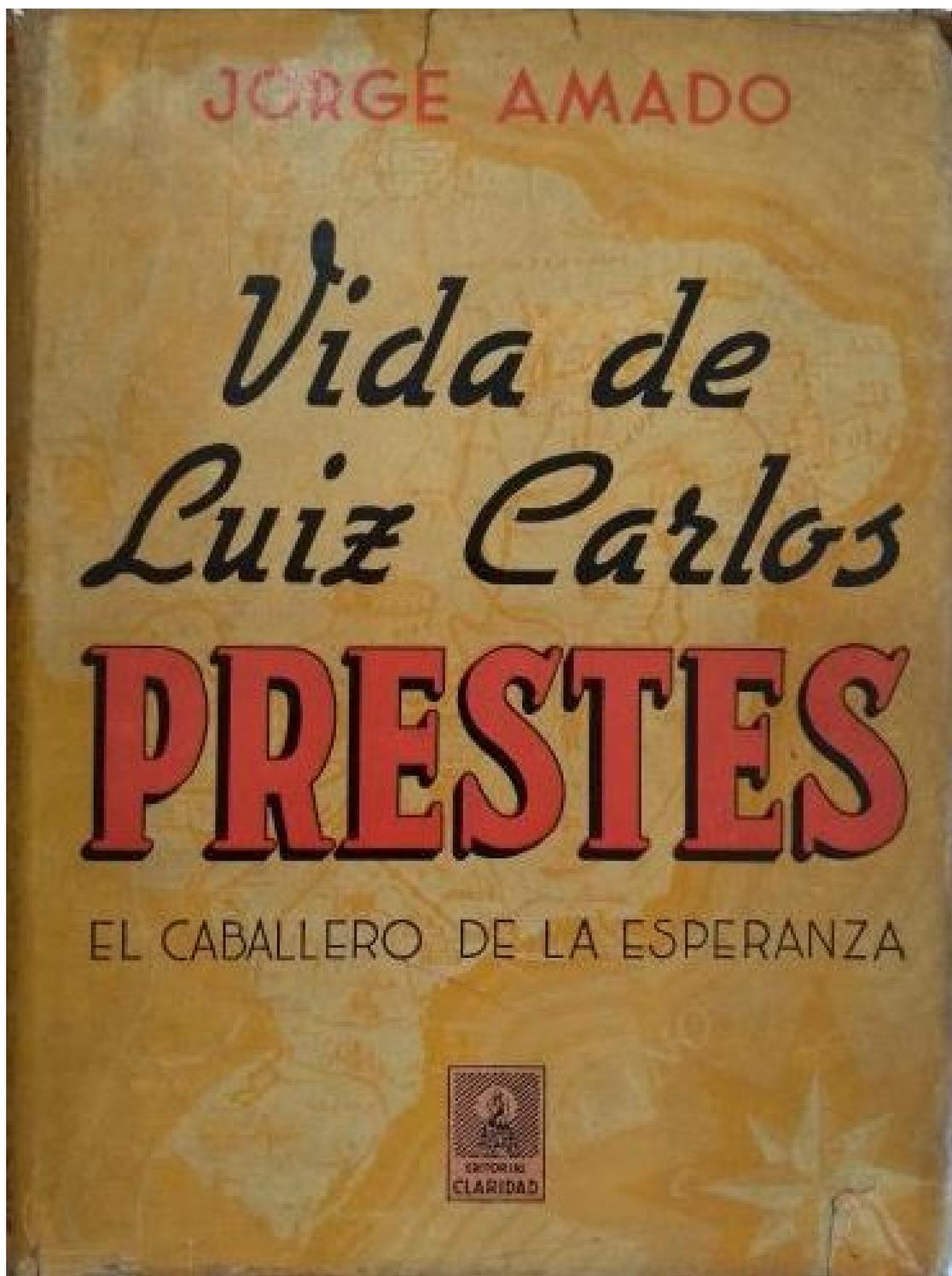
RAILLARD, Alice. **Jorge Amado: Conversaciones con Alice Raillard**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1992.

TÁTI, Miécio. **Jorge Amado vida e obra**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TAVARES, Hênio. **Teoria Literária**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1978.

ANEXOS

Anexo 1



AMADO, Jorge. *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1942.



**JORGE
AMADO**

El gran novelista brasileño, hablará mañana, a las 19 hs.
SOBRE
"La Hora" 12/
12/41

**"LA LITERATURA MODERNA
EN EL BRASIL"**

La conferencia se realizará en el salón de la A. I. A. P. E., Avenida de Mayo 1370, segundo piso (Pasaje Barolo), en donde la LIBRERIA PROBLEMAS organizará una

EXPOSICION DE LIBROS

en la que figurarán las novelas de Jorge Amado ya traducidas al español y otras obras de escritores argentinos y brasileños:

MAX DICKMAN	MONTEIRO LOBATO
HECTOR P. AGOSTI	AEGUAR BASTOS
SERGIO BAGU	RAUL LARRA
RAUL G. TUÑON	RODOLFO PUIGGROS
EMILIO TROISE	CORDOVA ITURBURU
JOSE PORTOGALO	EDUARDO ASTESANO
HORACIO Klapenbachi	JUAN L. ORTIZ
ALVARO G. MUÑOZ	PEDRO MOTTA LIMA
GERARDO PIZARELO	

**LOS AUTORES PRESENTES FIRMARAN
SU AUTOGRAFO**

EDITORIAL PROBLEMAS

Bartolomé Mitre 745	U. T. 34-0227
Luis Sáenz Peña 40	U. T. 38-3621

Documento pertencente ao acervo, que comprova o engajamento de Jorge Amado com a literatura modernista.

Fonte: nuLIME



Revista datada de 2013, que justifica o interesse por décadas pela história de vida de Luiz Carlos Prestes. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/na-rhbn/especial-prestes>

DOS DIÁLOGOS (IM)POSSÍVEIS: JORGE AMADO E OS ESTADOS UNIDOS

Rosane Hart

A narrativa inusitada de como “a Mala” de Jorge Amado veio para o Núcleo de Literatura e Memória teve início em uma casa, bairro de classe média - Santos Lugares - situado a 20 quilômetros de Buenos Aires, em 1941. O ponto inicial da trama é explicitado por Jorge Amado: “Así lo era en mil novecientos cuarenta y uno, cuando vívi allí em la chacra de un italiano. Allí escribí *O cavaleiro da Esperança*”¹.

A partir do meu primeiro contato com o acervo, catalogado por Thalita Saldanha Coelho, começo a traçar o itinerário, selecionando um recorte histórico acerca das tratativas editoriais do escritor e as relações com o mercado editorial norte-americano durante, prioritariamente, o biênio de 1941 e 1942. As informações biográficas acerca do período, disponíveis na página da Fundação Jorge Amado, destacam que Amado foi obrigado a exilar-se na Argentina e no Uruguai entre 1941 e 1942. Cotejando as informações biográficas oficiais² e o acervo³, busco compor um itinerário do escritor a partir de fragmentos.

O escritor transita por mundos distintos e públicos distintos, como afirma Ilana Goldstein, da vida popular ao “conhecimento de textos científicos da História do Brasil, literatura de cordel e problemas raciais” (2003, p. 56). Como um sujeito híbrido, o escritor continuou ao longo de sua vida circulando em todos os espaços: do Pelourinho, em Salvador, ao Rio de Janeiro, do terreiro à academia; do botequim à revista literária; da rua aos palácios e do Brasil para o mundo.

¹ Em 1941, Jorge Amado morou na casa de um italiano ligado ao partido comunista. Casa em que, em 1945, o escritor argentino e integrante do Partido Comunista, Ernesto Sábató (1911-2011) também morou: “Chacra Santos Lugares”. Biblioteca Digital AECID (BIDA). Catálogo Digital: Jorge Amado. Espanha. Disponível em: http://bibliotecadigital.aecid.es/bibliodig/i18n/catalogo_imagenes/imagen.cmd?path=1005646&posicion=5®istrardownload=1. Acesso em: 22 jan. 2016.

² Considerarei como “oficiais” as informações disponíveis nas publicações da Fundação Casa de Jorge Amado e nos escritos e entrevistas do próprio escritor. FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Biografia de Jorge Amado. Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75. Acesso em: 7 dez. 2016.

³ Marina Siqueira Drey reconstrói o itinerário do escritor baiano a partir de correspondências presentes no acervo em “Documentos para uma biografia não contada”.

Desse modo, quando a obra do escritor Jorge Amado - transcende as fronteiras do Brasil, aportando nos Estados Unidos⁴, temos além de conexões no campo literário, uma política cultural que se estabelece nos anos seguintes.

Portanto, refletir a partir dos documentos presentes no acervo de que forma que a literatura brasileira seja apresentada aos leitores de língua inglesa, principalmente, no mercado editorial norte-americano.

Dentre os documentos⁵ há um artigo (sem data) sob o título *Three Modern Brazilian Novelists - A contemporary study of Brazilian literature* escrito por L. C. Kaplan⁶, com uma nota de rodapé para posterior publicação⁷ pela editora Macmillan Co.. No artigo, o autor destaca a grande atividade literária que a América Latina está vivendo, principalmente, na metade do século e, particularmente, no Brasil. Tal atividade é pouco conhecida pelos norte-americanos, pois a última publicação sobre Literatura brasileira, em inglês, foi em 1922, por Isaac Goldberg com o livro *Brazilian Literature*. Depois disso muita coisa mudou.

Kaplan destaca que, a partir de 1830, a vida cultural brasileira já era completamente diferente de Portugal, afirmando a influência do modernismo francês na literatura da América Latina. No entanto, ressalta que posteriormente a vida literária brasileira foi tomando seu próprio rumo, distanciando-se do modelo francês. Cita como exemplo o Naturalismo que, no Brasil, adquiriu características próprias. Já na literatura do século XX, destaca os escritores Erico Veríssimo (36 anos), Jorge Amado (29) e José Lins do Rego (40) e as características⁸ de cada um deles.

A segunda parte do documento, Kaplan dedicou a Jorge Amado, destacando-o como um escritor revolucionário, muito articulado e a voz de protesto que surgiu na América Latina. Destacou o ciclo de seis livros escritos

⁴ Em uma carta enviada por Amado à Anísio Teixeira, sabe-se que o escritor esteve nos Estados Unidos em 1937 “Há um mês e meio estou no México. Daqui subo para aos Estados Unidos”. Jorge Amado, [Carta], 26 jul. 1937, Cidade do México [para] Anísio Teixeira, Caetité (BA), 1f. Disponível em FGV CPDOC, Arquivo Anísio Teixeira, classificação: AT C 1937.07.26: http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT_Corresp&pasta=AT%20c%201937.07.26. Acesso em: 15 fev. 2021.

⁵ Documentos do acervo: 35301W, 35401W, 35501W e 35601W.

⁶ Louis Charles Kaplan - editor/revisor da editora Macmillan Co.

⁷ “*To be published soon by Macmillan Co., in co-operation with the Nelson Rockefeller Committee for the Improvement of Pan-American Relations, under the title *CROSS-ROADS*. Translation made by author or this article”.

⁸ “Cada um se preocupa com um aspecto e uma seção diferentes da nação. Verissimo é o crítico da vida urbana; Amado retrata as áreas das favelas, os centros industriais, a miserável exploração dos trabalhadores do cacau; enquanto José Lins do Rego escreve sobre imensas plantações no norte do país. Juntos, eles apresentam uma visão atual do Brasil. Pode-se dizer, sem exagero, que o romance moderno naquele país é o trabalho desses três homens”. (Tradução minha)

entre 1931 e 1937 com o título genérico de “romances da Bahia” como o ápice dos melhores escritos de Amado, apresentou também uma breve sinopse de cada romance. E, por fim, questionando, qual seria o estilo do escritor⁹?

A presença de Veríssimo nos EUA, anteriormente a de Jorge Amado, seguido depois por muitos outros intelectuais brasileiros e da América Latina teve também um interesse político: o receio dos Estados Unidos com a ameaça da conquista nazista dos trópicos, como afirma Pedro Antonio Tota (2000). Assim, tentou-se atrair a simpatia pelo estilo de vida norte-americano, estratégia mais segura e eficaz do que a ameaça aberta de intervenção bélica. Não exatamente com esse objetivo foi criado um acordo de colaboração internacional lançado no governo do Presidente Roosevelt, como mostra Richard Cândida Smith (2013) do Departamento de História, da Universidade da Califórnia (Berkeley) em seu artigo “Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos”. O pesquisador apresenta informações sobre um plano de ação da nova divisão - *Division of Cultural Relations* (Divisão de Relações Culturais) - para intercâmbio cultural com a América Latina. Apesar de os objetivos primários: os culturais, serem sobrepostos pelos interesses políticos, Richard Pattee ao ser nomeado chefe-adjunto da nova Divisão encarregada do intercâmbio pan-americano, tem como principal objetivo levar os intelectuais latino-americanos (escritores e jornalistas) para os Estados Unidos para os ajudarem a desenvolver amizades pessoais duradouras e ligações institucionais, apresentando-os ao mercado norte-americano de livros e revistas e também a Hollywood. Segundo ele, a intenção era de proporcionar aos leitores americanos uma comparação sobre como os escritores norte-americanos retrataram os países latinos e como os próprios escritores latinos se descreveriam, livrando-se assim de estereótipos que prevaleciam acerca da América Latina - como o uso de qualificadores “o espetacular e o grotesco” como forma de eufemismo. Dessa forma, o programa buscou autores latino-americanos contemporâneos que pudessem despertar o interesse dos leitores norte-americanos. Em 1940, o escritor, um dos jovens autores mais populares no Brasil, Erico Veríssimo “embaixador cultural nos Estados Unidos” foi convidado pelo Departamento de Estado para uma visita aos Estados Unidos. O movimento da Literatura Brasileira nos Estados Unidos foi um campo profícuo não somente para Veríssimo, mas também para outros brasileiros que foram levados aos Estados Unidos de 1941 a 1945. Destacam-se Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Orígenes

⁹ “Agora, e quanto ao estilo de Amado? É simples, fluido, diagramático e econômico. O que ele condensa em algumas páginas, um escritor - menor - poderia debruçar-se sobre um volume duas vezes maior [...] Sua prosa é marcada por sensação poética profunda e um folclore fantástico que lembra os *Green pastures* de Marc Connelly” (Tradução minha).

Lessa e Vianna Moog. Da experiência - intercâmbio cultural - de Vianna Moog rendeu o livro “Bandeirantes e pioneiros”¹⁰, publicado em 1954. Foram cerca de mil concessões por ano, entre 1940 e 1948. Dentre as concessões também Jorge Amado fora “agraciado”¹¹.

Cabe ressaltar que, em 1942, Blanche Knopf¹² (1894-1966), em visita à América do Sul, contatou autores e editoras, inclusive Jorge Amado. Ela justifica “fui aos principais países da América Latina para procurar livros que seriam do nosso interesse na América do Norte” (DIMAS, 2012, p. 3). Também estabeleceu a presença da firma na América Latina, inclusive, no acervo de Alfred Knopf, na Universidade do Texas, há referência às viagens ao Brasil¹³.

Dimas (2012) destaca ainda que a empresa publicou o primeiro de muitos textos da região. Blanche tinha uma lista de doze livros. Um dos primeiros a ser publicado foi o livro *The Violent land* de Jorge Amado. Destaca-se também *Brazil, an Interpretation e The Masters and the Slaves* (Casa Grande & Senzala), de Gilberto Freyre e *Anguish* (Angústia), de Graciliano Ramos.

A relação de Jorge Amado com os Knopf vai muito além da questão editorial como apresenta o professor e crítico literário Antônio Dimas em pesquisa aos documentos, de Alfred e Blanche Knopf¹⁴. O acervo é composto de 1536 caixas que contemplam os mais diversos temas. Dimas (2012) destaca a correspondência entre o escritor baiano e a editora norte-americana, com quase setenta caixas. A ampla correspondência entre ambos estreitou laços e

¹⁰ O livro, “Bandeirantes e pioneiros”, aborda dois projetos de ocupação europeia no Novo Mundo: no Brasil, os bandeirantes; nos EUA, os pioneiros. ARQUIVO NACIONAL. “História colonial”. Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1720&sid=12>. Acesso em: 7 jan. 2017.

¹¹ Hipótese que requer confirmação.

¹² A relevância da presença de Blanche Wolf Knopf (30/07/1894 - 4/06/1966) para que a literatura brasileira aportasse nos Estados Unidos da América é indiscutível. Como presidente da Alfred A. Knopf, uma das mais conceituadas editoras americanas, Blanche dedicou-se à cultura brasileira muito carinho. Blanche e seu marido Alfred traduziram para a língua inglesa “os escritores brasileiros que lhes pareciam mais significativos, mais expressivos, mais caracteristicamente brasileiros e, ao mesmo tempo, de espírito ou de sentido mais universal” e que ainda não tivessem sido traduzidos àquela língua. Fundação Joaquim Nabuco. “Quem foi Blanche Knopf”. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=718&Itemid=452. Acesso em: 19 jan. 2016.

¹³ No acervo da Universidade do Texas, há referência à viagem de Alfred Knopf para o Brasil, em 1961. Harry Ranson Center. “Alfred A. Knopf and Inc”. Disponível em: <http://norman.hrc.utexas.edu/fasearch/findingAid.cfm?eadid=00301p1>. Acesso: 19 mar. 2017.

¹⁴ Os arquivos da editora criada por Alfred (1892-1984) e Blanche Knopf (1894-1966), que iniciou as atividades em 1915 permanecendo ativa até 1960, foi doado para o Harry Ransom Center da University of Texas at Austin. Disponível em: <http://www.hrc.utexas.edu/collections/books/holdings/knopf/>. Acesso em: 20 jan. 2016.

alçou a literatura brasileira a outro patamar quando, em 1945, apareceu a primeira tradução da obra para o inglês. Se, em um primeiro momento, essa relação entre literatura brasileira e editores americanos nos pareceu unilateral, hoje temos a percepção da importância que foi para a literatura brasileira esse diálogo que se estabeleceu, não só com o escritor Jorge Amado, mas também a sua colaboração como consultor literário. Assim, a literatura conseguiu firmar seu lugar e mostrar sua importância no mercado editorial americano.

Apesar do hiato nas publicações das obras amadianas pela editora norte-americana que após a publicação de *The Violent Land*, em 1945, o autor só foi traduzido e publicado novamente em 1962, com *Gabriel, Clove and Cinnamon*. Para Dimas (2012, p. 120) outras publicações não aconteceram¹⁵, devido a um fator inibidor: o macarthismo. Knopf pagou US\$ 300 000 pelos direitos do livro, que foi o primeiro romance latino-americano a entrar para a lista dos *Best-sellers* nos EUA, atingindo a venda de 65 mil exemplares ao final de 1982.

As correspondências trocadas entre eles, enquanto Amado estava na Argentina e no Uruguai e Knopf nos EUA, encontraram um lugar na Mala. As correspondências da Mala estabelecerem um diálogo com o acervo Harry Ransom Centre, em Austin (nos EUA)¹⁶, documentos que, geograficamente, estavam tão distantes, mas que possibilitaram estabelecer narrativas de personagens que coexistiram: Jorge Amado e Knopf.

É preciso esclarecer o contexto das informações que envolvem as traduções dos livros de escritores brasileiros e, especialmente, do escritor baiano para o inglês e, possivelmente, sua apresentação ao mercado estadunidense. Tal fato, na verdade, envolve um projeto do governo norte-americano para contemplar a tradução de livros de excelência de outras repúblicas americanas, como afirma a pesquisadora Eliza Mitiyo Morinaka. De acordo com a pesquisadora brasileira, o objetivo de sua pesquisa foi analisar os projetos do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA) e seus colaboradores para a tradução da ficção brasileira para o inglês no período de 1943 a 1947. O “projeto guarda-chuva” foi apresentado pela Divisão de Imprensa do OCIAA, sob o título de “Tradução da literatura de outras Américas para o inglês”, com o objetivo de apresentar à sociedade norte-americana livros “de excelência de outras Repúblicas Americanas” e, assim, conhecer culturas vizinhas. Isso ficaria sob a responsabilidade de “editoras comerciais e

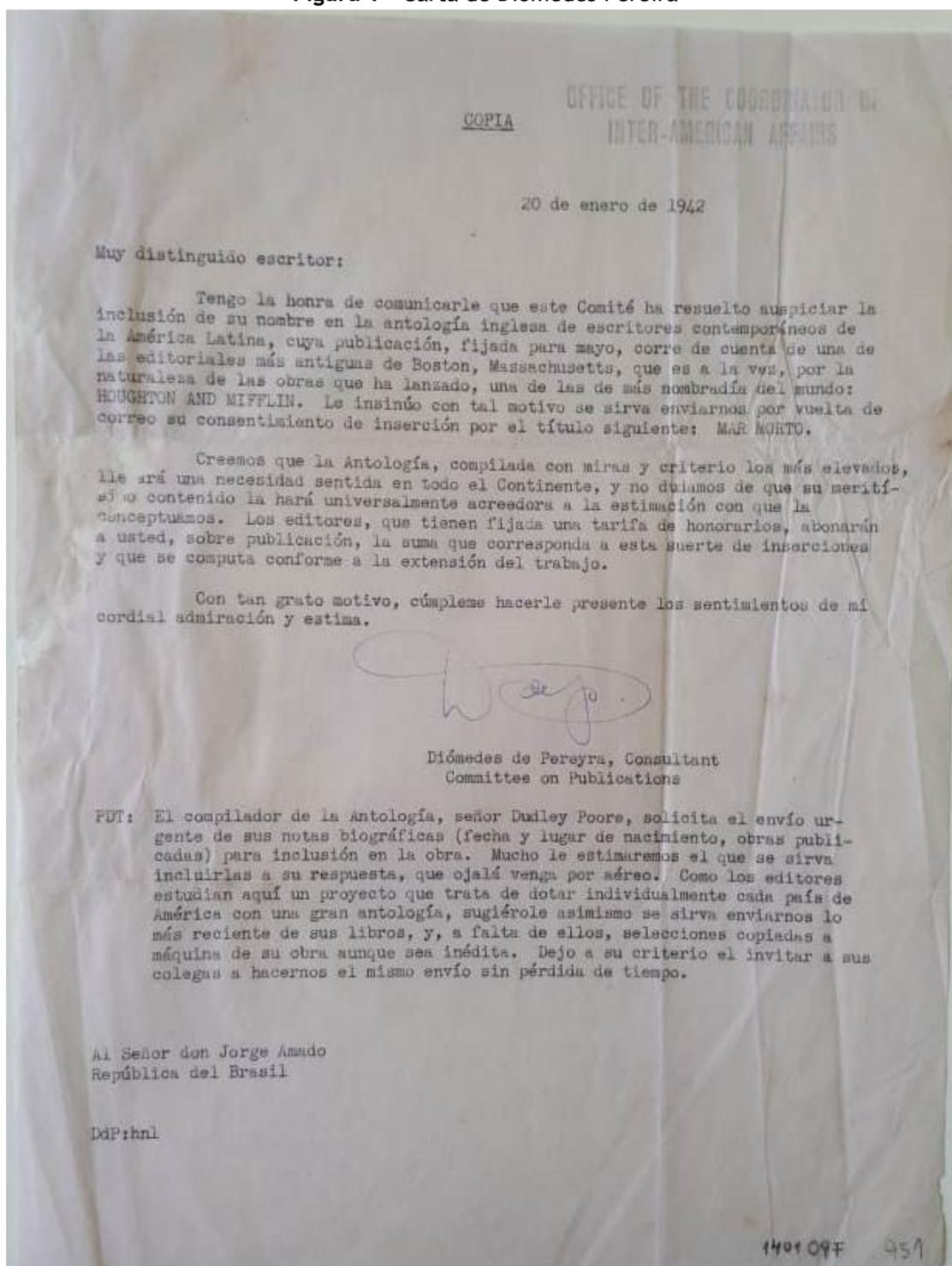
¹⁵ Há ainda que se considerar as questões políticas que envolviam o escritor Jorge Amado.

¹⁶ O acervo “Alfred A. Knopf” doado ao Centro Harry Ransom, da Universidade do Texas, em Austin é composto por 1526 caixas temáticas variadas, com documentos desde 1873 a 1996. Disponível em: <http://norman.hrc.utexas.edu/fasearch/findingAid.cfm?eadid=00301p1>. Acesso em: 15 set. 2014.

universitárias com boa reputação” que aceitassem arcar com as despesas inerentes à publicação, divulgação e distribuição, pois o governo arcaria somente com os custos da tradução (em 1942, o projeto recebeu 30 mil dólares para a tradução de aproximadamente 25 livros). O apoio à causa literária tinha como pano de fundo o “entendimento interamericano”.

Ainda de acordo com a pesquisadora o projeto tinha um caráter pedagógico “e produziu uma representação de Brasil agrário e atrasado em contraste com os Estados Unidos industrializados e modernos” (2017, p. 662). No acervo da Mala de Jorge Amado a correspondência com tratativas editoriais aparece com frequência. Como o **Documento 1401 09F**, cópia de uma carta datiloscrita por Diómedes de Pereyra do Comitê de Publicações da Editora Houghton and Mifflin:

Figura 1 - Carta de Diomedes Pereira



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2018)

A carta enviada por Diomedes, em 20 de janeiro de 1942, comunica J.A sobre a inclusão do nome do escritor na “Antologia Inglesa de Escritores Contemporâneos da América Latina”, com publicação prevista para maio. Para isso, pede que Amado envie pelo correio o consentimento para inserir a obra:

Mar morto. Em nota, Diómedes comunica que o compilador da antologia será o Sr. Dudley Poore e que este pede que o escritor envie com urgência as notas biográficas para inclusão na obra. Diómedes esclarece também que os editores estudam um projeto de lançar em cada país da América uma grande antologia, sugere que Jorge Amado envie um dos seus livros mais recentes e pede que colegas do escritor também o façam.

Mesmo com essas tratativas, o escritor baiano ainda não tem sua obra citada. Com a criação de outro projeto: Estudo da vida e da cultura brasileira, proposto pelo Departamento de Estado Americano, que pretendia mostrar o “autorretrato do caráter brasileiro”. Com o objetivo de lançar um livro que “sintetizasse a vida e a cultura brasileira”, estabeleceu alguns critérios para que contribuísse genuinamente com as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. De acordo com Morinaka, os critérios para a seleção dos títulos obedeceriam às seguintes características:

I) a psicologia do caráter nacional, II) seu condicionamento determinado pela geografia humana e pelas tradições de vida, III) sua mais expressiva característica atual, seja na arquitetura, na ficção regional ou na análise social, e IV) o caráter emergente e suas transformações desde 1920: os problemas constantes, os efeitos predominantes e os esforços aparentes (MORINAKA, 2017, p. 669).

O projeto teria um coeditor brasileiro e um custo de três mil dólares, com lançamento previsto para o outono de 1942. O que indica que a antologia à qual se referia o projeto era *Fiesta in November; stories from Latin America, selected and edited by Angel Flores and Dudley Poore, with an introduction by Katherine Anne Porter*, publicado em 1942, pela editora Houghton Mifflin Company. Na referida antologia, o único texto que representa o Brasil é um capítulo do romance *Mar Morto*, de Jorge Amado, traduzido como *Sea of the dead*, por Donald Walsh.

Dentre outras iniciativas, Morinaka destaca o concurso Prêmio para autores sul-americanos, projeto submetido ao OCIAA pela editora Farrar & Rinehart e a revista *Redbook Magazine*. “A premiação tinha como meta incentivar autores latino-americanos a procurar um público nos Estados Unidos” (2017, p. 670). Dessa forma, o escritor baiano toma seu espaço. Ele foi um dos indicados a esse concurso, por isso,

Terras do sem fim (1943), de Jorge Amado, concorreu à premiação dessa nova edição, conforme indicação na orelha da sua primeira publicação pela Livraria Martins Editora. O romance fora escolhido por uma:

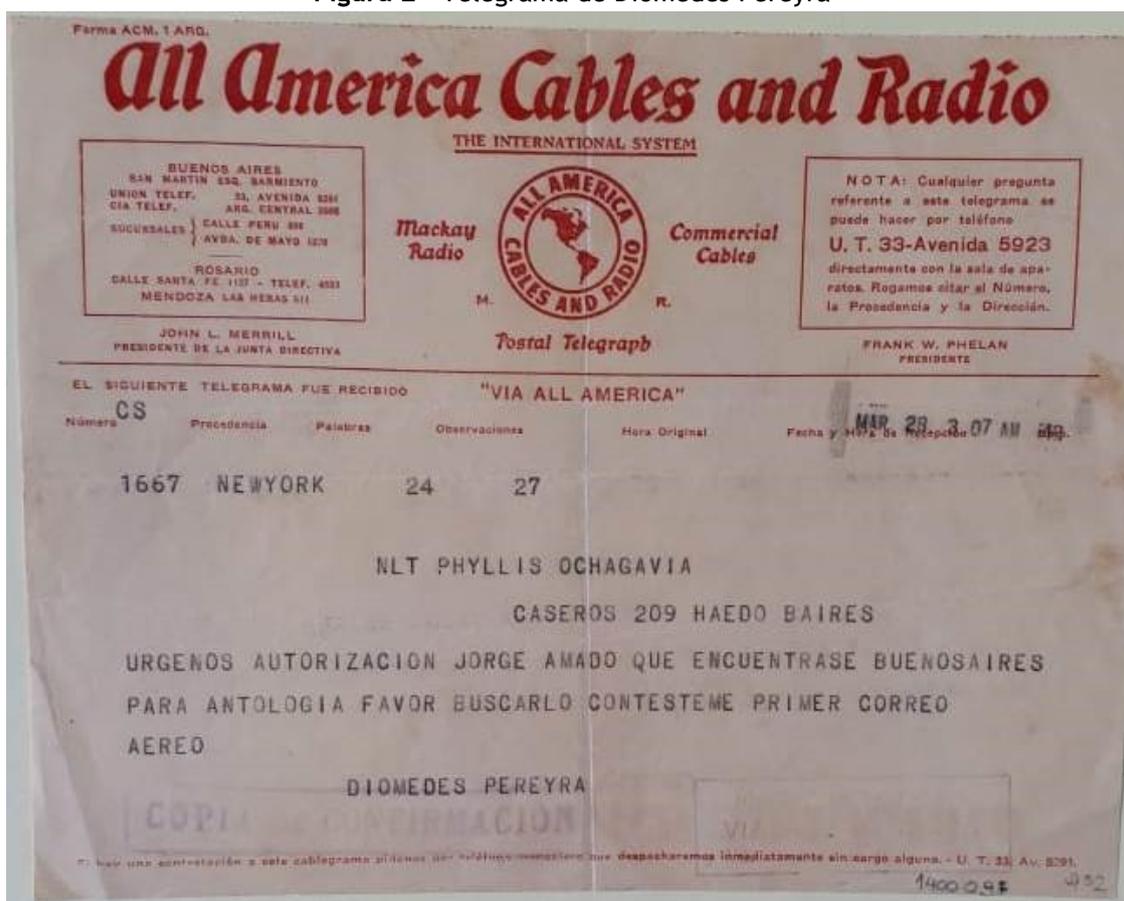
‘[...] comissão composta pelos srs. Manuel Bandeira, Álvaro Lins e Prudente de Moraes Neto para representar a ficção brasileira no concurso de romances inter-americanos, realizado nos Estados-Unidos e que, simultaneamente com este, sai numa edição norte-americana do editor Knopf, de Nova-Iorque (Amado, 1943)’. (MORINAKA, 2017, p. 670).

O Documento 1402 09F - cópia do documento 1401 09F, já citado anteriormente, apresenta algumas informações adicionais, como o endereço do Sr. Diómedes Pereyra na parte superior. Da mesma forma há a anotação manuscrita e à tinta de um recado no rodapé da página. O recado, assinado por Phyllis de Ochapairâ. “El Sr. Amado debe dirigirse al Sr. Pereyra, mandándole a Él su autorización y sus notas biográficas”

As anotações ainda referem-se à temática da tradução para o mercado estadunidense. O endereço mencionado: II West 54th St, New York City - U.S.A” se refere à sede da Midtown Community Court. No início da década de 1940 no endereço funcionava *Council of National Defense - Coordinator of Commercial and Cultural relations between The American Republic*, ou seja, o órgão responsável pela efetivação das trocas entre o governo americano e os escritores latino-americanos. Sendo a pessoa do senhor Diomédes o responsável por estabelecer e efetivar essa comunicação, bem como, de receber e encaminhar materiais.

O documento (1400 09F) é um telegrama enviado por Diomédes, em 28 de março de 1942, de Nova Iorque.

Figura 2 - Telegrama de Diomedes Pereyra



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2019).

No telegrama Diomedes autoriza o escritor Jorge Amado a buscar o exemplar da antologia que se encontrava no correio. Há duas possibilidades: uma prévia da “Antologia Inglesa de Escritores Contemporâneos da América Latina” que seria publicada no outono de 1942 ou a antologia que inclui Terras do sem fim (1942), uma publicação da coleção latino-americana da Knopf, mas esta só seria lançada oficialmente em 1945. Portanto, esta informação ainda carece de confirmação.

O Documento 1403 09F é um envelope enviado por L.C. Kaplan (3713 ½ W. 5TH AVE., Chicago, Illinois, USA) a Jorge Amado no endereço da Livraria (inelegível), Rua do Ouvidor, (inelegível), Rio de Janeiro.

Figura 3 - Envelope enviado por Kaplan para Jorge Amado



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2019).

A postagem foi feita na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, em 20 de abril, como consta no carimbo. O ano, provavelmente, de 1942. A hipótese de ser em 1942 se deve aos demais documentos de Kaplan, presentes no acervo. O documento apresenta dois blocos informativos. O primeiro bloco refere-se especificamente ao remetente da correspondência. Tem como endereço do remetente - Louis Kaplan - a sede da Universidade de Illinois (3713 ½ W. 5th Ave., Chicago, Illinois, USA). A correspondência destina-se ao endereço de uma livraria situada à Rua do Ouvidor. Nesta rua, no número 110, localizava-se a Livraria José Olympio, editora de muitas publicações de Jorge Amado, como a primeira edição de *Jubiabá*, 1935; *Capitães da Areia*, 1937... Para Jorge Amado a livraria não foi somente ponto de encontros literários, foi também seu local de trabalho de 1934 a 1937.

O segundo bloco informativo do documento apresenta um bilhete manuscrito com tinta preta. As informações estão incompletas devido à má conservação do papel e apresenta a seguinte mensagem na parte frontal do envelope: *Tenente Pero Botelho, Rua 07 de Abril, 374/ Abraços do Aníbal / Mande um livro pra mim, deixe de ser mau sujeito.* No verso, as informações são para um destinatário sob o nome de “Tenente Pero Botelho”, e sua localização “Rua 07 de Abril, 374”.

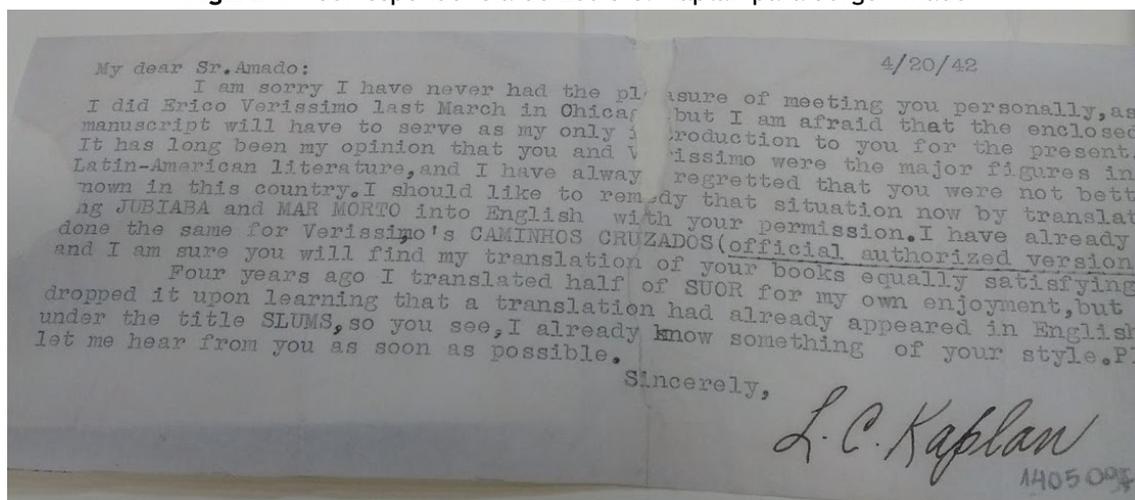
Recebi esta agora no Zé Olímpio, não sei há quanto tempo está lá, escreva pra mim em todas (inelegível) as minhas cartas do velho tenho recomendado o pedido de dinheiro de vocês. Vou ver se convenço (inelegível) a lhe enviar algum. Abraços, Jaime (inelegível). Escreva-me.

O remetente - que na frente do documento assinou como Aníbal, agora termina com a saudação “Abraços, Jaime”. A hipótese é de que o bilhete foi escrito no envelope da carta deixado para Jorge Amado, e alguém o teria levado ao escritor enquanto estava no exílio. A segunda hipótese, mais provável, se refere a Aníbal Machado, com quem Jorge tinha uma estreita relação.

O Documento 1405 09F é um bilhete datilografado (em inglês) por Louis C. Kaplan, em 20 de abril de 1942, enviado a Jorge Amado.

Após o documento original, temos a transcrição da correspondência, ainda em língua inglesa e, em seguida, a tradução.

Figura 4 - Correspondência de Louis C. Kaplan para Jorge Amado



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2019).

My dear Sr. Amado:

I am sorry I have never had the pleasure of meeting you personally, as I did Erico Verissimo last March in Chicago, but I am afraid that the enclosed manuscript will have to serve as my only introduction to you for the present. It has long been my opinion that you and Verissimo were the major figures in Latin-American literature, and I have always regretted that you were not better known in this country. I should like to remedy that situation now by translating JUBIABA and MAR MORTO into English with your permission. I have already done the same for Verissimo's CAMINHOS CRUZADOS (official authorized version), and I am sure you will find my translation of your books equally satisfying.

Four years ago I translated half of SUOR for my own enjoyment, but dropped it up learning that a translation had already appeared in English under the title SLUMS, so you see, I already know something of your style. Please let me hear from you as soon as possible.

Sincerely,

L.C. Kaplan.¹⁷

O bilhete que Jorge Amado recebera de Louis C. Kaplan se refere à viagem de Veríssimo feita em março de 1941. De acordo com Gatti (2013), período em que Erico Veríssimo foi convidado para visitar os Estados Unidos pelo Departamento de Estado norte-americano. Veríssimo retorna aos EUA em 1942, para ministrar aulas de Literatura Brasileira, na universidade da Califórnia. Permanece, com a família, até 1945. Informação também apresentada por Bordini (2013).

Com a tradução do primeiro livro para o idioma inglês e, posteriormente, sua publicação em 1945, Jorge Amado tornou-se um sucesso de vendas. Para a pesquisadora Marly Tooge (2008) os reflexos da política da Boa Vizinhança¹⁸ foram visíveis e fundamentais para torná-lo um *bestseller*, iniciando com a tradução para o inglês de Terras do Sem Fim e, posteriormente, encabeçando a lista de novos escritores latino-americanos. Amado confirma seu espaço com a publicação de *Gabriela, Clove and Cinnamon* (Gabriela, Cravo e Canela).

O Documento 1430 09D é um contrato de tradução - parece ser um modelo - no qual o Sr. L.C. Kaplan se compromete em concluir a tradução do livro “La vida de L.C. Prestes” do português para o inglês até março de 1944.

¹⁷ Caro Sr. Amado:

Lamento nunca ter tido o prazer de conhecê-lo pessoalmente, como fiz em março passado, com Erico Veríssimo, em Chicago, mas temo que o manuscrito anexo tenha de servir como minha única apresentação a você no momento. Há muito tempo, minha opinião é que você e Veríssimo foram as principais figuras da literatura latino-americana, e eu sempre lamentei que você não fosse mais conhecido neste país. Gostaria de remediar essa situação agora traduzindo *Jubiabá* e *Mar Morto* para o inglês com a sua permissão. Já fiz o mesmo para *Caminhos Cruzados de Verissimo* (versão oficial autorizada), e tenho certeza de que achará minha tradução de seus livros igualmente satisfatória.

Há quatro anos traduzi metade de *Suor* para meu próprio prazer, mas desisti dela, já havia aparecido uma tradução em inglês sob o título *SLUMS*, então, veja, eu já conheço um pouco de seu estilo. Por favor, aguardo sua resposta o mais rápido possível.

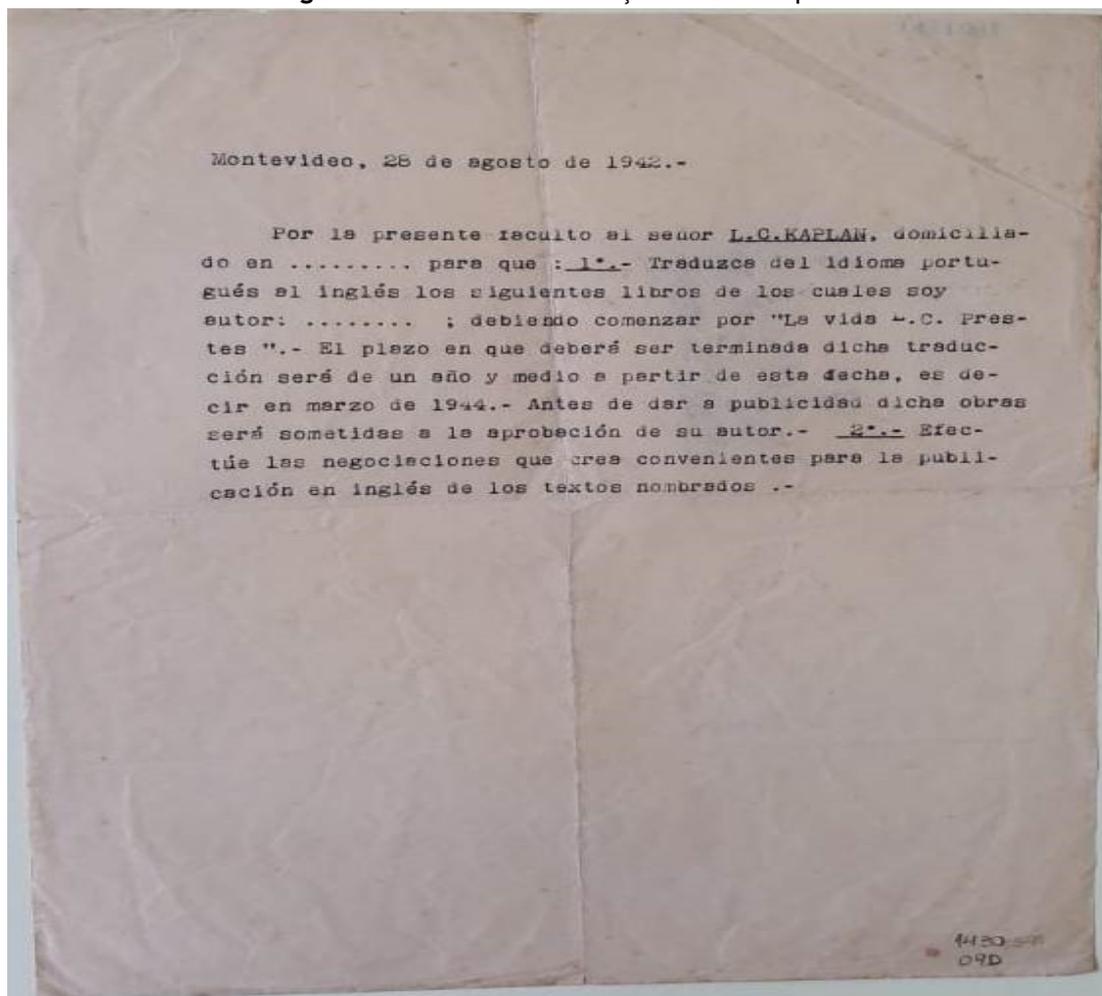
Atenciosamente,

L.C. Kaplan (Tradução nossa).

¹⁸ No artigo *Deu* no *New York Times*: A tradução literária como aliança política, Marly Tooge destaca a importância e, respectivamente, as consequências das relações político/culturais entre Brasil e Estados Unidos durante a Segunda Guerra. Graças à política da Boa Vizinhança, Jorge Amado teria se tornado um *bestseller* na década de 1960 nos Estados Unidos. Disponível em:

http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/063/MARLY_TOOG E.pdf. Acesso em: 15 fev. 2017.

Figura 5 - Contrato de tradução de L.C. Kaplan



Fonte: Acervo Mala de Jorge Amado (2019).

O documento, com data de 28 de agosto de 1942, escrito em espanhol, tem a cidade de Montevidéu como local em que a carta foi escrita. Na correspondência, o Sr. L.C. Kaplan se compromete em fazer traduções do português para o inglês, devendo começar pelo livro “La vida L.C. Prestes”. Acrescenta, ainda, que a tradução deverá ser concluída em um ano e meio, a contar de março de 1944.

Foram diversas tentativas para localizar a tradução do livro de Jorge Amado para o inglês a que se refere o contrato. A única tradução que aparece, além da *Luiz Carlos Prestes - o cavaleiro da esperança* (1942) em português, é a tradução para o espanhol *Prestes, el Caballero de la esperanza*, publicada em Buenos Aires, pelo Editorial Futuro, em 1958.

O documento a seguir, 1421 09G, é uma página datiloscrita em inglês com quatro linhas entre aspas. No entanto, não há início, parece ser a continuação de outra página, documento não localizado no acervo do nuLIME. A segunda

parte do texto apresenta Jorge Amado. Transcrevo o documento na íntegra, inclusive seguindo a diagramação original:

“makes impressive use of it. Small wonder that Brazilian critic describe CAMINHOS CRUZADOS as “a seductive window display of modern society.”

II

JORGE AMADO on the other hand is clearly a revolutionary writer. The most articulate and formidable voice of social protest to have emerged from Latin America thus far, his portraits of Bahian life are already reckoned among the high spots of contemporary Brazilian prose. He has been translated repeatedly into Russian, French and Spanish. In English however he is best known for his novel SUOR, which appeared in this country in 1937 under the title SLUMS, where it received scant attention. If Verissimo is the Brazilian Dreiser¹⁹, surely Amado is its Gorky²⁰.

Each new book has consistently evoked a ritter storm of protest and abuse. He has been called obscene, a cheap reporter, a mere sensationalist, a second rate imitator of Michael Gold, but Amado’s basic honesty and sincerity have never been assailed.

His major work consists of a cycle of six books written between 1931 and 1937, and published under the generic title of OS ROMANCES DA BAHIA. In these volumes Amado has attempted to record the revolting exploitation of the proleteriats on the rich coca plantations in southern Bahia as well as in the slum areas of the large industrial centres. In his CAPITAES DA AREIA he describes the vicious hordes of DEAD-END KIDS and places the responsibility for such a situation squarely up to the state itself. In MAR MORTO he penetrates the fatalistic life of the fisher-folk, with all its somber poetry. In SUOR the best of his earlier novels, he focuses attention on the crowded tenement districts and paints a harrowing picture of a typical habitation. The picture of 600 men and women, packed together like sardines into a four story yellow building, into 116 cubicles and toilets, with their frustrations and perversions, is one of the most effective pieces of writing of our generation, and reveals a new low in human suffering and degradation. Some critics consider this Amado’s masterpiece.

It is in JUBIABA however, that magnificent study of negro life in the Americas, that he displays his richest talents. It is difficult to escape a comparison between Amado’s novel, and Richard Wright’s NATIVE SON. In any comparison of the two, it is Wright who must suffer.

The Antonio Balduino of JUBIABA is a nobler figure than the American Biggers. Balduino is inarticulate, he is sentimental, he is egotistical, he is by turn tender or rough, but he is never coarse, he is not sullen, he is not secretive, he is never anti-pathetical. His is not a blind brute force expending itself uselessly. He is too sensitive. His love for his fellow humans is rich and genuine. Unlike Biggers, Balduino shows no dread of the whites. If he hates them all at first, it is because of his instinctive hatred of slavery in any form. Biggers never forgets he is a negro, and he goes to his death

¹⁹ Theodore Dreiser (1871-1945), escritor americano.

²⁰ Máximo Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov (1868-1936), foi um escritor, romancista, dramaturgo, contista e ativista político russo.

Now what of Amado's style? It is simple, fluid, diagrammatic and economical. What he compresses in a few pages, a lesser man might well despair of packing into a volume twice its size. Consider for example, the chapter Cantiga de Amigo in JUBIABÁ. Here in less than 8 pages, in less than 2700 words, Amado unfolds before us the whole sordid and tragic history of Lindalva's prostitution. Strongest in individual chapter and in graphic situations, his weakness lies in his failure to maintain a sustained unity of narration. His prose is marked throughout by deep poetical feeling, and a fantastic folklore reminiscent of Marc Connelly's GREEN PASTURES.

As tratativas editoriais apresentam, na maioria delas, possibilidades de publicações, convites. Poucas das tratativas se efetivaram no período 1941-1942, no entanto, foram fundamentais para que a literatura produzida pelo escritor fosse traduzida para o inglês anos depois.

O Documento 1422 09G: documento datiloscrito em vermelho apresenta uma breve biografia do autor. Ao que indica escrita pelo próprio Jorge Amado, pois o escritor utiliza a mesma máquina para datilografar vários documentos, com as mesmas características, presentes no Acervo do nuLIME. A seguir, a transcrição completa do documento, obedecendo a diagramação e a escrita original:

J O R G E A M A D O

Nasceu na fazenda de cacau em Ilhéus, no Estado da Bahia (Brasil) em 1912. Sua infância e adolescência decorrem nas plantações de cacau e nas cidades de Ilheus e Itabuna quando ainda se completava a conquista da terra cacauzeira, em meio a assassinatos e lutas. Fazendo seus estudos secundários na cidade da Bahia, capital do Estado, Jorge Amado aí iniciou sua carreira de escritor e jornalista. Mas, nessa, época ele principalmente vive e conhece sua cidade. Fazendo a vida boemia dos literatos da cidade, apesar da sua extrema juventude, Jorge Amado começa a se interessar pela vida do povo. Em 1930 vem para o Rio de Janeiro fazer na Universidade o curso de advogado. Em 1931, aos 19 anos, publica sua primeira novela, "O Paiz do Carnaval", onde procura retratar a sua geração a procura de um caminho. Caminho que o romancista logo encontrou para sua vida intelectual. Realmente logo dois anos depois Jorge Amado publica "Cacau", escrita aos 20 anos, novela onde narra a vida dos trabalhadores das plantações de cacau onde passara sua infância. "Cacau" é o maior sucesso e o maior escândalo literário no ano de 33 no Brasil. Esta novela veio romper com toda a tradição da novela rural brasileira, até então falsa e traidora perante a verdadeira vida no campo: apresentando um campo idílico de patrões bondosos, moças lindas e negros obedientes e felizes. A polícia apreendeu a novela mas isso não obstou a sua imensa popularidade em edições que se sucederam até 1937 quando todos os livros de Jorge Amado foram definitivamente proibidos no Brasil, em Portugal e nas colônias portuguesas e passaram a ser vendidos às escondidas e ilegalmente. Em 1934 Jorge Amado escreve e publica "Suor", que ora apresentamos ao público da America Hespânica, resultado de sua vida num cortiço da capital da Bahia. Em 1935 aparece "Jubiabá", a novela do negro brasileiro, recentemente colocada, num concurso entre intelectuais brasileiros, entre as dez maiores novelas brasileiras de todos os tempos. Em 1936 nos dá "Mar Morto" onde retrata a vida dos marítimos baianos e em 1937 "Capitães da

A seguir a transcrição da parte 2 do Documento 1423 09G:

Areia” onde trata das crianças abandonadas na cidade da Bahia. Estas seis novelas formam o ciclo dos “Romances da Bahia” e com a última Jorge Amado encerrou a primeira fase de sua obra. Nesse mesmo ano de 1937 seus livros são proibidos no Brasil, queimados nas praças públicas nas cidades da Bahia, fortaleza e Manaus. Nessa ocasião Jorge Amado, recém chegado de uma viagem através das Américas, se encontrava num cárcere em Manaus, capital do estado do Amazonas.

De 1938 até 1941, quando se exila para a Argentina, Jorge Amado escreveu uma peça de teatro, “Filadelfio”, uma novela, “Agonia da noite”, uma biografia, “ABC de Castro Alves” e um livro de poemas. Desses livros só a biografia de Castro Alves pode ser publicada no Brasil, obtendo um grande êxito de venda. No momento não só seus livros como qualquer artigo ou nota que leve a sua assinatura está impedido de ser publicado no Brasil. Na Argentina Jorge Amado termina uma novela “São Jorge dos Ilhéus”, onde trata do problema do pequeno lavrador brasileiro, e uma biografia do grande leader democrático do Brasil Luiz Carlos Prestes.

Escritor popular, escrevendo para o povo e sobre o povo, Jorge Amado se ligou a todos os movimentos reivindicadores do povo brasileiro. Em 1935 fez parte da Aliança Nacional Libertadora, foi redator de “A manhã”, foi um dos dirigentes do “Club de Cultura Moderna”, agremiação dos intelectuais de esquerda. Com a implantação do regime fascista do Estado Novo, Jorge Amado resistiu às prisões e às tentativas de suborno. Proibidos seus livros, perseguido, sabotado pelos intelectuais vendidos ao Estado Novo, Jorge Amado se exila em 1941. Na Argentina denuncia no Congresso de Escritores, reunidos em Tucumã, os crimes do Estado Novo para com a cultura brasileira. Isso lhe valeu ser expulso da corresponsalia de “A Noite”, diário do Rio a a proibição de sair em qualquer jornal do Brasil artigos seus.

Sobre Jorge Amado escreveu a yankee Vera Kelsey: “... praised and damned as the Hemingway of Brasil” e a chilena Gabriela Mistral> “... El primer novelista do Brasil y talvez de La America Latina...” ... en La literatura sudamericana no hay un caso de hombre escritor tan fiel a su pueblo”.

A construção biográfica do escritor, escrita em terceira pessoa, revela um narrador onisciente. Amado se apresenta como um escritor comprometido com o povo brasileiro, destacando a riqueza cultural do país, através de crenças, costumes e personagens tipicamente brasileiros. Apresenta-se também como um cidadão comprometido com o país em que vive, insatisfeito com o regime de governo, sofre perseguições, é preso e tem seus livros queimados.

Uma hipótese plausível é de que as notas biográficas dos documentos anteriores se referem ao pedido de Diómedes enviado através de uma carta para Amado. O documento (1434 09F) é uma carta de Diómedes de Pereyra do Comitê da editora Houghton and Mifflin (localizada em Boston) acerca da inserção do título “Mar morto” na antologia inglesa de escritores contemporâneos da América Latina. E ainda há a solicitação do compilador da antologia - Sr. Dudley Poore - para que Jorge Amado envie em caráter de urgência suas notas biográficas.

Na (re)construção desse itinerário foi necessário percorrer muitas bifurcações, considerando que são as tensões entre a cultura que determina a

valoração da obra. No caso do escritor baiano, há de se considerar: o posicionamento político, a crítica literária, narrativas que abordam temas populares, opção linguística, bem como, os espaços pelos quais obra e autor circularam.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória. A identidade do viajante: Erico Veríssimo nos Estados Unidos. **Antares: Letras e Humanidades**, v. 5, n. 10, p. 76-91, 2013. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97023/000917685.pdf?squence=1>. Acesso em: 9 set. 2016.

COELHO, Thalita da Silva. **Entre esparsos e inéditos: a mala de Jorge Amado (1941-1942)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Literatura, UFSC, Florianópolis (SC), 2016.

DIMAS, Antônio. Jorge Amado e seus editores: Alfred Kopf e Alfredo Machado. **REVISTA USP**. São Paulo, 1995, p. 72-126 set./out./nov. 2012. Disponível em: www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/52243/56280. Acesso em: 12 set. 2017.

DREY, Marina Siqueira. **Jorge Amado e a renúncia biográfica: 1941- 1942**. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129740>. Acesso em: 10 jan. 2019.

GATTI, Maria Antônia Girardello. **Nas entrelinhas da boa vizinhança: literatura e política na trajetória de Érico Veríssimo entre Brasil e Estados Unidos (1941-1945)**. Dissertação. UFSC, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107177?show=full>. Acesso em: 12 set. 2016.

MORINAKA, Eliza Mitiyo. Ficção e política em tempo de guerra: o projeto tradutório estadunidense para a literatura brasileira (1943-1947). **Estudos Históricos**, v. 30, n. 62, p. 661-680, set.-dez. 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/68779/70154>. Acesso em: 12 jan. 2018.

PATTEE, Richard apud SMITH, Richard Cândida. Érico Veríssimo, um embaixador cultural nos Estados Unidos. **Tempo**, v. 19, n. 34, p. 147-173, 2013.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **A mala de Jorge Amado: 1941-1942**. Disponível em:

http://vernaculas.paginas.ufsc.br/files/2012/06/A_Mala_de_Jorge_Amado_1941_1942_Tania_Regina_Oliveira_Ramos.pdf. Acesso em: 15 jun. 2013.

TOTA, Antônio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: A Americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SAIR DA MALA E SAIR DO ARMÁRIO

Thalita Saldanha Coelho

Jorge Amado abandonou, dentro da Mala¹, uma revolução que nunca veio. Chamou-a de “São Jorge dos ilhéus” e, em outro original presente no Acervo Mala de Jorge Amado, “Agonias da noite”, dois títulos que nomearam romances posteriores do escritor. No fim das contas, a revolução ficou sem nome definido e sem desfecho². O romance escrito entre os dois anos em que Jorge Amado esteve em exílio na Argentina e no Uruguai, 1941 e 1942, seguia os exatos preceitos do Realismo Socialista, até ser abandonado abruptamente. Jorge Amado era o maior representante literário dos ideais do PCB. O Realismo Socialista, criado pelo método de Zhdanov, visava a disseminação da ideologia do Partido, exigindo que as obras comunistas possuíssem um caráter pedagógico.

Sendo assim, o romance inacabado, inédito e inominado de Jorge Amado conta a história de um grupo de militantes prestes a se reunir na fazenda de um dos companheiros, numa simbólica noite de tempestade, todos ao redor de um aparelho de rádio que daria o sinal para o levante armado. A história possui muitos personagens e tem uma narrativa intimista, porém, não foca em nenhum deles especificamente, construindo, assim, um herói coletivo, característica primordial dos romances de Realismo Socialista.

Não só o Realismo Socialista influenciou diretamente as obras comunistas brasileiras, mas todos os preceitos soviéticos ajudaram a construir a ideologia do PCB. Aqui vamos analisar mais atentamente Heitor: um dos personagens militantes do romance inédito, o único que não se constrói em bases normativas no que se refere à sexualidade. Embora reconheça que a utilização de categorias como “homofobia” no estudo de textos que precederam a elaboração dessas ferramentas analíticas possa se converter em anacronismo, é fato que a

¹ Recentemente, em contato com a família de Maria Cruz Borges, localizei um segundo arquivo: A Mala de Maria é composta por 1013 páginas de documentos complementares à Mala de Jorge Amado, datados, em grande parte, de 1939 a 1942. O arquivo foi doado pelos familiares para que pudesse ser realizada pesquisa e resgate da memória da militante que serviu de ponte entre as correspondências de exilados comunistas. A tese que abordará esta nova documentação, em diálogo com o acervo de Jorge Amado, que se localiza no nuLIME (UFSC), será defendida ainda em 2021.

² Aprofundo a análise do romance em minha tese *Bagagens do exílio: Jorge Amado e um romance sem fim*, defendida no dia 24 de agosto de 2021. Além de debruçar-me nas personagens mulheres presentes na narrativa, apresento e investigo a Mala de Maria, arquivo com documentos referentes a Maria Cruz, Pompeu Borges e Jorge Amado, doado a mim, gentilmente, pelo filho mais velho de Maria e Pompeu, Luiz Fernando Cruz Marcondes.

análise - e a consequente reelaboração - do passado se dá no presente, como argumenta Joan Scott (2011), e algumas questões somente se tornam passíveis de elaboração em outros contextos sociais e políticos, quando as disputas morais e éticas tensionam o acordo tácito que produz significados legítimos para a vida social. Conforme explica Judith Butler, em sua retomada das reflexões de Adorno, “[...] as questões morais surgem apenas quando *ethos* coletivo deixa de imperar” (BUTLER, 2015, p. 14).

Começemos, então pela origem da ideologia comunista, sua relação com as sexualidades dissidentes e seu consequente impacto na Rússia.

As políticas soviéticas e pós-soviéticas em relação a homossexualidade foram divididas por Kon (1995) em cinco momentos. De forma muito resumida: de 1917 a 1933, há a descriminalização da sodomia, num “ato ambíguo e revolucionário”, como define Healey (2003), mas a homossexualidade masculina foi rotulada como doença; de 1934, início do governo stalinista, a 1986, a sodomia é recriminalizada e há forte repressão; entre 1987 e 1990 há profusas discussões públicas sobre o status da homossexualidade a partir de um ponto de vista científico e humanitário, culminando na descriminalização entre 1990 e 1993, conquistada pela pressão de movimentos gays e lésbicos. Infelizmente, em 2013, a Rússia põe em vigor a lei que proíbe propaganda de “relações sexuais não tradicionais” a menores de idade, o que, de forma indireta, reacende a repressão às sexualidades não heterossexuais.

Há um debate acalorado acerca do tratamento da homossexualidade masculina³ na história russa, porém, é preciso destacar que esse campo de disputa existe justamente porque nenhuma visão acerca do tema era unânime à época. Alguns historiadores e cientistas sociais, como Barry Adam (1997), John Lauritsen e David Thorstad (1974), alegam que a descriminalização após a Revolução de 1917 seria um sinal de progressismo, indo de encontro ao controle dos corpos e repressão a homossexuais durante a Rússia czarista. Contudo, outros autores, como Karlinsky, conhecido por seu anticomunismo, rebatem a ideia alegando que as supostas medidas bolcheviques revolucionárias referentes à homossexualidade masculina foram, na verdade, uma tentativa de se opor ao aparato institucional czarista; dessa forma, a descriminalização da sodomia não significava ausência de perseguição a gays.

³ As relações entre mulheres não irão aparecer na maior parte dos relatos de perseguição, principalmente por vias legais. Isso ocorre porque recai sobre o amor lésbico uma invisibilidade que sequer o considera possível de existir. Mal reconhecidas enquanto seres, não fazia sentido falar sobre sexualidade sem a presença de homens. Na Inglaterra, na Era Vitoriana, no século XIX, após a reforma do código civil, a pederastia continuou criminalizada; quando perguntada sobre o “lesbianismo”, a Rainha Vitória afirmou que isso não existia. (FACCO, 2004) Segundo Dan Healey (2001), um processo parecido ocorre na Rússia.

Ademais, renegar a existência da homossexualidade na Rússia ajudava a construir uma "imagem de heterossexualidade universal e pura como um padrão natural no tecido social, de forma que a homossexualidade masculina era paulatinamente relegada à Europa Ocidental - vista como reprodutora de "doenças da civilização" - e ao Oriente, concebido como "exótico" e "atrasado" (JESUS, 2010, p. 282). Dan Healey (2003) cita essa estratégia, a "geografia da perversão", que mapeia em territórios estrangeiros a culpa pela degradação homossexual, reiterando o mito da inocência sexual russa, reforçado pela figura do camponês trabalhador, puro, inocente e fértil que se reproduz para criar soldados, como parte da nacionalidade herdada da história da homossexualidade no país. Para o autor, "a oportunidade de deslocar a homossexualidade para grupos e ideologias opostas ao comunismo, para qualquer outro lugar, era simplesmente muito atraente para se deixar passar" (HEALEY, 2003, p. 3, tradução minha).

No período pré-revolução, Jesus (2010) descreve a Rússia como indulgente em relação a punições à sodomia; alguns intelectuais famosos da época viviam abertamente relações homossexuais, como Tchaikovsky. Somente com Pedro, o Grande, o Império Russo criou uma lei que punia a homossexualidade masculina, ainda assim, apenas sob crime de pederastia⁴. Foi a partir de 1835 que o Código Penal adicionou artigo punindo também civis que mantivessem relações homossexuais com exílio ou trabalho forçado na Sibéria. Contudo, foi a regulação do corpo de mulheres que possibilitou maior acesso a subcultura gay, culminando numa regulação mais rígida: o novo Código Penal também versava sobre as atividades sexuais pagas, perseguindo as profissionais; como prostitutas e homens gays utilizavam os mesmos espaços, às margens, nos espaços públicos, foi como um efeito dominó. Além disso, durante os anos 1850 e 1860, alguns cientistas forenses da Europa Ocidental, como Ambroise Tardieu, da França, e Johann Ludwig Casper, da Alemanha, sistematizaram em manuais conhecimentos sobre sinais de penetração anal entre homens e outros sinais de contato erótico, incluindo também as relações lésbicas.

A primeira obra científica russa a falar sobre a homossexualidade - tanto masculina quanto feminina -, na tentativa de "domesticar o conhecimento estrangeiro" (HEALEY, 2001, p. 83) relativo ao tema, foi chamada "*Forensis Gynecology*", de Vladislav Merzheevskii, publicado em 1878. O livro continha um capítulo de cinquenta e sete páginas sobre "pederastia", "amor lésbico" e

⁴ Termo que, inicialmente, era utilizado para se referir a qualquer relação sexual dentro do quartel e que, com o tempo, transmutou-se dentro do campo semântico e acabou como sinônimo de relação sexual entre homens.

bestialidade, apesar de, na verdade, se tratar de uma obra sobre a violência masculina contra a mulher. No livro, Merzheevskii denominava a homossexualidade como um hermafroditismo mental e, especificamente, a pederastia como uma expressão do desejo incontrolável masculino, podendo escolher como objeto tanto uma mulher, um homem ou um animal; dessa forma, retira-se de cena a possibilidade de afeto entre homens, colocando as relações dentro de um espectro de violência.

Sete anos depois, o estudo e detecção de “perversões sexuais” deixa o campo da medicina forense e entra na psiquiatria forense, com V. M. Tarnovskii. No livro, o autor ensinava técnicas para descobrir “pederastas passivos”, colocando-os de joelhos afastados, com as nádegas para cima, observando a cavidade anal para sinais de penetração (HEALEY, 2001). Foram utilizados tratamentos de hipnose para a cura da homossexualidade - fosse para sodomitas ou para tribadistas -; como justificativa para a perversão sexual, a “troca” de cérebros - corpos masculinos e femininos aprisionando cérebros não condizentes com seu gênero. Apesar desse cenário sombrio para a questão, o Império russo era quase indiferente e pouco se empenhava em perseguir, julgar ou condenar os chamados pederastas. Havia, então, um espaço interdito para a existência, ainda que invisível.

As relações com a Alemanha, bem como a dinâmica alemã de tratamento de relações não-heterossexuais, foram essenciais para os rumos da história homossexual na Rússia. A herança do escândalo de Eulenburg⁵, na Era Guilhermina, causou forte impacto na República de Weimar⁶, culminando em confrontos com movimentos de emancipação homossexual. Contudo, o Partido Comunista Alemão (KPD), até o regime nazista, apoiava a exclusão da criminalização da sodomia, na intenção de retirar toda e qualquer lei sobre sexo que fosse considerada reacionária. A ascensão de Hitler desempenhou papel fundamental na recriminalização da homossexualidade masculina em território soviético, que se deu logo após a ruptura das relações entre Rússia e Alemanha. Com uma propaganda pesada na Europa, iniciou-se um embate entre Fascismo e Comunismo em que, para atingir a honra e a masculinidade, acusações de sodomia eram feitas - de ambos os lados. Segundo Healey, “Pela primeira vez nos anos 30, essa retórica homofóbica internacional elevou

⁵ Conhecido também como o Escândalo da Távola Redonda. Teve início com a publicação de artigos, pelo jornalista Maximilian Harden, sobre envolvimento homossexuais entre o Príncipe Philipp zu Eulenburg-Hertefeld e o general Kuno von Moltke. O caso, amplamente divulgado pela imprensa alemã, foi parar nas cortes marciais. Com frequência é comparado ao escândalo de Oscar Wilde, na Inglaterra.

⁶ A República de Weimar é uma designação histórica para a república estabelecida na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial.

significativamente o discurso antihomossexual moderno na arena diplomática”⁷ (2001, p. 182). Em 1933, após o incêndio no Palácio de Reichstag, creditado a Marinus van der Lubbe, ex-comunista, utilizado pelos nazistas como construção da ameaça vermelha, o Partido Comunista Alemão usou de ostensiva retórica homofóbica para desvincular a imagem de Lubbe da esquerda. Segundo eles, Marinus foi pago pelo Partido Nazista e estava sob influência sexual e moral de Ernst Röhm, líder das Tropas do Partido.

Inegavelmente, é durante o governo de Stalin que as ações de repressão aumentam, inclusive em relação aos homossexuais e, novamente, há uma tentativa de responsabilizar Outros pela contaminação das “perversões”, utilizando-se de retórica homofóbica:

Quando Stalin tornou a sodomia ilegal novamente para todas as repúblicas da União Soviética em 1934, seu porta-voz Maxim Gorky justificou a reversão recorrendo ao venerável mito da energia bárbara Russa que o humanismo proletário estava agora transformando em vigor industrial. Ele contrastou essa saúde rude com o cinza da Alemanha nazista, “rostos desidratados, sua juventude doentia desmoralizada e corrompida pela homossexualidade e outras doenças da civilização: alcoolismo, sífilis, histeria” (HEALEY, 2003, p. 3).

Diferentemente da campanha pública e em alto e bom som contra homossexuais feita por Hitler, na Alemanha, a recriminalização da sodomia na Rússia foi feita por baixo dos panos, silenciosamente. Dessa forma, permaneceram durante muito tempo no campo das suposições os motivos que levaram à proibição da sodomia (e por que as relações lésbicas permaneceram fora da legislação, apontando para uma invisibilidade latente do amor entre mulheres).

Segundo os documentos do “*Archive of the President of the Russian Federation*” (APRF), liberados somente em 1993, a iniciativa para a criação da lei antissodomia veio do chefe da polícia política, Iagoda, que em carta a Stalin afirma que os grupos pederastas utilizavam suas ligações para a construção de espaços contrarrevolucionários e células de espionagem, desmoralizando politicamente jovens, inclusive trabalhadores e planejando se infiltrar no exército e na marinha. Stalin, por sua vez, responde veementemente: “esses patifes devem receber uma punição exemplar, e um decreto orientador

⁷ Tradução minha: “This international homophobic rhetoric significantly elevated a modern antihomossexual discourse to the diplomatic arena for the first time in the 1930s”.

correspondente deve ser introduzido em nossas legislações”⁸ (HEALEY, 2003, p. 184).

A geografia da perversão tornou-se ferramenta estrutural da construção de nacionalidade europeia para lidar com relações homossexuais: “os franceses chamaram de “os vícios ingleses”, a cultura finlandesa culpou os suecos por importar o amor entre homens e os primeiros alemães modernos viam como uma obsessão florentina” (tradução minha) (HEALEY, 2003, p.1). Acredito que possamos falar em uma acusação de ideologia da perversão, no que concerne a retórica homofóbica: Comunistas acusavam nazistas de serem homossexuais, os nazistas devolviam na mesma moeda. Há um embate para decidir quem carregaria a culpa pela perversão de uma sexualidade dissidente e seria, conseqüentemente, menos homem. Na medida em que ser homem, numa sociedade patriarcal heteronormativa e colonialista tem a ver com a dominação e subjugação de corpos de mulheres, relacionar-se com outro homem diminui a masculinidade⁹.

O Partido Comunista Brasileiro surge em 1922, sob influência dos ideais russos. E, até 1953, com a morte de Stalin e as denúncias dos crimes cometidos durante o regime ditatorial por ele imposto, os comunistas brasileiros seguiam a mesma cartilha do Partido Comunista soviético. Isso significa que se importam, também, ideais e perspectivas sobre a homossexualidade.

No artigo “O que o cinema nunca contou”, na primeira edição do conhecido jornal homossexual *Lampião da Esquina*, João Silvério Trevisan (1978) nos conta que socialistas europeus ligavam a virilidade aos socialistas e a homossexualidade aos fascistas. A lógica era conhecida entre os nazistas, contudo, entre eles, “bicha era sinônimo de comunista [...]. Ou seja, os homossexuais são bodes-expiatórios tanto da direita quanto da esquerda repressiva. Esse é um bom motivo para eles começarem a contar sua própria história. No Brasil também” (TREVISAN, 1978, p. 12). Ainda na mesma edição do periódico, Quebec (1978), pseudônimo de um autor que se declara gay e de esquerda, na carta do leitor “Rodando a baiana”, afirma que

a moralidade presente nesta ‘esquerda’ é às vezes pior que a da Igreja do Medievo. [...] Cuba perseguiu intelectuais (não só homossexuais) como a Santa Inquisição apenas porque estes divergiam dos dogmas do Papai Fidel (que posa de machão com um charutão fálico na boca; que come Gina

⁸ Tradução minha: “these scoundrels must receive a exemplary punishment, and a corresponding guiding decree must be introduced in our legislations”.

⁹ Obviamente, é possível construir uma relação homossexual sob os moldes heteronormativos, contribuindo para o funcionamento do sistema de exploração patriarcal, mas agora subjugando corpos femininos/feminilizados, não exclusivamente de mulheres.

Lolobrigida numa clara alusão à função da mulher na vida de um 'líder' como ele) (p. 15).

Ao que os editores responderam “[...] para um homossexual, a atuação a nível político é duas vezes mais complicada. Isso fica bem claro na sua carta, que é muito oportuna quando fala na esquerda autoritária”. Na segunda edição do *Lampião*, João Carneiro aborda novamente a questão, estendendo um pouco:

relembra aos leitores os “quase mil homossexuais notórios” (p. 4) fuzilados nos paredões de Cuba sob ordem de Fidel Castro, assim como os milhares enviados aos campos de reeducação na Sibéria por Stalin, e também outros milhares de homossexuais que “desapareceram” na Grande Revolução Proletária de Mao Tsé. Traça um paralelo “à direita” sobre outros milhares de homossexuais assassinados no Chile de Pinochet, na Argentina de Videla, na Alemanha de Hitler, na Itália de Mussolini, na França de Laval e na Espanha de Franco. Carneiro argumenta que a questão da libertação e da opressão às sexualidades não pode ser tipificada pelos regimes de direita, centro ou esquerda, “[...] porque a repressão, em todas as suas formas, é isso sim, característica de todo e qualquer poder estabelecido. (MORETTI-PIRES; TESSER JÚNIOR; KOVALESKI, 2018, p. 6)

Fato é que a homofobia da esquerda brasileira era condizente com os pensamentos socialistas da época. Em carta a Engels, Marx afirma:

Os pederastas já são numerosos e estão descobrindo que constituem um poder no Estado. [...] Daqui em diante, vai virar moda dizer ‘guerra às xoxotas, paz para os fiofós’. Que sorte a nossa, por sermos demasiado idosos; assim, não teremos a obrigação de pagar tributo com nosso corpo à vitória desse partido. (BORRILLO, 2010)

Dessa forma, não é de se espantar que a estrutura do Partido Comunista Brasileiro traga entre suas vigas a homofobia, o que também se refletia nas obras comunistas que seguiam os preceitos do partido. O inédito de Jorge Amado não foge à regra ao retratar o personagem Heitor. O chefe do grupo militante que se reúne na fazenda de Augusto, esperando pelo sinal para o levante, resolve simplesmente que a vida parece muito melhor do que morrer pela causa comunista. Contudo, a construção de traidor e covarde parece estar naturalmente tão atrelada à homossexualidade que o único que desiste da revolução armada é o personagem com desejos por outro homem.

Heitor surge pela primeira vez na narrativa enquanto observa Edith, sua esposa, se render ao sono que chega insistente. E, assim que a mulher adormece, Heitor passa a mão em seu corpo; então, com a memória ativada pelos poros de seus dedos, vem à tona a lembrança de quando era menino:

[...] nádegas de adolescente, coxas bem feitas porém magras, o pijama fazendo-a ainda mais um rapaz e aquele cabelo cortado curto como cabelo de homem... quis beijar o pescoço da mulher para acordar, mas lembrou-se do pescoço de um rapazinho no internato, há tantos anos. Estava na carteira da frente. Heitor viu de súbito o pescoço do colega com os olhos do sexo. Era muito alvo, aos poucos o cabelo negro ia aumentando, até se derramar pela testa. Então, o estudante lhe parecia uma mulher de cabelos cortados como homem e o desejo foi tão violento e o dominou de uma maneira tão brutal que ele se levantou e beijou desesperadamente o pescoço do outro. Depois caiu em espasmos na sala, os alunos correram, os padres e os bedéis. Ele estrebuchava no chão, dizia palavras incoerentes, um padre jovem murmurara que o demônio o possuía, outro rezava orações de exorcismo. E o menino que ele atacara chorava humilhado entre os sorrisos maliciosos dos colegas. (AMADO, 1942, p. 24)

Enquanto Heitor justifica o desejo que o leva a beijar o pescoço do colega, afirmando que “o estudante lhe parecia uma mulher de cabelos cortados como homem”, o narrador descreve Edith “como um rapaz” (p. 24) e, aos poucos, como que convencido pela narração através de um diálogo silencioso, o próprio personagem parece perceber as fronteiras difusas entre Edith e o rapaz e admite o que antes tentava negar:

Era como um rapaz, era como se possuísse o jovem do colégio. Agora compreendia... Suas mãos tremiam no reconhecimento repentino das nádegas que sempre amara. Desde rapazola... desde rapazola... - repetia para si mesmo com espanto. E tinha os olhos desmesuradamente abertos mas logo os fechou porque assim via melhor o adolescente na carteira da frente [...], o pescoço níveo - níveo -, as coxas que apareciam bem feitas sob as calças curtas e apertadas. Reconhecia agora esse pescoço, essas coxas e essas nádegas, com as mãos trêmulas.

Este ciclo vicioso em que se entra na tentativa de definir o desejo só pode ser quebrado se sairmos da lógica binária de construção de gênero e sexualidade. Na gana de encaixar o personagem em uma identidade sexual binária específica, a partir da performatividade de gênero¹⁰ do outro,

¹⁰ “Enquanto processo, a significação alberga em si aquilo que o discurso epistemológico refere como o ‘agência’. As regras que governam a identidade inteligível, isto é, que permitem e restringem a afirmação inteligível de um ‘eu’, regras que são parcialmente estruturadas em matrizes de hierarquias de gêneros e heterossexualidade obrigatória, operam através da *reiteração*. De facto, quando se diz que o sujeito é constituído, isso quer dizer somente que o sujeito é uma consequência de determinados discursos governados por regras que regem a invocação inteligível da identidade. O sujeito não é *determinado* pelas regras mediante as quais se gera, pois a significação *não é um ato fundador, mas um processo regulado de reiteração* que se dissimula e impõe as suas regras justamente pela produção de efeitos substancializadores. De certo modo, toda a significação ocorre na órbita da obrigação de repetir; a ‘agência’ localiza-se, pois, na possibilidade de variar essa reiteração. (...) só é possível

classificada de forma binarista, cria-se um paradoxo indecifrável dentro da visão imposta por lentes que só sabem contar até dois. Sobre a característica fluida do gênero, Maggie Nelson (2017) reflete:

Tenho um amigo que pensa no gênero como uma cor. O gênero e a cor têm em comum certa indeterminação ontológica: não é correto dizer que um objeto *é* uma cor, nem que o objeto *tem* uma cor. O contexto também a modifica: *todos os gatos são pardos*, etc. A cor também não é, a rigor, *voluntária*. Mas nenhuma dessas fórmulas quer dizer que o objeto em questão é *incolor*. (p. 20)

Entre Edith e o colega de classe há uma semelhança entre performances de gênero e corpos não normativos, desencadeando, por assim dizer, uma falha na percepção da matriz binária. Ora Edith se parece com um rapaz, ora o rapaz é quem parece uma mulher, mas, assim como o objeto que não *é* nem *tem* uma cor, a percepção de gênero dos dois indivíduos modifica-se, pois só é possível caminhar nas fronteiras quando existem territórios demarcados:

[...] essas identidades correspondem a uma ilusão criada pelas sociedades misóginas e heterossexistas que estruturam e sustentam a ficção da existência concreta de homens e mulheres. Essa ficção, esse mito estruturante cria as condições para a emergência das expressões do gênero, tomadas e vivenciadas como identidades, estruturadas por via da diferença sexual, verdadeira ideologia reguladora das identidades (OLIVEIRA, 2011, p. 59).

Ainda que Heitor não tenha consciência dos aspectos fronteiriços da performatividade de Edith e do rapaz, mais tarde, parece fazer as pazes com as simetrias. Contudo, antes do momento de aceitação, ele encara nos olhos o iminente desejo e já não teme a revolução ou a tempestade, tudo se torna diminuto perto do momento epifânico:

Já não tremia de medo do horror da noite de temporal, de tudo que ia acontecer de mau naquela madrugada, já não tremia com medo da luta e da morte, da dor física que tanto o acovardara, mas tremia de medo dos sentimentos que se desencadeavam dentro dele. [...] Esquecera tudo, tudo que durante as longas horas do princípio infindável da noite tentara em vão esquecer. (AMADO, 1942, p. 24)

subverter a identidade dentro das práticas de significação reiterada. O preceito de *ser* um gênero concreto produz fracassos necessários, um sem-número de configurações incoerentes que, na sua multiplicidade, excedem e desafiam o preceito por que se geram” (BUTLER, 2017, p. 285-286).

Num embate íntimo, Heitor, ao se deparar com a sinceridade dos seus sentimentos, desespera-se e toma consciência do julgamento que virá dos companheiros de luta. Neste trecho delinea-se o início da retórica homofóbica na construção do personagem:

Esqueceu dos homens que o esperavam para receber dele ordens que o levariam ao triunfo ou à morte, esqueceu os que naquele momento, diante de um aparelho de rádio, aguardavam ansiosos o aviso de a hora era chegada e que deviam estar a perguntar o que era feito dele, o que acontecera com Heitor e que talvez já o tivessem julgado entre si e *decidido da sua covardia*. (AMADO, 1942, p. 24)

O que se desenha é reflexo da lógica homofóbica presente nos ensinamentos de uma sociedade heteronormativa e, ademais, na construção do inimigo político: Heitor está convencido de que já foi julgado covarde pelos companheiros, contudo, essa certeza advém da sua ausência na reunião na fazenda de Augusto ou pelo desejo que o atormenta? O personagem, então, alucina com os homens, visualizando todos dentro do quarto, como se pudessem observá-lo não só no cômodo, mas tivessem acesso às suas emoções:

Ficaram junto à cômoda e Heitor não sabia bem como cinquenta homens cabiam naquele canto. É verdade que via quase que somente as cabeças mas, de negro Filomeno ele via o corpo inteiro [...] Mas os lábios estavam semi-abertos e, através da amizade do sorriso, Heitor percebia claramente pronunciada no quarto a palavra que lia nos outros, que adivinhava nas mãos crispadas: “Covarde” lhe diziam todos [...] (AMADO, 1942, p. 25)

Não apenas na apresentação de Heitor é que o discurso da homofobia como ferramenta para criação de inimigos é utilizado, este reaparece em outro trecho do romance, quando os personagens conversam. Prensa é o personagem pintado como o mais frio e seco dos revolucionários: “o ódio de Prensa é maior que qualquer piedade. Sua mão ferirá sem pena, em nenhum minuto seu coração será maior. Nele só existe lugar para um sentimento: o ódio” (AMADO, 1942, p. 13). Num diálogo, os companheiros, ao zombarem dele, utilizam-se novamente da retórica homofóbica:

– A estas horas Heloísa está dançando... Como ela gosta de dançar...
Lopes se interessa imediatamente:
– Tua pequena?
– É, sim. Não é por ser minha noiva mas lhe garanto que dança maravilhosamente. Valsa, então, nem se fala...
[...]
– Tem uma dança nova, americana, que dizem que é fabulosa...
Prensa despregou da janela:

- Pra mim esse negócio de dança é pura descaração. Vício de burguês. É só pra se esfregarem... Safadeza da grossa. Não é coisa pra revolucionário...
Lopes riu:
– Será que você também não anda com mulher, Prensa? Acha que isso também é vício de burguês? [...] (AMADO, 1942, p. 39)

Com a certeza de que desejar outro homem é ser, ao mesmo tempo, covarde, traidor e inimigo, é compreensível que Heitor tema mais seus sentimentos não normativos do que o levante armado ou sua iminente morte. Contudo, é também a paixão pelo colega de classe que desperta no chefe do grupo de comunistas o amor à vida e, de repente, o encanto com a morte pela revolução é desfeito. Como que numa estratégia de sobrevivência, Heitor faz as pazes rapidamente com a semelhança entre Edith e o rapaz, transmutando os dois indivíduos em um, e, dessa forma, parece amar ainda mais a esposa agora que enxergava de onde viera a paixão que ninguém mais compreendia, já que todos consideravam-na uma “mulher medíocre”. Ao mesmo tempo em que elenca os motivos para viver, o narrador junta-se ao coro dos homens que chamam Heitor de covarde ao trazer para a narrativa o contraponto dos oprimidos que dependiam da revolução para terem justiça:

Por que morrer se é tão bom viver? Se numa noite tão má e feia o homem tinha uma casa boa e tranquila, flores em lindos jarros, a paz em cada cortina, a alegria em cada gesto da mulher amada? [...] Não enxergava os sem pão que deviam comer, os sem alegria que deviam ter alegria, os sem paz que deviam ter paz, os sem amor que estavam famintos de amor e bem mereciam ser amados. Só enxergava que sua casa era boa, um porto na tempestade, que o vento passava em torno mas não entrava, que se derrubava folhas nas árvores da rua não bolia nas flores dos jarros, que sua mulher era alegre quando era triste a noite, que ele tinha tudo e não podia perder nada disso, que a vida sempre fora assim e nada podia evitar que ela continuasse assim: uns com alegria, outros sem alegria. (AMADO, 1942, p. 28)

Para os militantes, a revolução tem rosto de mulher. Há uma romantização da luta e da morte como o êxtase final do encontro com a amada:

E se a visão da morte passa diante dos seus olhos ela se parece com uma mulher. Para Mario é Maria Franco pedindo que ele não vá. Raymundo vê Heloísa valsando, os longos cabeços enchendo a sala. Miguel pensa em Celestina, que a morte também pode ser uma mulata¹¹ de amplos quadris.

¹¹ Novamente, na possibilidade de análise e reelaboração do passado e estudo dos problemas morais que surgem apenas quando o *ethos* coletivo deixa de dominar, é necessário ressaltar o caráter racista do termo “mulata”: “Os movimentos negros brasileiros refutam a utilização da palavra por dois motivos: 1) linguístico - derivação de ‘mulus’, do latim, atualizado por ‘mula’, o animal que surge da cópula de duas raças diferentes - o asno e a égua, que, no século XVI,

Prensa vê a a mulher que se afastou dele com nojo na entrada do cinema, há muitos anos, e agora ele a pode possuir. Só Lopes não tem essa visão pessoal de uma mulher. Vê alguma coisa que lhe parece todas aquelas mulheres tristes e pobres que nas cidades, nas margens dos rios, na fímbria dos mares, nas janelas das pensões alegres, esperam que tudo seja melhor e o amor seja possível. Se a morte vai na frente do automóvel não importa. Ela é uma bela mulher. (AMADO, 1942, p. 16)

Heitor é o único personagem que volta atrás e desiste do encontro com a morte, com a bela mulher; além disso, é o único dos militantes com desejos não heterossexuais. A construção narrativa do personagem tenta, a todo custo, reafirmar o desejo homossexual de Heitor através da ligação deste com a desistência da luta, com sua covardia. Por se tratar de um romance inacabado, não é possível concluir a trajetória do personagem e este continua no espaço interdito aguardando um desfecho para sua transgressão ideológica e sexual. Contudo, sendo a própria ausência de final para a narrativa um final metafórico de que a revolução nunca aconteceu, todos os temores e ansiedades de Heitor poderiam ter permanecido adormecidos na cama ao lado de Edith.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Romance inédito**. Acervo Mala de Jorge Amado, nuLIME, UFSC. 1942.

BUTLER, Judith. **Problemas de género**. Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

HEALEY, Dan. **Homosexual desire in revolutionary Russia: the regulation of sexual and gender dissent**. London: The University of Chicago Press, 2001.

HEALEY, Dan. What can we learn from the history of homosexuality in Russia? **History Compass**, v. 1, 2003. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1478-0542.047>. Acesso em: 13 mar. 2020.

JESUS, Diego Santos Vieira de. O camarada de um amor sem nome: medo e desejo na União Soviética (1917-1934). **Caderno Espaço Feminino**, v. 23, n. ½, p. 281-309, 2010.

derivou-se na América hispânica para ‘mulato’ como uma analogia ao caráter híbrido do animal, considerado uma raça inferior já que não possui a possibilidade da reprodução; e 2) cultural - a falsa impressão de democracia racial que há no país, associado à representação da mulher negra ou mestiça através do corpo branqueado e hiperssexualizado” (DA SILVA, 2018, p. 77).

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio; TESSER-JÚNIOR, Zeno Carlos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Homofobia e os socialistas brasileiros em “O Lamião da Esquina” (1978-1981). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/45989/37562>. Acesso em: 24 jul. 2020.

NELSON, Maggie. **Argonautas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

O LAMPIÃO DA ESQUINA. Negros, mulheres, homossexuais e índios nos debates da USP: felicidade também deve ser ampla e irrestrita, n. 10, 1979.

O LAMPIÃO DA ESQUINA. “Entrevista”. Alô, Alô, classe operária: e o paraíso, nada?, 1979, p. 9-11. (Entrevista concedida por Luiz Inácio Lula da Silva).

OLIVEIRA, João M. Fazer e desfazer o gênero: Performatividades, normas e epistemologias feministas. In: NEVES, Sofia (Coord.). **Gênero e ciências sociais**. Maia: ISMAI, 2011. p. 49-66.

SCOTT, Joan. **The fantasy of feminist history**. Durham, London: Duke University Press, 2011.

SILVA, Liliam Ramos da. Não me chame de mulata: uma reflexão sobre a tradução em literatura afrodescendente no Brasil no par de línguas espanhol-português. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 57.1, p. 71-88, jan./abr. 2018.

O ACERVO REVELADO NAS IMAGENS

Ailê V. Gonçalves

Trabalhar com o projeto Acervo Mala de Jorge Amado, dentro do Núcleo de Literatura e Memória (nuLIME)/UFSC, nos faz não só entrar em contato com o Acervo de 1941-1942 do escritor baiano, mas também adentrar pelas ramificações a que o estudo da literatura nos leva. Ramificações que se fortificam a cada pesquisa feita pelas pesquisadoras que continuam enaltecendo as estórias da mãe Rosa Scliar e da filha Leonor Scliar Cabral, guardiãs desse Acervo, assim como Tânia Regina Oliveira Ramos, coordenadora. Além da materialidade das 1.446 páginas de documentos, nos vemos percorrendo caminhos que não estavam descritos na superfície desses papéis. Esses caminhos lúgubres, de um passado clandestino de exílio se encontram nas entrelinhas de cartas, produções literárias, cartões-postais, mapas, fotografias, manchas de café entre outras marcas, que acabam (onde terminam) se encontrando com nossas e outras pesquisas, às teorias e se entrelaçando às histórias dos camaradas que compartilham esse acervo.

Sendo assim, minhas pesquisas percorreram os caminhos visuais que o estudo literário proporciona. Desde 2015, quando entrei no nuLIME, estive conectada a experiência do “Acervo como um todo”. Então quando escolhi meu objeto de pesquisa parti da ideia de que ele estava interligado aos outros documentos do acervo, um pertencendo ao outro. Em meu Trabalho de Conclusão de Curso *O (In)visível no Acervo Jorge Amado (1941-1942)* (2016), através das categorias catalogadas pela doutora Thalita Saldanha Coelho como: “Ilustrações”, “Objetos de Arte” e “Fotografia”, pude perceber que aquelas imagens conversavam com os documentos textuais. E que além disso, contavam algo a mais.

Dessa forma, através da continuação das pesquisas iniciadas no TCC, em minha dissertação “A Mala de Jorge Amado Revelada por Imagens”, (2019), construo a Fotobiografia do Acervo Jorge Amado (1941-1942). A seguir o texto apresentado são recortes do que desenvolvi em minha dissertação (GONÇALVES, 2019), trazendo conceitos da metodologia utilizada e a materialidade que a Fotobiografia propôs.

Sendo assim, começo apresentando a problemática acerca dessa criação, com questões e perspectivas levantadas por alguns autores da área da arquivologia, história e literatura.

1. A IMAGEM NO ARQUIVO

A arquivologia traz como um dos seus objetivos tratar do acervo como um todo, isto é, não tratar como menor algumas de suas partes. Apesar disso, há bibliografias que ainda preconizam o tratamento das fotografias dentro do arquivo, lidando exclusivamente com “O Que” ela mostra, ou seja, priorizando somente seu conteúdo informacional e desprezando sua dimensão expressiva (BARTALO; MORENO, 2015, p. 29. apud SMIT, 1997, p. 2). Dentre as várias formas e teorias para indexar as imagens nos arquivos, parti do princípio do que a autora Susan Sontag afirma sobre as fotografias no livro “Sobre Fotografia”: “quando algo é fotografado, torna-se parte de um sistema de informação, adapta-se a esquemas de classificação e de armazenagem [...]” (SONTAG, 2004, p. 172), ou seja, se algo foi fotografado - e neste caso, posteriormente guardado - esta forma iconográfica passa a fazer parte da história, a conter informações e, por isso, torna-se passível de análise documentária. No entanto, a forma de efetuar essa análise, levando em consideração a história de documentos abandonados é um dos aperfeiçoamentos deste trabalho.

Para enriquecer a análise dos documentos imagéticos e a construção do seu valor, busquei o trabalho da autora Aline Lopes de Lacerda, “A Imagem nos Arquivos”. No texto, ela reflete sobre a problemática dos documentos visuais dentro dos Acervos, revelando a maneira isolada que a imagem é retratada ou ainda inferiorizada quando em comparação aos documentos textuais, e que, embora os registros visuais estejam presentes em quase todos os arquivos (públicos, privados, institucionais e pessoais), ainda são classificados e vistos de um modo afastado dos documentos verbais. Para as imagens, além de serem catalogadas pelo seu “valor informativo” e “a imagem de alguma coisa” ou “de alguém”, como um “valor de prova”, às vezes lhe restam somente as regras técnicas de conservação e preservação.

Sobre o “valor de prova”, a proposta que Aline Lopes de Lacerda traz em sua pesquisa caminha ao lado da proposta do escritor e historiador Peter Burke afirma, no livro “Testemunha Ocular: O Uso de Imagens Como Evidência Histórica”, como podemos perceber no seguinte trecho da pesquisadora:

O uso de imagens por historiadores não pode e não deve ser limitado à “evidência” no sentido estrito do termo. Deve-se também deixar espaço para o que Francis Haskell denominou “o impacto da imagem na imaginação histórica”. Pinturas, estátuas, publicações e assim por diante permitem a nós, posteridade, compartilhar as experiências não verbais ou o conhecimento de culturas passadas. [...] Trazem-nos o que podemos ter conhecido, mas não havíamos levado tão a sério antes. Em resumo, imagens

nos permitem o “imaginar” o passado de forma mais vívida. (BURKE, 2017, p. 24)

Dessa forma e nos princípios básicos da arquivologia, a preservação dos vínculos documentais é muito importante para história sociocultural do Acervo, pois as imagens também possuem sua responsabilidade e seu testemunho. Como a autora Aline Lopes de Lacerda afirma: “Qualquer imagem pode ser considerada um documento, à medida que o conceito amplo de documento diz respeito a qualquer informação registrada num suporte.” (LACERDA, 2013, p. 57). E mais ao final de sua reflexão, ela nos elucida sobre o significado memorial que as imagens também possuem: “Não podemos esquecer que fotografias adquirem seu significado a partir do modo como as pessoas com elas envolvidas as compreendem, as usam, dessa forma, lhe atribuem significado.” (LACERDA, 2013, p. 63), ou seja, quando olhamos para as imagens do Acervo, produzimos também a ressignificação.

Contudo, como pesquisadora da área de literatura, posso trabalhar esses documentos imagéticos através da língua e de sua mobilidade, na ação de escavar, de lembrar, de narrar. Já que, como afirma Walter Benjamin, sobre a ideia da imagem dialética:

Não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação. Em outras palavras: a imagem é a dialética na imobilidade. Pois, enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal e contínua, a relação do ocorrido com o agora é dialética - não é uma progressão, e sim uma imagem, que salta - Somente as imagens dialéticas são imagens autênticas (isto é: não-arcaicas), e o lugar onde as encontramos é a linguagem. “Despertar”. (BENJAMIN, 2009, p. 504)

E sobre essa possibilidade através da ficção, da linguagem, o prefácio de Eucanaã Ferraz, que introduz a Fotobiografia de Ana Cristina César, nos lança luz sobre o silêncio. O silêncio ao visualizar uma imagem e voltar para o referente textual do escritor dentro do trabalho do pesquisador, o silêncio do arquivo e o silêncio da fotografia:

Mas a fotografia nos mantém na exterioridade, recusando-se à interpretação. Mal contemplamos aquele rosto no papel e logo somos reenviados aos textos do escritor, levando conosco apenas o silêncio do que vimos. E se retornamos aos textos, o que procuramos na fotografia também não se encontra lá, naquela esfera em que mesmo a individualidade mais rente ao corpo, à psique, à biografia, é sempre invenção. (CESAR, 2016, p. 10)

Então, na perspectiva do “retorno”, no re-olhar para os documentos imagéticos dentro do arquivo e do meu próprio trabalho feito em 2016 no TCC, penso sobre essa necessidade de retorno. A análise que foi feita em 2016 dos 28 documentos passou pela tentativa de buscar o todo, cada centelha de informação, em uma busca infinita pelas origens e informações, a qual, após “concluir” o trabalho não cessou (e que possivelmente não irá cessar). E meu retorno para o arquivo se materializou nessa dissertação. Na busca e incorporação de mais imagens que constroem esse Acervo. O escritor Jaques Derrida reflete acerca da “Pulsão de Morte” no arquivo, mas também sobre a perturbação como paixão de quem se aventura na trama arquivística, ele aponta:

A perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo (*en mal d'archive*). Escutando o idioma francês e nele, o atributo “*en mal de*”, estar com mal de arquivo, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome “mal” poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva. É dirigir-se a ele com desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprímível de retorno à origem, uma dor da pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. Nenhum desejo, nenhuma paixão, nenhuma pulsão, nenhuma compulsão, nem compulsão de repetição, nenhum “mal de”, nenhuma febre, surgirá para aquele que, de um modo ou outro, não está com mal de arquivo. (DERRIDA, 2001, p. 118-119)

Sendo assim, compreendo, como pesquisadora de arquivo, o estar “com mal de arquivo”, pois, além de tudo, as imagens são fonte de que algo falta, algo que se escapa, algo que precisa ser olhado novamente. O resto que pervive na fotografia e está na impossibilidade da sua interpretação por completo, pois “algo de indizível sempre resta no processo de interpretação da imagem, algo sempre escapa à percepção do contemplador” (KLAFKE, 2016, p. 259). Algo que de certa forma, corroborando com o conceito de Derrida, legitima esse retorno.

Dessa forma, percebi que a história da Mala de Jorge Amado está repleta de olhares, de certa forma, ao ob(e)scuro. Seja pela condição política do Brasil, de tratar comunistas como inimigos a serem perseguidos e eliminados, seja nessa “ausência” representada pela fuga de Jorge Amado e de várias pessoas ligadas ao PCB desaparecendo do Brasil no exílio; no apagamento dos nomes nas correspondências e das legendas nas fotografias, através da personalização de pseudônimos dos companheiros; o abandono da Mala pelo escritor e com isso a caracterização do esquecimento dos anos de 1941 e 1942 na sua vida e nas

suas biografias; a dificuldade na busca das imagens de comunistas hoje, assim como o apagamento mais recorrente das mulheres, sendo isso uma materialização do machismo. Todas essas ações, de alguma maneira, são representações de um vazio a ser preenchido ou na sua falha, revelada em denúncia.

2. METODOLOGIAS

Dessa forma, algumas metodologias foram adicionadas durante a construção dessa Fotobiografia. Desde 2015, com as experiências obtidas trabalhando com o arquivo, tive a oportunidade de enxergar e contextualizar cada documento, assim como estar em contato com a vertente da crítica genética. Mesmo após os trabalhos no PIBIC e no TCC, algumas lacunas restaram, e a dissertação trata do caminho que percorri para incorporar os documentos imagéticos: revelando seu caráter memorialístico, histórico e biográfico, vendo o arquivo como um todo, mas também na descoberta de informações que escaparam da primeira análise, revelando algumas das características de se estudar um arquivo de militantes exilados e perseguidos. Como a fotografia de Serafín José Garcia, o retrato de Nonê Andrade, a identificação de pessoas da fotografia “Fábrica na Argentina” entre outros. Isso revela a riqueza desse Acervo, cheio de detalhes e ramificações, no qual às vezes precisamos lembrar o movimento feito ao olhar para uma imagem muito de perto: se distanciando para enxergar melhor. Sem o distanciamento, é como olhar a fotografia rente aos olhos: uma imagem borrada, enxergando os *pixels* isolados, sem perceber que eles juntos formam uma imagem. Roland Barthes ainda irá afirmar sobre o ato de enxergar com os olhos fechados: “No fundo - ou no limite - para ver bem uma foto mais vale erguer a cabeça ou fechar os olhos.” (BARTHES, 2012, p. 56) que também se encaixa perfeitamente nesse (des)cobrir.

A **Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942** contém as vinte e oito imagens catalogadas em “Ilustrações”, “Fotografias” e “Objetos de Arte”, presentes em meu TCC, com a nova indexação criada através do viés da arquivologia, de legendas e análises textuais utilizando os mecanismos de Shatford (1986) e Smit (1996); a união de mais três documentos imagéticos do Acervo: um cartão postal, um mapa desenhado em uma correspondência e a carteirinha do jornal *A Noite*. Além disso, busquei através da fonte da catalogação, as trinta e nove pessoas mais citadas nos documentos e mais os jornais, revistas e endereços presentes no Acervo.

A nova indexação abrange dois grandes grupos de indexação de imagens: 1) indexação com base no conteúdo e 2) indexação com base em conceitos. Primeiramente utilizei uma legenda de indexação com base no conteúdo, reformuladas a partir da Fotobiografia “Inconfissões” (2016) de Ana Cristina Cesar, que inclui: Título ou Palavras-chave, Local, Data, Fotógrafo/Autor, Acervo/Código de referência do Acervo. Contudo, acrescentei algumas identificações que acercam as particularidades dos diversos documentos, como Formato e Tamanho (Altura x Largura).

Dessa forma, mesmo seguindo o mecanismo da arquivologia nessa indexação, não pudemos esquecer que às vezes há fatores que fogem ao processo, revelando uma essência subjetiva das imagens, pois, segundo Jean Marie Schaeffer: “o interpretante, mesmo se quisesse, não conseguiria reencontrar o conhecimento lateral e a intencionalidade do fotógrafo, não importa quanto se esforçasse para perscrutar a imagem.” (MARQUES; NASCIMENTO, 2009, p. 50 apud SCHAEFFER, 1996, p. 76). E, no caso dessa pesquisa, não só do fotógrafo, mas do próprio Jorge Amado em guardar essas imagens.

A ideia de buscar o registro visual das pessoas citadas no Acervo surgiu com a relevância de deixar o registro de militantes que viveram um período ditatorial, quando a maioria de suas fotos era estampadas somente como procurados, fugitivos e cassados, trazendo a problematização do apagamento e esquecimento através da imagem.

3 FOTOBIOGRAFIA ACERVO A MALA DE JORGE AMADO 1941-1942

Selecionei alguns dos objetos de estudo presentes na Fotobiografia para exemplificar e compor esse artigo, os quais são: as fotografias “Fábrica na Argentina”, “Nonê de Andrade” e “Quadros de Noêmia Mourão”; documentos como “Credencial do jornal *A NOITE*” junto com o endereço escondido nela, “Certidão de nascimento de Jorge Amado”, “Cartão Postal da Praia de Botafogo” e “Endereços”; e algumas das trinta e nove *Personas* que foram adicionadas ao *corpus* da Fotobiografia.¹

¹ Escolhi anexar ao corpo do artigo os *Print Screen* das páginas da versão online da *Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942* para dar voz a diagramação que valoriza as imagens em diálogo com o texto.

Figura 1 - Fábrica na Argentina



Fábrica na Argentina
Papel fotográfico, 18,2 x 23,6 cm.
Tucumán, Argentina, 1941.
Estúdio A. Gomez.
AAMJA/ 1279 06A.

Na fotografia em preto e branco percebemos o escritor Jorge Amado mais ao centro da imagem, de paletó claro segurando um chapéu e um casaco, ao lado o seu amigo e tradutor Thomaz Pompeu A. B., Costa Leite (5º da direita pra esquerda na primeira fileira) ao lado provavelmente de sua esposa Rosa Meireles e Alfredo Coviello (1898-1944) (1º da direita para a esquerda) vice do III Congresso Argentino de Escritores organizado pela S.A.D.E. (*Sociedad Argentina de Escritores*) e codiretor do jornal *La Gaceta* (1912). O lugar, ao que parece ser, por causa dos objetos que compõem a imagem, é algum tipo de fábrica, possivelmente uma gráfica localizada na província de Tucumán, Argentina. Algumas informações não constam na fotografia como: ano, pessoas ou nome do local. No entanto, ao olhar mais atentamente e com a ajuda de



Detalhe do quadro ao fundo da fotografia

programas de edição o quadro ao fundo da imagem revela algumas palavras como: “Detalle”, “Cajero”, “Hoy”, “Total” e o ano em que a fotografia foi tirada, 1941. No verso da fotografia há um carimbo com o endereço: Foto “A. Gomez” Piedras 535 Teléf. 2356 Tucumán, rastro que despertou curiosidade e me fez buscar o endereço atualmente. “Piedras 535” é o local onde a fotografia foi revelada, uma rua na província de Tucumán, onde atualmente funciona um Centro Radiológico².

² O carimbo do estúdio onde foi revelada a fotografia é curioso porque além de reafirmar o paradeiro de Jorge Amado em Tucumán em 1941, é que o processo de revelação das radiografias funciona de maneira muito parecida com o de revelação fotográfica analógica. Semelhança que confirme um reaproveitamento do antigo estúdio.

Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

Figura 2 - Nonê de Andrade

48



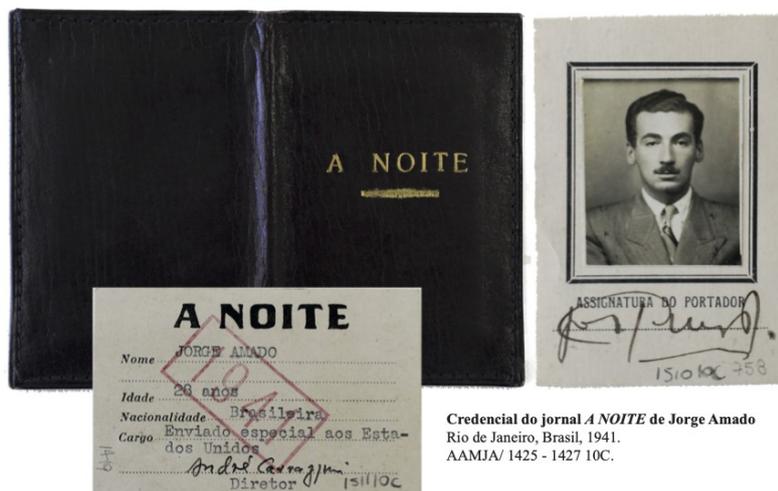
Nonê de Andrade
Papel fotográfico, 8,5 x 8,3 cm.
Data não identificada.
Fotógrafo não identificado.
AAMJA/ 1281 06C.

A fotografia mostra o pintor e desenhista José Oswald Antônio de Andrade, mais conhecido como Nonê Andrade, à frente de quadros do modernismo brasileiro. Não há identificação do ano e do lugar. Filho da francesa Henriette Denise Boufflers, chamada de Kamiá, e do escritor Oswald de Andrade, Nonê nasceu em 1914 num círculo de artistas, escritores, pintores, políticos e amigos de seu pai. Estudou no Brasil, viajou para a Europa e Oriente Médio na década de 20 com Tarsila do Amaral, na época casada com Oswald, e com Mário de Andrade. Ao voltar para o Brasil estudou pintura com Candido Portinari, Anita Malfatti e mais tarde com Lasar Segall. Além disso, depois que Oswald casou com Patrícia Rehder Galvão, a Pagu, Nonê viajou com o casal pela América Latina e conviveu com amigos também filiados ao partido comunista, como Prestes e Jorge Amado.

Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

Figura 3 - Credencial do jornal A NOITE de Jorge Amado

24



Credencial do jornal A NOITE de Jorge Amado
Rio de Janeiro, Brasil, 1941.
AAMJA/ 1425 - 1427 10C.

A carteira credencial do jornal *A Noite* do Rio de Janeiro contém: um cartão com a fotografia 3x4 em preto e branco de Jorge Amado junto com sua assinatura; um cartão com o nome do jornal indicando nome, idade, nacionalidade e cargo, assinado pelo diretor do jornal, André Carrazzoni, e um fragmento de papel escondido que indica um endereço: *Kounetski Most 12*¹⁷ ou *Boite postale 527*¹⁸. *Moscou*.

Em pesquisa aos periódicos do jornal *A Noite* nos anos 1941 e 1942 há matérias sobre a oposição do jornal ao escritor Jorge Amado, que nega sua legitimidade de estar a serviço do jornal, pois, segundo a nota do jornal, *se incompatibilizam com a orientação e, de modo geral, com a própria opinião pública brasileira*, isto é, a favor do Estado Novo e contra aos que eram “agentes do credo vermelho”, como afirmavam. Como pode-se observar na nota feita na Terça-feira, 5 de agosto de 1941:

~~~~~

#### NÃO É ENVIADO DE “A NOITE”

O Sr. Jorge Amado, que viajou recentemente para o estrangeiro, tendo antes recebido credenciais deste vespertino para nos enviar crônicas dos países por ele visitados, na sua excursão pelas costas do Pacífico, fez declarações, em Buenos Aires, que o incompatibilizam com a nossa orientação e, de modo geral, com a própria opinião pública brasileira. Por esse motivo, acaba de lhe ser cassada a autorização, que lhe conferia a Empresa A NOITE.

~~~~~

¹⁷ A região da rua Rua Kounetski Most era conhecida por ter vários prédios com escritórios do O.G.P.U. (Diretório Político Unificado do Estado) que era a antiga Tcheka como era denominada a Polícia secreta da União Soviética. O *Google Maps* não nos dá ao certo o edifício, mas o número 12 era o prédio de condição segura do O.G.P.U ou o prédio do Comissariado das Relações Exteriores, onde os cidadãos deveriam obter passes.

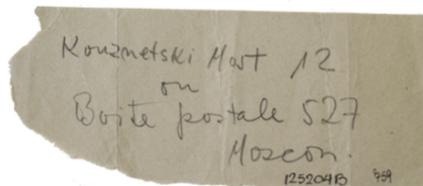
¹⁸ *Boite Postale* é um serviço para países onde não há distribuição de cartas porta-a-porta.

Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

Figura 4 - Endereço no fragmento de papel

25

Endereço no fragmento de papel,
encontrado escondido na carteira do jornal *A Noite*.
AAMJA/ 1262 04B



Além dessa nota, o jornal escreveu mais três matérias¹⁹ sobre Jorge Amado: *Fabulações* por André Carrazzoni em 06 de agosto de 1941, *As Fantásias de Um Novelista...* em 03 de outubro de 1941 e *O "Martírio" de Jorge Amado* no dia 09 de dezembro de 1941. O propósito das matérias era acusar Jorge Amado de inventar que escritores e artistas estavam sofrendo com a repressão do governo Vargas, acusá-lo de fantasionista, anti-populista, anti-nacionalista e toda a construção da imagem desmoralizante e mau caráter que os jornais aliados à ditadura costumam fazer com comunistas. Além disso, há informações sobre algumas das atividades que o escritor baiano estava participando, as quais constam também no Acervo. Por exemplo neste trecho:

O Sr. Jorge Amado, que saiu há meses desta capital, munido de credenciais de representante de A NOITE, por ele próprio insistentemente solicitadas, e das revistas desta empresa, nas quais de longa data colaborava, resolveu fazer, em Buenos Aires, subitamente, o papel de "mártir político", impingindo um autêntico conto do vigário nos ingênuos elementos esquerdistas portenhos, a custa dos quais está vivendo, subsidiado por um "fundo de auxílio aos foragidos comunistas". Imaginação delirante, cabotinismo doentio, o Sr. Jorge Amado tem dado na imprensa argentina as mais pitorescas e disparadas entrevistas, nas quais não somente se inculca como um idealista sacrificado, mas aponta, inclusive, vários escritores outros, dos quais evidentemente não gosta, como outras tantas vítimas das iras do governo e do ódio da polícia. Agora fez um discurso em um congresso de escritores, no qual assevera, de início, que é um "escritor proibido", sendo-lhe vedada a publicação de livros e sendo a leitura de suas obras rigorosamente interdita. Essa primeira mentira de Sr. Jorge Amado, é apenas o início de um rosário de tantas outras, fruto de uma imaginação delirante de mitômano periférico. Quem quer que isso se abalance, encontrará nas livrarias as obras do Sr. Jorge Amado, quer os seus romances, que, apesar das obscenidades de que o autor sempre abusou, não foram objeto de qualquer espécie de repressão [...]²⁰

Além de informar sobre os eventos que Jorge Amado estava participando na Argentina, como congressos e entrevistas (por exemplo ao *Noticias Gráficas*²¹), percebemos a conotação moral do jornal de direita para deslegimitar a luta política da esquerda. Somente após alguns anos, depois do retorno de Jorge Amado ao Brasil em 1942 (no qual foi preso), o jornal *A Noite* voltará a falar com prestígio do escritor baiano, noticiando prêmios, eventos e sobre a sua importância na representação cultural do país.

¹⁹As três matérias estão transcritas no Anexo C.

²⁰A Noite, *As fantásias de um novelista...*, Sexta-Feira, 03 de outubro de 1941 (Anexo C).

²¹A Noite, *Fabulações*, Quarta-feira, 06 de agosto de 1941 (Anexo C).

Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

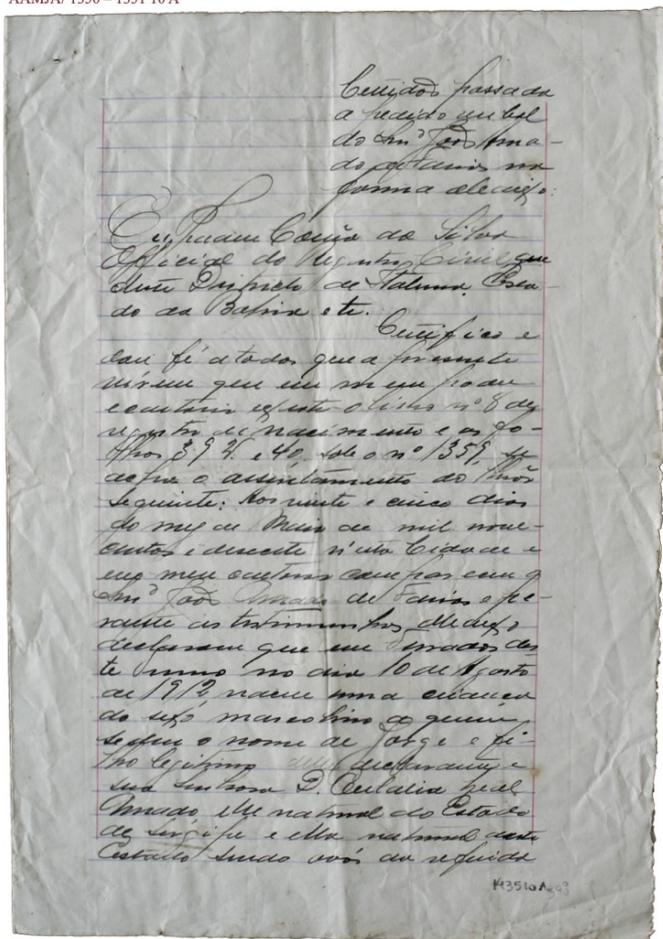
Figura 5 - Certidão de nascimento de Jorge Amado

26



Detalhe do selo de 300 reis dentro da certidão

Certidão de nascimento de Jorge Amado
25 de maio de 1917.
AAMJA/ 1350 - 1351 10 A



Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

Figura 6 - Quadros de Noêmia Mourão

49

As pinturas que aparecem nas fotografia são da artista brasileira Noêmia Mourão (1912-1992). Noêmia foi uma pintora, cenógrafa e desenhista de São Paulo. Estudou na Academia Ranson e de *La Grande Chaumière* em Paris, estudou Filosofia e História da Arte na Sorbonne, foi ilustradora nos jornais *Le Monde* e *Paris Soir*. A artista desenhava figuras femininas, expressivas, algumas com traços mais leves e em outras mais pesados. Em vida ela teve mais de vinte e duas exposições, sendo seis individuais. A artista também foi casada com Di Cavalcanti, pintor que também está presente nesse Acervo e que continuou amigo de Jorge Amado por anos.

Na primeira fotografia, em preto e branco, pode-se ver um atelier, um vaso com pincéis em cima da mesa, ao centro um cavalete com um jaleco branco pendurado no lado esquerdo uma pintura e na parede, no canto direito, um desenho. A pintura mostra uma menina de olhar cabisbaixo, semelhante ao desenho na parede. Sem assinatura (na foto ou nas pinturas).

Telas da pintora Noêmia Mourão
Papel fotográfico, 23,1 x 17,5 cm.
Data não identificada.
Fotógrafo não identificado.
AAMJA/ 1316 08A.



Quadro de Noêmia Mourão
Papel fotográfico, 22,9 x 17,5 cm.
São Paulo, Brasil, 1941.
Fotógrafo não identificado.
AAMJA/ 1315 08A.

NOÊMIA

A segunda fotografia mostra um quadro datado de 1941, São Paulo, com a assinatura de Noêmia Mourão. A pintura reproduz três meninas de cabelos cacheados, com laços, vestidos rodados e tecidos finos, encobrindo os rostos com leques, como se posassem para uma fotografia. Possivelmente o quadro foi feito em aquarela, bico-de-pena e pastel, semelhante a outros trabalhos de Noêmia.

A presença de uma pintora nas fotografias reflete um dos elementos desse Acervo²⁹: a participação de mulheres na política, literatura e arte. Enquanto apesar da invisibilidade nos discursos dominantes, elas exerciam resistência e militância.

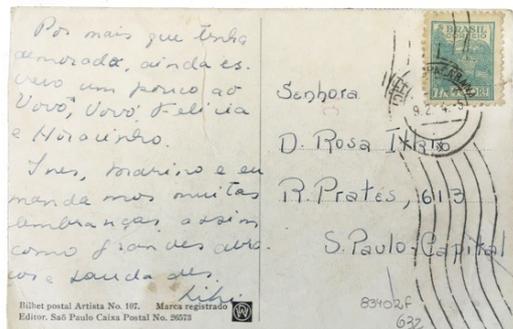
²⁹ A presença da mulher no Acervo é um dos temas da tese da doutoranda Thalita da Silva Coelho em *As Horas Próximas: Mulheres e Revolução em Jorge Amado e Alina Paim*, qualificada em 2019.

Figura 7 - Cartão Postal da Praia de Botafogo

44



R. Barão de Ipanema, 16
Copacabana - RJ²³



Cartão Postal da Praia de Botafogo
Papel cartão, 9,0 x 13,8 cm.
Rio de Janeiro, Brasil.
Data não identificada.
Fotógrafo não identificado.
AAMJA/ 834 02F.



R. Prates, 613, Bom Retiro - SP²⁴

²³ Imagem do endereço atualmente. Fonte Print Screen do Google Maps.
²⁴ Idem nota 23.

Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

Figura 8 - Cartão Postal da Praia de Botafogo (continuação)

45

O cartão postal mostra a praia de Botafogo, no Rio de Janeiro. E é endereçado para D. Rosa Itkis – R. Prates, 613 – São Paulo Capital, e enviado por Léa Itkis – Rua Barão de Ipanema, 16 – ap. 401 – Copacabana, Rio. Não há data. No verso do cartão existe o seguinte conteúdo: *Por mais que tenha demorado, ainda escrevo um pouco ao vovô, vovó, Felícia e Horacinho. Ines, Marino e eu mandamos muitas lembranças assim como grandes abraços e saudades. Lili.* Até então não havia indícios do motivo do documento estar na mala de Jorge Amado, mas quando se segue pistas os significados vão surgindo. Primeiramente procurei pelos endereços no *Google Maps*, por curiosidade, para saber se ainda existia a estrutura do edifício. Ele existe e tem três andares. Quando voltei a procurar pelos nomes de remetente e destinatário, ocorreu outra surpresa: encontrei no livro *Intolerância e Resistência: A Saga dos Judeus Comunistas Entre a Polônia, a Palestina e o Brasil 1930/1975* de Zilda Márcia Gricoli Iokoi a afirmação de que Felícia Itkis (filha de Rosa Frenkel Itkis e irmã de Ines Itkis), de nacionalidade russa, morava com a família na Rua Prates, no bairro Bom Retiro, em São Paulo. O bairro já era conhecido como um local onde os imigrantes moravam, e a família Itkis era uma das primeiras e mais antigas²⁵. Além disso, no livro *Livros Proibidos, Idéias Malditas: O DEOPS e As Minorias Silenciadas*, da autora Maria Luíza Tucci Carneiro, há uma afirmação sobre a ligação da família Itkis com Jorge Amado. Felícia Itkis era casada com Hersch Schechter, os dois membros do PCB e do Instituto Cultural Israelita Brasileiro, ela administradora na Casa do Povo²⁶ e ele editor chefe do jornal *Nossa Voz*²⁷ e amigo de Jorge Amado, como revela o trecho a seguir:



Hersch Schechter

Tudo que estivesse relacionado à vida e às ideias de Luís Carlos Prestes comprometia de imediato: guardar fotografias impressas de Prestes, uma notícia de jornal sobre a sua prisão ou, então, possuir um livro de autoria de Jorge Amado. Durante as buscas empreendidas pela polícia regional à sede da obra *Jorge Amado. Homens e Couzas do Partido Comunista*.

Relações de amizade ou a simples posse de um livro de autoria do escritor baiano comprometia ideologicamente qualquer cidadão, como aconteceu com Hersch Schechter (casado com Felícia Itkis). Este, além de ter comprado vários livros comunistas, tinha em seu poder uma coletânea de obras em castelhano com as dedicatórias de vários autores a Jorge Amado que, por ser seu amigo, havia lhe confiado a guarda daqueles em Montevideú.²⁸

Dado que nos traz outra pista: a de que Hersch se encontrou com Jorge Amado em Montevideú. E no livro escrito por Zilda M. G. Iokoi a comprovação desse encontro ocorre, pois Iokoi afirma que Hersch Schechter foi deportado para o Uruguai em 1941 e permaneceu lá até 1946, período em que Jorge Amado também estava. Todas essas informações fazem com que desvendemos que um cartão postal da família Itkis tenha sentido dentro desses documentos deixados por Jorge Amado. Pode ter sido entregue em mãos pelo próprio Hersch ou circulado pelas correspondências do Partido.

²⁵ Esta informação foi retirada de uma entrevista feita com Jacob Guinsburg para o jornal *Nossa Voz*. Um crítico de teatro e presidente da Editora Perspectiva. Na entrevista ele comenta sobre o bairro Bom Retiro, onde ele morou. O jornal *Nossa Voz* tinha a função de divulgar a cultura iídiche progressista. Disponível em: <<https://jornalnossavoz.wordpress.com/2015/09/16/entrevista-com-jacob-guinsburg/>> Acesso 17 out. 2018.

²⁶ A Casa do Povo também era designada como Instituto Cultural Israelita Brasileiro, originou-se no Centro de Cultura e Progresso, no bairro Bom Retiro em São Paulo.

²⁷ Jornal *Nossa Voz (Unzer Sbtme)*, órgão de imprensa da Casa do Povo.

²⁸ CARNEIRO, 2002, p. 142.

Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

Figura 9 - Endereços

56



Envelope para
Sr. P. Presmo
18 de Julio 1488, Montevideo.
Ruego entrega urgente a Jorge Amado.
AAMJA/ 852 02B



Envelope endereçado para
Sr. Jorge Amado,
Bonifacini 1149, Santos Lugares.
AAMJA/ 1005 - 1006 02B



Envelope da editora Diretrizes, para
Jorge Amado aos c/ Ivan Martins,
Calle José Martí, 3138, Montevideo.
AAMJA/ 919 02B



Envelope para
Señor Jorge Amado,
San José 1641, Buenos Aires.
AAMJA/ 787 02B



Envelope para
Sr. Jorge Amado.
Circulo Progreso, 18 de Julio 877, Montevideo.
AAMJA/ 811 02B

Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

Figura 10 - Personas

30



Fonte: Print Screen da página da Fotobiografia Acervo A Mala de Jorge Amado 1941-1942 (versão online).

IVAN PEDRO DE MARTINS (1914-2003)

Romancista brasileiro que escreveu “Fronteira Agreste (1944), Caminhos do Sul e Casas Acolheradas” (1946), jornalista, editor do *Juventude* (1935), quinzenário da juventude comunista no Rio de Janeiro e um dos fundadores da ANL. Companheiro e correspondente de Jorge Amado no exílio no Uruguai, colaborou com textos literários, críticas, e cedeu sua casa na Rua José Martí, em Montevideú, para o escritor baiano.

MATILDE GARCIA ROSA (1913-1986)

Escritora brasileira que escreveu o livro infantil “A Descoberta do Mundo” (1933), junto a Jorge Amado, com quem era casada e tinham uma filha chamada Lila, citada em algumas correspondências do Acervo. Mesmo morando no Brasil, estava envolvida à militância dos companheiros no exílio.

PEDRO MOTA LIMA (1898-1966)

Jornalista brasileiro que fundou os jornais *A Esquerda* (1927) vinculado ao PCB, *A Batalha* (1929) e *A Manhã* (1935), órgão semioficial da ANL. Companheiro e correspondente de Jorge Amado e outros militantes no exílio na Argentina, aparece em muitas cartas com Jorge Amado, Baby e Juan, assim como em matérias de jornais encontrados no Acervo. Era casado com Cristina Mota Lima, também citada nos documentos.

ANTONIO ZAMORA (1896-1976)

Jornalista, editor argentino dono da editora *Claridad* (1922) em Buenos Aires e da filial em Montevideú, participava do grupo “Boedo”, que reunia artistas argentinos de diversas áreas voltados para as questões sociais, movimentos operários e pautas políticas da esquerda. Foi posto em contato com Jorge Amado pelo escritor Serafín José Garcia, que morava em Montevideú e vivia no meio literário.

THOMÁS POMPEU DE ACCIOLY BORGES (1908-1986)

Engenheiro brasileiro, amigo e companheiro no exílio com Jorge Amado, militante da ANL, tradutor da biografia de Luís Carlos Prestes “Vida de Luiz Carlos Prestes, El Caballero de La Esperanza”, para o espanhol, escrita por Jorge Amado e publicada em 1942 pela editora *Claridad*. Aparece em muitas cartas, jornais, documentos editoriais, notas e fotografia. Casou-se com Maria Cruz, militante comunista muito significativa no Acervo.

4. O FIM É O INÍCIO

Sendo assim, a produção dessa pesquisa científica não se encerra onde termina. Não só pelo “mal de arquivo” de Derrida, mas pela responsabilidade de nós pesquisadores enquanto produtores de documentos, os quais se tornam, revolucionários na atual conjuntura.

Nesse movimento de retorno a algo esquecido, precisamos entender como a memória é construída. E, para isso, pensemos nos mecanismos que a história utiliza para auxiliar a memória, as “marcas”. Isto é, as escolhas, pois as medidas para determinar o “passado”, “presente” e “futuro”, são datas, fatos históricos, cristalizados em calendários. Alguns desses fatos são registrados pela escrita, outros por fotografias, mas assim como determinar um acontecimento ou um discurso para referenciar o tempo, isso excluirá, automaticamente, outros fatos e outros discursos, que ocorreram momentaneamente com o ponto “escolhido”, revelando um “poder” e um controle.

Portanto, é a partir dessas escolhas que outros discursos e fatos serão esquecidos, apagados indireta e diretamente da história e por consequência passarão a não existirem. Por isso, é um dever como pesquisadora ter um olhar, na busca e na análise, com a história do Arquivo de forma materialista. E, aqui faço uma alusão à passagem de Walter Benjamin em “Sobre o Conceito da História” acerca do papel do materialista histórico:

O passado traz consigo um índice secreto, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que envolveu nossos antepassados? Não existem, nas vozes que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas nem chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Então, alguém na terra esteve à nossa espera. Se assim é, foi-nos concedida, como cada geração anterior à nossa, uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso. (BENJAMIN, 2012, p. 242)

Será na primeira metade do século XX que a Escola de Frankfurt, com Max Horkheimer, Theodor Adorno, Erich Fromm, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, trabalhará com a ideia do movimento de autorreflexão para pensar as transformações sociais no tempo, através de uma teoria crítica (social). Mesmo assim, hoje buscar estruturar nossas pesquisas e análises se faz necessário num período em que o “desmanche” está em todo lugar.

Por isso, entre as leituras e releituras, apresentações em comunicações de encontros literários, dessa pesquisa (e do Acervo), me deparei com a complexidade de como representar visualmente o que escrevo, mas também

como escrever visualmente. Sendo assim, minha pesquisa não foi a tentativa de sobrepor a imagem ao texto, mas buscar o equilíbrio. Acredito que esse equilíbrio passou pela construção de uma Fotobiografia que mostrasse, não só as fotografias, ilustrações, desenhos, mas também os documentos textuais e suas relações. Revelando a importância de trazer para a luz figuras que eram importantes para o período do Acervo e também para a história e memória contemporânea.

Seguimos!

REFERÊNCIAS

AS FANTASIAS DE UM NOVELISTA. *A Noite*. Rio de Janeiro, 3 out. 1941, p. 3-8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=Jorge%20amado. Acesso em: 8 mar. 2019.

BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida. *Gestão em Arquivologia: Abordagens Múltiplas*. Londrina: EDUEL, 2015.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara: Notas Sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura*. Prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 8. ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: O Uso de Imagens como Evidência Histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CESAR, Ana Cristina. *Inconfissões: Fotobiografia de Ana Cristina Cesar; organização e prefácio de Eucanaã Ferraz*. São Paulo: IMS, 2016.

COELHO, Thalita da Silva. *Entre Esparsos e Inéditos: A Mala de Jorge Amado (1941-1942)*. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - UFSC-CCE-PPGL, 2016.

CARRAZZONI, André. Fabulações. *A Noite*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1941, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=348970_04&pesq=Jorge%20amado. Acesso em: 8 mar. 2019.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: Uma Impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

GONÇALVES, Ailê Vieira. **A Mala de Jorge Amado Revelada por Imagens**. 2019. 188 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - UFSC-CCE-PPGL, 2019.

GONÇALVES, Ailê Vieira. **O (In)visível no Acervo Jorge Amado (1941- 1942)**. 2016. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

KLAFKE, Sandra; SOUSA, Jorge Pedro. O Registro do Indizível: Um olhar sobre a arte fotográfica a partir dos pressupostos de Roland Barthes. **Outra Travessia**, v. 21, p. 255-264, 2016.

LACERDA, Aline Lopes de. **A fotografia nos Arquivos: A produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à febre amarela no Brasil**. 2008. 258 f. Tese (Doutorado) - USP-PPGHS-DH-FFLCH, 2008.

MARQUES, Kelly Pereira, NASCIMENTO, Ruthléa Eliennai Dias do. **Indexação de Imagens de Acervo Pessoal em Meio Digital**. Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Brasília, 2009. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/794/1/2009_KellyMarques_Ruthléa Nascimento.pdf. Acesso em: 22 abr. 2019.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NO CALOR DA HORA: UM DATILOSCRITO ESQUECIDO

Cristiano Mello de Oliveira
Jóe José Dias

1. ALGUNS PRESSUPOSTOS

A pesquisadora Eneida Leal Cunha, no seu artigo *A casa de Jorge Amado* (2003) esboça uma forte preocupação pelo manancial documental e arquivístico contido na fundação que homenageia a volumosa obra do escritor baiano.

A cronista descreve detalhadamente a dimensão cultural que tal acervo representa para aqueles pesquisadores que desejam compreender a dimensão circunstancial ao qual compreende o processo criativo do autor de *Capitães de Areia*.

Fruto de algumas especulações informativas contidas no acervo do escritor, seu artigo torna-se o trampolim para aqueles que desejam adentrar como detetives nos meandros literários, sociológicos, artísticos, históricos, do acervo de Amado.

“Grande parte da documentação pessoal depositada na Fundação é posterior à década de 1950, uma consequência, previsível dos anos de perseguição política e de exílio” (CUNHA, 2003, p. 119). Embora a autora não possua conhecimento suficiente acerca da existência dos materiais concedidos pela pesquisadora Leonor Scliar ao Núcleo de Literatura e Memória, sua assertiva reconhece o período mais obscuro da vida de Jorge Amado, implicando um tratamento mais específico sobre tal assunto.

Portanto, é por meio desse mote que iremos guiar o nosso raciocínio. Tal movimento servirá como subsídio imprescindível às páginas que seguem.

No entanto, linhas adiante a pesquisadora Eneida Cunha revela que tal acervo foi fruto da densa correspondência motivada pela proximidade de Amado com as autoridades políticas e estrangeiras, assim como foi o caso da publicação que investigaremos sobre o suicídio cometido pelo autor Stefan Zweig, autor do livro *Brasil, um país do futuro*.

De acordo com o prefácio escrito por Alberto Dines à obra *Brasil, um país do futuro*, de Stefan Zweig:

Ficcionista e biógrafo de sucesso, um dos autores mais traduzidos nos anos 20 e 30 do século passado, Zweig pretendia oferecer um livro político sem falar em política (que detestava). Em Nova York, onde se encontrava de passagem acertou com os seus editores internacionais um lançamento simultâneo. No auge do primeiro conflito globalizado, conseguiu a proeza de lançar em agosto-setembro de 1941 a edição brasileira, a norte-americana

e, no fim do mesmo ano, as edições alemã, sueca (ambas impressas em Estocolmo, já que na Europa ocupada por Hitler as obras de um autor judeu estavam condenadas) e também a portuguesa. No início de 1942, saíram as edições francesas (Nos EUA, pelo mesmo motivo) e espanhola (na Argentina). (DINES, 2006, p. 8)

Bem da verdade, o acervo contido no Núcleo corresponde a várias cartas trocadas com os líderes comunistas que eram filiados ao Partido naquele período.

Como ficamos sabendo, após a publicação desse livro, sua consequente morte na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, foi divulgada por boa parte da imprensa nacional e internacional e, naquele período, o escritor Jorge Amado recebera um convite para apresentar seu elogio fúnebre com o artigo “Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig”, ao *Jornal La Razon*, no dia 25 de fevereiro, na cidade de Buenos Aires. O material foi escrito e impresso no ano de 1942.

Não obstante, pelo teor da reflexão, anunciando a perda do escritor austríaco, podemos perceber que o escritor Jorge Amado possuía uma forte preocupação em conectar-se

[...] internacionalmente [a]os intelectuais militantes e, um seu correlato imposto pela história política brasileira, [a]os anos vividos no exílio e as amizades que então desenvolveu. (CUNHA, 2003, p. 120-121).

Portanto, o esclarecimento da pesquisadora acerca da obra de Amado e seus seguidores, reforça a tese de que seu (auto)exílio vivido nas cidades de Montevideu e Buenos Aires fora reflexo de sua atividade política, que o conectava não somente com os problemas nacionais, mas também internacionais.

O presente artigo centrou-se em realizar uma breve análise do datiloscrito “Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig”, pesquisado na *mala* do escritor Jorge Amado. Conjecturamos, no decorrer dessa pesquisa documental, respaldar aqueles pesquisadores que desejam tomar conhecimento sobre algumas revelações que iluminem melhor a vida do escritor austríaco.

A metodologia aplicada foi a pesquisa bibliográfica e análise do datiloscrito cedido ao Núcleo de Literatura e Memória, já comentado. Para tanto, focalizamos alguns questionamentos pertinentes que permearão o nosso fio condutor nesse trabalho: **como é representada a imagem do escritor**

austríaco Stefan Zweig no artigo de Jorge Amado?¹ Quais foram as circunstâncias literárias e históricas (Brasil e Uruguai) que circunstanciaram o ofício de Amado durante o seu (auto) exílio? Qual a proximidade entre Stefan Zweig e Jorge Amado? Qual foi a intenção de Jorge Amado ao fazer as trocas de palavras durante a confecção do artigo? Quais foram as mudanças que ocorreram entre o datiloscrito original e a posterior publicação definitiva no *Jornal La Razon*?

Portanto, as reflexões aqui reproduzidas não esgotam a conjuntura já levantada por alguns pesquisadores, mas acrescentam possíveis perspectivas e hipóteses de leitura que poderão ser iluminadas, tendo em vista a originalidade e a contribuição desse manuscrito publicado naquele período.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO PERÍODO (1941-1942)

Filho da geração de 30, Jorge Amado é um desses intelectuais engajados na luta política de seu país. Filiado e militante do PCB (Partido Comunista Brasileiro), mudou-se para o Uruguai - a pedido do partido - para que escrevesse uma biografia sobre Luiz Carlos Prestes.²

Ciente de que a obra não seria bem recebida no país, pois passávamos pela ditadura getulista, denominada de Estado Novo³, Jorge Amado exila-se no Uruguai e na Argentina entre 1941-42.

Todavia, se a situação no Brasil não era das mais favoráveis para sua militância, no Uruguai muito menos, já que o país encontrava-se à época governado pelo general Alfredo Baldomir Ferrari, autor do denominado “golpe

¹ Segundo esse aspecto, teremos novamente as reflexões da pesquisadora Eneida Leal Cunha: “Os documentos da atuação política articulada à longa atividade literária de Jorge Amado ultrapassam o panorama nacional, não só graças à diferença cultural dramatizada nos romances, mas pela paradoxal convergência de dados biográficos - os vínculos com o Partido Comunista Brasileiro, a conseqüente inserção do escritor nas redes que conectavam internacionalmente os intelectuais militantes e, um seu correlato imposto pela história política brasileira, os anos vividos no exílio e as amizades que então desenvolveu”. (CUNHA, 2003, p. 120-121).

² “Meu relacionamento com Júlio de Mesquita se iniciou em 1941 quando cheguei a Buenos Aires para escrever *O Cavaleiro da Esperança* e o Partido me deu a tarefa de tratar com ‘liberaloides, a gente de Armando Sales de Oliveira’, a hora era de alianças na luta contra o fascismo e de convivência com os políticos que rotulávamos de liberais com menosprezo e desconfiança. De início apenas cordial, com o passar do tempo e a repetição dos encontros, o conhecimento se transformou em estima, deu lugar à amizade”. (AMADO, 2008, p. 52)

³ Outrossim, sobre tal contexto histórico, o jornalista e biógrafo de Stefan Zweig, Alberto Dines, busca argumentar: “[...] Vargas proclamara o Estado Novo, cópia do homônimo português, lançado dez anos antes. Congresso fechado, partidos políticos dissolvidos, nova Constituição (conhecida como Polaca, porque inspirada na carta fascista do Marechal Pilsudsky), formalizada a censura antes vigorando disfarçada - eis o regime sutilmente autoritário que Zweig encontrara em 1936, desabrochando numa ditadura clássica.” (DINES, 1988, p. 218)

bueno”, que na prática dissolveu o poder legislativo nacional, assumindo assim, para si, poderes extraordinários.

Bem da verdade, é uma época bastante conturbada em todo o continente: se por um lado cria-se o discurso de uma autossustentabilidade latino-americana, por outro cria-se uma dependência político-econômica cada vez maior com os Estados Unidos, potência imperialista da região.

No plano econômico mundial, o protecionismo impera entre os países, tanto que, não somente no Brasil, mas também na Argentina desse período criam-se medidas de estímulo e proteção à industrialização nacional: a partir de 1940 o governo argentino, por exemplo, adotou um novo modelo econômico denominado “Industrialização por Substituição de Exportações”.

Data igualmente dessa época a criação da UIA (União de Industriais Argentinos), que foi angariando poder com o desenvolvimento da indústria, fomentado pelo governo.

No campo cultural, vivemos uma época de grandes mudanças se comparada à época que a precedeu. No Brasil, essa geração de 40 é reflexo, ainda, da década que a precedeu, ou seja, a geração de 30, período em que o intelectual (não somente brasileiro, mas também o latino-americano) foi obrigado a se posicionar politicamente. Em suma, o que ocorre nessa fase (denominada como segunda etapa do Modernismo) é um esmaecimento da radicalidade estética da primeira fase, havendo a opção por uma linguagem mais simples e mais didática que pudesse contribuir para a luta político-ideológica no campo da superestrutura.

É um momento muito interessante da literatura brasileira, justamente em decorrência dessa dicotomia ideológica entre os pensamentos de esquerda (inovador e até certo posto “iconoclasta”) e de direita (conservador e autoritário, por vezes até reacionário).

Sob essa ótica, não é difícil de perceber a importância que o PCB imprimiu à biografia de Prestes: com o partido então na ilegalidade, a ida de Jorge Amado para Montevideu e Buenos Aires não representava apenas aproximar politicamente o PCB com os demais partidos comunistas da região, intuindo uma campanha pública pela anistia de Prestes; representava, acima de tudo, salvar-se a si próprio⁴.

Nesse sentido, podemos perceber que, dentro dessa intimidade com as culturas nacional e internacional, Amado fichou assuntos, combinou e recombinau compromissos, multiplicando suas anotações, realizando pesquisas, guardando as cartas trocadas com Luís Carlos Prestes.

⁴ Para saber mais sobre assunto ver: CARONE, s/d.

Devemos salientar que Jorge Amado almejava escrever uma biografia sobre Prestes e, para isso, buscou sedimentar muitos estudos e investigações sobre a vida do líder comunista.

Boa parte desses materiais é esquematicamente composto por confidências, desabafos, anotações esparsas, dizeres saudosistas, intrigas, entre outros que armazenam o caráter subjetivo do escritor baiano.

O instigante disso tudo é que boa parte desses manuscritos acrescentam novas interpretações que subsidiam a sua produção já publicada, ou mesmo revelam novos acréscimos e validações. Devemos salientar que a maior parte dessas fontes primárias já estão fotografadas e arquivadas no acervo do Núcleo de Literatura e Memória.

3. ALGUNS PERCALÇOS DA PESQUISA NOS ARQUIVOS INÉDITOS DE JORGE AMADO

Em uma visita ao laboratório nuLIME, sediado no Centro de Comunicação e Expressão, locado na Universidade Federal de Santa Catarina, pudemos manusear os espólios e recolher amostras de páginas inéditas do escritor baiano.

A maior parte dessa documentação está inserida num período bastante obscuro da vida de Jorge Amado, os anos de 1941 a 1942. Neste, ao que tudo indica, o escritor baiano encontrava-se exilado durante o regime político do Estado Novo, no Uruguai e na Argentina⁵.

Este material foi digitalizado, ficando disponibilizado à comunidade acadêmica. Gradativamente, os materiais foram sendo institucionalizados, no sentido da questão dos direitos autorais e da busca. Dentre essa documentação, podemos encontrar esboços de romances inacabados, avaliações de romances, esquemas de obras, rascunhos ficcionais etc.

De acordo com Phillipe Willemart (1999, p. 259), os objetos guardados pelo escritor revelam as circunstâncias da produção em que o mesmo se encontra envolvido, transparecendo as razões e motivos do próprio fazer artístico. Os materiais catalogados ofertam várias possibilidades de estudos genéticos que possam revelar um período tão obscuro da vida de Amado⁶. É neste repertório que selecionamos a publicação do lamento de Jorge Amado ao suicídio do escritor Stefan Zweig.

Em outras palavras, são recordações das variadas circunstâncias que abrangem um período muito pouco conhecido do autor de *Terras do Sem Fim*.

⁵ Para saber maiores detalhes da vida de Jorge Amado consultar o livro. AMADO, 2008.

⁶ É importante relatar que no livro autobiográfico *Navegação de Cabotagem*, os anos de 1941 a 1942 são rarefeitos em informações sobre a vida do autor.

Nesse sentido, são datiloscritos com anotações nas margens, entrelinhas e folhas de guarda, algumas rasuras a lápis ou a tinta na letra do escritor, foram reescritos à sua maneira.

Segundo Phillipe Willemart:

[...] o pesquisador trabalha como se essas operações fossem variantes, analisa e opera os textos como se isso tivesse consequências apenas no nível da frase, tentando achar a intenção do escritor que motivou a mudança. (WILLEMART, 1999, p. 198).

Percebemos, na leitura dessas fontes, uma preocupação forte do escritor baiano em suprir a falta que o escritor austríaco faria nas letras nacionais, tendo em vista seu exílio no Rio de Janeiro. Portanto, a investigação desses materiais pode revelar o grau de intimidade do escritor baiano acerca da cultura nacional e suas demais circunstâncias ocorridas no mesmo período.

4. ANÁLISE DO DATILOSCRITO “TODA UMA LITERATURA SUICIDOU-SE COM STEFAN ZWEIG”

A pesquisadora Arlette Farge, no seu clássico ensaio *O sabor do arquivo* (2009), tece considerações filosóficas referentes às questões epistemológicas da preservação e investigação dos arquivos espalhados:

Quem tem o sabor do arquivo procura arrancar um sentido adicional dos fragmentos de frases encontradas; a emoção é um instrumento a mais para polir a pedra, a do passado, a do silêncio. (FARGE, 2009, p. 37).

Ora, ao que tudo indica a autora parte de uma reflexão aprofundada sobre o tema e substancia aquele pesquisador que deseja alcançar, por meio do seu esforço, o máximo de interpretação de um determinado arquivo.

Se fôssemos seguir a sua reflexão como base, teríamos que buscar uma forma de questionar os datiloscritos do escritor Jorge Amado, tentando ao máximo sondar seus possíveis liames genéticos, ou seja, o sentido das frases, sua sintaxe, carga semântica, arrancando o significado dos vocábulos, ou seja, “tirando o sabor”, como afirma o próprio título do livro. Páginas adiante, teremos novas reflexões acerca de tal conteúdo.

Paciência de leitura; em silêncio, o manuscrito é percorrido pelos olhos através de numerosos obstáculos. Pode-se tropeçar no defeito material do documento: os cantos corroídos e as bordas danificadas pelo tempo engolem as palavras [...]. (FARGE, 2009, p. 37)

Portanto, os dois fragmentos extraídos da obra de Farge indicam que o esforço gradativo, assim como o empenho realizado na extração do conteúdo da obra, jamais deve ser ignorado ou mesmo abolido.

O pesquisador Antonio Celso Ferreiro, no seu artigo *A fonte fecunda* (2009), estabelece uma série de reflexões sobre o aproveitamento da literatura como fonte indispensável para a articulação dos artefatos e a reconstrução histórica. Navegando seus horizontes por meio da exemplificação de romances como ferramenta epistemológica no trato das fontes históricas, o autor versa sobre os encadeamentos da história com a literatura.

O binômio fonte primária/fonte secundária predomina durante a elaboração do seu texto, evidenciando uma preocupação por parte do pesquisador nos procedimentos adotados. O autor nos ensina que:

A pesquisa histórica tem contribuído justamente para a compreensão dos modos como a literatura foi concebida, particularizada em relação a outras expressões orais ou escritas, transmitida, lida, compartilhada ou apropriada pelos diferentes grupos sociais [...]. (FERREIRO, 2009, p. 68)

Ora, o estudioso busca alicerçar as diferentes vertentes que o olhar do historiador pode proporcionar ao texto literário. Linhas adiante o autor discorre que:

O papel do historiador é confrontá-las com outras fontes, ou seja, outros registros que permitam a contextualização da obra para assim se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica (FERREIRO, 2009, p. 77).

Uma questão faz-se importante equacionar neste momento: como poderíamos estudar o datiloscrito “Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig”, redigido por Jorge Amado para o *Jornal La Razon*?

De acordo com a pesquisadora Ana Maria Camargo, em seu artigo *Arquivos pessoais são Arquivos* (2009), os documentos contidos no arquivo devem ser contextualizados com as suas origens, fazendo o investigador refletir sobre suas correlações genéticas.

Organizar e descrever qualquer arquivo em função de seu valor secundário significa retirar dele, exatamente, os atributos probatórios próprios de sua relação com o contexto de origem” (CAMARGO, 2009, p. 03).

Concordamos com as formulações da pesquisadora que tem a devida consciência de que todo datiloscrito deve ser contextualizado caso deseje apresentar as devidas condições para fins de interpretação. No mesmo parágrafo, a autora salienta:

A ideia de que só se obtém informação quando se compreende seu significado no contexto em que foi produzida é, aliás, praticada pelos praticantes de várias disciplinas. (CAMARGO, 2009, p. 03).

Sabemos que seria tarefa árdua elucidarmos todas as informações contidas na publicação realizada por Jorge Amado sobre o suicídio do escritor Stefan Zweig. Mesmo que recorrêssemos a várias fontes e arquivos da história do mesmo período - buscando uma exaustão dessa discussão - não teríamos condições de responder todas as questões formuladas.

É sobre esse aspecto que a estudiosa Silvia Hunold Lara, em seu artigo *Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico* (2008), versa a atitude de formulação de novas práticas de leitura de arquivos, assim como sua consequente investigação.

Logo no início do seu trabalho, a autora orchestra uma ampla problemática, buscando sondar o possível estatuto que tangencia as variadas circunstâncias da investigação através das fontes primárias.

Ao longo do raciocínio, Silvia busca responder sem jamais esgotar a relação da prática da pesquisa dos arquivos com algumas formulações de ordem teórica, mergulhando o leitor no mesmo pensamento.

Nenhum pesquisador na área da história pode dispor de todos os textos produzidos no passado. Mesmo que isso porventura acontecesse, nenhuma pesquisa poderia ser feita com todos eles - todo trabalho de investigação implica separar e selecionar os documentos capazes de oferecer resposta e perguntas específicas. (LARA, 2008, p. 22).

Os datiloscritos⁷ são numerados a lápis seguindo uma sistematicidade e organicidade que facilita sua localização, assim como seu chamamento de busca para fins de catalogação⁸.

As margens não são ignoradas; apenas a frente das folhas é utilizada pelo escritor; páginas de papel de seda; sem fungo⁹; somando textualmente 28 linhas escritas na primeira folha.

⁷ Aqui podemos identificar a noção de manuscrito junto à acepção realizada por Cláudia Amigo Pino e Roberto Zular no seu livro *Escrever sobre escrever* (2007). Os mesmos nos ensinam que “[...] por manuscrito entende-se qualquer documento no qual seja possível encontrar um traço do processo de criação, e não necessariamente os manuscritos autografados (do próprio punho do escritor). Assim, a crítica genética considera manuscritos, por exemplo, a correspondência do autor (se nela há discussões sobre a criação de suas obras), os datiloscritos (versões datilogradas diferentes do texto publicado), ou mesmo as gravações de voz com ideias sobre uma obra.” (PINO; ZULAR, 2007, p. 18)

⁸ (Localização número das pastas 1165-116) 09 g COELHO, 2013.

⁹ Sobre a questão dos fungos nos documentos poderíamos relatar: “Manchas produzidas por microorganismos. Los longos y bacterias producen manchas de distintos tonos em el transcurso

O tamanho do papel 28 cm x 22 cm; gramatura 20g/m. A numeração correspondente fica no canto inferior direito do leitor. De igual modo, o papel do datiloscrito apresenta poucas partes amareladas que não comprometem a leitura. Diante do material datilografado em vermelho, o leitor terá a possibilidade de identificar quase um documento que transborda das palavras para emoção.

As correções adicionais à caneta preta, letra deitada e pouco legível, realizadas por Amado, correspondem, em boa parte, àquele vocábulo ou frase que pudesse soar melhor ao documento redigido.

As rasuras se manifestam sobre a repetição do tipo “XXXX” - (poucos viveram após 1913) substituído (poucos tiveram coragem após 1918) da própria máquina de escrever de Amado, justificando a nulidade daquele vocábulo ou expressão.

Portanto, a tentativa de deciframento das rasuras do texto de Amado poderia ser um possível desdobramento a ser explorado durante uma investigação mais detalhada.

De um modo geral, existem poucas trocas de palavras ou expressões que desejam trazer novas informações ou adicionar algum dado importante, embora, algumas condizem com a busca de um novo sentido.

A palavra suprimida não desaparece e fica enterrada no inconsciente genético, embora às vezes o próprio escritor rasure sem grande convicção, deixando a palavra ou a expressão visível, como se previsse uma retomada. (WILLEMART, 1999, p. 92).

A troca, quando ocorre, é quase feita por sinônimos que ganham um sentido mais exato ou que arrematam sintaticamente o próprio texto. A escassez de vocábulos soltos no corpo do datiloscrito indica que, possivelmente, o material tenha sido redigido sem a necessidade de um esboço anterior.

O uso de adjetivos é frequente na escrita de Amado, tendo em vista as exaltações subjetivas de cunho estético, com vistas a elogiar a qualidade de escrita de Stefan Zweig.

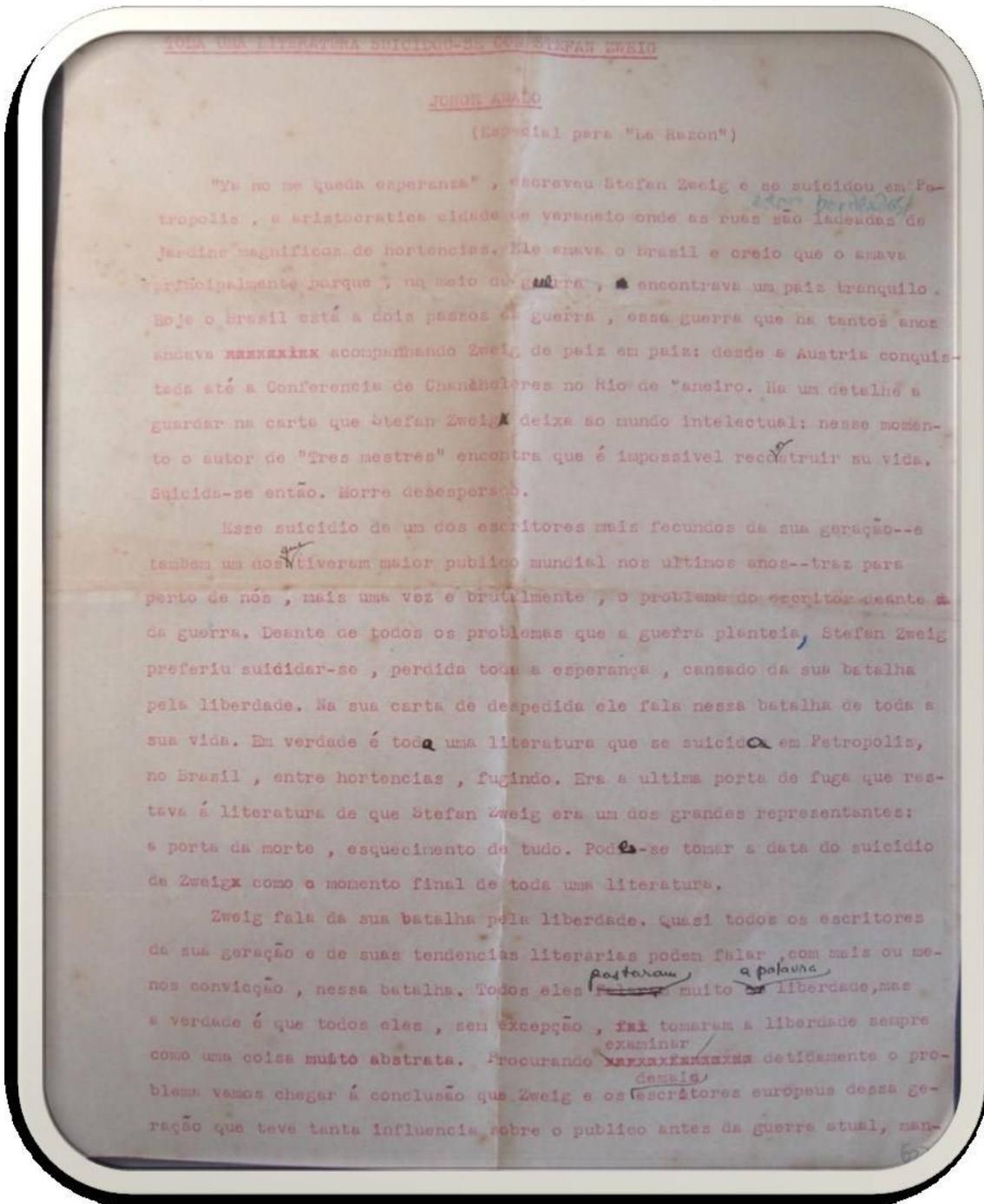
Como mote inspirativo, servindo de lide para aquele leitor mais curioso, o autor Jorge Amado inicia o artigo com uma frase (“Ya no me queda esperanza”) que Zweig deixou anotada antes de cometer o suicídio. Em seu introito, quase como epígrafe, Jorge Amado constrói retoricamente uma poética contextualização histórica nacional e mundial (Conferência dos

de su desarrollo. Este tipo de manchas, al igual que las anteriores, no son habitualmente solubles en agua y sólo pueden ser eliminadas mediante limpeza química.” (CLAVÁÍN, 2009, p. 64)

Chancelleres no Rio de Janeiro e Segunda Guerra Mundial, na Itália e Alemanha)¹⁰ dos principais acontecimentos que circunstanciavam o período de vida do escritor austríaco no Rio de Janeiro.

¹⁰ Sobre a *Conferência dos Chanceleres*, podemos recuperar algumas reflexões do jornalista Alberto Dines: “A Conferência dos Chancelleres foi um sucesso, na linha antinazista destacaram-se Oswaldo Aranha e o Ministro do Exterior mexicano, Pinilla. A Argentina, de tradição militar germânica, tentou de todas as maneiras impedir a aprovação da resolução recomendando o rompimento das relações dos países do continente com o Eixo. A 28 de janeiro, os mesmos jornais que haviam saudado a vitória de Franco na Espanha anunciavam em letras garrafais o rompimento diplomático com a Alemanha, Itália e Japão.” (DINES, 1988, p. 365-366).

Figura 1 - Documento histórico dos originais de Jorge Amado.



Fonte: Acervo Núcleo de Literatura e Memória - nuLIME - CCE UFSC. (Artigo publicado no Jornal La Razon - "Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig" - Imagens parciais divulgadas)

É evidente que o ambiente hostil e sombrio da Segunda Guerra Mundial já provocava grandes frustrações naqueles escritores que desejavam um local

harmônico para viver, como foi o caso do escritor Stefan Zweig, que buscou exílio político no Brasil¹¹.

No mesmo patamar criativo, Amado esboça as motivações e circunstâncias - buscando ressoar a perda irreparável para a literatura - que desdobraram na morte do escritor austríaco.

Não obstante, Jorge Amado redige uma carta com vistas não somente a “engrandecer” o mestre escritor, mas também - e principalmente - a enobrecer sua motivação pela escrita, sempre calcada por sua batalha pela liberdade não conquistada, bem como por claros motivos políticos que iam ao encontro dos ideais do escritor baiano naquele momento.

Enfim, aos fatos que, somados aos seus denominadores comuns, ocasionaram o suicídio do escritor. Daí a constante utilização de expressões que engrandecem a figura de Zweig nas culturas letradas europeias e brasileira ao longo do desenvolvimento do artigo.

A justificativa de seu suicídio vai gradativamente confortando o leitor, que lê o artigo e identifica as tristes causas do seu suicídio.

Amado reconhece na leitura da carta de Zweig¹² uma recaída do escritor enquanto artista, que busca sem sucesso a sua autonomia e liberdade, fatores que, segundo Amado, culminariam em seu suicídio.

Ao informar ao leitor que Zweig é considerado um autor viajado pelo mundo afora, Jorge Amado não só reconhece a rica trajetória do austríaco - bem como a possibilidade de ter comparado nacionalidades distintas -, mas considera crucial, na medida em que acaba escolhendo o território brasileiro como sua casa.

¹¹ Não só o Brasil, mas diversos países latino-americanos receberam “cronistas viajantes”, assim descritos por Octavio Ianni, que nada mais eram do que intelectuais estrangeiros, que, fugindo da guerra na Europa, procuravam estruturas sociais diferentes, sociedades que, por sua diversidade, poderiam articular uma linha de raciocínio diferente daquele por eles já conhecida.

¹² Um trecho da carta seria importante para reproduzirmos para o leitor que deseje contextualizar as últimas angústias vividas por Stefan Zweig. Vejamos: “Mas depois dos sessenta anos precisa-se de forças descomuns para começar tudo de novo. E as minhas se exauriram nestes longos anos de errância sem pátria. Assim, achei melhor encerrar, no devido tempo e de cabeça erguida, uma vida que sempre teve no trabalho intelectual a mais pura alegria, e na liberdade pessoal, o bem mais precioso sobre a terra.” (ZWEIG, 1942).

Figura 2: Documento histórico dos originais de Jorge Amado.

2)

~~tiveram sempre~~ uma atitude de fuga ante todos os problemas concretos.

Estes foram homens que, antes de tomada do poder pelo nazismo, preferiram rir ironicamente de Hitler e combater-lo com violência. Desconheceram o perigo, fecharam os olhos a ele, fugiam para o estudo de íntimos problemas freudianos, para o esmiuçar de detalhes psicológicos num momento dramático do mundo. São homens que viajaram muito--Stefan Zweig ~~conheceu~~ conheceu o mundo inteiro--mas que viajam sempre ~~nas primeiras classes dos navios de luxo~~ nas primeiras classes dos navios de luxo, vendo as ~~psicologias~~ paisagens humanas entre cock-tails e conversas espirituosas. São homens da dúvida, do mundo interior, homens que viam a beleza das paisagens da natureza e fechavam os olhos à dramática paisagem humana de um mundo convulsionado onde forças se chocavam, onde o riso ficava cada vez mais difícil e ^(onde cada cada um) mais sombria a face dos homens. Da sua geração poucos ~~tiveram coragem~~ tiveram coragem--após 1918--de encarar o terrível ~~espetáculo~~ dos problemas reais e concretos. Faltou aos companheiros de jornada de Zweig aquela intrepida coragem que teve um Romain Rolland nos anos de hoje, que teve um Bernard Shaw. E mesmo por isso a própria obra literária de Zweig ~~sofreu uma brusca decadência~~ ^{- como de tantos outros -} sofreu uma brusca decadência que ^é afastou não só de ~~XX~~ ^{de} publicistas ^{mais} como também das massas mais necessitadas de aprender. Ficou ele sendo lido por aquela enorme porção de leitores que queria fugir da realidade do mundo para um mundo fictício de sutis problemas espirituosos. Fuga, fuga, sempre ~~fuga~~, é a atitude marcante dessa literatura. Fuga que a leva a enormes ~~condições~~ ^{condições} de ordem puramente literária e a ~~condições~~ ^{condições} ainda maiores de ordem política. Esses escritores--Zweig é um excelente exemplo--desconheceram o infinito número de problemas vitais e quotidianos que clamam pelos escritores de hoje e que começam a produzir uma impressionante literatura. Fugiram do futuro deante deles, era a sua maneira de procurar a liberdade, uma liberdade impossível e sem sentido real. Se voltaram então para dentro de si mesmos e deram ^{as publicas} ~~essas~~ rápidas--e por vezes tão bem feitas--anotações de almas inquietas e perdidas em problemas sexuais, sentimentos e espirituosos. Se voltaram depois, quando o público pedia algo de mais concreto, para as figuras do passado. Tinham medo do presente dramático, do futuro que a esses homens fim de século parecia de uma brutalidade e de um re-

Fonte: Acervo Núcleo de Literatura e Memória - nuLIME - CCE UFSC. (Artigo publicado no Jornal La Razon - "Toda uma literatura suicidou-se com Stefan Zweig" - Imagens parciais divulgadas)

5. TODA UMA LITERATURA SUICIDA-SE EM PETRÓPOLIS

Em última análise, podemos escrever que a chave de leitura para lermos tal datiloscrito seria a própria idealização realizada por Amado para incorporar a morte de Zweig como uma grande perda para as letras nacionais.

Segundo afirma, Zweig pertence a uma geração de escritores que desconheceu o infinito número de problemas vitais e cotidianos que à nova geração não passava despercebido. Essa geração de E. Z., continua Amado, fugira do futuro diante deles; era a sua maneira de procurar a liberdade, “uma liberdade impossível e sem sentido real. Se voltaram então para dentro de si mesmos e deram ao público essas rápidas - e por vezes tão bem feitas - anotações de almas inquietas e perdidas em problemas sexuais, sentimentais e espirituais”.

Essa perspectiva, embora sectária, reconhecia o valor estético e literário da obra do escritor austríaco, mostrando, de antemão, os princípios que balizavam o “fazer literário” para Jorge Amado. Neste mesmo documento, esboça um breve perfil psicológico de Stefan Zweig (e de toda uma geração de artistas) que acabaria por nortear sua obra literária. Vejamos: “Estes foram homens que, antes da tomada do poder pelo nazismo, preferiram rir ironicamente de Hitler a combatê-lo com violência. Desconheceram o perigo, fecharam os olhos a ele, fugiram para o estudo de íntimos problemas freudianos, para o esmiuçar de detalhes psicológicos num momento dramático do mundo. São homens que viajaram muito - Stefan Zweig conheceu o mundo inteiro - mas que viajaram sempre nas primeiras classes dos navios de luxo, vendo as paisagens humanas entre *cock-tails* e conversas espirituais. São homens da dúvida, do mundo interior, homens que viam a beleza das paisagens e fechavam os olhos à dramática paisagem humana de um mundo convulsionado onde forças se chocavam, onde o riso ficava cada vez mais difícil e mais sombria a face dos homens”.

Em suma, diante de toda a problemática trazida pelo nazifascismo e pela guerra, e diante do papel que deveria exercer o escritor nesse processo, Stefan Zweig preferiu suicidar-se. Findas todas as esperanças e cansado da sua batalha pela liberdade¹³, o seu suicídio representou a morte de toda uma literatura. A

¹³ Em sua carta de despedida, o autor fala dessa batalha. Eis o teor: “Antes de deixar a vida por vontade própria e livre, com minha mente lúcida, imponho-me última obrigação; dar um carinhoso agradecimento a este maravilhoso país que é o Brasil, que me propiciou, a mim e a meu trabalho, tão gentil e hospitaleira guarida. A cada dia aprendi a amar este país mais e mais e em parte alguma poderia eu reconstruir minha vida, agora que o mundo de minha língua está perdido e o meu lar espiritual, a Europa, autodestruído. Depois de 60 anos são necessárias forças incomuns para começar tudo de novo. Aquelas que possuo foram exauridas nestes longos

cultura burguesa findara com o nazismo. Os valores espirituais da obra de Zweig foram aniquilados pela guerra: não havia mais espaço para escritores como ele. Assim retrata Jorge Amado: “Em verdade, é toda uma literatura que se suicida em Petrópolis, no Brasil, entre hortênsias, fugindo. Era a última porta de fuga que restava à literatura de que Stefan Zweig era um dos grandes representantes: a porta da morte, esquecimento de tudo. Pode-se tomar a data do suicídio de Zweig como o momento final de toda uma literatura”.

Zweig fala de sua batalha pela liberdade, porém a trata como algo bastante abstrato, segundo Amado. Sua literatura intimista - e a de todos os escritores europeus dessa geração, sem exceção - é de fuga ante todos os problemas concretos. A realidade lhe escapa às vistas e o futuro é uma incógnita. Ao ver esse mundo destruído e impossibilitado que está de reconstruir sua vida, não lhe resta outra alternativa senão a morte.

Ainda assim, ao recuperarmos esse datiloscrito, percebe-se a vivacidade com que Jorge Amado defende a morte de Stefan Zweig bastante danosa para a cultura brasileira. Segundo o crítico Phillipe Willemart: “O manuscrito explicita as condensações e os deslocamentos, impossíveis de serem percebidos no texto publicado.” (WILLEMART, 1999, p. 164).

Portanto, como resultados obtidos, acreditamos que com esses materiais divulgados postularemos possíveis desdobramentos históricos e literários acerca desse assunto tão curioso que ainda está coberto de enigmas.

Jorge Amado e Stefan Zweig não chegaram a se conhecer. Ele mesmo relatou o distanciamento ao jornalista Alberto Dines por meio de uma entrevista na década de 1980:

Eu estava exilado no Uruguai quando Zweig suicidou-se. Escrevi um artigo condenando o suicídio, achando que Zweig perdera a perspectiva diante do nazismo e que a cultura burguesa, que representava, chegara ao fim, não havendo lugar no novo mundo para escritores como Zweig - esse o conteúdo do artigo. Sectário, claro, todo o drama humano do escritor e de sua mulher escapou à minha visão, limitada pelas contingências da época. (DINES, 1988, p. 443).

No contexto político marcado pela ascensão do nazismo, o drama de Zweig decorre também de uma ruptura parcial com visões dicotômicas e hierárquicas acerca das relações entre o Velho e o Novo Mundo, nas quais

anos de desamparadas peregrinações. Assim, em boa hora e conduta ereta, achei melhor concluir uma vida na qual o labor intelectual foi a mais pura alegria e a liberdade pessoal o mais precioso bem sobre a Terra. Saúdo todos os meus amigos. Que lhes seja dado ver a aurora desta longa noite. Eu, demasiadamente impaciente, vou-me antes.” (Stefan Zweig. Petrópolis, 1942)

vislumbrava-se a Europa como modelo civilizatório. Que deixemos o autor falar por si: *A cada dia aprendi a amar este país mais e mais e em parte alguma poderia eu reconstruir minha vida, agora que o mundo de minha língua está perdido e o meu lar espiritual, a Europa, autodestruído.*

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Navegação de Cabotagem**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. **O eixo e a roda** - revista de Literatura Brasileira, v. 11, p. 15-23, 2005. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3174. Acesso em: 08 set. 2021.

CAMARGO, Ana Maria. Arquivos Pessoais são Arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n. 2, p. 26- 39, jul./dez. 2009.

CARONE, Edgard. **A República Velha** (vol. 1) Instituições e classes sociais. 3. ed. São Paulo: Diefel, [s/d].

COELHO, Thalita da Silva. **Jorge Amado e os anos 1941-1942. Documentos para uma história ainda não contada** (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CUNHA, Eneida Leal. A 'Casa Jorge Amado'. In: **Arquivos Literários**. SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Orgs.). Arquivos Literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DINES, Alberto. **Morte no Paraíso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

LARA, Silvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 17-39, 2008.

PINO, Claudia Amigo; Zular, Roberto. **Escrever sobre escrever**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WILLEMART, Phillipe. **Os bastidores da criação literária**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

O PROTAGONISMO DE IVAN PEDRO DE MARTINS

Aline Rullian Germann Woloski

O trabalho “Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada”, publicado na *Revista do Instituto Histórico Geográfico* do Rio Grande do Sul em 2016, apresentou o resultado parcial de uma pesquisa que desenvolvi durante dois anos no nuLIME, Núcleo Literatura e Memória, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. O acervo, repleto de documentos históricos e literários de valor inestimável, continua sendo fonte de possíveis pesquisas de caráter inédito.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa de pós-doutorado foi resgatar, analisar e divulgar o conteúdo das correspondências trocadas por Ivan Pedro de Martins e Jorge Amado entre 1941 e 1942. O presente estudo é o passo inicial para a concretização deste objetivo, uma vez que traz a luz os dados levantados até o momento. Assim, este primeiro momento, não contempla em absoluto o corpus disponível, uma vez que os documentos que compõem a mala estão sendo cuidadosamente desvendados.

O período em que Martins e Amado permaneceram exilados foi de diferente duração, porém a época em que, concomitantemente (1941 - 1942), retiraram-se, legou um material significativo que retrata, não apenas as atribuições do momento político do Brasil, como também aspectos das suas produções.

O material, apesar de intencionalmente esquecido, não desapareceu. A militante Rosa Scliar, amiga de Jorge Amado, percebendo a importância do que havia ficado, reuniu os documentos e, durante muitos anos, guardou-os em uma mala.

Em meio a tantas possibilidades, a escolha pelas correspondências de Martins e Amado justifica-se pelo interesse em estudar conexões e contribuições recebidas pelo sistema literário rio-grandense de outros, oriundos de regiões e escritores com realidades e culturas diversificadas.

Os escritores Ivan Pedro de Martins e Jorge Amado são reconhecidos por suas colaborações, contribuindo para a literatura das regiões a que dedicaram sua atenção. Os estudos sobre suas obras são variados, porém o levantamento e análise do material de correspondência entre ambos é totalmente inédito. Realizar o estudo das cartas trocadas por Martins e Amado, assim como seus

conteúdos, acrescenta a nossa historiografia literária um capítulo que aguarda análise e redação.

2. DA AMIZADE E SEUS RASTROS

Grande parte das pessoas guarda diversos documentos pessoais, tanto com caráter oficial quanto os que registraram momentos íntimos. A verdade é que, com o passar dos anos, além comprovações e recordações de acontecimentos, eles deixam para as futuras gerações pistas de que aqueles eventos realmente ocorreram. Desta forma, é muito comum encontrar famílias que reconstroem trechos perdidos de suas histórias através destes rastros.

Ao longo da história da humanidade, diversos eventos, cuja divulgação e manutenção não eram de interesse de um grupo, eram apagados através da ausência de registros ou ainda da destruição de outros. Acerca destes apagamentos, Derrida (2002) destaca que sabemos que algo em nós, inclusive sob um olhar psíquico, orienta-se para a destruição inadvertida do rastro e é daí que surge a necessidade do arquivo. Enquanto alguns preferem esquecer, outros procuram garantir a informação, pois, da mesma forma que existe o impulso de eliminar a memória e fatos considerados desagradáveis, é inerente ao homem o ímpeto de contar histórias e memorializá-las. Jacques Derrida (2002, p. 44), em “Archive fever in South África”, exemplifica situações em que a necessidade do apagamento contrapõe-se à memória:

Os ataques a museus, arquivos e instituições culturais que acompanham a limpeza étnica na Bósnia e alhures; a supressão deliberada de memórias pelo regime do apartheid na África do Sul e a representação da luta contra o apartheid como “luta entre memória e esquecimento.

Se de um lado a manutenção dos registros garante aos que estão em posição privilegiada o direito a defesa e/ou ataque, os que não estão podem utilizá-la como forma de chegar ao poder ou de criticar os que lá estão. Apagamentos aparecem em disputas ideológicas em vários períodos históricos. Um exemplo que ilustra tal afirmação é a famosa foto de Lênin alterada por Stalin na qual a imagem de Trotski é apagada por ele ser opositor ao regime de Stalin.

Se no caso de Lênin e Trotski o apagamento foi intencional, em algumas situações, ele ocorre por acidente, tendo os mais variados motivos. Guerras, incêndios e desastres naturais já consumiram importantes registros, nunca recuperados.

Os acervos são os espaços que abrigam lembranças e episódios da vida pública e privada salvas da ação do homem e do tempo. Philippe Artières (2013, p. 45), sobre a questão do arquivamento, afirma que:

A morte, o corpo posto no esquife, o enterro e, depois, na casa do defunto, uma descoberta: uma mala conservada sob o leito do morto. Seu outro corpo. No cofre, um conjunto de papéis pessoais, coleção de lembranças de episódios de vida: segredos, um “jardim secreto”, aqui; um engajamento político ali, uma paixão ou doença... a abertura da mala e a leitura dos arquivos de uma vida; desvelamento do que foi subtraído para ser conservado. Se muitas vezes nos interessamos pela natureza dos arquivos pessoais e pelas práticas que lhes dão origem - a correspondência ou o diário íntimo - e, conhecemos bem as maneiras de fazer, os modelos convencionais, os modos de transmissão e as modalidades de leitura, por outro lado, nada ou quase nada sabemos dos modos de fabricação desse arquivo.

Foi exatamente por este motivo que, até pouco tempo atrás, mais precisamente até o ano de 2012, o período de exílio no Uruguai e Argentina de Jorge Amado ficou sem maiores detalhes. Os documentos envolvendo aspectos sociais e pessoais deste curto período, entre 1941 e 1942, ficaram, literalmente, esquecidos em uma mala.

Tais documentos são de extrema importância pois, além de serem a materialidade da relação profissional e da amizade entre ambos, também é uma representação do momento pelo qual o Brasil passava.

Em 1941 e 1942, período de correspondência entre Ivan Pedro de Martins e Jorge Amado, o Brasil encontrava-se sob um regime autoritário chamado Estado Novo, cujo líder era o presidente Getúlio Vargas. Esta forma de organização governamental censurava e reprimia a oposição e ideologias consideradas subversivas, caso do comunismo.

A Aliança Nacional Libertadora, da qual Amado e Martins faziam parte, era uma organização política que fazia oposição ao governo do período com características comunistas. Sobre a ANL, Boris Fausto (2006, p. 197) afirma:

O programa da ANL tinha conteúdo nacionalista. Nenhum de seus cinco itens se dirigia especificamente aos problemas operários. Eram eles a suspensão definitiva do pagamento da dívida externa; a nacionalização das empresas estrangeiras; a reforma agrária; a garantia das liberdades populares; a constituição de um governo popular; a constituição de um governo popular, do qual poderia participar qualquer pessoa na medida da eficiência de sua colaboração.

A formação da ANL se ajustou à nova orientação dada ao PCB que vinha do Comintern, defendendo a criação de frentes populares, em todo o mundo contra a ameaça fascista. A ANL seria o exemplo de uma frente popular

adaptada às características do chamado mundo semicolonial, reunindo vários setores sociais dispostos a enfrentar o fascismo e o imperialismo.

Da mesma forma que Amado, em função da forte repressão aos membros da Aliança Nacional Libertadora, Ivan Pedro de Martins buscou refúgio. Enquanto o famoso escritor baiano já era reconhecido amplamente por sua produção literária, o mineiro Ivan escreveria sua obra mais representativa durante o exílio.

Se o autor de “Mar morto” retirou-se para Montevideu e Buenos Aires, Ivan Pedro de Martins refugiou-se na estância do sogro na região do pampa gaúcho, mais especificamente na cidade de São Gabriel. É neste espaço, repleto da tradição gaúcha e, assim como o restante do País, em ampla modificação, que foram redigidas as obras “Fronteira agreste”, “Caminhos do Sul” e “Casas acolheradas”. Juntos, os títulos compõem a trilogia da campanha.

Em depoimento ao professor Antonio Hohlfeldt (1998, p. 19), Martins enfatiza seu interesse no estilo de vida do homem do campo rio-grandense:

Na formação ou na construção de minha obra literária, o que realmente influi foi o encontro de um jovem que carregava uma tremenda carga de erudição ou cultura, erudição pelo muito lido e aprendido, e cultura pela parte digerida, quando passou a tomar contato no Rio Grande com o trabalho diário, miúdo, da gente que trabalha. Da gente que trabalha manualmente. O peão, o posteiro, o tropeiro, o lenheiro, o alambrador, aquela espécie de gente que faz parte de um Rio Grande anônimo e desconhecido.

Apesar dos encontros que já evidenciavam um pensamento político convergente, uma vez que ambos eram membro da ANL, organização com características comunistas e inspirada nos Bolcheviques da Revolução Russa de 1917 liderados por Lênin, foi somente a durante o período de afastamento a que ambos se submeteram que os laços de amizade estreitaram-se.

Ivan Pedro Martins, mais do que um membro da ANL, era o Secretário Político da organização e, por este motivo, um dos principais responsáveis pelo movimento. Em 1934, a Aliança Nacional Libertadora promoveu uma ampla movimentação nacional, iniciando pelo Norte do País, culminando na Intentona Comunista de 1935.

Em função do difícil panorama político, Martins, ao lado da esposa Mary Mércio, retirou-se e passou a vivenciar a rotina da fazenda, inteirando-se dos perfis das pessoas, da estância e da imaginária fronteira que separava Brasil e Uruguai. É neste cotidiano que o mineiro de Abadia de Pitangui inspirou-se para escrever sobre o Rio Grande do Sul. Segundo Antonio Hohlfeldt (1998), a contribuição de Ivan Pedro Martins consiste na abordagem explícita da vida dos

homens marginalizados dessa sociedade, a partir dos próprios espaços físicos e geográficos que ocupam, evidenciando que também a localização dos povos não é nem gratuita nem destituída de sentido.

Enquanto trabalhava na que seria a sua grande obra, Ivan Pedro Martins mantinha seus ideais vivos e, mesmo tão distante da efervescência de sua organização política, continuou a sua militância através de correspondências trocadas com colegas da ANL. Destaca-se neste grupo, o escritor baiano Jorge Amado que, assim como Martins, retirou-se motivado pela perseguição política do governo ditatorial brasileiro.

Jorge Amado, atendendo a um pedido do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e fugindo, assim como Martins, de repressões políticas da posição, estabeleceu residência no Uruguai. Uma vez instalado, Amado começou a reunir materiais que pudessem servir à ANL contando, para isso, com companheiros de movimento, caso de Ivan Pedro Martins. Além dos contatos que realizou, aproveitou a tranquilidade da nova moradia para pesquisar sobre a vida do líder Luiz Carlos Prestes e escrever sobre a sua vida. O objetivo era publicar a biografia do responsável pela Intentona Comunista em português e espanhol.

Enquanto o autor baiano dedicava-se aos seus estudos, Ivan Pedro de Martins iniciou a redação das obras que marcariam a sua carreira de escritor. Nestes livros Martins abordou aspectos envolvendo organização do social, diferenciação entre as classes e os antagonismos culturais e econômicos. A correspondência trocada com Jorge Amado segue o mesmo padrão de repensar o histórico de forma a resultar em um estudo que processa e apresenta os fatos pelos quais, principalmente o pampa gaúcho, passou durante o seu afastamento da capital do País. Assim como Cyro Martins e a sua trilogia do gaúcho a pé, Ivan Pedro de Martins retrata episódios e costumes de forma a complementar a tradição literária gauchesca da década de 1940.

Com o fortalecimento do regime repressor, que buscava manter o regime ditatorial, muitos encontraram como única saída o exílio. Aqueles que não foram exilados ou auto exilaram-se ficaram no país mantendo o movimento vivo e, muitas vezes, servindo de ponte entre os saudosos de sua terra natal e suas famílias.

Devido à forte fiscalização do grupo de inteligência do estadista Getúlio Vargas, as correspondências que entravam e saíam do País através dos membros da ANL eram uma das únicas formas de permitir a troca de materiais acerca deste movimento além, é claro, de possibilitar o contato com familiares.

Em meio aos vários membros da ANL que sofreram as consequências por colocarem-se contra o governo vigente, além de Jorge Amado, estava o escritor

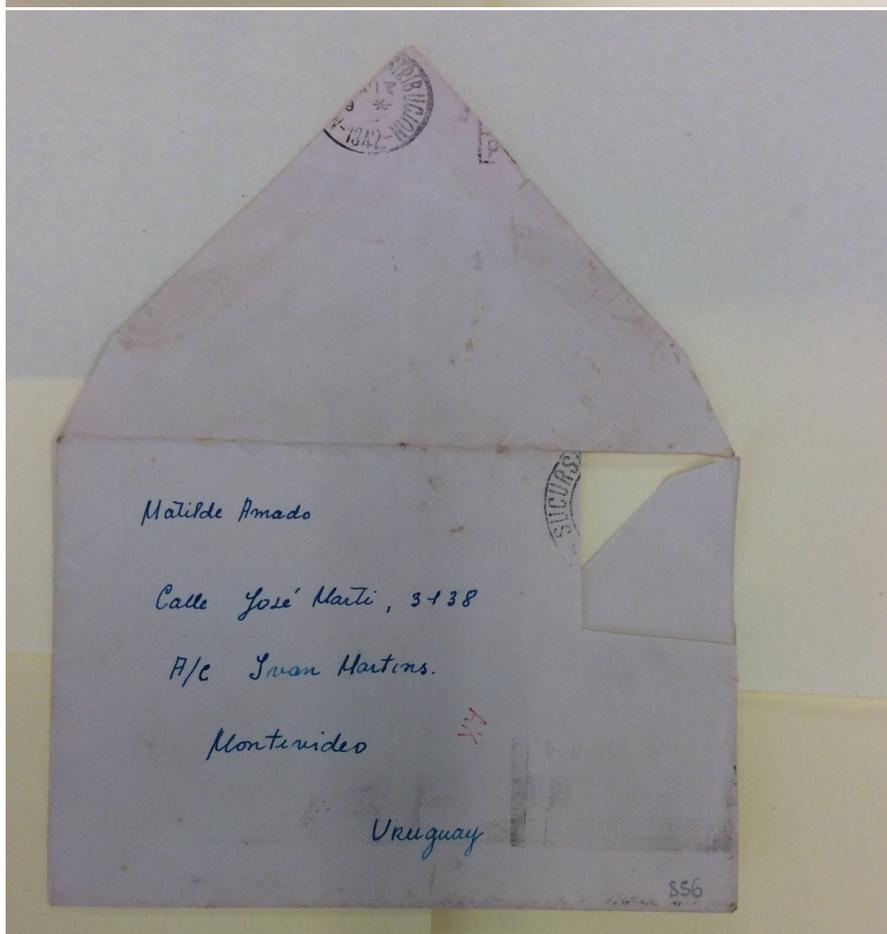
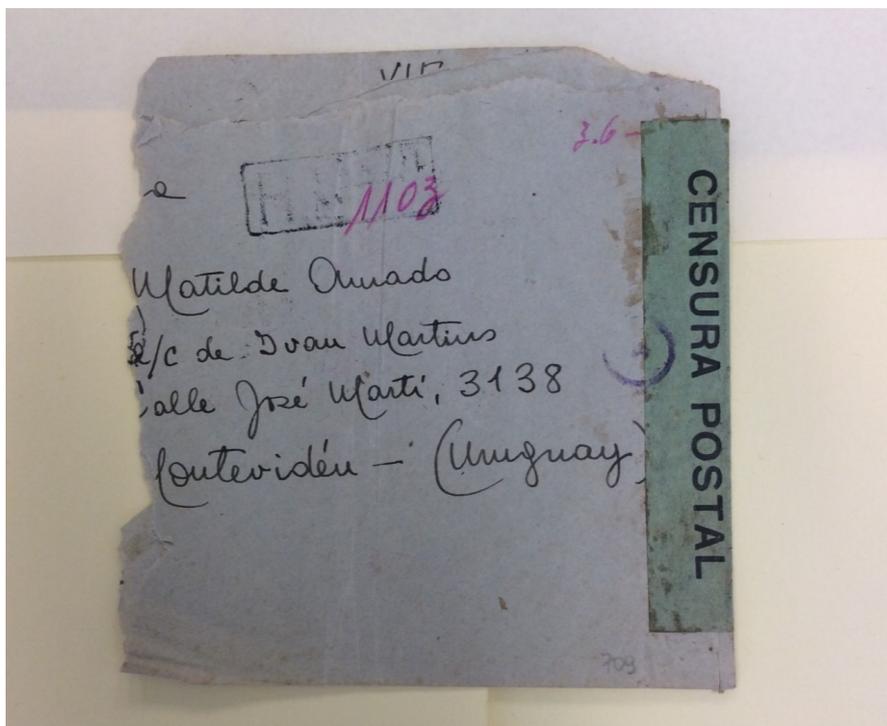
mineiro Ivan Pedro de Martins. Seus caminhos já haviam se cruzado anteriormente, caso da organização, em 1935, do I Congresso da Juventude Operária-Estudantil.

Apesar dos encontros, que já evidenciavam um pensamento político similar, foi somente durante o período de afastamento a que ambos foram submetidos que os laços de amizade estreitaram-se.

O material que comprova a amizade e colaboração mútua entre os dois escritores é composto por envelopes, que registram entrada e saída de informações do Brasil, de Montevideo e da Argentina; discussões sobre literatura, incluindo análise de produções e compartilhamento de textos inéditos; notícias do que se estava fazendo como representante da ANL nos locais em que estavam exilados e o que os demais companheiros de organização estavam fazendo.

Além de servirem como elo de conexão com a realidade política do Brasil e com os trabalhos literários desenvolvidos, as cartas também eram o meio de estabelecer comunicação com a família sem o olhar atento da censura. Nem sempre obtinham sucesso, mas, algumas vezes, ao remeter a carta para Ivan Pedro de Martins, Jorge Amado conseguia que as notícias fossem reenviadas pelo amigo e, assim, chegassem em seu inteiro teor. Os envelopes abaixo são exemplos destas tentativas:

Figuras 1 e 2 - Envelopes de cartas enviada à Matilde Amado, primeira esposa de Jorge Amado

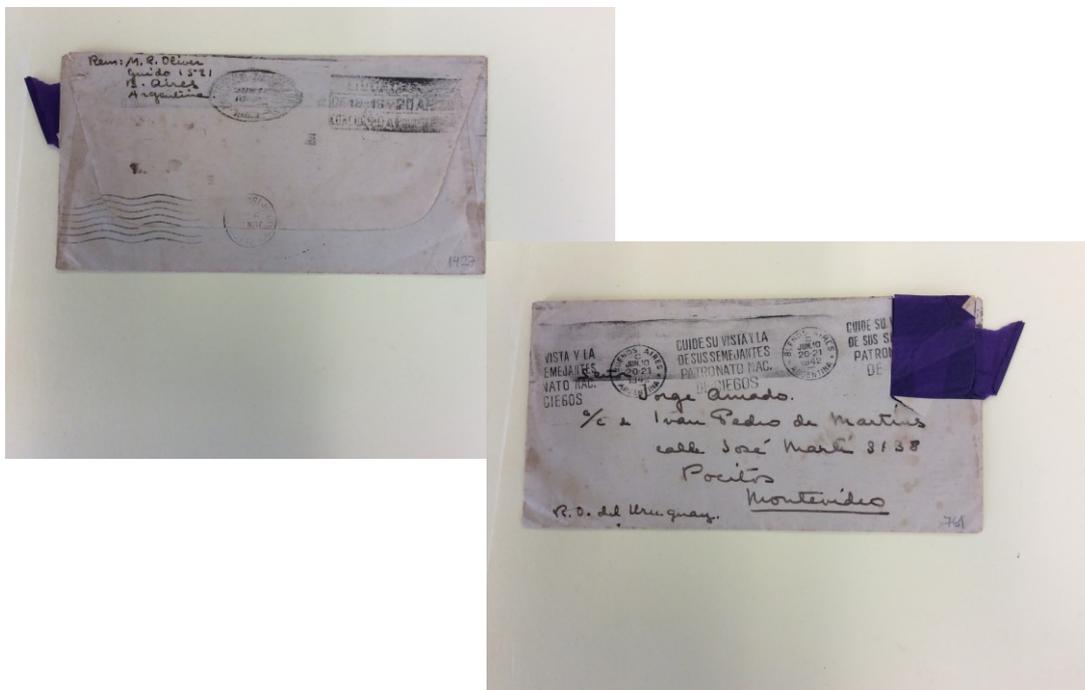


Fonte: Acervo do nuLIME - Núcleo de Literatura e Memória da UFSC.

Nos envelopes acima, podemos observar que a correspondência foi encaminhada a Ivan Pedro de Martins a fim de que fosse reenviada para Matilde Amado, primeira esposa de Jorge Amado e mãe da sua primeira filha, Lila, falecida na adolescência. A primeira carta não chegou ao seu destino final com o seu teor completo, uma vez que passou por revisão dos órgãos de censura antes de chegar ao seu destino final. Porém, no segundo envio, a correspondência chegou sem ressalvas de nenhum órgão, garantindo, assim, a integralidade de seu conteúdo.

Para que as correspondências chegassem ao seu destino, tanto Jorge Amado quanto Ivan Pedro de Martins contavam com ajuda de outros companheiros de causa, que, a exemplo de Ivan Pedro, redirecionavam a correspondência quando necessário. O remetente da carta abaixo, quando Jorge Amado já estava na Argentina, exemplifica esta situação:

Figuras 3 e 4 - Frente e verso de envelope de carta enviada a Ivan Pedro de Martins por Jorge Amado. Ver remetente: M. R. Oliver. Amado.



Fonte: Acervo do nuLIME - Núcleo de Literatura e Memória da UFSC.

As correspondências evidenciam tanto a militância política quanto a amizade entre os escritores, uma vez que os conteúdos abordam desde questões envolvendo a ANL e opiniões acerca das produções literárias de ambos. Em uma carta enviada a Jorge Amado, a quem chamava de “Velho Jorge”, Martins, já no parágrafo inicial, tece comentários acerca da situação no Brasil e faz referência a Castro Alves, tema da obra “O ABC de Castro Alves”, de Amado”:

Montevideo, 21 de outubro de 1941.

*Velho Jorge,
Um abraço.*

O Pompeo¹ já deve ter chegado e com ele as notícias de interesse de caráter local e algumas coisas do Brasil e do estrangeiro. Recebi sua carta e concordei plenamente com suas observações referentes à defesa da explosividade viril de Castro Alves. Achei difícil dar à carta um ar de estudo, no entanto resolvi preparar uma introdução e depois ir intercalando observações à medida que a ocasião se apresentava.

¹ Agente literário de Jorge Amado.

A carta segue com a análise de aspectos sobre a vida de Castro Alves, informa sobre pesquisas para futuros textos e de uma possível comunicação que ocorreria. Conclui de forma informal e afetuosa, deixando claro que, em outra oportunidade, continuariam a debater o assunto.

Sobre a obra “O ABC de Castro Alves”, Ivan Pedro de Martins redigiu um longo ensaio (já digitalizado e digitado na íntegra e parte do Acervo), enviado a Jorge Amado em 7 de outubro de 1941. O estudo, composto por nove páginas, comenta de maneira minuciosa a obra recém pronta. Era uma ação frequente dos escritores a troca de opiniões sobre escritos ainda inéditos. Ivan Pedro de Martins, solicitando também uma opinião do amigo, envia a Jorge Amado o conto “Não vale a pena ser mãe...”. O cuidado e o respeito com a produção do companheiro de ANL fica evidente logo no início da carta:

Montevideo, 7 de outubro de 1941.

*Querido e velho Jorge:
Um abraço.*

Na vez passada lhe prometi opinar e opinar com seriedade sobre seu livro e estive uns três dias tratando de amadurecer o que tinha a dizer, depois de lê-lo, como lhe disse, três ou quatro vezes e marcá-lo para ordenar a opinião.

O artigo, sobre o qual posteriormente será realizado um detalhado estudo devido a sua qualidade e importância, segue com uma retrospectiva de obras anteriores de Jorge Amado, com o intuito de comparar os escritos anteriores e enaltecer o crescimento profissional do baiano. A amizade e admiração de Ivan Pedro e Jorge Amado são reafirmadas ao final da análise:

O ABC é um trabalho para ser levado às escolas, aos quarteis, aos clubes, a toda a parte e dizer “Eis aqui uma vida digna de ser conhecida, quem a escreveu a tem por norma. E há muito por diante, Velho Jorge. Agora é marchar. Outras cadeias por romper, como diz você. Que você possa produzir ainda muito, para que no Brasil e no mundo se possa continuar ouvindo a voz divina que canta:

Vós que o templo das ideias
Largo - abris às multidões
P’ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções.

Você, herdeiro e irmão dessa voz, responde agora com o ABC que é todo um canto de guerra. Adiante, Jorge, e novamente obrigado, por mim e pelos milhares que não lhe podem dizer tudo o que lhe digo agora. Seu livro é um grande livro, digno de você. E ficará.

Aqui termino para que não saia um novo volume sobre o ABC. Creio que fiz o que prometi, demorei, mas quando opinei agarrei quanto cabelinho podia ser agarrado. Você naturalmente verá nessa carta o pensamento de alguém que muito lhe quer e admira.

A carta/ensaio exalta as qualidades da obra e de seu autor, porém é séria, à medida que evidencia o que pode ser melhorado. As palavras enviadas e recebidas são importantes pois, além de expressarem uma respeitosa amizade, passam a ser fonte de pesquisa e conhecimento pelos seus aspectos técnicos. Mais do que envaidecer outro, procuram ser fiéis ao fazer literário. Tornam-se, portanto, meios de estudos críticos das obras de ambos.

A reunião dos rastros deixados por Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins dão corpo a um período apagado pela censura. Os anos de 1941 e 1942 deixam de ser lacunas e passam a ser fatos com o surgimento destes documentos guardados por mais de setenta anos.

Uma simples decisão, a de não descartar papéis deixados para trás, garante a memória, a continuidade e o compartilhamento de textos e trabalhos relevantes. Além disso, propicia o registro de uma amizade que influenciou a vida e a obra dos dois escritores, Jorge Amado, um dos responsáveis pela manutenção dos costumes, belezas e culturas do povo baiano, e Ivan Pedro de Martins, o mineiro que tão bem representa a literatura de fronteira do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Espumas flutuantes**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. In: HEYMANN, Luciana; ROUCHOU, Joëlle; TRAVANCAS, Isabel (Org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013.

AMADO, Jorge. **O ABC de Castro Alves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMADO, Jorge. **Vida de Luís Carlos Prestes: o cavaleiro da esperança**. São Paulo: Martins, 1942.

DERRIDA, Jacques. Archive Fever in South África. In: HAMILTON, Carolyn et al. **Refiguring the archive**. Dordrecht: Kluwer, 2002.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, Prezada senhora: estudos sobre cartas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HEYMANN, Luciana; ROUCHOU, Joëlle; TRAVANCAS, Isabel (Org.). **Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiência de pesquisa.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2013.

HOHLFELDT, Antonio. **Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível.** Porto Alegre: IEL: EDIPUCRS, 1998.

MARTINS, Ivan Pedro de. **A flecha e o alvo: a intentona de 1935.** Porto Alegre: Movimento, 1994.

MARTINS, Ivan Pedro de. **Fronteira agreste.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1960.

MARTINS, Ivan Pedro de. **Caminhos do Sul.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1946.

MIRANDA, Wander Melo; SOUZA, Eneida Maria de (Org.). **Crítica e coleção.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. Fragmentos para uma história ainda não escrita: Jorge Amado e o Partido Comunista no exílio 1941-1942. **Navegações: revista de cultura e literaturas de língua portuguesa**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 156-161, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

WOLOSKI, Aline Rullian Germann. Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada. **RIHGRGS**, n. 150, p. 135-147, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/62222/38008>. Acesso em: 29 ago. 2021.

JORGE AMADO E A MILITÂNCIA DISCIPLINADA

Matheus de Mesquita e Pontes

Durante os anos de 2013 até 2018 realizamos uma pesquisa que aborda a produção literária de Jorge Amado entre 1929 e 1956. No final chegamos à conclusão que durante o recorte temporal proposto o escritor desenvolveu quatro momentos distintos na sua produção: 1º fase juvenil carregada de preconceitos de classe, de raça e perante a cidade da Bahia de Todos os Santos (Salvador), particularidades presentes na novela “Lenita” (1930) escrita em conjunto com Édison Carneiro e Oswaldo Dias da Costa, no primeiro romance autoral “O país do Carnaval” (1931) e em crônicas nos jornais da capital baiana, especialmente, no jornal *O Momento* (1929-1931); 2º momento de aproximação do campo comunista, via a Juventude Comunista - juventude do Partido Comunista do Brasil (PCB) - e da Aliança Nacional Libertadora (ANL) - frente antifascista impulsionada pelo PCB -, aproximação do “romance proletário” e dos escritores do atual Nordeste brasileiro que vinham produzindo uma literatura que aborda aspectos regionais e sociais de forma crítica, e a aproximação com intelectuais que discutiam a condição do negro e da cultura afro-brasileira na formação do povo brasileiro. Mediações literárias que estão presentes nos romances “Cacau” (1933), “Suor” (1934), “Jubiabá” (1935), “Mar Morto” (1936) e “Capitães da Areia” (1937), além da crítica literária produzida para periódicos e, em especial, para o *Boletim de Ariel*, que era ligada a Editora Ariel. Produção que qualificamos como engajada, num plano ideológico de esquerda, entretanto num viés difuso, perpassando por questões de classe, raça e identidade cultural religiosa de matriz afro-brasileira.

O 3º momento - que irá perpassar nossa reflexão neste texto - abordamos como uma fase de transição na escrita de Amado, da produção literária com perfil engajado de esquerda, para uma escrita militante comprometida com as diretrizes indicadas pelo PCB e o movimento comunista internacional. Essa transição tem sua mediação sustentada no contexto conjuntural do período: no plano nacional a intensificação da repressão estatal varguista aos opositores, especialmente do campo comunista, e, no cenário internacional, ligada a intensificação da Segunda Guerra Mundial com a ameaça nazifascista. Os compromissos militantes e literários de Amado com o PCB passam a ser evidentes através das biografias romanceadas de Castro Alves (1941) e de Luís Carlos Prestes (1942) e com as mais de quatrocentas crônicas de guerra feitas após o Brasil declarar guerra às nações do Eixo (1942-1945).

O 4º momento vincula-se ao período que Amado atua como figura pública do PCB no meio parlamentar e literário, após a Segunda Guerra Mundial, assumindo explicitamente as diretrizes partidárias tanto nacionalmente como em âmbito internacional, particularmente na difusão do “realismo socialista”, esboçado por Máximo Gorki e Andrei Jdanov - nos anos de 1930 e princípio da década de 1940 -, para atuação partidária nas artes e na literatura. O romance “Seara Vermelha” (1946), a trilogia dos “Subterrâneos da Liberdade” (1954), a apologia as nações do Leste Europeu nos relatos de viagem em “O Mundo da Paz” (1951), as crônicas de partido contidas em “Homens e Coisas do Partido Comunista” (1946) e vários artigos publicados em revistas impulsionadas pelo PCB, apontam a perspectiva militante do escritor. Perfil que permanece até 1956, com as denúncias dos crimes de Josef Stálin no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, que leva o distanciamento de vários intelectuais do campo comunista, incluindo o próprio Jorge Amado. Todavia o afastamento não significou o fim do compromisso engajado do escritor com as causas populares, findou-se apenas o compromisso disciplinado e militante perante o PCB e o movimento comunista internacional no plano literário.

Para elaborar essa síntese interpretativa, de quatro momentos na produção literária de Jorge Amado, entre 1929 e 1956, desenvolvemos os conceitos de engajamento e militância. Apesar dos dois termos terem significados que remetem a compromisso com algo, buscamos distingui-los no que tange o grau do envolvimento.

Partimos do princípio, que no labor intelectual, não existe neutralidade. Os resultados do conteúdo da escrita, sua difusão e formas de recepção, são frutos das mediações que promovemos com os inúmeros grupos sociais que nos cercam. Nesse sentido, permanentemente, elaboramos, assumimos e rejeitamos compromissos. Resumidamente (PONTES, 2018) abordamos o engajamento como uma relação fluida, sem obrigatoriedade de organicidade e de disciplina rígida com o(s) grupo(s) social(is) com que nos relacionamos, também pode ser um compromisso parcial que liga-se a interesse(s) específico(s); por outro lado a militância é sempre calcada numa ação coletiva, com elementos disciplinares dentro do próprio grupo social. Na militância existe uma profissão de fé que delimita os objetivos e ações do grupo social, existem marcos para inserção e socialização, sustentadas numa fidelidade grupal. Tanto para elaboração conceitual de engajamento e militância, partimos dos aspectos belicosos do século XX.

A transição de Jorge Amado, do engajamento difuso - no plano da esquerda - para uma militância no campo comunista, ocorre graças as

mediações impulsionadas pelo contexto histórico. A repressão gerada contra o movimento comunista após os levantes armados de 1935 e sua intensificação após a mudança constitucional advinda com o Estado Novo em 1937, colocaram Jorge Amado na mira da censura estatal. O princípio da grande guerra e a ameaça da ascensão fascista em escala global e nacional potencializavam o cenário dramático. Nesse contexto o movimento comunista, através do PCB, se apresentava com uma ferramenta no combate antifascista.

O exílio que Amado realiza entre 1941 e 1942, no Uruguai e na Argentina, compõem o marco transitório para a militância comunista. Compromissos e tarefas foram assumidos nesse período. A entrada dos Estados Unidos e posteriormente do Brasil no conflito global acirraram os ânimos e a perspectiva das ações coletivas disciplinadas. É um período pouco abordado pelo próprio escritor em suas memórias, como também de pouca disponibilidade de fontes sobre o escritor. A revelação do acervo documental referente aos anos de exílio, hoje sob a guarda do Núcleo de Literatura e Memória (nuLIME) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), denominado como o “Acervo da Mala de Jorge Amado, está a jogar luz sobre esse momento da trajetória literária e pessoal de Jorge Amado.

As biografias do “Poeta dos Escravos” e do “Cavaleiro da Esperança” são as principais produções literárias de Amado nos primeiros anos da década de 1940. Entre a realização desses dois empreendimentos, no exílio, o escritor baiano mantém trocas de correspondência com o dirigente comunista brasileiro e futuro escritor Ivan Pedro de Martins (1941) que resultará num ensaio crítico de Martins - não publicado - sobre a biografia “ABC de Castro Alves” que, se estende, no intuito de avaliar o conjunto da obra de Amado e emitir implicitamente diretrizes para construção da biografia de Luís Carlos Prestes e de futuros textos literários. O escrito de Martins é uma fonte relevante para abordagem do processo transitório entre o engajamento difuso para a disciplina militante de Amado. Documento que se encontra no “Acervo da Mala de Jorge Amado” e que dará suporte a nossa reflexão¹.

1. AS BIOGRAFIAS: A INTENSIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES COM OS COMUNISTAS

Após a intentona dos integralistas em maio de 1938, o PCB saudou a ala liberal do governo de Getúlio Vargas, encabeçada por Osvaldo Aranha, então ministro das Relações Exteriores, pelo combate firme ao agrupamento fascista

¹ As reflexões contidas neste capítulo estão presentes no quarto capítulo da minha tese de doutorado, “Jorge Amado: entre engajamentos e militância comunista (1929-1956)”, defendida na Universidade Federal de Goiás, em março de 2018.

que anteriormente apoiava o governo e sua política anticomunista inserida na Constituição de 1937. Em notas emitidas pelos dirigentes da agremiação em *La Correspondance Internationale*, em 1938, os comunistas demonstravam certa crença na possibilidade de a presidência da República afastar-se definitivamente do campo fascista internacional. Após o evento, o dirigente Otávio Brandão anunciava:

Os chefes integralistas, agentes de Hitler e de Mussolini, acabam de desencadear um *putsch* fascista no Rio de Janeiro. O exército, sustentado pelo povo, esmagou o *putsch*. O governo de Vargas toma novas medidas contra o fascismo (BRANDÃO, 1982, p. 212).

No mesmo ano, o PCB aproveitava o fato para pressionar o governo a continuar o combate ao fascismo/integralismo, em prol da anistia aos antifascistas - entenda-se os membros da ANL e do PCB envolvidos nos levantes de 1935 -, além de uma série de demandas populares e outras ligadas à soberania nacional, vinculadas ao seu programa e à agitação no plano político.

[...] exclusão, do aparelho administrativo, dos traidores da pátria, fascistas e outros; liberdade de ação para os defensores da democracia e independência nacional; anistia para todos os antifascistas condenados, presos e em fuga; orientação democrática da política interna e externa; criação da indústria pesada e metalúrgica nacional; solução dos problemas da alta do custo de vida e da crise econômica; supressão dos lucros vergonhosos e da usura; instituição do salário mínimo e de outras leis que respondam aos interesses e aos desejos do povo (MONTEIRO, 1982, p. 219).

Internamente, no seio de sua vanguarda partidária e dentre alguns interlocutores específicos, o PCB não rejeitava a possibilidade de uma futura aliança de “unidade nacional” com Getúlio Vargas, desde que o chefe do executivo combatesse o fascismo e o imperialismo nos planos interno e externo. Luís Carlos Prestes, então preso pela ditadura varguista, em correspondências/bilhetes privados ao militar Severo Fournier - socialdemocrata que tinha restrições ao PCB -, não descartava a possibilidade de apoio ao governo do seu algoz, desde que aproximasse das bases programáticas da “unidade nacional” defendida pelos comunistas.

Nesta luta [contra o fascismo e o imperialismo], meu amigo, não devemos ver os homens e apoiar até o próprio Getúlio se, amanhã, compreender a necessidade nacional de um tal programa, e quem lhe escreve isto é o homem que, pessoalmente, tem a Getúlio o mais justificado ódio: você deve saber que foi ele quem mandou entregar a Hitler minha dedicada companheira, em adiantado estado de gravidez (PRESTES, 1982, p. 216).

Com o advento da Segunda Grande Guerra e a manutenção das relações diplomáticas e econômicas do Brasil com a Alemanha e a Itália, o PCB voltou novamente a atacar o governo ao apontar que “o caminho que conduz o Brasil à guerra está sendo trilhado, arrastado, pelos interesses inconfessáveis dos homens do ‘Estado Novo’” (PCB, abril de 1940). A princípio, sem o envolvimento da URSS no conflito bélico - prevalecendo o pacto “Molotov-Ribbentrop” (agosto de 1939) de não agressão entre alemães e soviéticos -, o PCB lançou a defesa da neutralidade do Brasil na guerra entre as potências imperialistas, mas sem renunciar à bandeira política da “união nacional” antifascista e anti-imperialista. No manifesto em alusão ao Dia do Trabalhador, em 1940, o PCB iniciou assim o seu panfleto: “União Nacional contra o Imperialismo e a guerra! União Nacional contra a crise e a miséria! União Nacional pela Constituição Democrática!” (PCB, abril de 1940) e atacou Vargas e o Estado Novo:

A guerra imperialista que ensanguenta o mundo e a odiosa tutela estrangeira imposta pela ditadura do “estado novo” tornam cada vez mais pesado o fardo que os brasileiros têm que carregar [...]. É para a guerra, brasileiros, que nos quer levar esse governo que vende aos países beligerantes, a preços vis, produtos de consumo diário do povo, que por sua vez é obrigado a pagar preços cada vez mais altos (PCB, abr. 1940).

Com a invasão alemã a URSS e a entrada dos soviéticos na guerra em 1941, o PCB mudou sua política de “unidade nacional”, defendendo que o Brasil entrasse no conflito ao lado das “nações democráticas”, priorizando a retórica antifascista e secundarizando o apelo anti-imperialista. Em resumo, desde o fracasso da insurreição de 1935 e sua consequente repressão, a agremiação sempre optou pela tática da construção de uma frente ampla que aglutinasse, sob sua orientação, militares vinculados ao tenentismo, intelectuais, políticos e personalidades liberais, sindicatos de trabalhadores, desde que fossem antifascistas e defensores da soberania nacional. Com a ameaça da derrota soviética pelos nazistas, o PCB mais uma vez se dispôs à política da “unidade nacional” com Vargas, contanto que seu governo declarasse guerra às nações do Eixo e anistiasse os antifascistas presos, exilados e perseguidos pelo regime estadonovista.

Exilado e tendo sua produção perseguida pela ditadura, Jorge Amado aceitou ser agente da difusão da política dos comunistas no apelo pela reconstrução de uma frente antifascista. As biografias escritas pelo romancista baiano, do poeta Castro Alves e de Luís Carlos Prestes - que naquele momento se encontrava preso -, tinham o intuito de mobilizar especialmente dois campos

sociais estratégicos na governança do Estado Novo para o polo antifascista: os intelectuais e os militares.

A biografia do poeta dos escravos, o “ABC de Castro Alves”, escrita antes de a URSS declarar guerra às potências do Eixo, destinava-se a incitar os intelectuais para a defesa da soberania nacional com o propósito de pressionarem o governo Vargas a assumir posturas antifascistas. Parcela expressiva do campo social sustentava a política de propaganda da máquina estatal e ocupava cargos públicos, por mais que ocorresse dura repressão e limitação da expressão artística e cultural por intermédio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).

Escrita posteriormente à inserção da URSS na guerra e da ruptura do governo de Getúlio Vargas com a Alemanha, “O Cavaleiro da Esperança”, a biografia de Prestes era parte de uma ampla campanha pela anistia e pela declaração de guerra do Estado brasileiro às potências do Eixo. Nesse sentido, a trajetória do “cavaleiro da esperança” teve como foco o seu passado militar/tenentista como líder da “Coluna Invicta”, inclusive dando visibilidade a um conjunto de antigos companheiros de jornada que lutaram ao lado de Prestes e que compuseram posteriormente o governo varguista, como Miguel Costa, Juarez Távora, Isidoro Dias, Siqueira Campos, Cordeiro de Farias e João Alberto. No texto biográfico, percebemos a supervalorização do exército brasileiro como o guardião das causas mais nobres da sociedade brasileira: a luta contra a escravidão e o despotismo do Império em prol da causa republicana, o combate à imoralidade oligárquica da República dos coronéis e a defesa da soberania nacional.

A escrita de biografias era uma novidade no repertório literário de Jorge Amado, por mais que alguns romances, como “Cacau” e “Jubiabá” possam ser interpretados como biografias de personagens fictícios. Todavia, para evitar polêmicas na caracterização dos textos que narram as trajetórias de Castro Alves e de Prestes, o escritor sugeriu tratá-las como louvação ao invés de biografia: “Não sei se será uma história que te vou contar. Talvez seja uma louvação” (AMADO, 1971, p. 13).

Na segunda nota introdutória do “ABC de Castro Alves”, observamos que Amado almejava esquivar-se da cobrança dos seus leitores no sentido de classificar os textos como gênero histórico: “Talvez também o rigor histórico sofra um bocado nas minhas tôscas mãos de romancista. Que se danem os historiadores!” (AMADO, 1971, p. 13). A reivindicação do distanciamento com o método dos historiadores não significou o abandono da verdade para o conteúdo dos fatos e da descrição moral dos seus biografados, pois, em ambas as

biografias, permanentemente o escritor fez questão de apontar suas fontes escritas e orais.

A verdade biográfica se tornou essencial para a tática da credibilidade na exaltação. A intenção do escritor era apontar, aos seus leitores, modelos, exemplos que servissem de balizamento para as ações necessárias naqueles anos de repressão e de guerra. Para além da comprovação da verdade sustentada nas fontes, Amado se utilizava da narrativa linear, indo da genealogia familiar à ligação com o contexto histórico vivido pelos biografados e destacando fatos individuais e sociais que moldavam a caracterização dos seus protagonistas, segundo os seus interesses e do(s) grupo(s) envolvidos na mediação social - métodos comuns aos dos historiadores ou de outros cientistas sociais.

A escrita das biografias de 1941 e 1942 demonstra a habilidade de Amado em produzir novas formas textuais, por mais que a veia romanceada da prosa poética presente em “Mar morto” e “Capitães da areia” permanecesse. O fato de as biografias serem narradas a uma “amiga” leitora, constantemente evocada no texto, remete à ideia de que as tramas e os heroísmos descritos deveriam ser replicados oralmente a outras amigas e amigos, aproximando-os das experiências dos contadores de histórias de literatura de cordel e dos leitores coletivos.

No plano político-literário, simbolizou a evolução de Amado nas relações com o campo comunista, alarmado com a repressão interna e com o avanço do poderio fascista pelo mundo. São textos bastante compromissados - indo do engajamento à militância -, que garantiram certo grau de autonomia ao escritor por serem direcionados à lógica frentista, que deveria aglutinar elementos não comunistas, e graças às limitações da agremiação, praticamente dissolvida pela repressão do Estado brasileiro².

2. A MEDIAÇÃO DISCIPLINAR: OS DIÁLOGOS E ENSAIO CRÍTICO DE IVAN PEDRO DE MARTINS

Para alguns dirigentes do campo comunista, a biografia de Castro Alves referendava o alinhamento de Jorge Amado com o Partido, sendo merecedora de elogios e vista como ferramenta literária, um apelo aos intelectuais para (re)construir/compor uma frente antifascista com outros setores populares. Num período em que a crítica literária à produção de Amado era reduzida por

² Na maturidade, Jorge Amado reconheceu as biografias como obras de importância política, embora tenha alegado não dar valor especial aos livros sobre Castro Alves e Prestes por serem “panegíricos, não são biografias [...]. São “elogios” a duas pessoas que me pareciam excepcionais, um poeta - um artista - e um comandante revolucionário” (AMADO apud RAILLARD, 1990, p. 172).

causa da censura, destacaram-se as considerações lançadas na imprensa de Buenos Aires pelo dirigente comunista de origem argentina, Rodolfo Ghioldi³, que havia participado da organização dos levantes armados de 1935 no Brasil. Para Ghioldi (1961), Jorge Amado reabilitou e restituiu a autenticidade da poesia social de Castro Alves, como também produziu um balanço histórico entre o passado e o presente do povo brasileiro, sem limitações ou reducionismos como as obras de Gilberto Freyre, que trata a escravidão negra como “doce, paternal e carinhosa”, e de Stefan Zweig, que via a escravatura brasileira como uma simples “mancha moral”. Ao dizer que a obra “conserva toda la frescura revolucionaria del poeta”, que “no se conduce; incita a la revuelta. No llora; llama a la lucha”⁴ (GHIOLDI, 1961, p. 161), o militante argentino transcendia o elogio ao biografado no intuito de engrandecer o biógrafo e criticar o perfil fascista do governo de Getúlio Vargas, que limitava a produção intelectual brasileira por meio do DIP:

El lector hallará em estas páginas el soplo lírico a que ya lo habituó la novela de Jorge Amado.

Y encontrará, también, la valentía habitual del escritor. El lector no brasileño no debe olvidar que el libro ha sido escrito después de cinco difíciles años de ditadura, cuyos beneficios carcelarios conoció por intermitencias Jorge Amado, y bajo las condiciones de una gestapista Ley de la Literatura. No ha habido azar, ciertamente, en la elección del asunto: el canto a la libertad em torno de la obra de Castro Alves conserva rigurosa actualidad. Más urgente, tal vez, porque em la época de Castro Alves no había la fiscalización administrativa y fascista de la poesía. Así, la loa a Castro Alves adquiere, por imperio de las condiciones presentes de su país, el sentido de un llamamiento al pueblo contra la tiranía. No admiran, entonces, ni la rápida difusión de este libro, ni la rabiosa rección de los “críticos” del D.I.P.⁵ (GHIOLDI, 1961, p. 163).

³ Preso com sua esposa após os levantes de 1935 no Brasil, na condição de dirigente latino-americano da Internacional Comunista, Ghioldi ficou detido até 1940 na Ilha de Fernando de Noronha, regressando posteriormente para a Argentina. Vemos, nos escritos de Jorge Amado, uma profunda simpatia dos dirigentes comunistas brasileiros com Ghioldi, incluindo a do próprio escritor - peculiaridade evidenciada na biografia de Prestes.

⁴ “[a obra] conserva toda o frescor revolucionário do poeta, [que] não se lamenta, incita a revolta. Não chora, chama a luta”.

⁵ “O leitor encontrará nestas páginas o fôlego lírico a que a novela de Jorge Amado já o habituou. Você também encontrará a valentia habitual do escritor. O leitor brasileiro não deve esquecer que o livro foi escrito após cinco difíceis anos de publicação, cuja situação prisional de Jorge Amado limitou-o intermitentemente, como também as condições da gestapista Lei da Literatura. Certamente não houve acaso na escolha do tema: o canto da liberdade em torno da obra de Castro Alves é rigorosamente atual. Mais urgente, talvez, porque na época de Castro Alves não havia controle administrativo e fascista da poesia. Assim, o elogio a Castro Alves adquire, pelas atuais condições do seu país, o sentido de um apelo ao povo contra a tirania. Não admirem, então, nem a rápida difusão deste livro, nem a reação raivosa dos ‘críticos’ do DIP”.

A análise mais densa de “ABC de Castro Alves” foi um ensaio feito por Ivan Pedro de Martins como resultado de uma troca de correspondência entre ele e Amado. O biógrafo prometeu publicar o texto, mas não o fez. Martins, um dos poucos dirigentes comunistas livres em solo brasileiro, tinha sido secretário de agitação e propaganda da ANL e, naqueles anos pós-levantes armados, movimentava-se entre o interior do Rio Grande do Sul e Montevideú, facilitando a troca de correspondências e informações entre exilados no Cone Sul americano e militantes do campo comunista em território nacional⁶. Na introdução de seu ensaio de nove laudas, Martins sentenciou que a biografia do “poeta dos escravos” era o mais importante livro brasileiro das duas últimas décadas e que representava uma ascendente maturação do romancista baiano, colocando-o como “irmão e herdeiro de Castro Alves”, tanto no plano da grandeza literária como no âmbito do compromisso político com o Brasil e seu povo.

Martins, em sua abordagem, seguindo a linha política do Partido, não ficou restrito à análise da obra. Retomou o período de efervescência política da ANL, a derrota armada e as consequências dos anos de repressão. Avaliou que, até 1935, havia uma ascensão da esquerda antifascista, que atraía intelectuais para temas mais próximos ao povo, porém:

[...] a revolução foi vencida, o terror sucedeu à onda popular, aos clarões da esperança de liberdade se sucederam às noites negras de tortura, do assassinato, da mentira, do terror vandálico de 36 e 37. E também mudaram os escritores (MARTINS, 1941, p. 2).

Recriminou os intelectuais Gilberto Freyre e Carlos Lacerda, como também os romancistas José Lins do Rego e Rachel de Queiroz⁷, enfatizando que eles preferiram “escapar á fúria terrorista e guardar sua posição privilegiada de intelectual. Não usaram de outra máxima que a de ‘vão-se os aneis, mas fiquem os dedos’, os desgraçados!” (MARTINS, 1941, p. 3). Não poupou críticas àqueles que contribuíam com a ditadura varguista, produzindo uma literatura que não servia ao povo brasileiro:

⁶ A pesquisadora Aline Rullian Germann Woloski (2016) coloca que Martins, no final dos anos do Estado Novo, devido ao seu contato com a região rio-grandense - apesar de ser mineiro - adentrou no universo romanesco, escrevendo a trilogia “Da campanha”: *Fronteira agreste* (1944), *Caminhos do Sul* (1946) e *Casas acolheradas* (1986).

⁷ A escritora Rachel de Queiroz, no princípio dos anos de 1930, foi vital para aproximar Jorge Amado da Juventude Comunista e dos romancistas da região Nordeste, enquanto Gilberto Freyre impactou Amado nos temas que ligam a influência do negro na formação cultural e religiosa do povo brasileiro, seja por seus livros como pelas parcerias dos Congressos Afro-Brasileiro de Recife (1934) e de Salvador (1937).

Si folhearmos catálogos das livrarias brasileiras nos encontraremos com uma verdadeira avalanche de cretinismo estylisado, de falsa poesia, de morbidez sensual, de vazio creador como nunca houve no nosso meio intelectual. Floresce no Brasil uma typica literatura de decadência, desregrada e covarde, incapaz de superação. Ella é o signal dos tempos. Por isso o livro de Jorge é maior, elle vae de lança em riste contra todos os covardes, não contantes com o bom senso commodista de Sachos Pança que adaptaram o multifrontismo de tartufos. Vale a pena confrontar qualquer livro de um escritor do regimem com o ABC, o comentário se torna inútil, há um abysmo entre os dois (MARTINS, 1941, p. 8).

Diferentemente do setor majoritário do campo literário brasileiro, Martins apontou que Amado não preferiu o silêncio, a cooptação em prol do regime e muito menos a “arte pela arte” sob uma pretensa neutralidade. Para ele, o romancista baiano de fato se tornara um discípulo de Castro Alves, optando por estar ao lado do povo e das suas nobres causas. Além disso, o ensaísta considerou que, durante os anos de ditadura, Amado evoluiu na sua prática literária e que sua “decência” intelectual e política o promoveu à condição de modelo exemplar aos jovens intelectuais, uma espécie de novo líder para a nova geração de escritores.

Na prática, Martins chamou Amado à responsabilidade de assumir a condição de figura pública do campo comunista no meio intelectual. Nesse sentido, os elogios vieram acoplados a uma série de “recomendações” literárias e políticas. A principal era o trabalho dialético do artista, que deve “pôr ao alcance do povo os conhecimentos que são de elite e aprender do povo sua immensa experiencia millenária”⁸ (MARTINS, 1941, p. 3) - prática que, segundo o dirigente/ensaísta, Amado já vinha evoluindo a contento nos últimos anos -; não substituir a noção de raças ou povos (brancos *versus* negros, por exemplo) pelo sentido da “luta de classes” (MARTINS, 1941, p. 6); utilizar-se da história, da economia e da própria luta de classes para representar os contextos por onde passam as tramas (MARTINS, 1941). Das indicações de Martins, a crítica ao apelo excessivo da sensualidade e da sexualidade foi a mais severa. A seu ver, as referências às paixões desenfreadas de Castro Alves na biografia chegavam a sugerir a defesa de Amado pelo “amor livre”, sem regras morais.

[...] você exagera a nota com relação a essa rebeldia e a leva para o terreno perigoso do ‘amor livre’ [...]. Esse é um dos pontos negativos do seu trabalho, pois o livro contém contradições grandes nesse terreno, por

⁸ Um fator importante que percebemos é que no início da década de 1940, apesar de visualizar as artes como ferramentas pedagógicas para a ação política, os princípios do “realismo socialista” ainda não estavam inseridos na concepção dos intelectuais do campo comunista brasileiro.

exemplo quando contrapõe a necessidade de uma amada, da que vem e a gente sabe que é ‘ela que se amou e desejou em todas as mulheres’ e esse desejo de romper com tudo e partir sosinho contra todos. Há algo de tendência anarchica, comum ao campo intelectual, em suas apreciações sobre o amor, o que faz com que às vez esse seu sensualismo humano e viril se transforme quase num sexualismo intencional ‘a la’ Laurence. [...] A concepção da inexistência de lei são laivos tipicamente anarchistas⁹ (MARTINS, 1941, p. 4-5).

Fica evidente a intenção de Martins de disciplinar o conteúdo e a forma da futura produção literária de Amado. Suas “orientações” surtiram efeito nas elaborações romanescas seguintes, com a redução drástica das representações sensuais após a obra “Seara vermelha” e o constante uso dos contextos históricos, políticos, sociais - no sentido classista - e econômicos na estruturação dos romances que vão de 1943 até 1954. Em síntese, a obra o “ABC de Castro Alves”, as mediações feitas no período do exílio e o contato específico com Martins fizeram parte da transição da condição de escritor engajado de esquerda para o escritor militante das fileiras do campo comunista.

3. OUTROS “PORMENORES” DO EXÍLIO E DOS COMPROMISSOS COM OS COMUNISTAS

Foi no exílio, em 1942, que Jorge Amado coletou dados e escreveu a biografia da principal referência política nas lutas do Movimento Tenentista¹⁰ na década de 1920 e, então, líder comunista antifascista Luís Carlos Prestes. O exílio do escritor, entre o Uruguai e a Argentina, não ocorreu de forma isolada, ele seguia o caminho da maioria dos quadros dirigentes perseguidos da ANL e do PCB, alguns antigos companheiros de Prestes no Movimento Tenentista.

No Cone Sul, Amado recebia informações clandestinas de Prestes na prisão, correspondências da família do “cavaleiro da esperança”, via Lígia Prestes - irmã de Prestes -, exilada com a mãe no México, e obtinha informações

⁹ Para desclassificar essa “tendência”, Martins usou os exemplos de Rachel de Queiroz, que caía em “descrédito” no meio intelectual, e da revolucionária e escritora russa Alexandra Kollontai, que sofria com os expurgos do stalinismo. Por outro lado, ironicamente, o primeiro livro de Martins, “Fronteira agreste” (1944), foi censurado pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (Deip) do Rio Grande do Sul - variante local do DIP - com acusações de conteúdo pornográfico - acontecimento denunciado por Jorge Amado como censura política nas crônicas “Cultura e democracia” (4 fev. 1944) e “Em defesa da cultura” (2 mar. 1944), em sua coluna a “Hora da Guerra” no jornal *O Imparcial*.

¹⁰ Movimento impulsionado nas médias e baixas patentes militares no Brasil, na década de 1920, que se opunha ao modelo oligárquico na administração da máquina pública. Combatiam a corrupção e defendiam ampliar a alfabetização e a industrialização no Brasil. Entre 1924 e 1927, o “tenentismo” promoveu uma marcha militar - a “Grande Marcha” ou “Coluna Prestes” - que percorreu entre 25 a 30 mil quilômetros do interior brasileiro no intuito de tomar o poder na via das armas. Tal movimento teve entre os líderes o próprio Luís Carlos Prestes - que na época não estava inserido no movimento comunista.

privilegiadas de alguns militantes que lutaram na “grande marcha” tenentista. Vários poetas e intelectuais estrangeiros e brasileiros enviaram para Amado poemas e declamações de exaltação e apelo pela libertação de Prestes, certamente como parte de uma campanha internacional e como matéria prima para produção da biografia - em parte, usadas como epígrafes na abertura de cada uma das cinco partes do texto. Além de estar em espaços privilegiados para escrita, o romancista possuía um núcleo de apoio para produção e, posteriormente, circulação da obra.

A primeira versão da biografia saiu em língua espanhola, pela Editorial Claridad de Buenos Aires. O livro entrava de forma clandestina no Brasil, através das redes de contato, e obteve vendagem expressiva. As relações comerciais com a editora estavam a cargo do amigo e militante Thomas Pompeu de Accioly Borges - codinome “Campeão” - e os contatos com outros intelectuais argentinos, com os dirigentes comunistas exilados e o próprio Prestes ficavam sobre a responsabilidade de Maria Cruz. Semelhante a uma trama novelesca, com seus triângulos amorosos, Maria era amante de Amado e se passava por sua esposa, apesar do escritor ainda manter o casamento com sua primeira companheira, Matilde Garcia Rosa, que tinha ficado no Brasil e, por fim, com o retorno do escritor, Thomas Pompeu assume relacionamento com Maria, afastando-se de Amado.

No plano literário, durante o exílio, Jorge Amado engavetou o esboço quase completo de um romance intimista que aborda o perfil de um grupo de militantes as vésperas de um levante armado - fazendo alusão aos eventos de 1935 - e, também, retardou a finalização e o lançamento de “Terras do Sem-Fim”, que ocorreu em 1943, com seu retorno ao Brasil. Desde 1941, pouco antes de migrar para o exílio, Amado tinha acertado contrato com uma nova editora, a Livraria Martins, no estado de São Paulo, que lançou em livro o “ABC de Castro Alves”¹¹. Para editora Martins, Amado escreveu - entre 1941 e 1942 - vários poemas com teor político visando a edição de uma coletânea de conteúdo militante, empreitada que não foi concretizada.

Todas as tramas narradas nesses “pormenores”, dentre outras, estão presentes nos documentos existentes no “Acervo da Mala de Jorge Amado”. Um acervo relevante para compreender a trajetória pessoal e literária de Amado num período assombroso da história da humanidade e, na nossa visão, um acervo vital para elaborar a compreensão da transição do escritor da literatura engajada difusa para uma literatura militante, voltada aos interesses

¹¹ Inicialmente, em 1940, a biografia do “poeta dos escravos” começou a ser lançada, no formato de folhetim, na revista *Diretrizes*, sendo proibida após o terceiro capítulo.

interpretativos e coletivos do movimento comunista. O próprio abandono dessa vasta documentação no estrangeiro aliada ao contexto repressivo no cenário nacional, no momento do regresso do escritor, corrobora com a afirmação da potencialização dos laços de compromisso entre o escritor e o agrupamento comunista.

4. O RETORNO AO BRASIL E AS PRIMEIRAS TAREFAS MILITANTES

Um mês após o Brasil declarar guerra às nações do Eixo, em setembro de 1942, Jorge Amado chegou ao país com outros exilados políticos ligados ao PCB e ANL. Nesse período de regresso, o literato assumiu a tarefa de emissário dos comunistas ao abrir diálogo com Júlio de Mesquita Filho e Cordeiro de Faria sobre as posições da agremiação.

Júlio de Mesquita Filho era um dos proprietários do jornal *O Estado de S. Paulo* - que fora tomado para os interesses da ditadura estadonovista - e liderava um grupo de liberais opositores a Getúlio Vargas, exilado na Argentina. Por determinação do Partido, Amado, além de escrever a biografia de Prestes no exílio, foi o emissário permanente do agrupamento no diálogo com os liberais, chegando a desenvolver uma “convivência afetiva” com Mesquita, segundo as memórias do escritor (AMADO, 2012, p. 52). Com a decisão de regresso ao Brasil, Amado comunicou ao jornalista a posição dos comunistas e ouviu a seguinte opinião: “- Vocês vão se entregar à polícia? É demais. [...] - Gesto bonito, pode ser, mas tresloucado” (AMADO, 2012, p. 52). Atendendo a um pedido do dirigente e amigo Rodolfo Ghioldi, Amado não voltou diretamente para o Rio de Janeiro como os demais companheiros exilados. Primeiro foi a Porto Alegre para conversar com o interventor do estado do Rio Grande do Sul e ex-companheiro de Prestes na “Grande Marcha”, o general Cordeiro de Faria, para solicitar intermediação frente a Vargas no pedido de anistia de Luís Carlos Prestes e anunciar as posições do Partido (AMADO, 2012).

As conversas de Amado como porta-voz do PCB tinham o intuito de difundir a defesa da “unidade nacional” entre as forças políticas nacionais, em torno do presidente Getúlio Vargas, contra as nações do Eixo no plano externo e contra os integralistas no plano nacional, mesmo o governo brasileiro continuando a repressão e as prisões de dirigentes comunistas. Para ilustrar a confiança do escritor das biografias de Castro Alves e de Prestes na política do PCB, até em momentos informais ele transmitia as diretrizes dos comunistas. Num jantar comemorativo oferecido ao cinquentenário de nascimento do escritor Graciliano Ramos, com a presença de Gustavo Capanena, Amado não perdeu tempo e, na primeira oportunidade para conversar com o Ministro da

Educação de Vargas, expôs a visão do seu agrupamento político. Relembrando do ocorrido o romancista escreveu:

Terminando o jantar Capanema aproxima-se, diz-me coisas amáveis, aproveito para lhe anunciar a posição dos comunistas de apoio a Getúlio Vargas e ao governo na luta contra o Eixo, no esforço de guerra, chegou a hora de marcharmos juntos, insinuo. O ministro escuta com atenção, mas se abstém de comentários (AMADO, 2012, p. 47).

A convicção e a disciplina eram tamanhas que, um dia antes daquele jantar, Amado saía da prisão da Casa de Correção do Rio de Janeiro com a ordem de manter residência obrigatória em Salvador. Dos mais de 40 exilados no Cone Sul americano que regressaram ao país, apenas seis, dentre eles Amado, não ficaram detidos até o fim da guerra. Chegando na Bahia, no final do ano de 1942, Amado começa a saga de escrever mais de 400 crônicas de guerra, em prol da “unidade nacional” com Getúlio Vargas no governo, para derrotar o fascismo no Brasil e nos campos de batalha em solo europeu.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. (1941) **ABC de Castro Alves**. São Paulo: Martins, 1971.
- AMADO, Jorge. Cultura e democracia. **O Imparcial**. Salvador, 4 fev. 1944, p. 3.
- AMADO, Jorge. Em defesa da cultura. **O Imparcial**. Salvador, 2 mar. 1944, p. 3.
- AMADO, Jorge. (1992) **Navegação de cabotagem**: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. (1942) **O cavaleiro da esperança**: vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- BORGES, Thomas Pompeu de Accioly (pseudônimo “O Campeão”). [**Sobre o desquite e o casamento com Maria Cruz e boatos sobre Prestes na prisão**]. Correspondência, Buenos Aires, 18 maio 1942.
- BORGES, Thomas Pompeu de Accioly (pseudônimo “O Campeão”). [**Carta descrevendo o relacionamento de Pompeu com Maria Cruz**]. Correspondência, Buenos Aires, 20 maio 1942.
- BORGES, Thomas Pompeu de Accioly (pseudônimo “O Campeão”). [**Sobre o relacionamento com Maria Cruz e campanha pró-Prestes através da biografia**]. Correspondência, Buenos Aires, 22 maio 1942.
- BORGES, Thomas Pompeu de Accioly (pseudônimo “O Campeão”). [**Polêmica sobre o emprego de Maria Cruz arrumado por Amado e negociações com a Editora Claridad**]. Correspondência, Buenos Aires, 26 maio 1942.

BORGES, Thomas Pompeu de Accioly (pseudônimo “O Campeão”). [Controvérsias sobre emprego e salário de Maria Cruz e notícias dos exilados na Argentina e sobre a Guerra]. Correspondência, Buenos Aires, 1 jun. 1942.

BORGES, Thomas Pompeu de Accioly (pseudônimo “O Campeão”). [Avaliação coletiva dos exilados em Buenos Aires sobre a biografia de Prestes e desejo de retorno dos exilados ao Brasil para lutar contra o Eixo]. Correspondência, Buenos Aires, 24 de jul. 1942.

BRANDÃO, Octávio. O putsch fascista-integralista e a situação atual no Brasil (1938) [*La Correspondance Internationale*, nº 31, 1938]. In: CARONE, Edgard. **O PCB - 1922 a 1943**. v. 1. São Paulo: Difel, 1982. p. 212-215.

GHIOLDI, Rodolfo. Um livro notable de Jorge Amado (Propósitos, Buenos Aires, 1941). In: MARTINS, José de Barros et al. **Jorge Amado: 30 anos de literatura**. São Paulo: Martins, 1961. p. 158-163.

MARTINS, Ivan Pedro de. **ABC de Castro Alves de Jorge Amado**. Montevideú - Uruguai (texto datiloscrito), 7 abr. 1941, 9 f.

MONTEIRO, Paulo. Por uma frente única democrática brasileira (1938) [*La Correspondance Internationale*, nº 41, 1938]. In: CARONE, Edgard. **O PCB - 1922 a 1943**. v. 1. São Paulo: Difel, 1982. p. 218-220.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Ao povo brasileiro**. Manifesto sobre o Dia do Trabalhador e sobre a Segunda Guerra. Bureau político do PCB, abr. 1940.

PRESTES, Luís Carlos. Cartas/Bilhetes de Prestes a Severo Fournier (1938). In: CARONE, Edgard. **O PCB - 1922 a 1943**. v. 1. São Paulo: Difel, 1982. p. 215-218.

PONTES, Matheus de Mesquita. **Jorge Amado: entre engajamentos e militância comunista (1929-1956)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado** (entrevista). Rio de Janeiro: Record, 1990.

WOLOSKI, Aline Rullian Germann. Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 1, n. 151, p. 135-147, jan./jun. 2016.

O ACERVO EM NÚMEROS

A trajetória do Acervo A Mala de Jorge Amado no nuLIME/UFSC é marcada por duas catalogações: a primeira realizada em 2012, tão logo ocorreu a abertura da Mala; e uma segunda, em 2016. No entanto, entre 2018 e 2020, fizemos a revisão e reorganização de toda documentação, a fim de ajustarmos os descompassos e criarmos a versão digital final da Mala. Nosso objetivo, para além de chegarmos a números finais, é preservar os documentos, evitar o manuseio dos originais e facilitar a localização dos itens que compõem o Acervo. O resultado desta revisão encontra-se, de forma simplificada, descrito abaixo:

Acervo Mala de Jorge Amado em números	
Literatura	764
Correspondência	402
Textos políticos	79
Pessoais	9
Publicações	225
Editor	13
Visuais	47
Outros	4
Total	1543

Acreditamos que a contabilidade do Acervo não sofrerá ajustes. Porém, a catalogação de um ou outro documento pode modificar, conforme as hipóteses e comprovações de cada pesquisa.

Marina Siqueira Drey
Roberta de Fátima Martins
Tânia Regina Oliveira Ramos

SOBRE AS/OS AUTORAS/ES

Tânia Regina Oliveira Ramos

<http://orcid.org/0000-0002-2477-0419>

Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenadora do nuLIME - Núcleo de Literatura e Memória. É uma das editoras da Revista Estudos Feministas e da Anuário de Literatura. Atua nas áreas de gênero e subjetividades, história e memória literária.

E-mail: taniareginaoliveiramos@gmail.com

Marina Siqueira Drey

<https://orcid.org/0000-0002-6894-5567>

Mestra em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, Bacharela e Licenciada em Letras-Língua Portuguesa pela mesma instituição. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e pesquisadora do Núcleo Literatura e Memória (nuLIME).

E-mail: marinasiqueiradrey@gmail.com

Roberta de Fátima Martins

<https://orcid.org/0000-0003-3420-7811>

Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, com bolsa CAPES, Mestra em Literatura, Especialista em educação e Graduada em Letras, Italiano e Letras/Português.

E-mail: literatura.roberta@gmail.com

Claudia Renata Duarte

<https://orcid.org/0000-0002-8889-9799>

Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia. Desenvolve pesquisas nos campos da: cultura material, literatura e escritas de si, moda, história do trabalho e história social.

E-mail: claudiarenatadu@gmail.com

Nicola Gonzaga

<https://orcid.org/0000-0002-9871-1390>

Mestra em Literatura, com ênfase em Subjetividade, Memória e História, pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Graduada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Bacharelado e Licenciatura pela mesma instituição.

E-mail: nicolagonzaga@gmail.com

Rosane Hart

<https://orcid.org/0000-0003-1365-8058>

Doutora e mestra em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Letras Português/Alemão (UNOESC) e Inglês (UNISUL). Professora da Rede Estadual de Santa Catarina, atualmente, atua como Gestora Escolar.

E-mail: rosanehart@gmail.com

Thalita Saldanha Coelho

<https://orcid.org/0000-0003-4091-8062>

Doutora e mestra em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, na linha de pesquisa Crítica Feminista e Estudos de Gênero. Membro do Núcleo Literatura e Memória (nuLIME) desde 2012 pela mesma universidade. Professora da Prefeitura Municipal de São José dos Campos.

E-mail: thalitasaldcoelho@gmail.com

Ailê V. Gonçalves

<https://orcid.org/0000-0002-8115-214X>

Mestra em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduanda do curso de História na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduada em Letras Português pela UFSC.

E-mail: goncalvesaile@gmail.com

Cristiano Mello de Oliveira

<https://orcid.org/0000-0002-7324-7798>

Doutor e mestre em Literatura pela UFSC. Especialista em Literatura Brasileira e História Nacional UTFPR. Graduação em Letras (Português e Inglês).

E-mail: crisliteratura@yahoo.com

Jóe José Dias

<https://orcid.org/0000-0001-5123-0015>

Possui graduação em Letras Português pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestrado em Literatura pela mesma instituição. Atua principalmente nos seguintes temas: orientalismo, representação, crítica literária, História, Literatura e Cultura brasileiras e memória.

E-mail: joejosedias@sapo.pt

Aline Rullian Germann Woloski

<https://orcid.org/0000-0003-3962-6767>

Possui Graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006) e Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

E-mail: alinegermann@gmail.com

Matheus de Mesquita e Pontes

<https://orcid.org/0000-0002-2471-7968>

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Goiás Campus Avançado de Catalão, mestrado em História pela Universidade Federal de Uberlândia e doutorado em História pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é professor de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso.

E-mail: matheus.pontes@cas.ifmt.edu.br

Jair Zandoná

<http://orcid.org/0000-0002-4301-9436>

Doutor e mestre em Literatura pela UFSC. É um dos editores da Revista Anuário de Literatura e editor de resenhas da Revista Estudos Feministas. Integra o quadro de pesquisadores/as do Instituto de Estudos de Gênero/UFSC, do Literatual/UFSC e do Grupo de Estudos no Campo Discursivo/UFSC.

E-mail: jzandona@gmail.com

